

**O LIVRO DO POVO**

ANTÔNIO MARQUES RODRIGUES

**O LIVRO DO POVO**

MARANHÃO  
1881



# O LIVRO DO POVO

*Por*  
POR

ANTONIO MARQUES RODRIGUES.

*Livro do Povo.*

Bacharel Formado na Faculdade de Direito  
do Recife,

Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa  
e da Real Ordem Portuguesa de Nossa Senhora  
da Conceição da Villa Viçosa,

Socio do Instituto Dramatico e Litterario de Coimbra  
na Classe de Litteratura,

Socio orrespondente dos Institutos Archeologico  
e Geographico Pernambucano  
e Historico da Bahia,

Membro Honorario da Associação Typographica  
Maranhense,

Inspector da Instrucção Publica da  
Provincia do Maranhão,  
etc. etc. etc.

NONA EDIÇÃO

BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LE  
DOAÇÃO

*la*  
~~1881~~  
*Maranhense*

MARANHÃO—1881.

*Maranhense*

# PREFACIO

Non potest arbor bona malos fructus facere.

Segundo a narração dos quatro evangelistas, S. Matheus, S. Lucas, S. Marcos, e S. João, intentamos escrever a vida de N. S. Jesus Christo, para ser lida nas escolas primarias e por qualquer pessoa do povo.

Quando começamos a realizar o nosso intento veiu-nos a mão a Historia Sagrada do Illm. Sr. Padre I. J. Roquette, e nella encontramos a narração dos quatro evangelistas apanhada com fidelidade, e em muitos pontos com singela formosura, e claresa. Então, auxiliado por tão bello trabalho, e pelas obras de Royau mont e do abade Brispot, e pela propria narrativa dos evangelistas, publicamos a *Vida de N. S. Jesus Christo*, a qual, reunida a varios artigos uteis, forma o livro, que intitulamos: O LIVRO DO POVO.

Satisfazer uma grande necessidade do nosso ensino primario, a uniformidade dos livros de leitura, vulgarisar a historia do Salvador do Mundo, os seus milagres, a sua doutrina, e os melhores preceitos de economia e ordem, taes são os fins, que temos em vista com a publicação do LIVRO DO POVO, e para alcançar tão grandioso resultado puzemos em pratica a publicidade baratissima.

Adoptado para o uso de leitura das escolas primarias de algumas provincias, recebido e animado benevolmente pelo publico e pela imprensa, o LIVRO DO POVO teve em menos de dous annos duas edições, representando ambas o numero de 10:000 exemplares, phenomeno raro nos annaes da typographia brasileira. Além de tão benignos estimulativos outros testemunhos de louvor e animação, que excederam a nossa esperanza, e por isso damos a estampa a honrosa carta, que nos dirigio o Exm. Sr. D. Luiz Bispo do Maranhão, e a approvação canonica do Exm. Sr. D. Manoel, Arcebispo da Bahia. Documentos de tal ordem são de

valor inestimavel, e fazem vir á memoria, e incitam a repetir o que acerca do ensino popular já disse o venerando D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, prelado tambem insigne em letras e virtudes, nas seguintes e memoraveis palavras. *E' grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos, que não teve a nossa.*

Concorrendo para o bem do nosso paiz, despertando pela summa barateza, em todas as classes da sociedade, a noticia de um livro, que para a intelligencia e o coração do homem deve ser tão necessario como o pão para o corpo, temos fé que a recompensa dos nossos esforços havemos de tê-la n'esta, ou n'outra vida, todas as vezes que, por via de sua leitura, a mulher seja carinhosa mãe, ou filha obediente, ou fiel esposa, e o homem ame a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a si mesmo.

Maranhão—1864.

A. MARQUES RODRIGUES.



Accedendo de boa vontade ao pedido honroso, que V. S. se digna fazer-me, solicitando o meu juizo acerca do merecimento da obra, que publicou com o nome de *Livro do Povo*, não posso deixar de tributar o conceito, que formei d'ella, depois de a ter attentamente lido e examinado.

Acho-a muito accommodada ao uso das nossas escolas, e consequentemente apropriada á educação moral da nossa mocidade, tão desherdada e carecedora n'estes infelizes tempos de bons principios e doutrinas sans; e que, alem de estar delineada com notavel sabedoria e erudição, revela, como um fiel retrato, o espirito fervoroso de V. S. a bem da salvação das almas.

O seu estylo me parece o mais digno, e consentaneo da palayra de Deus, porque, usando do seu proprio valor, despreza as côres affectadas, e segue escrupulosamente o que tanto recommenda o Apostolo das Gentes: *Sermo meus, et predicatio mea, non in persuasibilibus humanæ sapientiæ verbis, sed in ostensione spiritus, et virtutis.*

A materia, que ella contem, é a mais importante, já pela solida doutrina, que encerra, por cuja falta succedem tantos peccados na Igreja, se trahê e aliena a patria, e se esquece o culto, como porque, soccorrendo a primeira idade, deve ser muito proveitosa para fortificar a debil razão dos menidos, enfraquecer as paixões nascentes, e, inspirando o horror ao vicio, ensinar-lhes o temor de Deus, que quando a razão não abandone a idade, subsiste, como diz o sábio, muito tempo no coração do homem.

Preparando disposições excellentes, apagando as primeiras impressões, que prejudicam a liberdade para obrar o bem, e fortalecendo as inclinações, e os sentimentos nobres

deve este livro operar grandes engenhos, e acrisoladas virtudes para honra da Religião e da Patria.

Rogo, pois, a Deus, que envie abundancia destes livros, e a V. S. que não deixo de imprimir, e publicar quanta doutrina lhe inspirar Deus para communicar a sua divina palavra, que, como fogo converta em cinza tanta babilonia de vicios, e como o martello rompa e despedace os duros e obstinados seixos: como dizia o Propheta: *Nunquid verba mea non sunt sicut ignis, dicit Dominus et quasi malleus conterens petram.*

Sou com estima e muito subida consideração

De V. S.

Att. V. e Servo Obr.º

Paço Episcopal, 21 de  
Julho de 1863.

✠ LUIZ, Bispo do Maranhão.

DOM MANOEL JOAQUIM, Arcebispo da Bahia, Metropolitano e Primaz do Brazil, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, & &.

Tendo lido com a maior atençaõ o *Livro do Povo*, que sujeitou ao nosso exame o seu autor o Sr. Dr. Antonio Marquês Rodrigues, achamos que este livro corresponde perfeitamente ao seu titulo; e não encontrando n'elle cousa alguma contra a doutrina da Santa Igreja, e os bons costumes, o approvamos: e felicitamos ao seu digno Autor pelo empenho, que tomou, em publicar uma obra tão util, e da qual podem resultar não poucos bens ao Povo Brasileiro.

Maranhão, 5 de Maio de 1863.

\* MANOEL, Arcebispo da Bahia.



## Invocação a Deus antes de começar o estudo.

Tu, cujo amor em canticos  
Celebram sem cessar  
O mundo dos espiritos  
O Céu, a terra, o mar:

SENHOR, acolhe as supplicas  
De pobres filhos teus !  
Illustra-nos ! melhora-nos !  
Ampara-nos, ó DEUS !

«A LUZ. disseste, FAÇA-SE»  
E a noite em luz se fez:  
Dissipe igual prodigio  
A sombra em que nos vês !

Nas trevas da ignorancia  
Não meda o santo amor.  
Illustra-nos, amemo-nos !  
SENHOR ! SENHOR ! SENHOR !

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

# VIDA DE N. S. JESUS CHRISTO.

## CAPITULO I

Nascimento de Nosso Divino Salvador.—Sua infancia e vida occulta até seu ministerio publico.

Conceição de S. João Baptista,

No tempo de Herodes, rei da Judéa, havia um sacerdote por nome Zacharias, casado com Izabel, mulher estéril. Ambos seguiam á risca os mandamentos e os preceitos de Deus, mas não tinham filhos, se achavam em idade avançada. Um dia, exercendo Zacharias o cargo do sacerdocio, entrou no templo do Senhor a offerecer o incenso, e appareceu-lhe um anjo, posto em pé da parte direita do altar. Zacharias ficou todo turbado, e foi grande o temor, que o assallon; mas o anjo lhe disse: «Não temas Zacharias, porque foi ouvida a tua oração, e Izabel, tua mulher, terá um filho, que se chamará João, o qual converterá multos dos filhos de Israel, preparará um povo perfeito, e será grande diante do Senhor.» Zacharias mostrou não acreditar em taes promessas, e o anjo lhe disse: «Sabe Zacharias, que sou o anjo Gabriel, que assisto diante de Deus. e que fui enviado para te fallar, e de te dar esta boa nova; mas, desde agora ficarás mudo, e não poderás fallar até o dia em que estas cousas succedam, visto que não deste credito ás minhas palavras.» Immediatamente Zacharias perdeu a

falla, e o povo, que só por acenos o podia comprehender, colheu de seu silencio que tivera visão. Cumpriu-se o que Deus mandára annunciar pelo anjo Gabriel, porque Izabel concebeu, e louvou a Deus por tê-la descaptivado da esterilidade, e concedido um filho, esperança de grandes maravilhas.

Annunciação de Maria Santissima.—Encarnação do Filho de Deus.

Estando Izabel no sexto mez de sua gravidez, foi enviado por Deus o mesmo anjo Gabriel a uma virgem chamada Maria, que morava na cidade de Nazareth, em Galiléa, e que era casada com José, official de carpinteiro, santo varão, que vivia em santa castidade com sua esposa. Apparecendo pois o anjo na presença de Maria, disse-lhe: «Deus te salve cheia de graça: O Senhor é contigo: benta és tu entre as mulheres.» Ouvindo as palavras do celeste mensageiro turbou-se a virgem, e discorria pensativa, não sabendo o que significava tal saudação; mas o anjo lhe disse: «Não temas, Maria, pois achastes graça diante de Deus, e conceberás, e darás à luz um filho, que será chamado Jesus o qual será grande, remirá o seu povo, e reinará eternamente, por ser o Filho do Altissimo.» — Como se fará isso, respondeu Maria, se não conheço varão? — O Espirito-Santo, lhe replicou o anjo, descerá sobre ti, e a virtude do Altissimo te cubrirá de sua sombra e por isso mesmo o fructo santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deus. Ahi tens tu a Izabel tua parenta; que até concebeu um filho na sua velhice, porque a Deus nada é impossivel. — «Então disse Maria, eis aqui a escrava do Senhor, e faça-se em mim, segundo a tua palavra.» Ditas estas palavras, o anjo desapareceu.



Dias depois a Senhora foi visitar sua prima Izabel, que morava n'uma cidade de Judá. Entrando lhe em casa a saudou, e Izabel ouvindo-lhe a voz, sentiu no ventre seu filho saltar de prazer, e inspirada pelo Espirito-Santo bradou em alta voz: «Benta és tu entre as mulheres, e bento é o fructo do teu ventre D'onde mereci eu que a Mãe do Senhor me viesse visitar?» Então contou á Virgem Santissima como exultára o menino em suas entranhas; acrescentando: «Bemaventurada foste em crer, porque se hão de cumprir as cousas, que da parte do senhor te foram annunciadas.» Estes louvores não ensoberbeceram o animo de Maria, porque attribuia a Deus a gloria de todas as graças, que lhe foram concedidas, e confessando a sua humildade, entoou este sublime cantico:

«Minha alma engrandece e glorifica ao Senhor.

«E meu espirito se transporta em santa alegria ao considerar a bondade de Deus meu Salvador.

«Porque poz os olhos em uma humilde escrava, e por isso d'hoje em diante me chamarão bemaventurada todas as gerações.

«Grandes maravilhas obrou comigo o Omnipotente, cujo nome é infinitamente santo.

«E a sua misericordia se estende de geração a geração sobre todos os que o temem.

«Assim ostenta quando quer o poder infinito de seu braço e dissipa os que no fundo do seu coração formam altivos pensamentos.

«Derriba os poderosos do seu assento, e exalta aos humildes.

«Enche de bens os que são pobres, e reduz á indigencia os que são ricos.

«Decretou exaltar a Israel seu povo, lembrado de sua misericórdia.

«Para cumprir a promessa, que fez a nossos pais, a Abrahão, e todos os seus descendentes.»

Deteve-se a Virgem Santissima com sua prima Izabel perto de tres mezes, e pouco depois teve Izabel as dores de parto, e nasceu o grande Baptista. Vieram os parentes e visinhos regosijarem-se com Izabel pelo nascimento de seu filho, e no oitavo dia, em que se devia circumcidar o menino, quizeram todos que se lhe puzesse o nome de seu pai Zacharias. Mas Santa Izabel oppunha-se, e desejava que fosse chamado João, que era o nome dado por Deus, segundo lhe tinha annuciado o anjo. Respoderam que em sua familia não havia uma só pessoa que tivesse tido tal nome, e perguntaram por acenos ao pai do menino, como queria que se chamasse. Não podendo fallar, Zacharias pediu uma taboinha, e nella escreveu: «João é o seu nome.» Imediatamente recuperou a falla perdida, e a estreou entoando ao Senhor um cantico prophético

Ficaram tomados de espanto quantos presenciaram taes maravilhas, cuja fama correu logo pelas montanhas da Judéa. Crescendo e fortificando-se em espirito, foi S. João Baptista morar nos desertos até o dia que havia de apparecer ao povo de Israel, e pregar-lhe a penitencia, e annunciar lhe a vinda do Messias, isto é de Christo o Salvador do mundo.

---

Nascimento do Jesus Christo—Adoração das pastores.

Tendo voltado Nossa Senhora para a sua casa de Nazareth, meditava em silencio no mysterio, que nella Deus obrára. Porém a sua gravidez se descobriu aos



olhos de S. José o qual, como era justo, e não queria infamar-a, resolveu deixal-a secretamente. e andando com isto no pensamento, eis que lhe appareceu em sonhos um anjo, dizendo: «José filho de David, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nella se ge-



A ANNUNCIÇÃO

rou é obra do Espirito-Santo.» S. José obedeceu humildemente, ficando com Maria, e com ella viveu em perfeita virgindade. Assim cumpriu-se o que fallou o Senhor pela boca do propheta Isaias: Uma virgema conceberá e terá um filho: e appellidal-o-hão pelo nome de *Emmanuel*, que quer dizer: *Deus connosco*.



Correndo o tempo da gravidez da Virgem Maria, foi publicada uma lei de Augusto Cezar, ordenando que se descrevesse o mundo, que era o seu imperio, matriculando-e cada chefe de familia na terra, onde tinha o seu solar. Por este motivo foi S. José com sua esposa á cidade de Belém, para ali matricular o seu nome, visto que era da familia de David, que tinha nascido na mesma cidade. Na viagem, tendo-se completado os nove mezes, a Senhora deu á luz seu filho primogenito Jesus Christo no alpendre de uma estalagem, reservado aos animaes, visto não haver outro commodo, por ser numeroso o concurso dos que acudiam a alistar-se, e, envolvendo seu filho em mantilhas, o reclinou no presepio.

Alguns pastores, que guardavam pela noite os seus rebanhos, perto d'aquelle sitio, viram-se cercados de grande esplendor, e ouviram a voz do anjo dizer-lhes: «Não temais porque vós trago uma feliz nova, que encherá todo o povo de grande alegria. Na cidade de David nasceu hoje o Salvador do mundo, Christo Senhor, e eis aqui o signal que vol-o fará conhecer: Achareis um menino envolto em pannos, e posto em uma mangedoura.» Subitamente appareceu uma multidão numerosa de anjos, que louvavam a Deus e diziam: «Gloria a Deus no mais alto dos Ceus, e paz na terra aos homens de boa vontade.» Retiraram-se os anjos, e os pastores partiram para Belém, onde acharam o menino reclinado no presepio, como o anjo lhes tinha dito, e, depois de o adorarem devotamente, se tornaram a seus rebanhos, glorificando louvando a Deus.

Chegando o oitavo dia, em que se havia de circumcidar o menino, foi-lhe posto o nome de Jesus, como o anjo tinha pronunciado.

Estavam ainda em Belem S, José e a Virgem Maria, quando chegaram a Jerusalem os reis magos Belchior, Gaspar e Balthazar, que vinham do Oriente, e diziam; «Onde está o rei dos Judens que é nascido? Vimos no Oriente a sua estrella, e até aqui fomos por ella guiados, e queremos adoral-o.» O rei Herodes, ouvindo isto, ficou turbado, assim como toda a sua cõrte, e convocando os Principes dos sacerdotes, e os Escribas do povo, consultou onde havia de nascer o Christo. «Em Belem de Juda, responderam elles, porque assim está escripto pelo propheta Micheas: Nem tu Belem, és a menor entre as cidades principaes de Judá, porque de ti ha de sahir o capitão, que mandará o meu povo de Israel.»

Mandou Herodes vir secretamente os magos para lhes perguntar em que tempo tinham visto a estrella, e os mandou a Belem, dizendo-lhes: «Ide, e informai-vos bem que Menino é esse, e depois que o houverdes achado, vinde-m'o dizer, para eu ir tambem adoral-o.» Pozeram-se os Magos a caminho e logo a estrella, que tinham visto no Oriente, lhes appareceu, indo diante delles, até que parou sobre o sitio em que estava o Menino Jesus. Entraram no presepio, encontraram o Menino com sua mãe, e prostrando-se, o adoraram, e abrindo os seus cofres, lhe offereceram por presente ouro, incenso, e myrrha. Tributadas suas vassalagens voltaram a suas terras por outro caminho sem passar por Jerusalem, porque foram avisados em sonhos que não voltassem a Herodes.

---

Presentação de Jesus Christo no templo.

Sendo passados quarenta dias depois do nascimento

de Jesus Christo, levaram-no seus pais ao templo para o apresentarem a Deus, como ordenava a lei de Moysés, e offereceram em sacrificio um par de rolas, que era o que a lei prescrevia aos pobres, visto que os ricos offereciam um cordeiro em holocausto.

Vivia naquella tempo em Jêrusalem um idoso sacerdote chamado Simeão, varão justo e temente a Deus, a quem fôra revelado que não morreria sem ver o Christo no Senhor. E por um movimento do Espirito Santo veiu elle ao templo quando a sãgrada familia ali estava; e possuido de santa inspiração, tomou o menino Jesus em seus braços e bem disse ao Senhor, dizendo:

«Agora, Senhor, já morrerêi em paz, segundo a promessa, que me fizeste: porque meus olhos viram o salvador que dais ao mundo. Determinastes que se manifeste á vista de todos os povos como objecto de seu respeito e amor. Elle será a luz das nações, e a gloria d'Israel seu povo.

Estavam em profunda admiração Maria e José pelo que viam e ouviam; quando, voltado para elles, os abençoou Simeão e disse á Maria que aquelle menino era destinado para ruina e resurreição de muitos em Israel, que seria alvo de contradicção aos homens e que estas contradicções, que patenteariam os pensamentos e intimas disposições de muita gente, seriam para ella uma espada de dôr, que lhe traspassaria a alma.

Chegou ao mesmo tempo uma viuva por nome Anna, que tinha oitenta annos e era dotada de propheta, e que servindo a Deus com rogos e jejuns assistia incessantemente no templo. Apenas viu o Menino Jesus, o conheceu pela mesma luz, que o dera a conhecer a Simeão, e louvou a Deus da graça que ao mundo fazia de lhe dar um Salvador.



José e Maria voltaram de Jerusalem para a sua casa e ali appareceu um anjo em sonhos a Jose, e-lhe disse: «Levanta-te e toma o Menino, e sua Mãe, e foge para o Egypto, Fica-te lá, até que eu te avise, porque Herodes tem de buscar o menino para o matar.»

José levantando-se, tomou de noite o Menino e sua mãe, e retirou-se para o Egypto. Vendo então Herodes que não voltavam os Magos, e tendo sido por elles iludido, visto que haviam tomado outro caminho, ficou muito irado, e mandou matar todos os meninos de Bellem e seus contornos, que tivessem dous annos e d'ahi para baixo. Julgando assim abranger em tão cruel mortandade o Menino Jesus, poz Herodes por obra o seu barbaro designio, e matando os meninos a esmo, até as criancinhas, que estavam ao collo das mãis consternadas e afflictas, fez que se cumprisse o que fôra annunciado pelo propheta Jeremias: «Em Ramá se ouviu um clamor, um choro, e um grande lamento: vinha a ser Raquel chorando a seus filhos, sem admittir consolação pela falta d'elles.»

Dizem que a Sagrada Familia vivera no Egypto sete annos, e sendo morto Herodes appareceu o anjo outra vez em sonhos a Jose dizendo: «Levanta-te, e toma o Menino, e vai para a terra de Israel, porque são mortos os que buscavam o Menino, para o matar.» Obedeceu José, e foi para a terra de Israel; porem ouvindo que Archelau, filho de Herodes, reinava na Judéa, temeu ir para lá, e, avisado em sonhos, retirou-se para a Galiléa, e foi morar na cidade de Nazareth, cumprindo-se deste modo a prophesia, que dizia que Jesus seria chamado Nazareno.

Entretanto crescia Jesus, e se fortificava em sabedo-



ria, e graça diante de Deus e dos homens. Todos os annos iam seus pais a Jerusalem, no dia solemne da Páscoa, e Jesus os acompanhava. Quando teve doze annos indo com elles, segundo o costume ficou em Jerusalem passada a festa, sem que seus pais dessem pela falta crendo que viria com os da comitiva. Andaram caminho de um dia, e como não o achassem entre os parentes e conhecidos, voltaram a Jerusalem em sua busca, e três dias depois o acharam no Templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e fazendo-lhes perguntas, ficando todos os que ouviam pasmados da sua intelligencia, e das suas respostas.

Maria e seu Esposo, quando o viram, se admiraram, e Jesus voltou com seus pais para Nazareth, vivendo com elles obediente, e submisso.

---

## CAPITULO 2.

Pregação e baptismo de S João—Jesus dispõe-se para o seu ministerio publico

---

S João começa a preparar os homens para receberem dignamente o Salvador.

Correndo o anno decimo quinto do imperio de Tibério, sendo Poncio Pilatos governador da Judéa e Herodes tetrarca da Galiléa, no pontificado de Annás e Caiás, João, filho de Zacharias, vivia no deserto vida austera e penitente, e veiu correndo as terras que lavam o Jordão, e ali pregava o baptismo da penitencia.

Abriu o Santo Precursor a sua missão com estas palavras: «Fazei penitencia, que é chegado o reino de

Deus. Para dar mais autoridade a suas vozes, pregava a penitencia com o exemplo, e vestido de pelles de camelo, com as cordas em lugar de cinto e cilicio á raiz da carne, comendo gafanhotos e mel silvestre, morando n'uma cova, ás suas palavras e exemplo pregavam a modestia, os despegos e retiro do mundo, e condemnavam a soberba, a vaidade e todas as ruins paixões. O seu sequito era grande, e toda a Jerusalem e toda a terra de Judéa o ia buscar para confessar-lhe seus peccados, e receber o baptismo nas aguas do Jordão.

Os Saduceus, que não acreditavam na immortalidade da alma, os Phariséus, que muito blazonavam de claro conhecimento e pontual observancia da lei, e que eram soberbos hypocritas incobertos com o manto de virtude externa, vinham tambem receber o baptismo. A estas pessoas fallou S. João deste modo: «Raça de vibras, quem vos advertiu que fugissem da ira, que vos está ameaçada? Fazei fructos dignos de penitencia, não vos contenteis de dizer que tendes Abrahão por vosso pai, porque vos declaro que poderoso é Deus para tirar das pedras filhos de Abrahão. O machado já está posto á raiz das arvores, e toda a arvore, que não dá bom fructo, será cortada, e lançada ao fogo.»

Os Publicanos, ou arrecadadores de tributo, e o povo perguntavam a João: Que havemos de fazer? Quem tem duas tunicas, dê uma ao que a não tem, respondeu João, e quem tem de comer, faça o mesmo.» Da mesma sorte perguntaram-lhe tambem os soldados: «E nós outros o que faremos?—Não trateis mal, nem opprimis com calumnias pessoa alguma, respondeu João, e dai-vos por contentes com o vosso soldo.»

Tão acertadas respostas, e uma vida tão penitente e pura, fizeram que o povo entendesse, e todos assentassem nos seus corações, que talvez João seria o Christo. Querendo arredar uma tal idéa, João lhes dizia: «Na



verdade vos baptizo em agua; mas virá outro que vos baptizará em virtude do Espirito Santo. E' mais poderoso do que eu, e não serei digno de lhe desatar as correias das sandalias. Na mão terá o crivo, e alimpará perfeitamente a eira, metterá o trigo no celeiro e queimará a palha em fogo inestinguivel.»

Humildade de Jesus—Tentação do demonio

Quando toda a Judéa ia ao Jordão para receber o baptismo de S. João, Jesus Christo, que tinha então trinta annos de idade e passava por filho de José, sahio da Galiléa, onde esperara em silencio o tempo do ministerio para que viera ao mundo, e veiu ás margens do Jordão receber com os demais o baptismo do seu Precursor. Não podia soffrer João tão profundo abatimento: e recusava-se dizendo: «A mim cumpria, Senhor, ser por vós baptizado, e vós vindes a mim?» Jesus o atalhou com estas palavras: «Deixa-me por ora; e assim tu e eu cumpriremos toda a justiça.» Cedeu João e baptizou a Christo, que, apenas baptizado, sahio do rio, e poz-se em oração. Nesse momento abriram-se os céus e o Espirito Santo, em forma de pomba, desceu e pousou sobre Jesus, e ouviu-se das nuvens uma voz, que dizia: «Esté é o filho meu muito amado, no qual tenho posto toda a minha complacência.»

Logo deixou o Salvador as margens do Jordão, e cheio do Espirito Santo, passou quarenta dias e quarenta noites no deserto sem comer nem beber. Depois de tão longo jejum, permittiu o Espirito Santo que Jesus sentisse fome e que o demonio tivesse por esse modo occasião de o tentar. Chegou-se pois o demonio a Jesus, e disse-lhe: «Tens fome, e se és o filho de Deus

dizei a estas pedras que se convertam em pão. — Nem só o homem vive de pão. respondeu Jesus, mas de toda a palavra, que sai da bocca de Deus. «Então o demonio tomou a Jesus, levou-o a Jerusalem, pô-lo sobre o pinaculo do Templo e disse-lhe: «Se és o filho de Deus lança-tê d'aqui abaixo, porque está escripto que Deus



O BAPTISMO

mandou aos seus Anjos que tivessem cuidado de ti, e que te guardassem, e que te sustivessem em seus braços, para não magoares talvez o teu pé em alguma pedra.» A esta citação da Escripura Jesus respondeu com outra: «Dito astá: não tentarás ao Senhor teu Deus.»



Não quiz o demônio desistir da empreza, e transportou Jesus a um alto monte, e lhe mostrou em um momento de tempo todas as nações do mundo, e falsamente lhe disse: «Darte-te-hei todo este poder, e a gloria dessas nações, porque ellas me forão dadas; e eu as dou a quem me parece. Tudo isto te darei, se me adorares prostrado na minha presença.» A uma tal proposta Jesus respondeu com ar soberano e divino: «Retira-te, Satanaz, porque esta éscrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a elle servirás.» Vendo frustados todos seus enganos, retirou-se o demônio, e os Anjos serviram Jesus com comida e refeição corporal.

João Baptista declara que elle não é Christo. — Começaram a vir discipulos a Jesus. — Bodas de Cana

Em quanto Jesus estava no deserto não se cansava S. João Baptista de fallar nelle a seus ouvintes, repetindo altamente o que já havia dito: «O que depois ha de vir me foi preferido, porque existia antes de mim: «Depois acrescentava: «A lei nos foi dada por Moysés, e a graça e a verdade foi trazida ao mundo por Jesus Christo.»

Passada a quarentena, e vencidas as tentações, Jesus Christo sahio do deserto e voltou aos sitios onde S. João andava pregando. No dia seguinte viu S. João a Jesus, e não quiz perder a occasião de o dar a conhecer aos que alli estavam, e disse: «Eis aqui o Cordeiro de Deus, que tira e apaga os peccados do mundo. Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim vem um homem, que me foi preferido; porque era antes de mim. Eu não o conhecia, mas o que me enviou baptisar em agua me disse: Aquelle, sobre quem tu vires descer e pousar o Espirito Santo, em forma

de pomba esse é o que baptisava no Espirito Santo. Eu vi o Espirito, que descia do céu, em forma de pomba e repousou sobre elle, e por isso dou testemunho que elle é o Filho de Deus.»

No dia seguinte, duas horas antes do pôr do sol, tornou Jesus Christo a passar por aquelle sitio, e João que alli estava com dous de seus discipulos, apenas o viu exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus.» O que ouvindo os dous discipulos seguiram a Jesus, que, voltando-se para elles, disse: «Quem buscais?» E elles lhe perguntaram: Mestre, onde assistis?— Vinde, e vêde, lhe respondeu o Senhor.» Foram ver a sua morada e com elle ficaram aquelle dia. André que era um dos discipulos, tinha um irmão por nome Simão, a quem disse: «Achamos o Mestre.» Veiu Simão á presença de Jesus, que olhando para elle disse: Tu és Simão filho de João, que te chamarás Pedro.»

Querendo Jesus ir para Galileia, no dia seguinte encontrou-se com Philippe, que era de Bethsaida, e disse-lhe: «Segue me.» Philippe encontrou a Nathaniel, e lhe deu a saber que descobrira o Messias prometido na Lei, que era Jesus de Nazareth. «Por ventura, lhe tornou Nathaniel, pode vir de Nazareth cousa boa?» Mas nem por isso deixou de seguir a Philippe, que o levou a Jesus o qual apenas o viu lhe disse: «Verdadeiro Israelita és este, em quem engano não ha.» Atônito Nathaniel, lhe perguntou d'onde o conhecia, e Jesus respondeu: «Viste quando estavas debaixo da figueira, antes que Philippe te chamasse — Mestre, disse então Nathaniel, vós sois o filho de Deus, sois o rei d'Israel.» Depois Jesus Christo lhe fallou assim: «Tu crês porque eu te disse que te vira debaixo da figueira, porem has de ver cousas maiores que estas. Em verdade e mui verdade te digo, que d'ora em diante verás o céu aberto, e os anjos de Deus subir e descer sobre o filho do Homem.



Tres dias depois achou-se Jesus n'umas bodas, que se faziam em Caná de Galiléa, e achava-se lá a Virgem Maria, e os discipulos de Jesus que tambem tinham sido convidados. O vinho começava a faltar e Maria disse a Jesus: «Elles não tem vinho.—Mulher, que vai a mim e a ti nisso? respondeu Jesus. Ainda não é chegada a minha hora. «Não se molestou a Senhora com esta resposta, e, pelo contrario, disse aos que serviam á meza, que fizessem o que Jesus mandasse.

Havia na sala seis grandes talhas de pedra, que serviam para as purificações, que entre os Judeus eram de uso frequente. Cada uma levava dous ou tres almudes e Jesus mandou que as enchessem de agua, e ficaram cheias até em cima. Então disse Jesus aos serventes da meza: «Tirai agora, e levai ao mordomo.» Provon o mordomo, e como achasse que era vinho excellente, disse ao noivo: «Todo o homem põem primeiro o bom vinho na meza, e quando já os convidados têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior. Tu ao contrario tiveste o bom vinho guardado até agora.

---

Jesus lança do templo os vendelhões.—Prediz sua resurreição.—Dá o Baptista novo testemunho de Jesus e éprezo

De Caná partiu Jesus com seus discipulos, e parentes para Cafarnaum, mas pouco ali se demorou, por que foi celebrar a pascoa em Jerusalem. Lá encontrou Jesus no templo muitos mercadores, que vendiam bois ovelhas e pombas, e tambem viu os cambistas sentados ás suas mezas; que por dinheiro grosso de ouro, e prata, davam trocos miudos aos fieis que de todas as partes vinham fazer as offeras por devoção. Indignou-se Jesus, e tendo feito de cordas um azorrague, lançou

fora a todos do templo, assim como as ovelhas e os bois, e derribou as mezas dos cambistas, lançou por terra o dinheiro e disse para os que vendiam as pombas: «Tirai daqui tudo isto e não façais da casa de meu pai casa de negocio.» Agastaram-se os Judeus, e lhe disseram: «Que milagre nos fazes tu, para mostrares que tens authoridade para fazeres estas cousas?—Desfazei este templo, respondeu Jesus, e eu o levantarei em tres dias—Na edificação deste templo, replicaram os Judeus, gastaram-se quarenta e seis annos, e tu has de levantá-lo em tres dias? Mas Jesus Christo não falava do templo donde esparicára os vendedores, porém do seu corpo, verdadeiro templo de Deus, que pela morte seria destruido e resurgiria no terceiro dia.

Fez Jesus muitos milagres em Jerusalem na festa da Pascoa, e depois foi com seus discipulos para as terras de Judéa, e lá baptisava. Tambem S. João continuava a baptizar nas margens do Jordão, e tiveram seus discipulos certa disputa com os Judeos ácerca do baptismo, preferindo uns o de João, e outros o de Christo. Os discipulos então disseram a João: «Mestre, o que estava contigo da banda de além do Jordão, de quem tu destes testemunho, eis-o ahí está baptizando, e todos o procuram. «E S. João lhes respondeu: «Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Christo: mas sou enviado adiante d'elle. Convem que Jesus cresça e que eu diminua Jesus Christo que veio do céu está acima de todos: fala do que viu e ouviu, e Deus, que o enviou, tudo poz em suas mãos. Jesus Christo é filho de Deus, e quem nelle crê tem a vida eterna, e quem não crê nelle e perde, e se torna alvo da ira de Deus.»

S. João Baptista não se contentou com dar testemunho de Jesus Christo ás turbas do Jordão, e foi á corte do Principe dar testemunho a justiça. Reinava



em Galliléa Herodes Antipas, filho do grande Herodes sob cujo reinado nascera Jesus Christo, e como des-se grande escandalo por ter-se desposado contra todas as leis com a mulher do seu irmão, lançou-lhe em rosto o santo Precursor tão grande crime, Herodes não mostrou algum arrependimento, e pervertido pela cunhada mandou lançar em ferros a João Baptista, e o mandára matar, se não temera o povo, que o olhava como santo propheta.

Pratica de Jesus Christo com a Samaritana.

Jesus teve noticia que estava preso João Baptista, e retirou-se da Judea, para Galliléa passando pela Samaria.

Era perto de meio dia quando entrou nos arrabaldes da cidade de Sichar, onde, fatigado do caminho, se assentou á borda do poço chamado de Jacob, rodeado de palmeiras, junto de uma herdade que tinha dado aquelle patriarcha a seu filho José. Não estavam ali os seus discipulos, que tinham ido á cidade comprar mantimentos, e nessa occasião veio uma mulher de Samaria a tirar a agua do poço. Entre Jesus e a Samaritana deu-se o dialogo seguinte: JESUS: Da-me de beber.—A SAMARITANA: Como sendo tu judeu, e não sendo da minha religião, me pedes de beber?—JESUS: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é que te pede de beber, tu certamente lhe pediras, e elle te daria a agua, que dá vida.—A SAMARITANA: Tu não tens Senhor, com que tirar agua, e o poço é fundo. Onde tens pois essa agua, que dá vida? E's acaso maior que nosso pai Jacob, que foi quem nós deu este poço, onde elle mesmo bebeu, e seus filhos, a seus gados?—JESUS: O que bebe desta agua, ficará com sede, mas o

que beber da agua, que eu lhe hei de dar, nunca mais terá sede por toda a eternidade.—A SAMARITANA: Senhor, dá-me dessa agua, para eu não ter mais sede, nem vir aqui tiral-a.—JESUS: Vai, chama teu marido, e vem cá.—A SAMARITANA: Eu não tenho marido.—JESUS: Dizes a verdade. Tens tido cinco maridos; mas o que agora tens não é teu marido.—A SAMARITANA: Bem vejo, Senhor, que és propheta: nossos pais adoraram neste monte, e vós outros Judeus, dizeis que em Jerusalem é que se deve adorar.—JESUS: Mulher crê o que te digo: chegada é a hora em que não será nem sobre este monte, nem em Jerusalem, que cumprirá adorar a Deus. Os verdadeiros adoradores adoraram a Deus em espirito e verdade. Deus é espirito, e os que o adoram devem adorá-lo em espirito e verdade.—A SAMARITANA: Sei que hade vir o Messias, que se chama Christo e que nos hade ensinar tudo, quando chegar.—JESUS: Eu sou o Messias que falo contigo.

Nisto chegaram os discipulos e ficaram maravilhados em ver a Jesus conversando com a mulher samaritana; mas respeitosos nada perguntaram: Ella, porém, deixando o cantaro, voltou a cidade, e disse aos moradores: «Vinde ver um homem; que me disse tudo o que eu tenho feito. Por ventura será o Christo?» Ficára Jesus á borda do poço, e os discipulos instavam com elle para que comesse. «Manjar tenho para comer, lhe disse Jesus, que vós não conheceis.» Diziam os discipulos uns para os outros: «Será caso que alguém lhe trouxesse de comer?» Então Jesus lhe explicou o manjar que era, e disse: A minha comida é fazer a vontade daquelle que me enviou, para cumprir a sua obra.» Era esta obra a salvação dos homens, e seu sustento a fe dos que convertia.

No entanto chegou a mulher samaritana, e com ella muitos moradores de Sichar e pediam a Jesus que se



deixasse ficar ali com elles. Jesus ficou ali dous dias, e com a sua doutrina os fortificou na fé e augmentou o numero dos convertidos. De sorte que diziam á mulher: «Não é já sobre o teu dito que nós cremos em Jesus, mas sim porque nós mesmo o ouvimos, e porque sabemos que na verdade é o Salvador do Mundo.»

---

Prêga Jesus em Galiléa—Cura o filho do Regulo—Os moradores de Nazareth querem matar a Jesus—Vocação de quatro apóstolos

Jesus continuava a sua jornada para a Galiléa, e começou a prêgar e a dizer: «Fazei penitencia, porque está proximo o reino de Deus.» A fama de seus milagres já o tinha precedido, e por isso todos lhe trouxerão os que se achavam enfermos, possuidos de varios achaques e dores.

Achava-se Jesus em Caná, onde convertera a agua em vinho, e pediu-lhe o Regulo de Cafarnaum que fosse a sua casa curar a seu filho, que estava a morrer. Jesus que conhecia os corações, e via quão imperfeita era a fé de quem o vinha rogar, disse-lhe: «Vós, se não vêdes milagres, e prodigios, não crêdes.—Senhor, lhe respondeu o Regulo, vem antes que meu filho morra,—Vai, que teu filho vive, replicou Jesus:» O Regulo deu crédito ao que lhe disse Jesus, e foi-se. Quando já ia andando vieram os seus criados sair-lhe ao encontro, e deram-lhe novas de que seu filho vivia. Então perguntou-lhe a hora em que o doente se achara melhor e os criados lhe disseram «Hontem pelas sete horas o deixou a febre.» Conheceu logo o Regulo ser aquella mesma a hora, em que Jesus lhe dissera que seu filho vivia, e creu em Jesus. Depois foi Jesus a Nazareth, onde se havia criado.

e entrou na synagoga, segundo seu costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe dado o livro de Isaias, e abriu-o exactamente no capitulo 61, e leu em voz alta as palavras do propheta, que dizem assim: «O espirito do



A TRANSFIGURAÇÃO

Senhor repousou sobre mim, e por isso fui consagrado pelo Senhor que me enviou a prégar o evangelho aos pobres, a sázar aos quebrantados de coração, a anunciar aos captivos a redempção, e a publicar o anno



da graça do Senhor e o dia do perdão.» Lidas estas palavras, fechou o livro; deu-o ao ministro e á vista de todos, que nelle tinham fitos os olhos fallou assim: «Hoje se cumpriu esta prophesia á vossa vista.» Admiravam todos a unição das palavras que sabiam da sua bocca, e diziam: «Não é este o filho de José?» Então Jesus lhes disse: «Nenhum propheta é bem aceito na sua patria. No tempo do propheta Elias; quando houve uma grande fome por toda a terra, havia muitas viúvas em Israel, e a nenhuma dellas foi mandado Elias, senão a uma viúva estrangeira de Sidonia. Muitos leprosos havia em Israel no tempo do propheta Eliseu, mas nenhum delles foi limpo, senão o estrangeiro Namam de Syria.» Com estes exemplos de pessoas extranhas, em quem Deus empregou a sua misericordia, Jesus lhe deu a entender que o seu orgulho os fazia indignos de receber as graças, que concedia aos outros povos. Ouvindo isto se encheram de ira os que estavam na synagoga, levantaram-se e lançaram a Jesus fóra da cidade, e conduziram á força até o cume de um monte para o precipitarem. Porém, Jesus tornou-os suspensos e immoveis; passou por meio delles e se retirou.

Foi morar Jesus em Cafarnaum, lugar proximo do lago de Genesaret. Um dia, caminhando Jesus pela praia do lago, viu dois irmãos pescadores, que lançavam a rede ao mar, e disse lhes: «Vinde apoz mim, porque voz farei pescadores de homens.» Eram André e Simão, que por algum tempo já o tinham acompanhado, e que depois voltaram ao seu antigo emprego. Sem mais detença os pescadores o seguiram e, passando d'ali, viu Jesus a Thiago e seu irmão João, que na companhia de seu pai Zebedeu concertavam as redes n'uma barca e os chamou. No mesmo ponto, deixando as redes e o pai, foram em seu seguimento.



Pescaria milagrosa.—Milagre do possesso do demonio immundo.—Jesus dá saúde a sogra de Pedro e a outros enfermos.—Cura um paralytico e chama S. Matheus

Estando Jesus na praia de Genesareth, apertado da multidão, que corria a ouvir a palavra de Deus, viu duas barcas vazias, cujos pescadores haviam saltado em terra, e lavavam suas redes. Entrando em uma das barcas, que era de Simão, lhe rogou que a apartasse um pouco da terra, e, posto ao largo, se assentou, e começou a doutrinar o povo. Acabada a pratica, disse Jesus a Simão: «Faze-te mais, ao largo, e deita as redes para pescar —Trabalhamos toda a noite, Mestre, respondeu Simão, e não apanhamos cousa alguma: porém sobre tua palavra soltarei a rede.» Obedeceram os pescadores, e n'um só lanço apanharam peixe em tanta abundancia, que a rede a muito custo era puchada, e se lhes rompia. Viram-se então, obrigados a chamar os companheiros, que estavam em outra barca, para que os viessem ajudar, e encheram tanto ambas as barcas, que pouco fallava que ellas não fossem ao fundo. Vendo a pesca de peixes, que haviam feito, ficaram assombrados os pescadores, e Simão lançou-se aos pés de Jesus, e disse-lhe: «Retira te de mim, Senhor, porque sou um grande peccador. —Não tenhas medo, lhe respondeu Jesus, porque desta hora em diante serás pescador de homens.»

Jesus continuava a morar em Cafarnaum com os seus discipulos, e pregava na synagoga, onde achando-se um sabado, comessou um possesso do espirito immundo a gritar: «Que tens comnosco, Jesus Nazareno? Vieste a perder nos? Bem sei quem és, e que és o santo Deus.» Mas Jesus o ameaçou, dizendo: «Calla-te; e sai desse homem.» o espirito immundo, agitando o homem com violentas convulsões, deu um gran-

de grito, e sahiu, e todos ficaram tão espantados, que uns a outros diziam: «Que é isto? Que homem é este que põe preceito com imperio até aos espiritos imundos, e obdecem-lhe?»

Sahiú Jesus da synagoga, e foi á casa de Simão e André, juntamente com Thiago e João. A sogra de Simão estava de cama, e padecia grandes febres. Pediram-lhe os discipulos que se compadecesse della, e Jesus chegando-se ao pé da doente, depois de a tomar pela mão, a fez levantar, e immediatamente a febre a deixou, e sentiu-se tão sã e vigorosa, que se poz a servir-os, e a preparar-lhes a comida.

Por todo Cafarnaum correu a fama destes milagres, e acudio logo tão crescido numero de gente, que não cabia nem ainda a porta da casa, onde Jesus prégava a palavra de Deus. Estavam igualmente na companhia de Jesus muitos phariseus e Doutores da lei, que tinham vindo de todos as aldeias de Galiléa, e da Judéa, e de Juresalem, para o verem e ouvirem. Eis que appareceram uns homens, que traziam sobre um leito um paralytico, e o procuravam introduzir dentro da casa e pô-lo na presença de Jesus; mas não achando por onde o introduzir, por ser muita a gente, subiram ao telhado, levantaram as telhas, fizeram uma grande abertura, e no meio da casa arriaram o leito e o paralytico. Vendo Jesus tamanha fé, disse ao paralytico: «Filho, perdoados te são os teus peccados.» Então os Escribas, e es Phariseus começaram a discorrer comsigo, dizendo: «Que blasfemias não diz este homem? Quem pode perdoar peccados, senão só Deus?» Mas Jesus, como entendesse os seus pensamentos, disse-lhes: «Que considerais vós nos vossos corações? Qual é mais facil, dizer a este paralytico: São perdoados os peccados: ou dizer: levanta-te e anda? Ora para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra poder de per-



doar peccados, vou dizer a este paralitico: Levanta-te pega no teu leito e vai para tua casa.» No mesmo instante levantou-se o paralitico, tomou o leito em que jazia, e foi para sua casa, engrandecendo o Senhor. Os assistentes ficaram todos pasmados, e penetrados do temor, diziam: «Nunca vimos taes prodigios.»

Depois disto sahio Jesus, e viu sentado no Telonio, ou mesa da arrecadação, um homem chamado Levi, ou Matheus, e disse-lhe: «Segue-me.» Levantou-se Matheus, deixou tudo, e juntou-se à comitiva de Jesus, e depois o convidou a um banquete, onde se acharam á mesa varios Publicanos e peccadores. Começaram os Escribas e Phariseus a murmurar, e diziam aos discipulos de Jesus: «Porque come e bebe vosso mestre com os Publicanos e peccadores?» Quando isto ouviu Jesus, lhes disse: «Os sãos não tem necessidade de medico, mas sim os que estão enfermos. Sabei que não vim chamar os justos, mas sim os peccadores. Ide pois, e aprendei o que quer dizer. Misericordia quero e não sacrificio.»

### CAPITULO 3.

Continuação do ministerio publico de Jesus Christo desde a segunda até á terceira paschoa.

O milagre da pissina—Ensina Jesus que é o Filho de Deos—Desculpa os seus discipulos, volta a Cafarnaum, cura o homem da mão ressecada, e reprehende os Phariseus

Era chegada a solemnidade da pascoa, e Jesus Christo partiu para Jerusalem, e foi celebrar a grande festa, segando o seu costume. Havia perto do templo um tanque, ou lavatorio, que se chamava a piscina probatica. Todos os annos um anjo descia ao tanque,

revolvia a agua, e o primeiro que nella entrava sabia bom de qualquer doença, que tivesse. Tinha a piscina cinco alpendres, que estavam sempre cheios de uma grande multidão de enfermos, uns cegos, outros coxos, outros resecados nos membros, e todos esperavam o revolvimento da agua. Nesse numero estava tambem ali um homem, que havia trinta e oito annos que se achava enfermo, e Jesus, que o vio deitado, perguntou-lhe: «Queres ficar são?—Não tenho, Senhor, quem me metta na piscina, quando a agua é revolvida, respondeu o enfermo, e quando desço entra nella outro, primeiro do que eu.—Levanta-te, disse Jesus, toma a tua cama e anda.» No mesmo instante ficou são o enfermo, e pegou na cama, e começou a andar.

Sucedeu este milagre n'um sabbado, e por isso os Judeos arguiam ao homem, que havia sido curado, e lhe diziam: «Hoje é sabbado, e não te é licito levar a cama ás costas.»—«Aquelle que me curou, respondên o homem, foi o mesmo que me disse que levasse d'ali a minha cama.»—Perguntaram-lhe então quem era esse homem, porém o que havia sido curado não sabia quem elle era, porque Jesus não estava já presente. Depois achou o Jesus no Templo, e disse-lhe: «Olha que já estas são: não peques mais, para que te não succeda alguma cousa peor.» Partio o homem, e foi logo dizer aos Judeos, que Jesus era o que o havia curado, e por esta causa perseguiam os Judeos a Jesus, concebendo ainda maior odio, por que não somente quebrantava o sabbado, mas tambem por dizer-se Filho de Deus, e igual a Deus.

Pouco tempo depois caminhava Jesus no dia de sabbado por entre um campo de trigo. Já estava o trigo maduro, e os seus discipulos que tinham fome, começaram a apanhar espigas e machocando-as, as comiam. Os Phariseus vendo isto disseram a Jesus: «Ahi estão



alegrar e triumphar de prazer, porque o premio que de tudo haveis de receber no céu, é muito copioso «Depois accrescentou: «Ai de vós, ricos, porque recebestes neste mundo vossa consolação; ai de vós que viveis



JESUS E OS MENINOS

fartos porque tereis fome; ai de vós que agora rides, porque dia virá em que chorareis e soluçareis; ai de vós que sois louvados pelos homens, porque deste modo foram louvados e applaudidos os falsos prophetas.»



Para ganhar a salvação é mister edificar a seu proximo com o bom exemplo, e ganhar a lei de Deus.

«Sois o sal da terra e a luz do mundo. disse depois a seus discípulos, e pela pureza de vós a vida haveis de reformar os costumes dos homiens, e pela luz de vossa doutrina haveis de desterrar sua cegueira. Brilhe pois vossa luz diante dos homiens, como a d'um candelabro, para que elles vejam vossas boas obras, e glorifiquem vós o pai, que está nos céus Não julgueis que vim a destruir a Lei, mas a preencher a e a dar-lhe perfeição. O que ensinar os mandamentos e os pozer por obra esse será grande no reino dos céus. Se vossa justiça não for mais perfeita que as dos Escribas e Phariseus, não entrareis no reino dos céus. Quando fizerdes alguma offerenda, e vos lembrar que offendeste a vossa irmão, ponde vossa offerenda ao pé do altar e ide-vos reconciliar primeiro com elle, e depois a poreis sobre o altar;

«Sabeis muito bem o que diz a Lei: *Não commettas adulterio*; e eu digo-vos que o que olhar com máos desejos para uma mulher, já commetteu adulterio em seu coração. Diz-vos também a lei que não haveis de *jurar falso* e eu digo-vos, que de modo nenhum jureis. Contentai-vos em dizer: Sim, não, não. Lêdes também na lei: *olho por olho, dente por dente*, e eu digo-vos: Não resistaes ás offensas ou danos que queiram fazer-vos. Antes, quando alguém vos der uma bofetada na face esquerda, presentai-lhe a direita. Se alguém vos pozer demanda para haver vossa tunica, abandonai-lhe ainda vossa capa. Dai ao que vos pede e não volteis as costas a quem vos pede emprestado. Emprestai sem esperar beneficio algum, fazei aos outros o que quereis que elles vos fizessem Ouvido tendes o que a Lei diz: Amarás ao teu proximo e aborre.

fazendo os seus discipulos o que não é permittido fazer no sabbado.» Mas o Senhor lhes fez bem comprehender que o sauto rei David, tendo fome, comera os pães da proposição, que só aos sabbados era permittido comer, e que os mesmos sacerdotes, sem transgredir a lei, degolavam no sabbado as rezes, não obstante ser prohibido nesse dia todo e qualquer trabalho. Depois acrescentou: «O sabbado foi feito em contemplação do homem e não o homem em contemplação do sabbado.»

Esta mesma queixa de não guardar o sabbado lhe fizeram ainda os Phariseus em Cafarnaum. Estava na synagoga um homem, que tinha a mão secca do ar e Jesus lhe disse que levantasse a mão e no mesmo instante ficou vigorosa e curada. Então Jesus disse aos Phariseus: «Qual de vós não iria buscar a sua ovelha que, no dia de sabbado, tivesse caído n'um poço? Ora, não valerá mais um homem, que uma ovelha? Não se poderá pois fazer bem aos homens no sabbado?» Não podiam replicar a isto os Phariseos; mas não se convenceram, e desde então começaram a se mancummuñar com os herodianos para perderem a Jesus.

---

Escolhe doze Apostolos e préga no monte.

Subio Jesus a um monte visinho de Cafarnaum, onde passou toda a noite em oração, e quando raiou o dia chamou os discipulos e entre elles escolheu doze, e lhes deu o nome de apostolos, que quer dizer Enviados, pois que a prégar o Evangelho os enviava com poderes de curar enfermos e afugentar demonios. E foram escolhidos Simão, que já chamara Pedro, André seu irmão, os dois filhos de Zebedeu (Thiago maior e



João) a quem deu nome de Boanerges, ou filhos de trovão; Philipe, Bartholomeu, Matheus, a quem tirou do telonio, Thome, Thiago menor, filho de Alpheu. e seu irmão Judas Thadeu, Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que depois entregou a Christo.

Desceu depois com elles e n'uma planicie, que o monte ali fazia, parou, porque la se achavam as turbas, que vieram para ouvil o, forcejando cada um por tocar-lhe, porque delle sabia tal virtude que a todos sarava. E como entre elles havia alguns que estavam possesso do demonio, a todos deu saude; e tendo acabado fez a toda aquella gente uma pratica, que encerra todas as maximas do christianismo, tomando por exordio a essencia da felicidade; e ensinou:

*Que a felicidade do homem não consiste n'aquillo  
em que elle a põe*

« Bemaventurados, dizia, são os pobres de espirito porque delles foi o reino do céu. Bemaventurados os brandos de condição, porque esses possuirão a terra. Bemaventurados os que chorão, porque serão consolados; Bemaventurados os que tem fome e sede de justiça, porque ainda se verão fartos. Bemaventurados os que tem coração puro, porque esses verão a Deus. Bemaventurados os pacíficos, porque se chamarão filhos de Deus. Bemaventurados os que soffrem perseguição pela justiça; porque delles é o reino do céu. Então sereis ditos e bemaventurados quando os homens vos tiverem odio e vos perseguirem por amor de mim; quando vos carregarem de cadeias e vos disserem injurias e affrontas; quando fugirem de vós e vos lançarem de si; quando até vosso nome for delles aborrecido e abominado. Mas quando tudo isto padecerdes por amor de mim, não vos deixeis entristecer, senão



cerás a teu inimigo; e eu digo-vos; Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem, e orai pelos que vos perseguem e injuriam, porque deste modo sereis filhos de vosso Pai celestial, que faz nascer o sol para os bons, como para os máus, e derrama a chuva sobre os justos e os injustos. Se não amardes senão aos que vos amam, que recompensa mereceis? Isso fazem os pagãos. Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito.»

Necessidade d'uma intenção recta e pura, e que só tenha a Deus por objecto.

«Tendo cuidado em não fazêdes boas obras diante dos homens com o fito de que elles as louvem, porque não tereis nenhuma recompensa de vosso Pai, que está no céu Quando derdes esmolas, não saiba a mão esquerda o que faz a direita, para que a esmola se faça em segredo, porque vosso Pai que vê o que está occulto saberá recompensar-vos. Quando orardes, retira-vos ao vosso quarto, fecha a porta, e resai em segredo, porque vosso Pai vos vê, e vos dará o pago. Não amontoeis thesouro sobre a terra, onde a ferrugem e a traça o consomem e os ladrões o roubam; porem ajuntai um thesouro no céu, onde a ferrugem e a traça o não consomem, nem os ladrões o roubam. Onde estiver vosso thesouro ali estará também vosso coração. Ninguem pode servir a dous senhores: porque ou ha de aborrecer a um, e amar a outro; ou ha de accommodar-se com este, e desprezar aquelle. Não podeis servir ao mesmo tempo a Deus e ao Demonio.»

«Pelo que vos digo, não andeis cuidadoso do que haveis de comer ou do que haveis de vestir. Por ventura não é a vida mais que a comida, e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céu, que não la-

yraram, nem semeiam, nem ceifão, nem fazem providimentos em celeiros, e com tudo vosso pai celestial as sustenta. Por ventura não sois vós mais do que ellas? Olhai para os lírios do campo, vede como crescem; não trabalham, nem fiam, e com tudo vos digo, que nem Salomão em toda a sua gloria, nunca se vestiu como um delles. Se pois Deus veste assim uma herba do campo, que amanhã será cortada e deitada ao fogo, quanto mais cuidado não terá de vós, homens de pouca fé? Não vos afflijaes, pois, dizendo: O que havemos de comer, o que havemos de beber, ou com que nos havemos de vestir, porque os Gentios é que se cançam por estas cousas. Porquanto vosso Pai sabe que de todas ellas haveis mister. Buscai primeiramente o reino de Deus e sua justiça, e tudo vos será dado por accrescimo. E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã; o dia \*le amanhã trará seu cuidado por si mesmo; basta que sintamos o mal no dia em que elle vem.»

Para nos salvarmos é mister occupar-nos de nossas proprias faltas e não das dos outros.

«Não julgueis, para que vos não julguem. Não condemneis, para que vos não condemnem. Sereis medidos pela medida por onde medirdes os outros. Porque vedes a aresta no olho alheio, e não vedes a trave no vosso? Hipocrita tira primeiro a trave do teu olho e então verás como has de tirar a aresta do olho de teu irmão. Fazei deligencia por entrar pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia á perdição e muitos por ahi entram. Mais que estreita é a porta, e que apertado o caminho que guia á vida e quão poucos acertam com elle! Guardai vós dos falsos prophetas, que vem a vós com vestidos de



ovelha, e por dentro são lobos devoradores. Por seus fructos os conhecereis, por ventura dão uvas os espinheiros, ou figos os abrothos? Assim toda a arvore dá bons fructos, e a má arvore dá máos fructos. Não pode a arvore boa dar máos fructos, nem a arvore má dar bons fructos. Toda a arvore que não dá bom fructo, será cortada e lançada ao fogo. Nem todo o que disser: «Senhor, Senhor, entrará no reino dos ceus, mas o que fizer a vontade de meu Pai, esse entrará no reino dos céus.»

---

Jesus Christo sára um leproso; cura um paralitico servo do centurião e resuscita o filho da viuva Naim.

Acabado o sermão, desceu Jesus do monte, e foi seguido das turbas, que o tinham ouvido com attenção, e muito se admiravam de tão santa doutrina. Chegou n'aquelle momento um homem coberto de lepra, e lançando-se aos pés de Jesus dizia: «Se tu queres, Senhor, bem me podes curar.» Jesus estendendo a mão, tocou-o, dizendo: «Pois eu quero. Fica limpo.» Immediatamente ficou limpa toda a sua lepra, e disse-lhe o Senhor que a ninguem contasse aquelle prodigio, e que fosse d'ahi declarar ao sacerdote que estava sarado e fizesse a offerta, que a lei mandava. O leproso, porem, publicou altamente o succedido, e a fama de Jesus espalhou-se por tal modo, que não podia manifestar-se na cidade, e ia morar no deserto, onde se entretinha a orar. Lá mesmo vinham os povos de toda a parte ouvil-o, e buscar nelle o remedio de seus males.

Tinha Jesus entrado em Cafarnaum e chegou-se tambem a elle um Centurião, fazendo-lhe esta supplica: «Senhor, o meu criado está em casa doente de uma paralisia, e está em perigo de vida.—Eu irei, e o cu-

rarei, lhe respondeu Jesus. Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa, replicou o Centurião; porem, manda-o só com a tua palavra, e o meu criado será salvo.» Admirou a Jesus a fé d'aquelle pagão, e disse para os que o seguiam: «Em verdade vos affirmo, que nunca achei tamanha fé em Israel.» Voltando-se então para o Centurião, disse: «Vai e assim como creste, se te faça.» E n'aquella mesma hora ficou são o criado.

No dia seguinte caminhava Jesus para uma cidade chamada Naim, para a banda do Mediterraneo, e seguiam-no os discipulos e a multidão de povo. Proximo das portas da cidade, encontrou Jesus um grande prestito, que levava á sepultura um defunto, filho de uma viuva, a qual acompanhava o esquife. Enternecido Jesus por ver a affligida mãe banhada em lagrimas, disse-lhe: «Não chores» e chegando-se aos que levavam o esquife, mandou que parassem, e tocou no defunto, dizendo-lhe: «Mancebo eu te mando levanta-te.» No mesmo instante voltou á vida o que estava morto. assentou-se, começou a fallar, e Jesus o entregou á sua mãe. Todos os que estavam presentes ficaram entrados de admiração e espanto, e glorificaram a Deus, dizendo: «Grande propheta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo.»

---

Manda o Baptista dous discipulos a Jesus Christo—Resposta que'elle dá.—Jesus argue os Judeos, e perdoa a uma peccadora.

Estava S. João Baptista no carcere e, ouvindo fallar dos milagres de Jesus, enviou dous discipulos, que lhe fizeram esta pergunta. «Tu és o que has de vir, ou outro o que esperamos?» Não respondeu Jesus á per-



gunta; mas fez diante delles muitas curas milagrosas, e depois lhes disse: «Ide contar a João o que vistes e ouvistes. Os cegos vêem, os coxos andam, os surdos ouvem, os leprosos limpam-se, os mortos resuscitam e o Evangelho se annuncia aos pobres. Felizes os que se não scandalizarem por causa de mim.»

Retiraram-se os discipulos, e Jesus fallou ao povo em abono de S. João, dizendo: «Que saistes a ver no deserto? Uma cana movida pelo vento. Que saistes a ver? Um homem vestido com roupás delicadas? Não, porque os que vestem roupas preciosas e vivem em delicias, são os que assistem nos palacios de reis. Mas que saistes a ver? Seria um propheta? Certamente vos digo, e mais que um propheta, porque d'elle está escripto: «Eis ahi envio o meu Anjo, diante de tua face, que preparará o teu caminho diante de ti.» O povo e os publicanos, que tinham sido baptisados, glorificaram a Deus, ouvindo este discurso; mas os Phariseus e os Doutores da Lei não deram credito. Jesus compadecido da dureza de seus corações, fallou d'elles com santo resentimento e disse ao povo: «A quem compararei os homens desta geração? Por ventura não são semelhantes aos meninos, que, sentados no terreiro, dizem: *Tocamos flauta e não dançastes; cantamos em ar de lamentação e não chorastes?* Veio João Baptista, que nem comia pão, nem bebia vinho, e dizieis: «Elle está possesso do demonio. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e vós dizieis: *Vejam o homem glotão, e amigo do vinho, que acompanha com publicanos e pecadores!*»

Considerou Jesus o pouco fructo que as cidades da Galiléa, onde prégara, tiraram de tantos auxilios, que a misericordia divina lhes concedia para a salvação, e com ameaças, lhes lançou em rosto a porfiada impenitencia. Depois deu graças a seu Eterno Pai, dizendo:



«Graças vos dou, Pai meu. Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas cousas aos sabios e entendidos e as revelastes aos pequenos. «Convidou então a todos á seguil-o, e disse: «Vinde a mim, vós todos que andais em trabalho, e estais carregados porque eu vos alliviarei. Tomai o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso, e humilde de coração.»

Pouco tempo depois um Phariseu, chamado Simão, pediu a Jesus que fosse jantar á sua casa. Jesus aceitou o convite, e, quando estavam á meza chegou-se uma mulher pecadora, a qual, pondo-se por detraz d'elle, começou a regar-lhe com lagrimas os pés e beijava-os, e com os cabellos de sua cabeça os enchugava, ungiendo-os com odorifero balsamo que trazia consigo mesmo: «Se este homem fôra propheta, bem saberia quem é a mulher que o toca, porque é pecadora.» O Senhor que lhe penetrava os pensamentos, fallou deste modo: «Simão, tenho que te dizer uma cousa.— Fallai. Mestre, respondeu Simão.— Um credor, continuou Jesus, tinha dous devedores, um que lhe devia quinhentos dinheiros e outro cincoenta. Nenhum podia pagar a divida, e o credor perdoou a ambos. Qual dos devedores seria mais agradecido? Creio que aquelle a quem o credor perdoou maior quantia, disse Simão. Julgastes bem, replicou Jesus.» E voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me deste agua para os pés, e ella os banhou com suas lagrimas, e os enchugou com os seus cabellos. Não me deste o osculo de paz, e ella desde que entrou não cessou de me beijar os pés. Não derramaste oleo na minha cabeça, e ella ungiu os meus pés com precioso balsamo. Por isso te declaro que perdoados lhe são muitos pecados, porque muito amou. Depois disse para a mulher: «Vai-te em paz, tua fé te salvou.»



Jesus Christo ensina em parabolos.

Proseguia Jesus na sua missão e foi até á praia do lago de Genesareth para doutrinar o povo. Crescendo



O ORANGOTANGO.

a multidão, que das cidades vizinhas corria a ouvi-lo, sahiu a uma barca e d'ali lhe propoz algumas parabolos, envoltas nas quaes ensinou muitas verdades.

Parabola do Semeador.

«O semeador começou a semear o trigo; disse Jesus, mas com pouca ventura. Uma parte da semente do trigo cahiu junto do caminho, e os homens o pizaram, e os pastores o comeram. Outra parte cahiu sobre o pedregulho, e nasceu: mas logo o sol o secou e mirrou, porque não tinha raiz. Outra parte cahiu sobre os espinhos, e cresceram os espinhos, e o afogaram. Outra parte, finalmente, cahiu na terra boa, nasceu, cresceu, amadureceu, e produziu cento por um.»

Os Apostolos não entenderam o sentido da parabola,

e o Divino Mestre lh'a explicou. O trigo do semeador é a palavra de Deus. diz o Padre A. Vieira, e os espinhos, as pedras o caminho, e a terra boa, em que o trigo cahiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delicias: e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros, e obstinados, e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raizes. Os caminhos são os corações inquietos, e perturbados com a passagem e tropel das cousas do mundo umas que vão outras que vêm, outras que atravessam e todas que passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desatendem, ou a desprezam. Os passaros são a figura do Demonio, que tira dos corações dos homens a palavra de Deus, que os podia salvar. A terra boa finalmente, são os corações bons, ou os homens de bom coração e nestes prende-se e fructifica a palavra divina com tanta fecundidade e abundancia, que colhe cento por um.

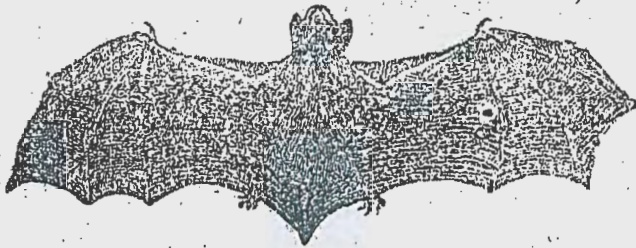
#### Parabola do joio e do bom trigo.

Propoz Jesus-Christo outra parabola e disse: «O reino dos ceus é semelhante ao lavrador, que semeou boa semente no seu campo, e em quanto dormiam os moços de lavoura, veio o seu inimigo, e semeou cizania, ou herva ruim, e foi-se. Cresceu o trigo, e dando o fructo, appareceu tambem a cizania, e disseram os criados ao lavrador:—Por ventura não semeaste a boa semente no teu campo? Pois donde lhe veio a Cizania? O meu inimigo é que fez isto respondeu o lavrador.—Então os servos lhe tornaram:—Queres tu que nós vamos e a arranquemos?—Não, replicou o amo, para que talvez não succeda que, arrancando a cizania, arranqueis juntamente com ella tambem o tri-



go. Deixai crescer uma e outra coisa até á ceifa, e nesse tempo direi aos segadores: colhei primeiramente a cizania, e atai a em molhos para a queimar, mas o trigo recolhei-o no meu celeiro »

Como os discipulos não entrassem no entendimento desta parábola, Jesus a explicou, e disse que a boa semente são os justos, e que a cizania são os máus. Que neste mundo os bons devem soffrer os máus, visto que estão com elles misturados, mas que no fim dos



O VAMPIRO.

seculos serão separados, e a cizania será colhida e queimada no fogo. Então sabirão os Anjos-e separarão os máus de entre os justos. Como o sol, resplandecerão os justos no reino de Deus, e os máus serão precipitados na fornalha de fogo, onde haverá o choro, e o ranger com os dentes.

#### Outras parábolas.

A mesma verdade lhes ensinou também figurada nos pescadores, que tomam em suas redes toda a casta de peixes, e que; sentados depois na praia, escolhem o bom, e refugam o máu. Comparou o reino de Deus a um grão de mostarda, a mais pequena de todas as sementes, mas que, depois de ter crescido, é a maior

de todas a hortaliças, e torna-se arvore, servindo os seus ramos para os passaros fazerem n'elles os ninhos. Comparou tambem o reino de Deus ao negociante, que busca boas perolas, e, tendo achado uma de grande preço, vai vender tudo que tem, e a compra. Com estas e outras parabolâs, Jesus Christo convenceu os seus discipulos que nada ha que não devamos dar para alcançarmos o reino do céu.

Applaca Jesus uma tempestade.—Expulsa o demonio de um energumeno.—  
Sara uma mulher d'um fluxo de sangue; e resuscita uma Donzela.—Dá vista a dous cegos.

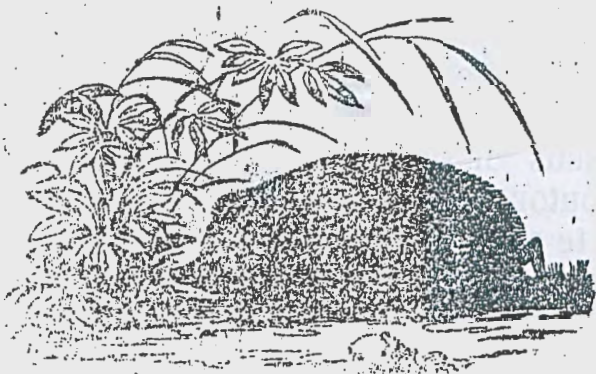
Na tarde do mesmo dia entrou Jesus na barca, para passar a outra banda do lago de Genesareth, e levava comsigo seus dissipulos. Ao embarcar chegou-se a elle um doutor da lei, e disse-lhe: «Mestre para onde fordes te seguirei.» E Jesus lhe respondeu: «Teem as rapozas suas covas, e as aves seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde encostar a cabeça.» Nisto despediam os discipulos as turbas, mas não poderam atalhar, que muitos entrassem nas barcas, que ali estavam e o seguissem.

De repente amontoaram-se as nuvens, escureceu o ar e levantou-se uma furiosa tempestade. As rajadas de vento ençapelavam as ondas que alagavam a barca onde estava Jesus, e ameaçavam submergil-a. Entretanto Jesus dormia a somno solto na popa, reclinada a cabeça n'uma almofada, para assim provar a fé de seus discipulos que aterrados chegaram-se a elle, acordaram no e disseram-lhe: «Mestre, nada se vos dá que nos percamos? Salvai-nos, Senhor, que nos afundamos.» Então lhes disse Jesus: «Homens de pouca fé, porque sois tão timidos? e levantando-se ameaçou os ventos, e disse para o mar: «Cala-te e emmudece.» No mesmo instante acalmou o vento, o céu tornou-se



limpo e o mar cavado transformou se em calmaria. Jesus reprehendeu ainda os seus discipulos, dizendo-lhes: «Donde vem tanto pavor? Ainda não tendes fé?» Os discipulos, porem, e quantos estavam nas outras barcas, tomados de assombro e medo, perguntavam entre si: «Quem é este que assim manda com imperio aos ventos e ao mar e a quem obedecem os elementos?»

Chegaram ás terras dos Gesarenos, e ali veiu a Jesus um possesso do espirito immundo, bradando: «Jesus, Filho de Deus Altissimo, que tens tu comigo?» Este



O OURIÇO CACHEIRO.

possesso tinha nos sepulchros o seu domicilio, e era tão maniaco, e furioso, que ninguem ousava passar por aquelle sitio. Era de tal modo vexado do demonio, que não tinha vestidos, e vagava errante e nú pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras. Por muitas vezes tinha sido atado com grilhões, e cadeias, mas o demonio tinha quebrado as cadeias e despedaçado os grilhões, e ninguem o podia domar. Mandou Jesus ao demonio que sahisse daquelle corpo, e disse-lhe: «Que nome é o teu?—*Legião* é o meu nome, respondeu o demonio, porque somos muitos.» Andava ali pastando, ao redor do monte, uma grande manada de porcos, e

os demonios supplicavam a Jesus, dizendo: «Manda-nos para os porcos, para nos mettermos n'elles.» Deu-lhes Jesus a premissão, e os demonios entraram nos porcos, e a manada, que era de alguns dois mil, correu furiosa pelo despenhadeiro e foram precipitar-se no mar com grande violencia e morreram todos afogados.

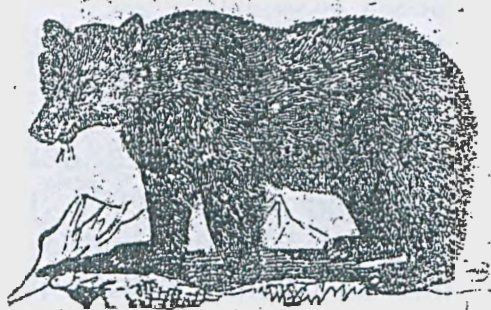
Os homens, que andavam apacentando os porcos, fugiram assombrados, e foram dar a noticia à cidade e pelos campos. Sahiram muitos a ver o que tinha succedido; e, apinhados à roda do Salvador, olhavam espantados para o energumeno, que dantes era furioso e terrivel, e que nessa occasião estava sentado aos pés de Jesus, manso e quedo, e já composto e arrazoado. Dispoz-se Jesus a entrar na barca para passar outra vez o lago, e então o que fôra vexado do demonio começou a pedir-lhe, que o deixasse ir na sua companhia, receiando ser de novo perseguido; mas Jesus o não admittiu, dizendo-lhe: Vai ter com os teus, e conta-lhes as grandes cousas que o Senhor te fez e a misericordia que usou contigo.

Jesus entrou de novo na barca, atravessou o lago, e voltou para Cafarnaum, onde foi recebido com grande alegria do povo. Apenas tinha desembarcado, eis que chegou um dos principes da synagoga por nome Jairo, o qual, prostrando-se aos pés de Jesus, pedia-lhe com instancia, dizendo: Eu tenho uma filha, que está a expirar. Vem impor-lhe a mão para a curares; e para lhe dares vida.» Partiu logo o Redemptor com os seus discipulos, e era tanto o povo, que o seguia, que o apertavam. Ia na multidão uma mulher, que havia doze annos que soffria um fluxo de sangue, e já os medicos a tinham desengauado que não tinha cura o seu mal. Animada de grande fé, rompeu pela turba, e pondo-se por de traz de Jesus, lhe tocou na orla da tunica, e dizia comsigo mesmo: «Só com lhe



tocar no vestido, ficarei sã.» No mesmo instante senti no seu corpo estar curada do mal. e Jesus lhe disse: «Filha, a tua fé te salvou. Vai-te em paz.»

Mal Jesus tinha acabado de fallar, quando chegou um criado de Jairo annunciando-lhe a morte de sua filha, e que escusado era para Jesus o incommodo de ir mais longe. Ouvio Jesus o recado, e então disse para Jairo: «Não temas, tem fé, e tua filha viverá.» Chegaram á casa de Jairo, e já ali estavam os tocadores de flauta, e de varios outros instrumentos musicos e muitas pessoas chorando, e fazendo grandes prantos. «Porque choraes, disse Jesus, e fazeis tamanho alarido?



O URSO PRETO.

«Não está morta a menina, mas dorme.» Riram-se os circumstantes, porque não sabiam que tão facil era a Jesus resuscitar uma pessoa morta, como a outro acordal-a de dormir. Tendo feito sair todos para fóra do quarto, Jesus tomou-o pai e a mãe da menina, e tres de seus discipulos, Thiago, Pedro e João e chegando-se á cama, onde estava a defunta, e pegando a pela mão lhe disse: «Menina, levanta-te.» Levantou-se a menina, e, como era ja de doze annos, começou a andar, e pediu de comer, ficando todos assombrados com grande espanto.

Ao sair da casa de Jairo, seguiram no dous cegos, dizendo-lhe: «Filho de David, tende compaixão de nós.» Então disse-lhe Jesus: «Crêdes que posso fazer o que pedis?—Crêmos, Senhor,» lhe responderam. Logo Jesus lhe tocou nos olhos, dizendo: «Segundo vossa fé vos seja feito.» Abriram-se-lhes os olhos, e ficaram com vista.

---

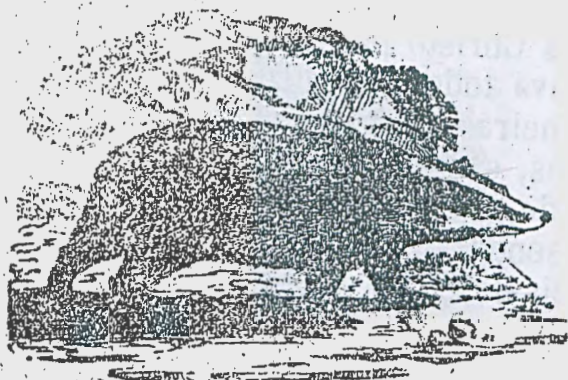
Vai Jesus pregar á Nazaréth—Visita segunda vez a Galiléa e manda os Apostolos a pregar—Manda Herodes degolar o Baptista.

Depois de tantos milagres feitos em Cafarnaum, partiu Jesus Christo para Nazareth, onde fora creado, e pregava todos os sabbados na synagoga. Ali, como da primeira vez, não foi bem recebido de seus conterraneos, e então exprobor-lhe de novo a sua incredulidade, e retirou-se da terra, que desmerecera sua presença e seus benefícios.

Sahiu pois Jesus de Nazareth e deu volta pelas cidades e villas de Galiléa, pregando o Evangelho e curando todas as enfermidades. Iam com elle os doze Apostolos, e considerando na grande multidão de povos, a quem se devia annunciar o Evangelho, disse-lhes: «Ampla colheita, mas poucos segadores! Pedi ao dono da seára que mande obreiros.» Depois chamou os Apostolos que eram os decretados obreiros, e lhes deu o poder de curar enfermos, afugentar demonios e dous a dous, prescriptas as regras do que haviam de seguir no santo ministerio; os mandou annunciar o reino de Deus. Ordenou-lhes que não levassem nada nas jornadas, senão somente um bordão, nem levassem alforge, nem pão, nem calçado, nem dinheiro, e dizia-lhes: «Em qualquer cidade ou aldeia, em que entrardes, informai-vos de quem ha nella digno de vos hospedar, e ficai ahí até vos retirar. Ao entrardes em casa, saí-



dai-a dizendo: *Paz seja nesta casa*, e quando vos não receberem, nem vos escutarem, sahi para fóra, e sacudi o pó de vossos pés. Vede que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos, e por tanto sede prudentes como as serpentes, e simples como as pombas. Por meu respeito sereis perseguidos, e vos farão comparecer nos tribunaes, e na presença dos governadores, e dos reis, e quando vos levarem, não cuideis como, ou o que haveis de fallar, porque n'aquella hora vos será inspirado o que haveis de dizer. Por causa do meu nome sereis odiados; porém o que preseverar até o



O TEXUGO.

fim, esse é o que será salvo. Não temais aos que matam o corpo, e não podem matar a alma; porém temei ao que lançar no inferno a alma como o corpo. Não os temais, pois e dizei a verdade, porque a verdade é como o óleo, que vem à superfície da agua, e nada ha encuberto, que se não venha descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. O que a vós vos recebe, a mim me recebe, e o que não toma a sua cruz, e não me segue, não é digno de mim » Recebidas estas instruções, partiram os Apostolos, e prégaram por to-

de o paiz o Evangelho, e Deus confirmava com milagres o que elles diziam.

Nesse tempo estava João Baptista mettido n'um carcere, e ligado com cadeias: por ter exprobadado a Herodes o amor incestuoso, que tinha por sua cõhada. Herodias. Esta mulher desenvolta, e vingativa, buscava occasião para tirar a vida ao Baptista, e achou-a no dia em que Herodes fazia annos. Nesse dia deu Herodes á sua cõrte, um magnifico banquete, e a filha de Herodias dançou diante de todos, e agradou tanto a Herodes que lhe prometteu com juramento que lhe daria tudo que lhe pedisse. Mas a filha, industriada por sua mãi, pediu em um prato a cabeça de João Baptista. O rei Herodes entristeceu-se com a petição, porém não querendo que o accusassem de faltar ao juramento, mandou cortar na prisão a cabeça do santo, a qual, ensopada em sangue, foi trazida n'um prato, e entregue á filha, que a levou á sua mãi. Quando os discipulos de João Baptista souberam da morte de seu mestre, levaram o corpo, sepultaram-no e foram dar parte a Jesus Christo.

---

Primeira multiplicação dos pães — Caminha Jesus Christo sobre as ondas.

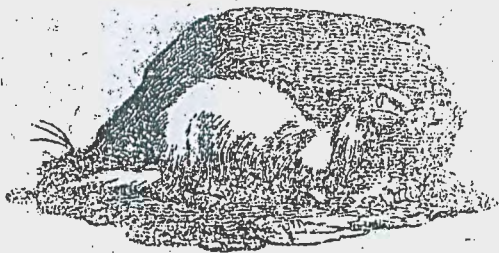
Voltaaram os apóstolos da missão e contaram a Jesus tudo o que haviam feito e ensinado, e Jesus lhes disse: «Vinde e retirai-vos a algum lugar deserto, e descançai um pouco.» Entrando pois n'uma barca, passaram para outra banda, e chegaram a um lugar solitario, perto de Bethsaida: mas ao desembarcar, viu ali Jesus muita gente, que ja o esperava, e muita outra, que se ia ajuntando.

Teve Jesus compaixão d'aquella grande multidão de povo, porque eram como ovelhas que não tem pastor, e subiu logo ao monte, e começou a ensinar-lhes mui-



tas coisas e deu saúde a quantos enfermos lhe apresentaram.

Era já tarde, começava o dia a declinar e ninguém tinha ainda comido. Lembraram os discípulos a Jesus que já era tarde e o lugar deserto, e que despedisse aquella multidão, para que, passando as aldeias, comprassem de comer. «Não tem necessidade de se ir, disse Jesus, e dai-lhe vós outros de comer.» Ao ouvirem estas palavras ficaram espantados os discípulos, porque não tinham mais do que cinco pães, e dois peixes, e ali estavam quasi cinco mil homens além de mulheres e creanças. Então Jesus mandou o



O FURÃO.

povo sentar-se na relva, e tomando os cinco pães e dois peixes, levantou os olhos ao céu, deu graças, partiu os pães, cortou os peixes, mandou distribuir tudo aos que estavam assentados, e como estiveram fartos, deu um exemplo de economia, e disse aos discípulos: «Recolhei os pedaços que sobejaram para que se não percam:» Os discípulos recolheram o que tinha sobejado, e encheram doze cestos dos pedaços dos cinco pães.

Viu o povo a milagrosa multiplicação dos pães, e dizia admirado: «Este é o verdadeiro propheta, que ga de vir ao mundo.» Então deliberaram aclamalo-rei; mas Jesus, que lhes adviñhou o intento, deo pressa aos discípulos que se embarcassem, e fossem espe-

ral-o da outra banda. Retirou-se logo, e subiu ao monte onde orou quasi toda a noite. Nesse intervallo de tempo os discipulos padeciam tempestade no meio do lago, e as ondas revoltas e o vento zunindo pela prôa por tal modo os atrasava, que a barca pouco tinha passado além da praia. Depois abrandou o vento, e quasi ao raiar da alva foi Jesus ter com elles, andando firme sobre as aguas. Os discipulos avistaram pois a Jesus, que se dirigia para a barca, andando sobre o mar e seturbaram, dizendo: «É pois um phantasma!» De medo comecaram a gritar; mas Jesus immediatamente lhes fallou, e disse: «Tende confiança: sou eu, não temais.—Senhor, se tu és, lhe respondeu Pedro, manda-me que vá até onde tu estas por cima das ondas—vem, lhe disse Jesus.» Então desceu Pedro da barca, e foi caminhando sobre a agua para chegar a Jesus; mas, vendo que o vento era rijo, perdeu o animo, e quando se ia submergindo, gritou dizendo: «Senhor, põe-me a salvo!» No mesmo ponto Jesus estendendo a mão, o tomou por ella, e disse-lhe: «Homem de pouca fê, porque duvidaste?» Logo se acalmou o vento, e ambos entraram na barca, e chegaram a praia designada.

Jesus confunde os Judeos, que erguiam seus discipulos que comiam sem lavar as mãos.—Lança o demonio fora da Cananea, e dá saúde a um surdo mudo

Tinham por costume os Escrivães e Phariseus, em observancia das tradições dos antigos, não comerem sem lavarem as mãos muitas vezes. Os discipulos de Jesus faziam o contrario, e por essa razão eram vituperados pelos Phariseus, que disseram a Jesus: «Por que não andam os teus discipulos conformes com a tradição e comem as viandas com as mãos por lavar?» Então Jesus demonstrou que na verdade os Phariseus, lavando as mãos, observavam cuidadosamente a tra-



dicação dos homens, porém que em muitos outros pontos violavam os mandamentos de Deus, e acrescentou com santa indignação: «Hypocritas, bem prophetizou de vós outro Isaias, quando diz: Este povo honra-me com os labios, mas o seu coração está longe de mim!» E chamando a si as turbas, lhes disse «Ouy e entendei. Não é o que entra pela bocca o que faz immundo o homem: mais o que sai da boca isso é o que faz immundo o homem.» Deixada a plebe, Jesus entrou em casa, e perguntaram-lhe seus discipulos qual era o sentido desta parábola. «Tambem vós sois ignorantes?»



A DONINHA.

lhes disse Jesus. Não comprehendéis que tudo o que de fóra entra no homem nada o pode contaminar? Mas as cousas que saem da boca, vem do coração, e estas são as que fazem o homem immundo, porque do coração é que sahem os máus pensamentos, a mentira, a avareza, a inveja, a soberba, o odio, a injuria, o furto a fraude, os falsos testemunhos, o adultério, os homicidios, e todos os vicios em geral.

Retirou-se Jesus para as partes de Tyro, e de Sidonia, e eis que uma mulher Cananéa, cuja filha estava possessa do espirito immundo, chegou, e lançou-se-lhes aos pés, dizendo afflicta, e em altas vozes: «Se-

nhor Filho de David, tem compaixão de mim, porque minha filha, está miseravelmente atormentada do demónio » Uma só palavra não lhe deu Jesus, e os seus discipulos, aproximando-se, lhe pediam, dizendo: «Despede-a, porque vem gritando atraz de nós.» Jesus respondendo, lhe disse: «Eu não fui enviado; senão ás ovelhas desgarradas do povo de Israel.» Era a Cananéa mulher pagã; e Jesus queria dizer que não pregava por ora aos gentios, mas sim aos Judeos, que eram o povo escolhido de Deus. Mas a Cananéa prostou-se em terra, adorou Jesus e disse-lhe: «Senhor, valei me — Não é bom, lhe respondeu Jesus, tomar o pão aos filhos, e lançal-o aos cães. — Senhor. assim é, replicou a Cananéa; mas também os cachorrinhos comem das migalhas, que caem da meza de seus donos » Na frase de Christo a palavra cães significa os gentios, por causa da impureza de seus costumes, e a palavra pão significa os favores e graças, que estavam destinados para os Judeos, no caso que os não quizesse engertar. Por isso as ultimas palavras da Cananéa cheias de humildade, de modestia, de fé, e de prudencia, moveram a Jesus, que respondendo lhe disse: «Ó mulher, grande é a tua fé; faça-se contigo como queres » Partiu a Cananéa, e chegando a casa achou a filha repousada na cama, e já liberta do demónio.

Tornou ainda Jesus ás praias de Genesareth, onde lhe apresentaram um homem surdo e mudo, e lhe pediram que lhe impoesse as mãos e que o sarasse. Jesus retirando-se da pinha do povo, metten os dedos nas orelhas dos doentes, e lhe poz saliva na boca. Então, erguendo ao céu os olhos, suspirou e disse: *Epheta*, que quer dizer: *Abri vos*, e logo os ouvidos do surdo se descerraram e a lingua se lhe desprende. A multidão admirada clamava: «Jesus dá ouvir a surdos, e fallar a mudos!»



Segunda multiplicação dos pães.—Dá vista a um cego.—Promette a Pedro que sobre elle edificará sua Igreja e prediz aos discipulos sua morte.

N'aquelles dias subiu Jesus a um monte, e sentado ali começou a doutrinar o povo. Concorreu uma grande multidão, que trazia comsigo mudos, cegos, aleijados, e muitos outros enfermos, e Jesus a todos sarava, e a multidão, vendo fallar os mudos, ouvir os surdos, andar os coxos, ver os cegos, mostrava-se admirada, e louvava e engrandecia ao Deus de Israel. Chamou então Jesus a seus discipulos, e disse-lhes: «Olhai, te-



A RAPOSA.

ho Compaixão deste povo, porque ha já tres dias, que andam aturadamente comigo, e não tem que comer, Se os despedir em jejum para suas casas, virão a desfallecer no caminho, porque alguns delles vieram de longe. —Onde acharemos nós neste deserto pão bastante para dar de comer a tanta gente? observaram os discipulos—Quantos pães tendes ahi? lhes perguntou Jesus.—Sete pães e alguns peixinhos, responderam



elles. Jesus tomou o sete pães e os peixes, e dando graças, os partiu e deu a seus discipulos, e os discipulos os deram ao povo. Estavam ali quatro mil pessoas, comeram todos, ficaram fartos, e dos pedacos, que sobejaram, se encheram sete cestas.

Despedida a gente, passou Jesus ao mar com os discipulos, e foi alem das terras de Magedan. Ali chegaram se a Jesus os Phariseus e Saduceos para o tentarem, e pediram-lhe que lhes fizesse ver algum prodigio do ceu. Jesus, porém, em vez de fazer o que lhe pediam estes porfiados incredulos, que se não rendiam aos milagres, que tinham presenciado, os exproborou, dizendo: «Vós quando vai chegando a noite, dizeis: Haverá tempo sereno, porque esta o céu rubicundo. Também quando é de manhã dizeis: Hoje haverá tormenta, porque o céu mostra um avermelhado triste. Logo sabeis conhecer, que cousa prognostica o aspecto do céu, e não podeis conhecer os signaes dos tempos, que os prophetas deixaram signalados? Esta geração perversa e adaltera pede um prodigio, e não terá outro senão o do propheta Jonas.»

Chegou Jesus a Bethsaida, e lhe trouxeram um cego, e lhe rogavam que o tocasse. Jesus tomando o cego pela mão, o tirou para fóra da aldeia, e tendo-lhe imposto as suas mãos, e pondo-lhe saliva nos olhos, perguntou-lhe se via alguma cousa. Principiou o cego a ver confusamente a figura dos corpos humanos movendo-se como sombras, sem poder distinguir o delineamento dos membros, como quando se olha de noite, ou de longe para os objectos, e por isso respondeu a Jesus: «Vejo os homens, como arvores, que andam.» Depois tornou-lhe Jesus a pôr as mãos sobre os olhos, e o cego ficou de todo curado, e viu distinctamente os objectos.

Sahiu Jesus com seus discipulos, e foi pelas aldeias



de Cezaréa de Filipe. No caminho perguntava a seus discipulos, dizendo-lhes: «Quem dizem os homens que sou eu?»—Uns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos prophetas, lhes responderam os discipulos.—E vos quem dizeis que sou eu? disse-lhes Jesus. Tu és o Christo Filho de Deus, respondeu Pedro. — Bemaventurado és Simão Pedro, lhe tornou Jesus porque não fôï a carne e sangue quem t'o revelou, mas sim meu pai que esta nos céus. Tu és Pedro e sobre esta pedra edifica-



O GATO.

rei a minha igreja, e contra ella não prevalecerão as portas do inferno. Eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo que ligares sobre a terra será ligado no céu, e tudo que desligares sobre a terra será no céu também desligado.»

Desde então começou Jesus a declarar a seus discipulos, que lhe convinha ir a Jerusálem, onde padeceria muitas cousas dos Anciãos, e dos Escribas, e dos Principes dos Sacerdotes, e seria entregue á morte e que no terceiro dia resuscitaria.

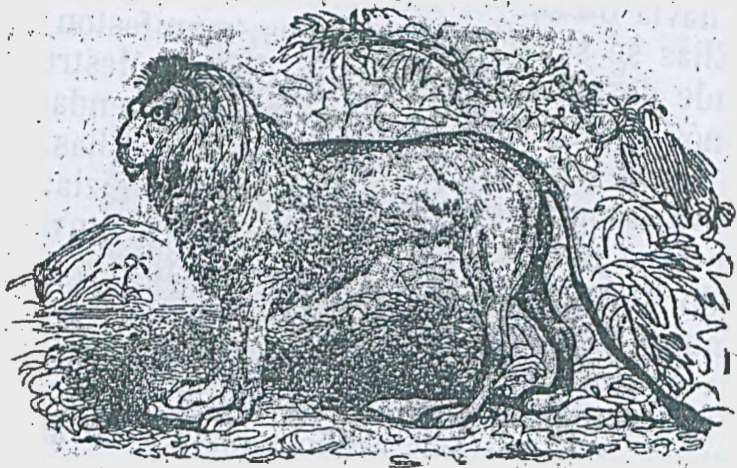
Seis dias depois tomou Jesus consigo a Pedro e a Thiago e a João, e os levou sós a um alto monte, em lugar apartado, e poz-se em oração. De repente se transfigurou Jesus, e elexou-se nas nuvens, e o seu rosto se tornou refulgente, como o sol, e as suas vestiduras em extremo brancas, como tecidas de neve. Assim o viram os discipulos, quando despertaram do somno, e tambem a Moysés e a Elias, que appareceram cheios de magestade, e fallavam com Jesus acerca do que havia de soffrer em Jerusalem. Logo que Moysés e Elias se separaram de Jesus, manifestou Pedro a vontade de alli se demorar, e disse: «Mestre, bom é que nós aqui estejamos, e façamos tres tendas, uma para ti outra para moyzes, e outra para Elias.» Ainda fallava assombrado não sabendo o que dizia; quando veio uma nuvem luminosa, e os cobriu, ouvindo-se a voz do Eterno Padre, que dizia: «Este é o meu Filho muito amado; o Filho da minha complacencia: ouvi-o» os discipulos ouvindo esta voz, caíram de bruços e tiveram grande medo: porem Jesus tocou-os e disse-lhes: «Levantai-vos e não temais.» Levantaram-se os discipulos, ergueram os olhos, e não viram mais do que tão somente a Jesus.

Tendo Jesus descido o monte, e voltando aos outros seus discipulos, uma grande multidão de povo, transportada de contentamento e de admiração, correu a saudal-o. Rompeu então por entre o povo um homem e disse a Jesus: «Rogo-te, Senhor, que ponhas os olhos em meu filho, porque é o unico que tenho e está possuido de um espirito immundo. Pedi a teus discipulos que o expellissem, e elles não poderam.»

O filho desse homem era lunatico, e o demonio o atormentava cruelmente, e o lançava por terra, no fo-



go, na agua, para o matar, e o pobre do moço escumava pela bocca, rangia com os dentes, e mirrava a olhos vistos. Trouxeram o mancebo e ainda bem não tinha visto a Jesus, quando logo o espirito immundo o começou a agitar com violencia, e o fez cahir por terra, onde se revolia babando-se todo. Jesus perguntou ao pai do mancebo: «Quanto tempo ha que lhe succede isto?—Desde a infancia, respondeu o pai e se tu podes alguma cousa, ajuda-nos, tem compaixão de nós.—Se tu podes crer, disse lhes Jesus, tudo é possível ao que cre. —Sim, Senhor, eu creio, repli-



O LEÃO.

cou o pai banhado em lagrimas.» Então Jesus ameaçou o espirito immundo, dizendo-lhe: «Espirito surdo e mudo eu te mando, sai desse moço, e não tornes a entrar nelle.» O demonio, dando horrendos gritos, sahio do mancebo maltratando-o muito e deixou-o como morto; porém, Jesus, tomando-o pela mão, o levantou, e elle se ergueu, e ficou são

Perguntaram os dissipulos a Jesus, apenas entrou em casa, porque não tinham elles podido expulsar aquelle

demonio? «Por causa da vossa pouca fé, respondeu Jesus. Na verdade vos digo, se tiverdes fé como um grão de mostarda, nada vos será impossível, e como uma só palavra mudareis as arvores e os montes de seu lugar.»

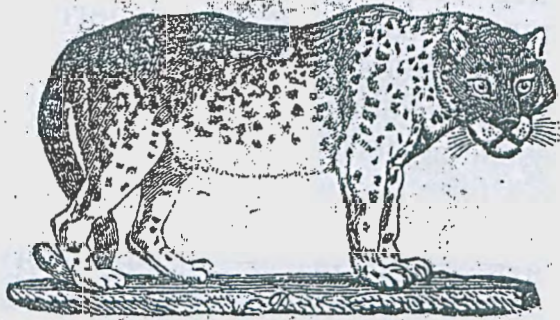
Jesus Christo paga o tributo das duas drachmas. Reprime a ambição dos discipulos, e dá regras para perdoar.

Voltava Jesus a Cafarnaum, e chegaram-se a Pedro os que cobravam o tributo das duas drachmas e disseram-lhe: Vosso Mestre não paga as duas drachmas? —Paga, lhês respondeu Pedro: «Que te parece, Pedro? De quem recebem os reis da terra o tributo do censo? de seus filhos ou dos estranhos?—Dos estranhos, respondeu Pedro.—Logo são isentos os filhos replicou Jesus.» Queria Jesus dizer que sendo rei filho de rei e filho de Deus, não devia pagar o tributo mas depois acrescentou: «Para que não os escandalizemos, Pedro, vai ao mar e lança o anzol: toma o primeiro peixe que subir: abre-lhe a bocca e acharás dentro um *stater*, ou moeda de quatro drachmas. Tira a moeda, e paga o tributo por mim e por ti.»

N'aquella hora chegaram-se a Jesus os seus discipulos, dizendo: «Mestrê, quem julgas tu que é maior no reino dos céus?» Jesus, chamando a si um menino, o poz no meio delles, e depois de o abraçar disse: «Todo aquelle que se fizer humilde e pequeno, como este menino, este será o maior no reino dos ceus, e o que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim é que recebe. Se alguém quer ser o primeiro, será o ultimo de todos, e o servo de todos, porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redempção de muitos. Vede não desprezeis alguns dos vossos irmãos, porque vos declaro que os seus Anjos da guarda estão vendo in-



cessantemente a face de meu Pai, que está nos céus. E qualquer que vós der a beber um copo d'água em meu nome, em attenção a que sois cousa de Christo, não perderá a sua recompensa. Ai do mundo por causa dos escandalos e ai do homem que os praticar, por que melhor lhe fora que se lhe pendurasse no pescoço uma mó de atafona, e que o lançasse no fundo do mar! Ora, se a tua mão, ou o teu pé te scandalisa, corta-o, e lança-o fora de ti, porque melhor te será entrar na vida eterna' manco, ou ateijado, do que tendo duas mãos, ou dois pés, e ser lançado no fogo do inferno,



O TIGRE.

que nunca se apaga. Se o teu olho te scandalisa, arranca-o, lança-o fora, porque melhor é entrar no Reino de Deus com um só olho, do que tendo dous, e ser lançado no fogo do inferno, que nunca se apaga!»

Querem dizer estas palavras de Jesus que devemos desprezar as cousas mais uteis e mais amadas, quando ellas são capazes de nos fazer tropeçar na culpa e que devemos ser humildes e caridosos, e que todo aquelle, que tiver orgulho, e quizer ser o primeiro, ou o maior, offende a igualdade fraternal, que é a base da moral evangelica, e da sociedade christã. Depois disse ainda Jesus que devemos perdoar as offensas recebidas e

que devemos perdoar sete vezes por dia, se a pessoa que nos offende, se mostrar sete vezes arrependida, isto é que não nos cansemos de perdoar a quem de suas culpas se arrepende. Tendo Pedro perguntado a Jesus quantas vezes elle devia perdoar ao seu proximo, se sete vezes? lhe respondeu o Senhor, que não só sete, mas setenta e sete. E para demonstrar-lhe a necessidade e os lucros da prompta disposição em perdoar, propoz a parábola do rei, que, tomando contas a seus servos, e achando que um lhe devia tão sobejo cabedal, que não tinha com que lhe pagasse, mandou que o vendessem, e sua mulher e filhos. O servo lançando-se a seus pés, rogava que lhe esperasse, que pagaria tudo, e o rei dispôs a perdoar. Apenas esse desventurado sabia da presença do rei, encontrou logo outro servo que lhe devia uma pequenina quantia, e sem lhe ouvir rogos nem desculpa, o travou do pescoço, e o mandou encarcerar. Tantô que o rei soube disto, mandou chamar o servo ingrato, que pedia o perdão para si, e não o concedia aos outros, e, exprobando-o de deshumano, o entregou aos algozes, para que delles cobrassem a divida inteira.

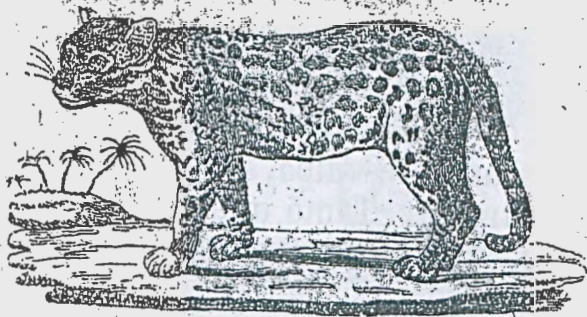
Reprebende Jesus o zelo inconsiderado de Thiago e João.—Separa setenta e dous discipulos a quem manda pregar.—Ensiná a um doutor da Lei como se ha de amar o proximo.—Hospeda-se em casa de Martha.

Ia-se chegando o tempo em que Jesus havia de deixar a terra, e como era mister fosse a Jerusaleem, mandou adiante alguns discipulos para que lhe preparassem hospitalidade n'uma cidade da Samaria. Não quizeram os habitantes d'aquella cidade recebê-los, e Thiago e João disseram então a Jesus: «Quereis, Senhor, que façamos descer fogo do céu, e que os abrazemos?» Virou-se Jesus para elles, e disse-lhes: «Não sabeis que



espírito vos deve dominar. O Filho do homem não veio a perder as almas, mas a fazel-as felizes » Seguiram seu caminho e foram pernoitar a outro lugar.

Por este mesmo tempo escolheu Jesus setenta e dous discipulos e mandou-os de dous em dous adiante de si por todas as cidades e lugares para onde elle tinha de ir, e lhes deu as mesmas instrucções que já havia dado aos apóstolos, e poder igual sobre os demonios, e terminou dizendo-lhes: « Quem vos ouve, a mim ouve, quem vos despreza, a mim despreza » Voltaram elles mui contentes dizendo: « Os mesmos demonios em vosso nome, Senhor, se nos sujeitam. » Jesus pe-



A ONÇA.

rem lhes respondeu: Não vos comprazais tanto porque os demonios vos obedecem, e alegrai-vos antes porque vossos nomes estão escriptos no céu. »

Depois disso levantou-se um doutor da lei, para tentar a Jesus e lhe disse: « Mestre que hei de eu fazer para possuir a vida eterna? — Que é o que está escripto na lei? Como lês tu? » Lhe respondeu Jesus. — Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo, disse o doutor. — Respondeste bem replicou Jesus, e obra assim e viverás » O doutor, porem, que-

ria passar por homem justo e fiel observador da lei, e instava por saber quem era o seu proximo. Jesus propoz então a parábola do bom Samaritano, que pertencia a uma religião diversa da dos Judeus, e disse: Um homem baixava de Jerusalem a Jericó, e veio a cair nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram do que levava, e depois de o terem maltratado com muitas feridas, se retiraram, deixando-o meio morto na estrada. Aconteceu pois que passava pelo mesmo caminho um Sacerdote e quando viu passou de largo. Também passou um Levita perto d'aquelle lugar, viu o homem ferido e não lhe deu soccorro. Mas um Samaritano, que ia seu caminho, montado a cavallo, chegou-se perto d'elle, e movido pela compaixão, apeou-se, atou-lhe as feridas, lançou nellas azeite e vinho, e pondo-o sobre a sua cavalgadura, o levou a uma estalagem, pagou adiantado ao estalajadeiro, e pediu que o tratasse como a si proprio. Não si importou pois o sacerdote com o homem ferido, e eram ambos da mesma religião. Do mesmo modo procedeu o Levita, e só o excommungado, o seismatico Samaritano teve compaixão do pobre Judeu, que pertencia a raça dos seus perseguidores. Por isso perguntou Jesus ao doutor, para que se applicassem a si mesmo a parábola: «Qual dos tres foi o proximo do ferido?—O que usou com elle misericordia, respondeu o doutor—Pois vai, lhe tornou Jesus, faze tu o mesmo.»

- Tinha Jesus entrado em uma aldeia, e hospedou-se em casa de Martha, irmã de Maria e de Lazaro. Sentou-se Maria aos pés do Senhor, e toda enlevada ouviu a sua palavra, e Martha, porem, andava toda afadigada na continua lida da casa, e dispunha e aparelhava tudo para tão divino hospede. Não poude Martha soffrer a negligencia de sua irmã, e apresentou-se diante de Jesus, e disse-lhe: «Senhor, a ti não se



te dá que minha irmã me deixasse andar servindo só? Dize-lhe pois que me ajude. — Martha, Martha, lhe respondeu Jesus, tu andas muito inquieta, e te embaracas com o cuidar em muitas cousas, entretanto só uma cousa é necessario, e Maria escolhen a melhor parte, que lhe não será tirada.»

Jesus Christo ensina seus discipulos a orar.

Um dia estava Jesus fazendo a sua oração, e quando acabou, lhe disse um dos seus discipulos: «Se-



O LINCE,

nhor, ensina-nos a orar, assim como tambem João ensinou aos seus discipulos.» Então deu-lhe Jesus nesta occasião, e em outras, as seguintes instrucções á cerca da oração.

Pureza de intenção

Quando vos dispordes a orar, disse Jesus: perdoai aos que poderiam ter-vos offendido. para que vosso Pai celestial vos perdoe vossos peccados. Se não lhes perdoardes, tambem Deus vos não perdoará.

Quando orardes não façais como os hypocritas que se mostram orando nas Synagogas e cantos das ruas para serem vistos dos homens. Também não é mister que multipliqueis muitas palavras, como fazem os pagãos pois cuidam que pelo seu muito fallar serão ouvidos.

Não queirais por tanto parecer vos com elles: porque vosso Pai sabe o que vos é necessario, primeiro que vós lhe peçais. Deste modo é que deveis orar:

«Padre nosso, que estais no Céu: santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino, e seja feita a tua vontade, assim na terra, como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoa-nos as nossas dividas assim como nós tambem perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixeis Senhor, cair em tentação e livra-nos do mal. Amem.»

Firme confiança em Deus.

«Alcancareis tudo o que pedirdes com firme confiança. Tudo que pedirdes a meu Pai, em meu nome, ser-vos-ha concedido, para que o Pai seja glorificado no filho. Quando pedirdes alguma coisa, em meu nome, eu vo-la darei. Se algum de vós outros pedir pão a seu Pai, acaso dar-lhe-ha elle uma pedra? Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, por ventura dar-lhe-ha um escorpião? Pois se vós outros, sendo máis, sabeis dar boas dadas a vossos filhos: quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará bens aos que lhe pedirem? E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o tambem vós a elles.»

Humildade.

Como alguns tinham em si grande confiança, e julgando-se justos desprezavam os outros, propoz-lhe esta parabola: «Subiram dous homens: ao Templo a fazer



oração, um Phariseu e outro Publicano. O Phariseu posto em pé, olhando a todos os outros como peccadores, orava lá no seu interior com uma refinada soberba, e dizia: «Graças te dou, meu Deus, por que não sou como os mais homens, que são um ladrões, uns injustos, uns adúlteros. Nem sou também como este Publicano, e jejuo duas vezes na semana e pago o dizimo de tudo o que tenho.» O Publicano, pelo contrario, posto lá de longe, metido em um canto, cheio



O LOBO.

de confusão e verdadeiramente humilhado, não ousava nem ainda levantar os olhos ao Cén., e batia nos peitos, dizendo: «Meu Deus, sê propicio a mim peccador.» Pois este, acrescentou Jesus, voltou justificado para sua casa, e não o outro: porque todo o que se exalta será humilhado e todo o que se humilha, será exaltado »

Perseverança.

Serviu-se o Divino Mestre de duas comparações, pa-

ra lhes fazer comprehender que é mister orar com perseverança. «Se qualquer de vós, lhes dizia, tiver um amigo, e for ter com elle á meia noite, e bater na sua porta, dizendo-lhe: *Amigo, empresta-me tres pães, porque me veiu um hospede de viagem, e nada tenho que lhe dar;* e se o amigo, ficando na cama, lhe responder: *Não sejas importuno, a porta já está fechada, e os meus criados já estão dormindo, não me posso levantar a dar-tos;* e se o outro perseverar em bater, digo vos em verdade, que no caso que elle se não levantar a dar-lhos, por ser seu amigo, certamente pela sua importunação se levantará, e lhe dará quantos pães precisar.»

Fazendo a outra comparação, disse: Havia em certa cidade um Juiz que não temia a Deus, nem respeitava os homens, e na mesma cidade havia tambem uma viuva que repetidas vezes lhe pedia justiça, dizendo: «Sustenta o meu direito contra o que contende comigo.» Por muito tempo o Juiz não lhe quiz dar deferimento, mas por ultimo disse lá consigo; «Ainda que eu não temo a Deus, nem respeito os homens, todavia como esta viuva me importuna, far lhe-hei justiça porque me é pesada, e quero ver-me livre d'ella.»

Depois accrescentou Jesus: «Em verdade vos digo: Pedi, e dar-se vos-ha: buscai, e achareis: batei, e abrir-se-vos-ha, porque todo o que pede, recebe: e o que busca, acha: e a quem bate, abrir-se-ha.» Daqui conclue S. Jeronymo que todo aquelle, que não recebe, que não acha e a quem se não abre a porta, é por que não pediu como devia, nem buscou com diligencia, nem bateu com perseverança.

---

Mostra Jesus quanto necessitamos da penitencia.—Sara uma mulher encurvada,—  
ensina a entrar pela porta estreita.

Naquelle tempo foram contar a Jesus que Pilatos, go-



governador da Judéa, mandára matar certos Galileus, que sacrificavam no templo. Então Jesus lhes disse: «Vós cuidais que aquelles Galileus por haverem padecido tão cruel morte, eram maiores peccadores que todos os outros da Galiléa? Não eram, eu vo-lo declaro: mas se vos outros não fizerdes penitencia, haveis de acabar como esses desgraçados. O mesmo deveis entender dos desoito Jerosolomitãos, que morreram esmagados, quando a torre de Siloe cahiu sobre elles. Não eram menos peccadores que os outros moradores de Jerusalem; mas vós todos acabareis da mesma sorte, se não fizerdes penitencia.» E para que não desprezassem o



O CÃO.

tempo saudavel para a penitencia de suas culpas, fez a seguinte comparação: «Um homem tinha uma figueira plantada na sua horta, e foi colher os figos. mas não achou nenhum. Então disse ao hortelão: Olha, tres annos ha que procuro figos nesta figueira, e não os acho: corta-a pois pelo pé, visto que inutilmente occupa a terra.—Senhor, deixai-a ainda este anno, por que vou escaval-a em redor, e lançar-lhe exterco, respondeu o hortelão. Se com isto der fructo, bom está, e senão, eu a cortarei depois.»

N'um dia de sabbado estava Jesus ensinando na Sinagoga, e viu ali uma mulher, que estava doente havia dezoito annos, e andava tão encurvada, que não podia olhar absolutamente para cima. Vendo-a Jesus, chamou-a, poz sobre ella as mãos, e disse-lhe: «Mulher, estas livre do teu mal. No mesmo instante ficou a mulher direita, e glorificava a Deus, mas o principe da Sinagoga, indignado de ver que Jesus fazia curas no dia de sabbado, disse para o povo: «Seis dias estão destinados para trabalhar: vinde pois nestes a ser curados, e não em dia de sabbado.» Mas Jesus respondendo-lhe disse: «Hypocritas, não desprende cada um de vós nos sabbados o seu boi, ou o seu jumento, e não os tira da estribaria, para os levár a beber? Porque rasão logo não se devia curar no dia de sabbado esta pobre filha de Abrahão, que ha dezoito annos padecia?» A estas palavras ficaram corridos seus adversarios, e todo o povo se alegrava de ver tantas maravilhas que fazia.

N'outra occasião veio um homem a Jesus, e perguntou-lhe: se seriam muitos os que se haviam de salvar. «Porfiai a entrar pela porta estreita, disse Jesus, porque vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Quando o pai de familia tiver entrado, e fechado a porta, vós outros estareis de fóra, e começareis a bater á porta, dizendo: «Senhor, abre-nos: e elle vos responderá: Não sei donde sois. Então começareis vós a dizer: Não somos aquelles, que em tua presença comemos, bebemos, e a quem tu ensinastes nas nossas praças. E elle vos responderá: Não sei donde vós sois e afastai-vos de mim, obreiros de iniquidade. —E ali será o choro o ranger dos dentes, quando virdes que Abrahão, Isaac, e Jacob, e todos os prophetas estão no reino de Deus, e que ficais fóra d'elle excluidos.»

Um sabado depois entrou Jesus em casa de um principe Phariseu a tomar a sua refeição. Achava-se tam-



bem ali um homem hydropico, e Jesus perguntou aos Phariseus: «E' permittido fazer curas no sabbado?» Ficaram elles calados e Jesus pegando no homem o curou e mandou embora, e disse aos Phariseus: «Quem ha dentre vós, que, se o seu jumento, ou o seu boi cair n'uma cacimba em dia de sabbado, o não tiré logo no mesmo dia?» Não lhes podiam replicar, e observando Jesus que tomavam elles os primeiros assentos na mesa, reprehendeu a sua vaidade, e assim lhes disse: «Quando fores convidado a algumas bodas não te assentes no primeiro lugar, porque pode ser que esteja



O GALGO.

ali outra pessoa mais authorisada do que tu, e o dono da casa te diga: «Dá o teu lugar a este.» Envergonhado irás então assentar-te n'outra parte, e por isso, quando forés convidado, vae tomar o ultimo lugar, para que o dono da casa te diga: «Amigo, senta-te mais para cima.» Servir-te-ha isso de gloria na presença dos que estiverem juntamente sentados á meza, porque todo o que se exalta, será humilhado, e todo o que se humilha, será exaltado.»

Depois demonstrou Jesus que viera chamar os homens para o banquete do céu, e disse: Um pai de fami-

lia fez uma grande ceia, e convidou a muitos. Chegou a hora da ceia e mandou um de seus servos a dizer aos convidados que viessem: porque tudo estava já aparelhado. Mas todos a uma começaram a escusar-se, e disse-lhe o primeiro: Eu comprei uma quinta, preciso vê-la, e rogo-te que me des por escusado. — Disse o outro: eu comprei cinco juntas de bois, vou experimentá-los, e rogo-te que me des por escusado. — Eu casei, disse um terceiro, e por isso não posso ir lá. Desculpam-se os mais com outros pretextos, e o servo deu conta a seu senhor de tudo isto. Irou-se o pai de família e disse ao servo: Vai ás praças e ás ruas da cidade, e traz-me cá quantos pobres e aleijados, e cegos e coxos achares, porque nenhum d'aquelles homens, que foram convidados, provará a minha ceia.»

N'esta parábola quiz mostrar Jesus que a ceia do pai de família é o banquete, que Deus offerce a todos os homens, aonde a mentira troca-se pela verdade, e o mal pelo bem. Mas neste mundo existem muitos homens fascinados pela ambição, engolfados na riqueza, e que recusam tomar assento no banquete, e desculpam-se dizendo, que não lhes sobra o tempo. Esta é a razão porque os pobres occuparão os lugares da mesa, porque têm fome, e feliz o que padece fome, por que ficará farto.

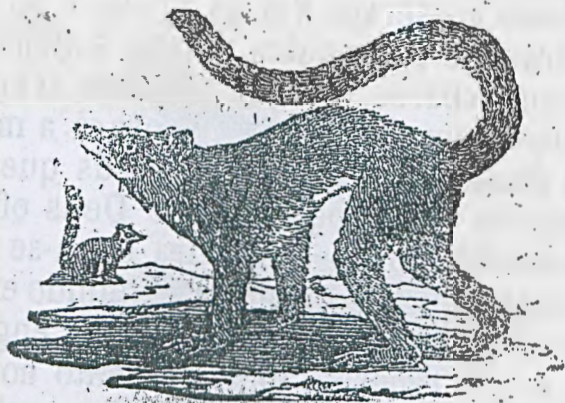
---

Parabolas consoladoras.

Entre as pessoas, que rodeavam de ordinario a Jesus Christo, havia muitos Publicanos e pessoas de má vida, que gostavam de ouvir sua palavra. Os Escribas e Phariseus não cessavam de estranhar uma tal familiaridade e Jesus para os convencer de quão injustamente eram queixosos, lhes disse: «Qual de vós outros é o homem, que tendo cem ovelhas, e desgarran-



do-se, e perdendo uma não deixa noventa e nove no deserto, e vai buscar a que se havia perdido, e achando-a, a não ponha sobre seus hombros, e venha convidar os seus amigos, dizendo lhes: Congratulai-vos comigo, por que achei a minha ovelha que se havia perdido? Assim haverá mais alegria no céu pela conversão de um peccador, que sobre noventa e nove justos, que não precisam de penitencia.—Ou que mulher ha, que tendo a insignificantissima quantia de dez drachmas, e perdendo uma, não acenda a candeia, e não varra a casa, e não na busque com mul-



O QUATI.

to sentido, até que a aché? e que depois de a achar, não convoque as suas amigas e visinhas para lhes dizer: Congratulai-vos comigo, porque achei a drachma que havia perdido? Assim vos affirmo, que se regosijarão os anjos por um peccador, que faz penitencia.»

#### O filho prodigo.

Com outra parabola patenteou mais esta verdade, Um homem tinha dous filhos, e o mais moço pediu a seu pai que lhe desse a parte da fazenda, que lhe tocava. Entrouxando tudo que era seu, partiu o filho ma-

is moço para uma terra muito distante, n'um paiz estranho e ali estragou em devassidões o que tinha recebido, e, apertado pela fome, viu-se obrigado a guardar os porcos de um rico lavrador. Andando roto, faminto e maltratado, entrou em si, lembrou-se da fatura da casa de seu pai, e exclamou com a maior dor: «Ah? quantos servos têm a estas horas pão com abundancia em casa de meu pai, em quanto eu aqui estou morrendo a fome! Já não posso por mais tempo soffrer este infortunio, e vou ter com meu pai, lançar-me a seus pés, e pedir-lhe perdão.» Com este louvavel arrependimento, dirigiu-se á casa de seu pai, e prostrado a seus pés, pediu ser tratado como os seus servos. Movido o pai de ternura, lhe lançou os braços ao pescoço e o beijou, em quanto o filho dizia: «Pequei meu pai, contra vós e não sou digno de ser vosso filho.» Esta humildade o congratou cordialmente com o pai, o qual, voltando-se para os criados lhe disse: «Vão já buscar o melhor vestido para meu filho e trazei tambem uma vitela bem gorda, pois quero hoje dar um banquete, e que nós regosijemos todos.» O irmão mais velho, que sempre tinha vivido como bom filho, mostrou-se enfadado quando ao recolher-se dos campos viu que se fazia por um dissoluto o que nunca se tinha feito por elle, que tinha sido fiel e morigerado. Mas apenas o pai soube o que se passava no seu coração, fez-lhe entender que todos os filhos eram igualmente estimados por um bom pai, e acrescentou: «Meu filho, teu irmão estava morto e agora resuscitou: estava perdido, e nós o tornamos a achar.»

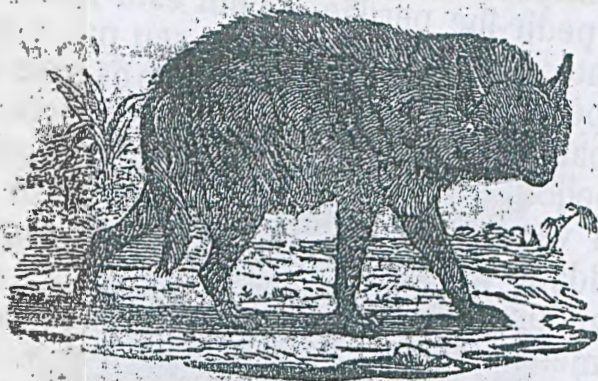
---

Parabola do feitor infel, = Confunde Jesus Christo a avareza dos Phariseus.

Para mostrar o proveito da esmola disse tambem Jesus a seus discipulos: «Um homem rico tinha um



feitor, que foi acusado de ladrão. Chamou-o o amo e lhe disse: Que é isso que ouço dizer de ti? Da conta da tua administração, porque já não poderás ser meu feitor. Vendo-se o feitor privado do seu officio, disse consigo mesmo: Que farei, visto que meu amo quer tirar-me a feitoria? Não posso cavalhar, e tenho vergonha de mendigar. Mas já sei o que hei de fazer, para que, quando for deitado fora da feitoria, ache quem me recolha em sua casa. Tendo pois chamado cada um dos devedores de seu amo disse ao primeiro: Quanto deves tu a meu amo? Cem cados de azeite, respondeu



A HIENA.

elle. — Toma tua obrigação, e escreve outra de cinquenta, que ficarás devendo, replicou o feitor. Depois disse a outro: E tu quanto deves? Cem côros de trigo, respondeu elle. — Toma o teu escripto, disse-lhe o feitor, e escreve oitenta. E o amo louvou o feitor iniquo, porque mostrou-se homem de juizo».

Com esta parábola ensinou Jesus a imitar, não a injustiça, mas a prudencia do feitor, que soube ganhar amigos na pessoa dos pobres, e por este modo mostrou que devem os ricos, por meio da esmola, adquirir tambem amigos, que o recebam no Céu.

Depois contou Jesus a parábola do rico avarento: «Um homem rico, disse Jesus, vestido de purpura, e linhos finos, todos os dias se banqueteava, e á sua porta estava deitado um pobre mendigo por nome Lazaro, todo coberto de chagas. O pobre Lazaro desejava fartar-se das migalhas, que cabiam da meza esplendida do rico avarento, mas ninguém lh'as dava, e somente os cães vinham lambe-lhe as feridas. Morreu o rico avarento, que não tinha tido compaixão dos pobres, e que era menos piedoso que os cães, e morreu também Lazaro, porem ambos tiveram diverso destino. Lazaro foi levado peios anjos ao seio de Abrahão, deposito das almas justas, e o rico foi sepultado no inferno, donde via, para maior castigo, o pobre mendigo venturoso no Ceu. Abrahão, meu pai, chamava o rico, tem compaixão de mim e ordena a Lazaro, que molhe na agua a ponta de seu dedo, e me venha refrescar a lingua, porque são grandes os tormentos, que soffro nestas chammas». Abrahão lhe responde: «Lembra-te que recebeste no mundo cabedaes e delicias, e que Lazaro não teve senão males: por isso esta elle agora consolado, e tu em tormentos».

A parábola do rico avarento pinta ao vivo o castigo dos ricos insensatos, que negam a esmola ao proximo necessitado, e que sendo meros depositarios da riqueza, que Deus lhes concede para o bem, lembram-se unicamente de si, e não se importam que seus irmãos andem nus, tremam de frio, ou morram de fome. Por isso, na outra vida são os males deste mundo compensados, e os pobres, ou os Lazaros, gozam no paraizo o descanso, a alegria, a bemaventurança eterna, e os maus ricos soffrem no inferno o remorso que abraza, a inquietação febril, e os tormentos dolorosos, porque não tiveram compaixão do proximo.



Jesus vai á festa dos Tabernáculos, e absolve a mulher adúltera. — Querem os Judeus apedrejal-o, porque diz ser o Filho do Padre Eterno.

Viera Jesus Christo a Jerusalem pela festa dos Tabernáculos, e ensinava no templo com grande admiração dos Judeus, que diziam entre si: «Como sabe este homem as Escripturas, sem as ter estudado?» Jesus Christo lhes respondeu: «A minha doutrina não vem de mim, porem de Deus, que me mandou ao mundo». Muitos do povo creram nas suas palavras e Jesus retirou-se aquella noite ao monte Olivete, a fim de evitar as perseguições dos Judeus.



O CHACAL.

No dia seguinte pela manhã veio ao templo, onde se poz a doutrinar o povo, que em roda d'elle se apinhava. Ali lhe trouxeram os Escribas e Phariseus uma mulher apanhada em adulterio, e pondo-a na sua presença, no meio d'aquelle povo, lhe disseram: «Esta mulher commetteu adulterio, e manda Moysés na lei, que os que estão certos do crime a apedrejem. Que dizes tu?» Faziam esta questão capciosa para accusarem a Jesus de violador da lei, se absolvesse a mulher, ou de crueldade, se a mandasse apedrejar. Porem, Jesus não disse palavra, e abaixando-se, poz-se a es-

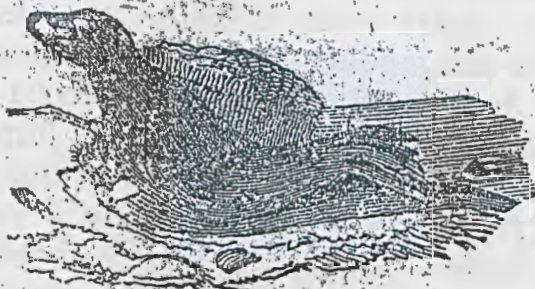
crever com o dedo na terra. Como os Phariseus perseveravam que respondesse, Jesus então se ergueu, e disse: «Atire-lhe a primeira pedra, quem se achar sem culpa». E tornou a curvar-se e a escrever. Foram-se todos retirando attonitos da resposta não esperada, e instigados de roedores remorsos. Quando Jesus viu que ficava só, perguntou a mulher: «Onde estão os que te accusavam? Ninguém te condemna?—Não, Senhor, respondeu ella.—Nem eu te condemnarei, tão pouco, disse Jesus. Vai-te, e não tornes a pecar».

Augmentava de dia em dia o odio que os Judeos conceberam contra Jesus Christo, mas esse odio não lhe impedia pregar-lhes a verdade, e lhes dizia que era á luz do mundo, e que não andaria em trevas quem o seguisse, mas que teriam o lume da vida. Replicaram os Phariseus: «Tu es o que das testemunho de ti mesmo, e por tanto não é verdadeiro o teu testemunho». Então Jesus respondeu: «O meu testemunho é verdadeiro, pois sei donde vim, e para onde vou, mas vós não sabeis donde eu venho, nem onde vou. Julgais segundo a carne, e, se eu julgo alguém, o meu juizo é verdadeiro, porque eu não sou só e também represento meu pai, que me enviou ao mundo. E na vossa mesma lei está escripto que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro».

Estas verdades, que deslumbavam os soberbos, esclareciam a outros que davam credito ás suas palavras. Disse que seriam seus verdadeiros discipulos, se fossem firmes em observar a sua doutrina, e que entrariam na verdade, e que por ella seriam libertados. Replicaram os Judeus que eram filhos de Abrahão, e que, portanto, eram livres, e não escravos. «Mas quem peca, lhes dizia Christo, captiva-se ao pecado, e só é livre quem d'elle se descativa. Sim, sois filhos de Abrahão, mas segundo a carne, e regeitando a verdade



vos fazeis filhos da mentira e do demônio». Depois de varias razões, que lhes deu, disse-lhes: «Não é nada a minha gloria, se eu glorifico a mim mesmo: porém meu Pai, aquelle que dizeis ser vosso Deus, é quem me glorifica. Vosso pai Abrahão desejou ansiosamente ver o meu dia: viu-o, e ficou cheio de gozo.— Não chegas, lhe disseram, a cincoenta annos, e viste Abrahão, que morreu ha tantos seculos?— Por certo lhes respondeu, por certo que antes de Abrahão era eu». Aqui pegaram em pedras para apedrejal-o; porém Jesus se occultou, e sahio do Templo, evitando



A PHÓCA.

por então o arrojo de seus inimigos para se entregar a todo o seu odio, quando lhe chegasse o tempo de padecer.

---

Jesus dá vista a um cego de nascimento.— Significa ser elle o bom pastor.— Cura dez leprosos, e ensina em que consiste o reino de Deus.

Passava um dia junto de Jesus Christo um cego de nascimento, e os discipulos lhe perguntaram, se tinha cegado por pecados seus, ou pelos de seus pais. «Não cegou por pecados seus, nem pelos de seus pais, respondeu Christo, mas sim para que nelle mais resplandecam os prodigios do poder divino». Dito isto cuspiu no chão, fez lodo do cuspo, e untou com o lodo os olhos.

do cego, e lhe disse: «Vai, e lava-te no tanque de Siloé». Os visinhos, e quantos o conheciam de pedir esmola, não davam credito a seus olhos, e duvidavam se era o mesmo ou outro parecido com elle. «Sou eu mesmo, a quem Jesus deu vista, dizia o cego a todos». Como este milagre fôra feito n'um sabado, indignaram-se os Phariseus, e altercavam com o mancebo, que tinha sido curado, mas elle respondeu-lhes: «Cousa pasmosa é que não saibais que é Filho de Deus quem com milagres dá olhos a um cego de nascimento». Espancaram-no, mas Jesus o acolheu com bondade, e lhe disse: «Crês no Filho de Deus?—Creio, Senhor», disse o cego, e prostrado a seus pés o adorou.

Para confundir a vaidade dos Phariseus, que, sendo cegos, queriam servir de guia aos outros, disse-lhes: «O bom pastor abre a porteira do aprisco, tira para fóra as ovelhas, caminha adiante, chama-as pelos seus nomes e ellas o seguem, porque conhecem a sua voz. Porém o máu pastor, o homem mercenário, deixa as ovelhas, e foge, quando vê vir o lobo, e não se sacrifica por ellas, porque lhe não pertencem. Por isso as ovelhas não seguem o máu pastor, e fogem d'elle, porque não lhe conhecem a voz. Todos quantos tem vindo são ladrões e roubadores, e não vieram senão a furtar, a matar, e a perder. Eu sou a porta do aprisco das ovelhas, e se alguém entrar por mim será salvo. Eu sou o bom pastor e conheço as minhas ovelhas, e as que são minhas me conhecem a mim. O bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas». Declarando-lhes, enfim, que não eram os Judeus as unicas ovelhas por quem tinha de morrer, mas que os Gentios deviam tambem ser guiados ao redil, e que de todos, que lhe ouvissem a voz, fariam um só rebanho, sendo elle o unico pastor.

Entrava Jesus n'uma aldeia, e saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, que se pizeram de longe, e levam-



taram a voz, dizendo: «Jesus, nosso Mestre, compadecei-vos de nós». Jesus tanto que os viu, disse-lhes: Ide mostrar-vos aos sacerdotes». Partiram os leprosos, e no caminho ficaram sãos, e um delles, que era Samaritano, quando vio que havia ficado limpo, não poude resistir ao sentimento da gratidão, voltou atraz, engrandecendo a Deus em altas vozes, e veio lançar-se aos pés de Jesus com o rosto em terra, dando-lhe as graças. Para patentear mais o humilde agradecimento do Samaritano, e a ingratidão dos Judeus, que fica-



A. MUCUNA.

ram curados, Jesus disse, como admirando-se: «Não sararam todos os dez? Onde estão os nove? Só entre todos se achou este estranho para vir dar gloria a Deus?! Ergue-te e vai, que tua fé te salvou».

Perguntaram os Phariseus a Jesus, quando viria o reino de Deus, e Jesus-lhes responden: «O reino de Deus não virá com mostras algumas exteriores, e por isso não se dirá: Eil-o aqui, ou eil-o acolá, porque o reino de Deus está dentro em vós». Por estas palavras queria dizer Jesus: o Messias que esperais, já veio, está no meio de vós. Os Phariseus, que estavam cheios de orgulho, amavam as riquezas, a pompa exte-

rior, como os príncipes da terra, e por isso Jesus lhes ensinava que o reino de Deus consistia na brandura, na humildade, na justiça, e na caridade.

Quam difficil e salvarem-se os ricos.—Recompensas reservadas aos que seguem a Jesus Christo.—Parábola dos trabalhadores da vinha.

Tendo saído Jesus para se pôr a caminho, veio correndo para elle um mancebo nobre e rico e pondo o joelho em terra, lhe fez esta supplica: «Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?—Por que me chamas tu bom? lhe perguntou Jesus. Ninguém é bom senão Deus. Tu sabes os mandamentos: Não commettas adulterio, não mates, não furtos, não digas falso testemunho, não commettas fraudes; honra a teu pai e a tua mãe, e ama ao teu proximo como a ti mesmo. Se queres ganhar a vida eterna, guarda pois os mandamentos.—Mestre, replicou o mancebo, desde a minha mocidade tenho eu observado á risca todos os mandamentos, o que é que me falta ainda?» Jesus amou a simplicidade com que fallou o mancebo, e disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um thesouro no Céu. Depois vem, e segue-me». Ficou o mancebo desgostoso das palavras que ouvira, porque era muito afazendado, e foi-se todo triste; e Jesus, olhando em roda, disse a seus discipulos: «Meus filhos, quão difficil cousa é entrarem no reino de Deus os que confiam nas riquezas! Ainda vos digo mais: Que mais facil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos Ceus». Os discipulos, ouvindo estas palavras, conceberam grande espanto, dizendo: «Quem poderá logo salvar-se?» Então Jesus, olhando para elles, disse: «Aos homens é isto impossivel: mas a Deus tudo é possivel».



Depois disse Pedro a Jesus: «Eis aqui estamos nós, que deixamos tudo, e te seguimos: Qual será pois o nosso galardão? — Em verdade vos affirmo, respondeu Jesus, que vós, quando no dia da resurreição estiver o Filho do Homem sentado no Throno de sua Gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thronos, e julgareis as doze tribus de Israel. E todo que deixar, por amor do meu nome, a casa ou os irmãos, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou a fazenda receberá cento por um, e possuirá a vida eterna».



O PORCO ESPINHO.

Depois Jesus propoz a seus discipulos esta parábola: «Um homem saiu ao romper da manhã a assalarar trabalhadores para a sua vinha, e, feito com elles o ajuste sendo o preço um dinheiro por dia a cada um, mandou-os trabalhar. Tendo saído ás nove horas, viu estarem outros na praça ociosos, e disse-lhes: Ide vós tambem para a minha vinha, e dar-vos-hei o que for justo. Ao meio dia mandou outros, assim como ás tres horas, e até a uma hora antes do pôr do sol, promettendo a todos dar paga arrazoada. Chegada a

noite, chamou os trabalhadores, e pagou-lhes o jornal, começando pelos ultimos, e acabando nos primeiros. Cada um dos que vieram a ultima hora teve em paga um dinheiro, assim como cada um dos que vieram ás tres horas; ao meio dia, e as nove. Os que vieram de manhã, e trabalharam todo o dia, julgaram que teriam maior paga: porem tambem estes não receberam mais do que um dinheiro, e ao recebê-lo murmuravam, dizendo: Os que vieram ultimos não trabalharam senão uma hora, e tu os agualaste com nosco, que aturamos o pezo do dia e da calma. — Amigos, respondeu o dono da vinha, não conviêstes comigo a um dinheiro, cada um? Não vos faço pois agravo, e tomar o que vos pertence. Não me será licito fazer a minha vontade? Quero dar aos ultimos tanto como a vós: sou senhor do meu dinheiro, e posso dal-o a quem me agradar». Deste modo concluia Jesus: «Serão ultimos os primeiros, e primeiros os ultimos, porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos».

Jesus abençoa os meninos. — Casamento indissolúvel. — Ressurreição de Lazaro.

Voltou Jesus para as margens do Jordão, e ali viam muitos Judeus, e creram na sua doutrina. Então algumas pessoas lhe traziam os seus meninos, para lhes impor as mãos, porem os discipulos os repeliam com palavras asperas, e ameaçavam aos que lh'os apresentavam. Jesus levou isso muito mal, e chamando a si os meninos, disse: «Deixai vir a mim os meninos, e não os embaraceis, porque dos taes é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Todo o que não receber o reino de Deus, como um menino, não entrará nelle».

Os Phariseus chegaram-se a Jesus, e querendo tentá-lo, disseram-lhe: «É por ventura licito a um ho-



mem repudiar a sua mulher, por qualquer causa?—Não tendes lido, lhes respondeu Jesus, que Deus creou o homem desde o principio, e fez-o macho e femêa? Por isso deixará o homem pai e mãe e ajuntar-se-há com sua mulher, e serão dois n'uma só carne, e o que Deus pois ajuntou, não deve ser separado pelo homem». Não se deram por convencidos os Phariseus, e replicaram-lhe: Mas porque mandou Moyses dar o homem á sua mulher carta de desquite, e repudial-a?—Pela dureza de vossos corações e provendo maiores males, Moyses, vos permittiu repudiar as vossas mulheres, lhes respondeu Jesus, mas no principio não foi assim. Eu pois vos declaro que todo aquelle que repu-



A LEBRE.

diar sua mulher, e casar com outra, commette adulterio, assim como aquelle que casar com a que outro repudiou».

Andando pois Jesus pelas ribeiras do Jordão, cahiu enfermo Lazaro a quem elle muito amava. A doença era mortal, e suas irmãs Martha e Maria mandaram chamar a Jesus para que o viesse curar! Chegou Jesus e achou que Lazaro estava na sepultura havia já quatro dias, e suas irmãs recebiam pezames de muitos Judeus. Sahiu Martha a recebê-lo, e disse-lhe: «Senhor, se tu houveras estado aqui, não morrera meu irmão; mas sei que vos concederá Deus quanto lhe perdirdes.—Teu irmão resuscitará, lhe respondeu Jesus».

—Eu sei que elle ha de resurgir na resurreição, que haverá no ultimo dia, replicou Martha.—Eu sou, disse Jesus, a resurreição e a vida, e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Crês isto?—Creio, Senhor, que sois o Christo, Filho de Deus, que vieste a este mundo, respondeu Martha».

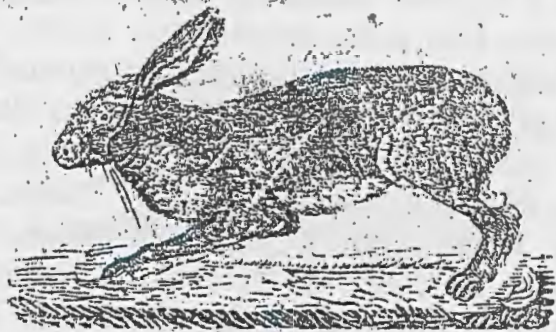
Dizendo estas palavras, retirou-se Martha, e foi chamar em segredo a sua irmã Maria, e disse-lhe que Jesus tinha chegado, e queria vel-a. Maria levantou-se logo, sahiu para fóra, e foi em busca de Jesus, e os Judeus, que estavam com ella em casa, e vendo que se havia levantado tão depressa, e tinha saído, foram em seu seguimento, e diziam: «Ella vai chorar no sepulchro».

Ainda Jesus não tinha entrado na aldeia, e estava no mesmo lugar, onde Martha saira a recebê-lo. Chegou Maria, onde estava Jesus, e tanto que o viu, lançou-se aos seus pés, e disse-lhe: «Senhor, se tu houveras estado aqui, não morrerá meu irmão». Jesus vendo-a chorar, e os Judeus, que a seguiram commoveu-se, e chorou, o que foi causa de dizerem os Judeus: «Vejam como elle o amava». Então foi Jesus ao sepulchro e disse: «Tirai a campa.—Senhor, elle já cheira mal, porque foi enterrado ha quatro dias, respondeu Martha.—Não te disse eu, replicou Jesus, que se tu creres, verás a glória de Deus? Arredada a pedra, que fechava a entrada do jazigo, talhada na rocha, orou Jesus, e depois bradou em alta voz: «Lazaro, Lazaro, levanta-te, e sai para fóra». No mesmo instante a voz de Jesus, retumbando na concavidade da sepultura, fez recuar a morte, e Lazaro se levantou com os pés e as mãos ainda ligados com as ataduras e o rosto involto n'um lenço. Mandou Jesus que o desligassem e o desenvolvessem, e os Judeus, vendo estes prodigios, abençoaram a Jesus.



Jesus faz com os seus discipulos a ultima viagem a Jerusalem.—Convertê Zacheu em Jerichó, e vai ceiar em Bethania.

Era chegada a festa da Pascoa, e antes de partir para Jerusalem, disse Jesus a seus discipulos: «Vamos emfim a Jerusalem para que se cumpra no Filho do homem o que os Prôphetas escreveram, isto é, que será entregue aos principes dos sacerdotes, e aos Escribas, que o condemnarão á morte, e depois o entregarão aos gentios, para ser escarnecido, cuspidado, acoutado e crucificado; mas no terceiro dia resurgirá». Este fallar anticipado acerca de sua morte não comprehendem melhor os Apostolos, que nas outras vezes antecedentes, porque,



O COELHO.

segundo o Evangelho, era um segredo, e por isso não penetravam cousa alguma do que se lhes dizia.

Continuando a jornada chegaram á cidade de Jerichó, aonde morava Zacheu, um dos principaes entre os Publicanos, e pessoa rica. Procurava Zacheu ver a Jesus, para saber quem era, e não podia conseguir por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura, e correndo adiante subiu a um sicômoro, ou figueira silvestre, que dava para a estrada. Quando Jesus chegou áquelle lugar, levantando os olhos ali o viu, e disse-lhe: «Zacheu, desce depressa, porque importa que eu fique hoje em tua casa». Desceu logo.

Zacheu, recebeu gostoso a Jesus, e, vendo isto, muitos murmuravam, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador. Mas Jesus mostrou logo a milagrosa mudança do coração do Publicano, como o medico que apenas entra dá melhoras ao doente, porque Zacheu, posto na sua presença, disse-lhe: «Senhor, quero dar aos pobres a metade dos meus bens, e n'aquillo em que eu tiver defraudado alguém, pagar-lhe-hei quadruplicado». E Jesus o recompensou, dizendo: «Hoje entrou a salvação em tua casa, porque tambem és filho de Abrahão, e o Filho do homem veiu buscar, e salvar o que tinha perecido».

Seis dias antes da Pascoa chegou Jesus a Bethania, onde havia pouco resuscitara a Lazaro, irmão de Martha e de Maria. Hospedou-se em casa de Simão, o leproso, e ali lhe aparelharam a comida, e estava Lazaro á meza, e Martha e Maria serviam. Nessa occasião Maria chegou-se a Christo com um vaso de alabastro, cheio de oleo precioso de perfume de nardo, e lh'o derramou pelos pés, e quebrando o vaso lhe lançou o resto sobre a cabeça. Recendia a casa toda com o perfume, e os Apostolos murmuravam deste desperdicio de balsamo, porque, segundo pensavam, podia elle vender-se por mais de 300 dinheiros, e dar-se esse producto aos pobres. Judas Iscariotes, mais que todos, murmurava, não que tivesse a peito os pobres, mas porque era ladrão, e, como era o dispenseiro, quizera com este dinheiro dar pasto á sua avareza. Jesus tomou a si defender Maria, e lhes disse: «Deixa-a, porque a molestais? Ella fez-me uma boa obra, porque vós sempre tendes comvosco os pobres, para que quando lhes queiraes fazer bem, lhe possais fazer; porém a mim não me tendes sempre. Esta mulher fez o que cabia nas suas forças, e antecipadamente quiz embalsamar o meu corpo para a sepultura». Em verdade vos



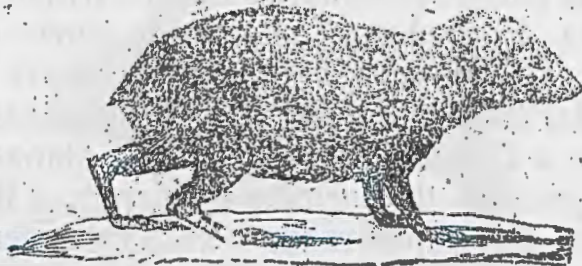
digo: «Onde quer que for pregado este Evangelho, que será em todo o mundo, será também contado para a sua memoria, o que esta mulher obrou».

Já se sabia em Jerusalem que Jesus estava em Bethania, e muitos Judeus o vinham ver, e também a Lazaro, que os principes dos sacerdotes assentaram de matar, porque por sua resurreição muitas pessoas criam em Jesus Christo.

---

Entra Jesus triumphante em Jerusalem, e chora sobre aquella cidade.—E glorificado por uma voz que se ouve do céu.

No dia seguinte Jesus deixou Bethania, e perto de Bethfage, villa situada na raiz do monte Olivete, dis-



A CUTIA.

tante seiscentos passos de Jerusalem, enviou dous de seus discipulos, e disse-lhes: «Ide a essa aldeia, que está defronte de vós, e logo que entrardes, achareis prezo um jumentinho, em que ainda não montou homem algum: soltai-o, e trazei-o. E se alguém vos perguntar: Porque o soltais vós? dir-lhe-heis assim: Porque o Senhor deseja servir-se d'elle». Partiram pois os que tinham sido enviados, e acharam o jumentinho atado de fóra da porta, n'uma encruzilhada, e desprenderam-no, e os donos o deixaram levar, como tinha dito Jesus.

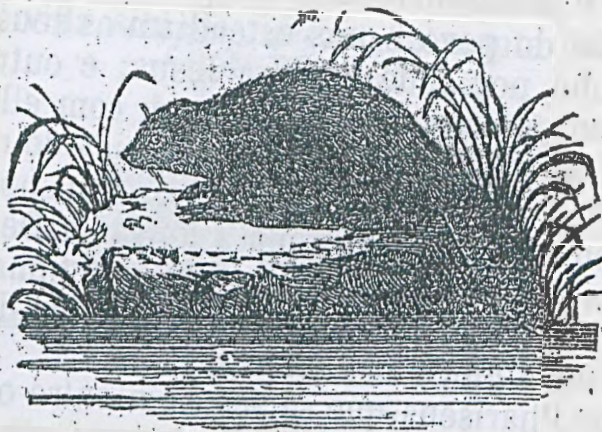
pascoa e muitos, que haviam presenciado o milagre da resurreição de Lazaro, sabendo que Jesus vinha a Jerusalem, tomaram ramos de palma, e saíram a recebê-lo, e tanto os que iam adiante como os que o seguiam atraz, gritavam dizendo: «Hosana ao Filho de David: bendito seja o rei de Israel, que vem em nome do Senhor: hosana nas maiores alturas». Montou Jesus no jumento, coberto com a vestidura dos discipulos, e assim marchou em triumpho, para se cumprir o que tinha dito o propheta Zacharias: «Dizei á filha de Sião: Eis ahi vem o teu rei, que vem a ti cheio de doçura, montado sobre o jumentinho, filho da jumenta». Era grande a multidão do povo, e uns estendiam os seus vestidos no caminho, por onde passava Jesus; e outros cortavam ramos de arvores, e juntavam com elles a passagem, e quando ia chegando á descida do monte das Oliveiras, todos os seus discipulos, transportados de gosto, começaram de chusma a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas, que tinham visto e diziam: «Bendito o rei, que vem em nome do Senhor: paz no céu, e gloria nas alturas».

Alguns Phariseus, que se achavam entre o povo, não viam com bons olhos as grandes honras, que se davam a um homem a quem queriam tirar a vida, e, não podendo refrear a indignação, disseram a Jesus: «Mestre, porque não mandas calar a teus discipulos? — Seguro-vos, respondeu Jesus, que as mesmas pedras clamarão, se elles se calarem». Chegaram enfim perto de Jerusalem, e ao ver a cidade chorou Jesus sobre ella, e disse: «Ah, se ao menos neste dia, que agora te foi dado, conhecesses ainda tu o que te pode trazer a paz! Por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos, porque virá um tempo funesto para ti: no qual os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te



irão em aperto de todas as partes, e te derribarão por terra a ti, e a teus filhos, e não deixarão pedra sobre pedra».

Nessa occasião estavam em Jerusalem muitos Gentios, que tinham vindo adorar a Deus no dia da festa, encaminharam-se a Filippé, que era de Bethsaida de Galiléa, e disseram-lhe que tinham grande desejo de ver a Jesus. Filippe deu parte a Andre, e ambos foram a Jesus, que lhes respondeu: «É chegada a hora em que o Filho do Homem será glorificado. Se alguém me serve, siga-me: e onde eu estiver estará



O CASTOR.

ahi tambem o que me serve. Se alguém me servir meu Pai o honrará». Então Jesus quiz sentir os horrores da morte, e excitou em sua alma tamanha agitação, que rompeu nestas palavras: «Agora presentemente a minha alma está turbada. E que direi eu? Pai, livra-me desta hora. Mas para padecer nesta hora é que eu vim a ella. Pai, glorifica o teu nome». De repente veiu esta voz do céu, e disse: «Eu não só o tenho glorificado, mas ainda segunda vez o glorificarei». O povo, que ali estava, e ouvira aquella voz, dizia que havia sido um trovão. Outros, porém,

diziam que tinha falado algum anjo, e a tal respeito Jesus lhes respondeu: «Está vós não vem por amor de mim, mas vem por amor de vós outros. Ainda por um pouco de tempo está a luz com vosco. Andai enquanto tendes luz, para que não vos apanhem as trevas, e crede na luz, para que sejais filhos da luz».

Isto disse Jesus, e retirou-se, e foi pernoitar em Bethania.

Jesus amaldiçoa a figueira, e lança do templo os vendedores—Préga aos Sacerdotes e Doutores.

Voltoq Jesus a Jerusalem, na manhã seguinte, sentindo fome, viu ao longo uma figueira, e lá a ver se acharia n'ella alguma coisa. Não tinha a figueira senão folhas porque não era tempo de figos e Jesus lhe disse: «Nunca jamais nasce fruto de ti»

D'ahi foi Jesus ao Templo, e começou a lançar fora aos que vendiam e compravam, e derribou as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos que vendiam pombas, como fizera no principio de seu ministerio, dizendo: «Por ventura não está escripto que a minha casa é casa de oração? E vós tendes feito della um covil de ladrões.» Os Escribas e Phariseus ficaram indignados com este procediment-, e quizeram matar a Jesus; mas não ousaram prendel-o, porque o povo o cercava e proclamava os seus louvores.

Sobre a tarde sahio Jesus de Jerusalem, onde voltou na manhã seguinte, e os seus discipulos, ao passarem pela figueira, viram admirados que estava seca até a raiz, e murchas e caidas as folhas. Então disse Pedro a Jesus: «Olha, Mestre, como se secou a figueira, que tu amaldiçoaste.—Na verdade vos digo, respondeu Jesus, que se tiverdes fé, e não duvidardes, não só fareis o que eu acabo de fazer á figueira, mas ainda se disserdes a este monte: *tira-te e lança-te no mar*, assim



se fará. E todas as cousas, que pedirdes, fazendo oração com fé, haveis de conseguir. Mas quando vos puseres em oração, se tendes alguma cousa contra alguém, perdoai-lhe, para que também vosso Pai, que está nos Céus, vos perdoe vossos peccados.

Depois entrou Jesus no templo, e começou a prégá-lo ao povo, e se chegaram a elle os Principes dos Sacerdotes, e os Escribas, e os Magistrados, e lhe disseram: «Com que auctoridade fazes tu estas cousas? Quem te deu este poder para fazer estas cousas?» Esta questão fundava-se no principio de que nenhum deve dar-se a si mesmo a auctoridade do Ministerio sagrado; mas que



O COATIPURU.

a deve receber, ou immediatamente de Deus, ou de Deus por meio dos Superiores ordinarios e legitimos. Jesus, porem, confundiu ao seus inimigos, dizendo-lhes: «Eu também vos farei uma pergunta e se me responderdes, vos direi com que auctoridade faço estas cousas. O baptismo de João era do Céu, ou dos homens? Respondei-me.» Mas elles faziam lá comsigo este juizo, discorrendo: «Se nós dissermos que era do Céu, dir-nos-ha elle: Porque rasão logo não crestes nelle? Se dissermos que dos homens, temos medo do povo porque todos tinham a João em conta d'um propheta.» Por isso dissêram a Jesus: «Não sabemos.— Pois

nem eu tão pouco respondeu Jesus, vos direi com que authoridade faço estas cousas.»

Para dar a conhecer aquelles hypocritas qual seria o castigo do aborrecimento injusto, e da obstinação com que regeitavam a verdade, que lhes annunciava, propoz Jesus varias parabolás e entre ellas a seguinte: Um homem tinha dois filhos: e chegando-se ao primeiro lhe disse: «Filho, vai hoje trabalhar na minha vinha — Não quero, disse o filho, mas depois, tocado de arrependimento, foi. Chegou-se o pai ao outro filho, e tambem lhe disse que fosse trabalhar na vinha. Eu vou meu pae, disse o filho, e não foi.» Então perguntou Jesus aos Escribas, e Phariseus: «Qual dos dous fez a vontade de seu pae? — O primeiro, disseram elles! — Na verdade vos digo, replicou Jesus, que os Publicanos e as meretrizes vos levarão a adianteira para o reino de Deus. Veiu João a vos no caminho da justiça, e não o crestes, e os Publicanos e as mulheres de má vida o creram. Vós outros, vendo isto, nem ainda fizestes penitencia, e perdereis a salvação.»

---

Jesus Christo confunde os Phariseus e os Saduceus. — Manifesta qual é o maior dos mandamentos. — Louva a esmola da viuva pobre, e reprehende os Phariseus.

Pensavam com razão os Phariseus que as parabolás que Jesus propunhase applicavam a elles, e por isso buscavam occasião de o crimina-rem em justiça. Já n'aquelle tempo havia o abominavel mister de *espias provocadores*, e os Phariseus, como andavam sempre com os olhos em Jesus para ver se o deitavam a perder, mandaram enviados, e com elles alguns Herodianos para que, fingindo serem *homens de bem*, o apanhassem no que dissesse, afim de o entregarem á jurisdicção e poder do governador. Chegaram os espias, e disseram a Jesus: «Mestre, sabemos que es homem verdadeiro, e



que ensinas o caminho de Deus pela verdade, e não se te dá de ninguém, porque não fazes ascepção de pessoas. Dize-nos pois, qual é o teu sentimento: E' lícito pagar o tributo a Cezar, ou não?» Jesus, conhecendo-lhes a sua malícia, disse: «Porque me tentais, hipócritas? Dai-me cá um dinheiro para ver.» Trouxeram-lhe uma moeda, e Jesus lhes disse: «De quem é esta imagem e inscrição? — De Cezar, responderam elles, — Então lhes replicou Jesus, dai a Cezar o que é de Cezar, e a Deus o que é de Deus.» Os espias, não sabendo, o que lhe dizer, admiraram a resposta, e retiraram-se envergonhados.

N'aquelle mesmo dia vieram os Saduceus, que não



A MARMOTA.

acreditavam na resurreição, e disseram a Jesus: «Mestre, Moyzes disse: Que se morrer algum, que não tenha filho, seu irmão case com sua mulher, e dê successão a seu irmão. Ora, entre nós havia sete irmãos; depois de casado falleceu o primeiro, e, porque não teve filho, deixou sua mulher a seu irmão. O mesmo succedeu ao segundo e terceiro, até o setimo, e ultimamente depois de todos falleceu a mulher. A qual dos sete pertencerá a mulher na resurreição? — Não entraes, lhes respondeu Jesus, no sentido das escripturas, nem comprehendes o poder de Deus. Neste mundo foi instituido o casamento para a procreação e successão dos



homens, e no Ceu não terá lugar, porque todos serão semelhantes aos Anjos, que não casam nem casarão.» E pelas mesmas Escripturas demonstrou que a respeito de Deus vivem os mortos, e que pelo seu poder hão de resuscitar.

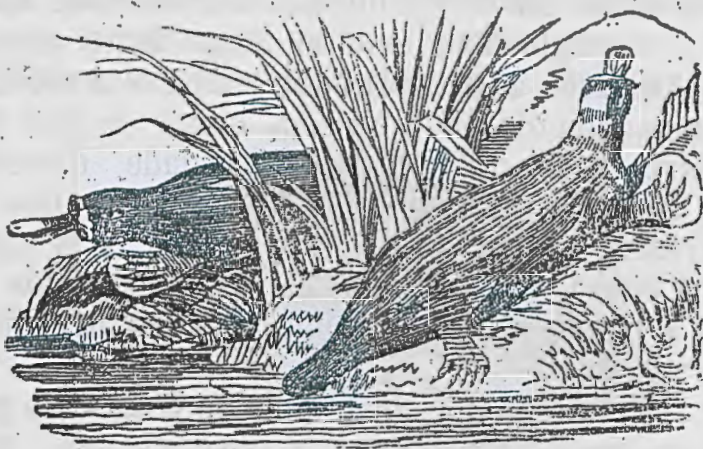
Nessa occasião se chegou um dos Escribas, que o tinha ouvido disputar, e vendo que Jesus lhes havia respondido bem, lhe perguntou qual era o primeiro de todos os mandamentos. «O primeiro mandamento, respondeu Jesus, e o maximo é este: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. E o segundo mandamento, semelhante ao primeiro, é: Amarás ao teu proximo como a ti mesmo. Nenhum mandamento ha, que seja maior do que estes.—Mestre, disse o Escriba, na verdade disseste bem, que Deus é um só, e que o amor a cada um de todo o coração, e amor ao proximo como a si mesmo, é uma cousa que excede todos os holocaustos e sacrificios.» Desde então ninguém mais se atreveu a fazer-lhe perguntas.

Estava Jesus assentado no templo de frente do gazofilacio, ou caixa das esmolás, e observava de que modo o povo deitava ali o dinheiro, e muitos, que eram ricos, faziam as offerendas com mão larga. Viu tambem uma pobresinha viuva, que lançava duas pequenas moedas, que importavam no valor de dous reis, e, chamando a seus discipulos, disse-lhes: «Na verdade vos affirmo, que deitou mais esta viuva, que todos os outros que lançaram no gazofilacio, porque todos os outros deram do que tinham em abundancia, e ella deu da mesma pobreza, e tudo que lhe restava para seu sustento.»

Depois invectivou Jesus contra a maldade e hypocrisia dos Escribas e Phariseus, disendo: «Os Escribas e



Phariseus assentaram-se na cadeira de Moysès, porem  
fazei tudo o que elle vos dizem, mas não obreis segun-  
do a pratica das suas acções, porque dizem e não fa-  
zem. Ai de vós, Escribas e Phariseus hypocritas, que  
pagais pontualmente o dizimo das couzas de pouco va-  
lor, como a ortelã, o endro, o cominho, a arruda e ha-  
veis deixado as cousas, que são mais importantes da  
lei, a justiça, a misericordia, e a fé. Ai de vós condu-  
tores cegos e estultos, que coais um mosquito e engo-  
lis um camello, e carregais os homens de obrigações,  
que elles não podem desempenhar, e vós nem com um



O ORNITORINGO.

dedo vosso lhes aliviais a carga. Ai de vós Phariseus,  
que gostais de ter nas sinagogas as primeiras cadeiras  
e de que vos saudem na praça, e que por fóra vos mos-  
trais na verdade justos aos homens, mas por dentro  
estais cheios de hypocrisia e iniquidade. Ai de vos, Es-  
cribas e Phariseus hypocritas, porque sois semelhantes  
aos sepulchros branqueados, que parecem por fóra for-  
mosos, e por dentro estão cheios de ossos de mortos  
e de toda a asquerosidade e podridão. Serpentes, raças

de vobras, como escapareis vos de serdes condemna-  
 dos ao inferno?!» E voltando-se para todo o povo, dis-  
 se: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os prophetas e  
 apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quiz  
 eu reunir teus filhos, como a galinha junta seus pintos  
 debaixo das azas, e não quizeste! Vossas casas serão  
 devastadas, e não me vereis mais, até que digaes:  
 Bemdito seja o que vem em nome do Senhor.»

Jesus Christo ensina a vigiar. — Parabola das dez virgens e dos servos  
 fieis. — Descrição do juizo final.

Não restava a Jesus Christo senão preparar a seus  
 discipulos para o segundo advento, e por isso lhes dis-  
 se: «O Filho de Deus virá segunda vez ao mundo quan-  
 do menos se esperar, e toma cuidado não estejão pe-  
 sados vossos corações com a boa comida e demasiada  
 bebida, e embaraçados com os cuidados das cousas  
 temporaes, para não serdes tomados de subito. Assim  
 aconteceu no tempo de Noé, e assim acontecerá na vin-  
 da do Filho de Deus.» Trouxe-lhes o exemplo dos bons  
 servos, que na ausencia do Senhor velam a sua espe-  
 ra, e concluiu dizendo: «Velai assim para que vos não  
 ache dormindo o Senhor quando apparecer de repente  
 O que a vos digo, a todos o digo: vigiai.»

Para demonstrar melhor esta verdade, sem a qual  
 não pode haver salvação, propoz duas parabolás: uma,  
 a das dez virgens, e outra, a dos servos fieis.  
 Dez virgens tomaram as suas lampadas acesas, e  
 saíram a receber o Esposo e a Esposa, para serem da  
 voda. Cinco d'entre ellas eram fatuas e as outras cinco  
 prudentes, e por isso as primeiras não levaram azelte  
 comsigo e as outras, desconfiando que o Esposo pode-  
 ria tardar, trouxeram as vasilhas cheias juntamente  
 com as lampadas. Tardando o Esposo, umas e outras  
 começaram a toscanear, adormeceram, e perto da meia



noite se ouviu gritar: «Eis ahí vem o Esposo, sahi a recebel-o.» Levantaram-se todas aquellas virgens, prepararam as lampadas, e as fatuas disseram as prudentes «Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lampadas se apagam.» A tal pedido responderam as prudentes: «Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes, aos que o vendem, e comprai o que haveis mister.» Sairam as virgens fatuas a comprar o azeite, e nesse momento chegou o Esposo, e com elle entraram as virgens prudentes a celebrar a voda. Fechou-se a porta, e logo vieram as companheiras, que, achando a porta fechada, bateram, dizendo: «Senhor,



O TATU

Senhor, abri-nos.» — Não vos conheço, lhes foi respondido, e ficaram da parte de fóra. Fácil é fazer a applicação e concluir com Jesus: «Vigiai, que não sabeis o dia, nem a hora em que virá o Filho de Deus.»

Na segunda paraboladisse Jesus que um homem tinha de ausentar-se a longes terras, e deu, a seus servos diversas quantias de dinheiro a render. A um deu cinco talentos, e a outro dous, a outro um, e partiu. O servo que recebera cinco talentos foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. Da mesma sorte o que recebeu dous talentos ganhou outros dous; mas o que havia recebido um, cavou na terra, e ali o escondeu. Passado muito tempo veio o Senhor e chamou os servos a contas. O primeiro servo disse: «Se-

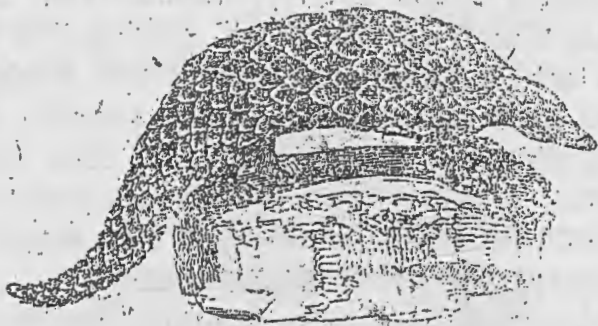
nhor, tu me entregaste cinco talentos, e agora tens outros cinco mais que lucrei. — Muito bem, servo bom e fiel, respondeu o Senhor, já que fostes fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intendencia das grandes. O segundo servo disse: «Senhor, tu me entregastes dois talentos, e aqui tens o dobro que ganhei com elles. — Bem está, servo fiel, respondeu o Senhor, e terás igual recompensa. O terceiro servo que havia recebido um talento, chegou-se dizendo: «Senhor, sei que és um homem de rija condição, que cegas aonde não semeaste, e colhes aonde não espalviste. Por isso escondi o teu dinheiro na terra, eis aqui tens o que é teu. — Servo máo e preguiçoso, replicou o Senhor, sabeis que cego onde não semeio, e que recolho onde não tenho espalhado. Logo devias dar o meu dinheiro aos banqueiros, e vindo eu teria recebido certamente com juro.» Tirou-lhe então o talento, e o mandou lançar na inasmorra por preguiçoso e inútil.

Contadas estas parabelas, Jesus descreveu a seus discipulos como seria a sua vinda gloriosa, e o juizo final. Disse que seu segundo advento seria como um relampago, que fuzila e passa do oriente ao poente, e que seria manifesto e conhecido de toda a terra. Que seria precedida a sua vinda gloriosa por signaes extraordinarios e espantosos, e que nessa occasião escurecer-se-hia o sol, cairiam as estrellas, tremeria a terra, abatter-se-iam os céos, atvorotar-se-iam e roncariam horrendas as ondas do mar, e tomaria aos homens geral consternação e abatimento de animo. Nesse momento solemne apparecerá no céu o Filho de Deus assentado com magestade no throno de sua gloria e cercado dos seus anjos, que, ao som estrondoso e pavoroso de trombetas, acordarão os mortos nos sepulchros. As nações do mundo serão congregadas na presença do Filho de Deus, que separará os bons dos máos, e dirá aos bons:



que lhe ficam á direita: Bemditos de meu Pai, vinde possuir o reino do céu que vos está aparelhado: porque tive fome destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era peregrino, e recolhestes-me; estava nú e cobristes-me; estava enfermo, e visitastes-me; estava no carcere, e viestes ver-me.»

Os justos admirados lhe perguntarão: «Quando padecestes vós essas necessidades, e quando vos acudimos nós?—Em verdade vos digo, lhes responderá o Filho de Deus, que tantas vezes acudistes ao menor de vos-



O PANGOLIM.

«... e tantos irmãos, tantas a um mesmo acudistes.» E dirá também aos máus que não de estar á sua esquerda: «Vossos irmãos padeceram fome e sede, e não lhes destes de comer, nem de beber: viveram peregrinos, ou andaram nus, e não os hospedastes, nem os vestistes: soffreram doenças, e foram presos, e não os visitastes, nem os consolastes. Ide malditos, ao fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus satellites.»

---

Ceia do Senhor.—Lava os pés aos Apostolos.—Instituto o Sacramento da Eucharistia.

Era chegada a festa dos pães asmos, que se chamava a Pascoa, na qual a cerimonia principal era a comida

do cordeiro. Perguntaram os Apóstolos a Jesus Christo: onde queria que comessem a Pascoa, e Jesus enviou a Pedro e a João a Jerusalem, e disse-lhes. «Tanto que vós entrardes na cidade, sair-vos-ha ao encontro um certo homem, que levara uma bilha d'agua. Ide seguindo até a casa, em que elle entrar, e direis ao dono da casa: Onde está o aposento para o mestre celebrar a Pascoa com os seus discipulos? E elle vos mostrará uma grande sala toda ornada, e ali farei os preparos.» Pedro e João executaram o que lhes fôra ordenado, e pela tarde veio Jesus; e a hora devida se sentarão todos a mesa.

Então disse Jesus a seus discipulos: «Muito desejei comer com vós esta Pascoa antes de padecer.» E, conhecendo que o diabo já tinha mettido no coração de Judas a tentação de o entregar, deu a seus discipulos, que sempre amara, e amaria até o fim, um assignalado testemunho do seu amor.

Levantou-se da mesa, depoz suas vestiduras pegou n'uma toalha, cingiu-se, lançou agua n'uma bacia, e começou a lavar os pés aos discipulos, e a enchugal-os com a toalha. Pedro, que não podia soffrer tanta humildade em seu Mestre, disse-lhe: Senhor, tu a mim me lavas os pés?! — O que eu faço, tu não no sabes agora; mas sabel-o-has depois, respondeu Jesus — Não me lavarás tu jamais os pés, disse Pedro. — E, se eu te não lavar, não terás parte comigo; replicou Jesus » Ouvindo estas palavras, consentiu Pedro, e acrescentou: «Senhor, não sómente lavarás os meus pés mas também as mãos e a cabeça. — Aquelle que está lavado, respondeu Jesus, não tem necessidade de lavar senão os pés, porque no mais está limpo. E vós outros estais limpos, mas não todos.» Com estas palavras fazia Jesus uma allusão a Judas, que era o que o havia de entregar, por isso disse: «Não estais todos limpos.»



Depois que Jesus lavou os pés a seus discipulos, tomou logo as suas vestiduras, e tendo-se tornado a pôr na mesa, disse-lhe estas palavras que são de uma ternura divina, e que já pareciam mais do ceu, que da terra: «Sabeis o que vos fiz? Vós chamais-me Mestre, Senhor, e dizeis bem; porque o sou. Logo, sendo eu vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, e portanto deveis também lavar vos os pés uns aos outros; porque vos dei



O TAMANDUA.

o exemplo, para que assim faciais, como eu fiz. Não é o servo maior do que seu senhor: nem o enviado é maior do que aquelle que o enviou; e se sabeis estas cousas, bemaventurados sereis, se as praticardes. Em verdade, em verdade, vos digo: O que recebe aquelle, que eu enviar, a mim me recebe: e o que me recebe a mim, recebe aquelle que me enviou.»

Continuaram a ceia: e no fim Jesus instituiu ali o Sacramento da Eucharistia. Tomando o pão deu graças, partiu-o, e deu aos discipulos, dizendo: «Este é o meu corpo, que por vós se entregará; tomai-o e comei-o.» Pegou da mesma sorte no calix, e disse: «Tomai e bebei, porque neste calix está o meu sangue, que será derramado para a salvação de todos.»

Tendo dito Jesus estas palavras turbou-se todo no espirito, horrorisado talvez com o pensamento da trai-

ção de Judas, e assim disse aos discipulos: «Na verdade vos digo: Um de vós me ha de entregar!» Começaram os discipulos a entristecer, e attonitos lhe perguntavam cada um de per si: «Sou eu Senhor? — E' um dos doze, que mette comigo a mão no prato, lhes respondeu Jesus. Mas ai daquelle homem, por meio do qual sera entregue o Filho do Homem: melhor lhe fora se não houvera nascido!» Estavam ainda na duvida, e Pedro fez um signal a João o discipulo amado, que estava recostado á meza no seio de Jesus, para lhe perguntar quem era. Então perguntou-lhe João: «Quem é esse? — E' aquelle a quem eu der o pão molhado, respondeu Jesus.» E tendo molhado o pão, deu-o a Judas Iscariotes, e disse-lhe: «O que fazes faze-o depressa.

Nenhum dos que estavam a mesa percebeu a que proposito Jesus dizia isto, porque Judas era o que tinha a bolça e cuidavam que o Senhor o mandava á alguma compra, ou que desse alguma esmola. Tendo pois Judas recebido o bocado, sahiu logo para fora, e Jesus disse: «Agora é glorificado o Filho do Homem, e Deus é glorificado n'elle. Filhinhos, ainda estou com vosco um pouco, e dou-vos um novo mandamento. Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vos tambem mutuamente vos ameis.»

Concillibulo dos Phariseus. — Jesus prediz a revação de Pedro. — Despede-se dos seus discipulos, e ora por elles.

No entretanto os Pontifices e Phariseus tinham-se a juntado em conselho, e movidos de inveja diziam uns para os outros: «Que faremos nós de Jesus, que faz tantos milagres? Seo deixamos livre, todos crerão n'elle!» Nisso queriam dizer: *ninguem mais crerá em nós, e a sua doutrina prevalecerá.* Mas um delles por nome Cafaz, que era o pontifice d'aquelle anno, disse-lhe: «Vós estais n'uma total ignorancia, e nem considerais que



vos convém que morra um só homem para a salvação do povo.» Deliberaram então prender a Jesus por traição, e matá-lo, e nessa ocasião chegou-se Judas, e lhos disse: «Quanto me dais, que eu vós o entregarei.» Aceitaram todos a proposta, e ajustaram que se fizesse o preço da traição trinta moedas de prata, e Judas buscou, desde esse momento, a oportunidade para entregar a Jesus.

Continuava, porém, Jesus a instruir a seus discipu-



#### A PREGUIÇA.

los, recommendando-lhes, que estivessem firmes em todas as perseguições e que portanto lhes aparelhava o reino, que seu Pae tinha para elles preparado; mas que Satanaz pedira passal-os ao crivo, como se faz ao trigo, isto é, que os queria tentar, e fazer com que caíssem. Depois disse a Pedro: «Por ti pedi a meu Pae que tua fé não fraqueasse, e quando te vires convertido, dá firmeza a teus irmãos.» Falando com todos lhes disse que pouco tempo tinha de estar com elles, que ia para onde elles o não podiam acompanhar; mas recommendava que se amassem uns aos outros, e que por este amor os conhecia por discipulos. A isto acudiu Pedro: «Onde ides?—Não podes por agora seguir-me aonde eu vou, respondeu Jesus, mas depois me seguirás.—E porque



não posso eu seguir-vos? replicou Pedro. Por vós darei a vida. — Darás a vida por mim? disse Jesus. Na verdade te digo, que esta mesma noite, antes que o galo cante duas, tu me negarás trez vezes.

Affligiram-se os Apostolos com tão claras seguranças que Jesus dava de sua morte e tão proxima. Para consolal-os, Jesus lhes disse que não se perturbassem, e quen'elle acreditassem firmemente, porque ia, sim, mas para apparelhar a cada um delles seu posto na casa de seu Eterno Pae, e que tornaria para os ter consigo. Depois acrescentou: «Se me tendes amor, guardai os meus mandamentos. Eu pedirei a meu Pae e elle vos mandará um outro consolader, que ficará com vosco para sempre, espirito de verdade, que o mundo não pode comprehender. Não vos deixo orphãos, mas tornarei a vós. O que ama os meus mandamentos e os observa, esse me ama e será amado de meu Pae. Deixo-vos a minha paz e não vos entristeçais, porque já vos disse: Vou, mas a vós tornarei. Levantai-vos e vamos.»

Pozeram-se todos à caminho e andando os foi sempre instruindo, recommendando-lhes de novo o seu amor e dando-lhes varias consolações. Por fim, levantando os olhos ao Céu, disse: «Meu Pai, chegada é a hora e glorificai a vosso Filho, para que vosso Filho vos glorifique e faça participantes da vida eterna aos que lhe confiastes. Glorifiquei-vos no mundo e glorificai-me também agora, ó meu Pai, com aquella gloria que em vós tinha antes que o mundo fosse. Tenho manifestado vosso nome aos que me confiastes. Eram vossos e por isso guardaram a vossa palavra. Por elles rogo, porque são vossos. Pai Santo, conservai-os em vosso nome e não vos peço que os tireis do mundo, mas que os preserveis do mal. Não vos peço somente por elles, mas também por todos, que por sua pregação crerem em mim, para que sejam todos um só como vós.»

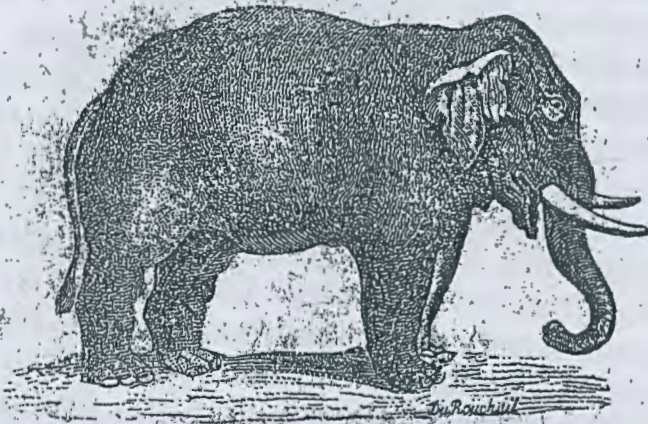


## CAPITULO 4º

Paixão, morte e sepultura de Jesus.

Agonia de Jesus Christo, no monte Olivete. — Traição de Judas.

Era noite fechada, tinha-se acabado a Cea e Jesus caminhou-se com os seus discipulos para o monte das Olivetas, e passou o ribeiro do Cedron, que separava o monte da cidade. Entrou n'um horto chamado Gethsemani, e disse a seus discipulos que ali o esperassem, enquanto fazia oração. Tomando consigo Pedro, Thiago e João, começou a entristecer-se e an-



Ô ELEFANTE.

gustiar-se, e lhes disse: «A minha alma está n'uma tristeza mortal: demorai-vos aqui e vigiai commigo. Arredou-se delles obra de um tiro de pedra, e posto de joelhos, orava, e sentia em si todos os abalos, que sente a natureza, quando a morte se aproxima. Por voluntario sentimento quiz representar o quanto era fraca a natureza humana. e pediu ao Padre que o assistisse da morte, que lhe ordenara de padecer, dizendo: «Pai meu, se é possivel, passe de mim este calix de amargura». Depois fazendo um grande esforço



de obediencia, emendou os primeiros movimentos nos deu o exemplo da fortaleza com que havemos de seguir a Deus, ainda quando a natureza se opponha. disse: «Todavia meu Pai, não se faça nisto a minha vontade, mas sim a tua». Posto em agonia, orou Jesus com a maior instancia, e vinha-lhe um suor como gotas de sangue, que corria sobre a terra. n'esse momento appareceu um anjo, que o confortava. Jesus não tinha necessidade deste soccorro, mas quer ser consolado e confortado por um anjo, para nos ensinar que devemos esperar de Deus o auxilio nas nossas angustias.

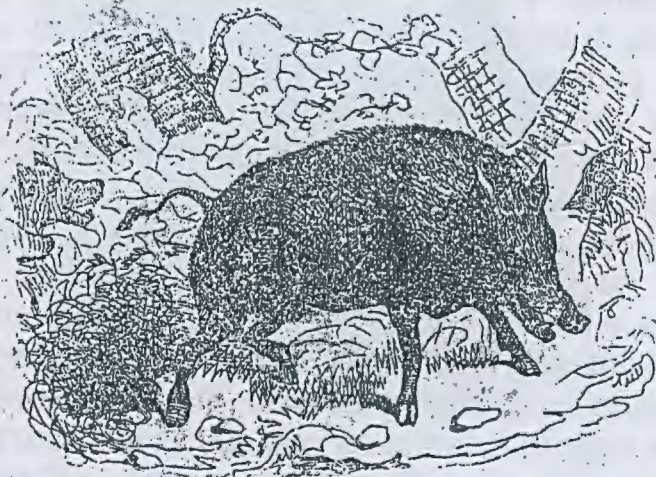
Acabou Jesus a oração, veio ter com seus discipulos, e, achando-os a dormir, lhes disse: «Visto isso não podestes uma hora vigiar comigo? Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espirito na verdade está prompto, mas a carne é fraca. Tendo-lhes assim falado, tornou segunda vez a pôr-se em oração, dizendo: «Pai meu, se este calix não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade». Voltou de novo, e tornou a achar os discipulos dormindo, por que estavam carregados de somno, e foi orar outra vez, dizendo as mesmas palavras. Finalmente veio acordal-os, e reprehendendo-os com muita brandura, os avisou de que era chegada a hora, e disse: «Eia, erguei-vos que já vem perto aquelle, que me ha de trahir».

Ainda Jesus não havia acabado de proferir estas palavras, quando chegou Judas Iscariotes á frente de uma grande multidão de gente com espadas e paos, trazendo lanternas e fogareus, visto ser de noite. A multidão armada quasi toda compunha-se de vagabundos e criados do summo pontifice Caifaz, e de alguns soldados curiosos, e como não couheciam a Jesus para quem tinham ordem de prisão, Judas havia dado este signal, dizendo: «Aquelle que eu beijar, esse é



prender-o e levai-o com segurança». Chegando-se logo a Jesus lhe disse: «Deus te salve, Mestre», e lhe deu o beijo, que era o signal. Curta, mas energica, foi a resposta do Senhor: «Amigo, a que vieste? Vendes com esse osculo o Filho de Deus?»

Adiantou-se Jesus para os soldados, que vinham com Judas, e lhes perguntou: «A quem buscais?—A Jesus Nazareno, responderam elles. Eu o sou, disse Jesus». A estas simples palavras de Jesus manifestou-se o poder de Deus, porque no mesmo instante os homens armados recuaram, vacilaram, perderam o animo, e tremulos caíram por terra desarmados. Levantaram-



Ó JAVALI.

se aterrados, e Jesus lhes perguntou de novo a quem buscavam.—«A Jesus Nazareno, responderam elles. Já vos disse que sou eu, replicou Jesus, e se sou eu quem procurais, deixai ir estes». Assim respondeu Jesus, para se cumprir nos discipulos a palavra que dissera, quando orava ao Padre: «Nenhum perdi dos que me destes». Então se entregou nas mãos dos seus inimigos, que se lançaram sobre Elle, e o prenderam, e Pedro, que trazia uma espada, puchou della, feriu

um servo do pontifice chamado Malco, e lhe cortou a orelha direita. Jesus, tocando na orelha de Malco a sarou, e disse a Pedro: «Mette na bainha a tua espada, por que todos, que ferirem com esta espada, morrerão á espada. Acaso cuidas tu, que eu não posso rogar a meu Pai, e que elle não me porá aqui logo promptas mais de doze legiões de anjos? Mas como se poderão cumprir as escripturas, que declaram que assim deve succeder, e que serei offerecido em sacrificio?»

Só a Jesus é que prenderam, e apesar de não resistir á sua prisão, prohibindo, pelo contrario, que seus discipulos o defendessem, o amarraram como a um malfetor. Na mesma hora disse Jesus áquelle tropel de gente: «Ensinei no Templo, assentei-me ali todos os dias entre vós, e não me prendestes, e agora viestes vós armados d'espadas e varapaos, para me prender, como se eu fora um ladrão! Mas tudo isto assim succede para que se cumpram as Escripturas dos Prophetas!»

Jesus é levado a Caifaz. — Nega Pedro a seu Mestre. — Desesperação de Judas.

Em vez de conduzirem a Jesus á presença do juiz competente, levaram-no á casa de Annaz, que era *sogro* do pontifice Caifaz. Da casa de Annaz o levaram, sempre amarrado, á casa de Caifaz, que era o mesmo que no conselho se tinha feito *accusador* de Jesus dizendo que era conveniente que um só morresse para a salvação de todos. Na casa de Caifaz estavam em conselho todos os sacerdotes, doutores da lei, e senadores, e na presença delles Caifaz não jurou suspeição e interrogou a Jesus ácerca de seus discipulos e sua doutrina. «Em publico falei a todos, respondeu Jesus e sempre ensinei na Sinagoga e no Templo, aonde concorreram todos os Judeos, e nunca disse cousa alguma em se-



greto. Porque me fazes tu perguntas? Faze-as áquelles, que ouviram o que eu lhes disse e que sabem o que eu ensinei». Assim falou, e um dos ministros, que se achavam presentes, deu-lhe uma bofetada e disse: «Deste modo é que tu respondes ao Summo Sacerdote?—Se eu falei mal, replicou Jesus, dá tu testemunho do mal, e se eu falei bem, porque me feres?» Os principes dos sacerdotes e todo o conselho buscavam algum testemunho contra Jesus, para o condemnarem á morte, e não no achavam, porque muitos, na verdade, tinham deposto falsamente, mas não concordavam os seus depoimentos. Vieram dous que o accusaram de ter dito que destruiria o Templo, e que em tres dias o reedificaria, e não por mãos de homens, como o pri-



O PORCO

meiro. Mas esta mesma deposição não era coherente e levantando-se Caifaz no meio do conselho, perguntou a Jesus, dizendo-lhe: «Não respondes alguma coisa aos que attestam contra ti?» Jesus guardou silencio, e Caifaz tornou a fazer-lhe outra pergunta, e com elle todos os mais: «Dize-nos se tu és o Christo, Filho de Deus?—Se vol-o digo, respondeu Jesus, não me dareis credito, e se vós interrogo não me respondereis, nem me deixareis ir. Mas d'ora em diante o Filho do Homem se assentará á dextra do poder de Deus». Então disseram elles: «Tu és pois o Filho de Deus?—Eu o sou, e vós o dissestes, replicou Jesus».

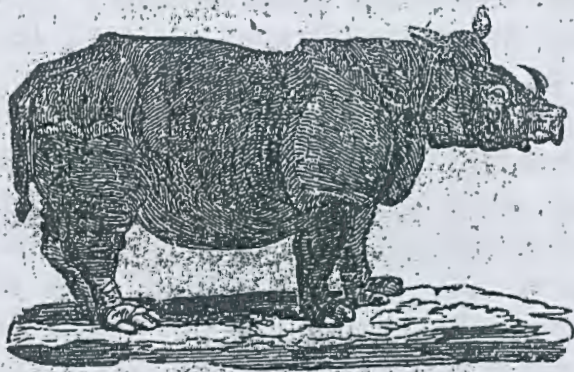
O Summo Sacerdote fez de novo igual pergunta, e ordenou a Jesus que em nome de Deus dissesse a verdade. «Eu sou o Christo, Filho de Deus, respondeu Jesus, e um dia me vereis vir sobre as nuvens do céu, assentado à direita de Deus». Caifaz, ouvindo isto, rasgou as suas vestiduras, e disse: «Vós acabais de ouvir a blasfemia. Para que desejamos nós ainda mais testemunhos? Que vos parece? Julgai-o». Responderam todos que Jesus merecia a pena de morte, e a ella o condemnaram. Então as injurias, os insultos brutaes, e as blasfemias choveram sobre Jesus. Vendaram-lhe os olhos, escarraram-lhe no rosto, maltrataram-no com punhadadas de bofetadas, e por mofa diziam-lhe: «Adevinha quem te deu».

No meio de tantos ultrages, passava Jesus a noite em casa do Summo Sacerdote. Em baixo, no pateo, se aqueciam em uma fogueira os criados de Caifaz, e os que prenderam a Jesus. Pedro estava também ali aquecendo-se, e nesse momento chegou uma das criadas, e encarando-o com attenção, disse: «Tu tambem estavas com Jesus Nazareno. Não eras tu dos seus discipulos?» Diante de todos negou Pedro: «Mulher eu não o conheço, nem sou dos seus discipulos, nem sei o que dizes». Então ergueu-se para sahir fóra, e neste tempo cantou o galo. Ia para sahir quando outra criada, que o viu, disse aos que ali estavam: «Tambem este era com Jesus Nazareno». Tornou Pedro, a aqueitar-se ao fogo, e sendo perguntado, se era discipulo de Jesus, negou pela segunda vez, e jurou que não o conhecia. Tinha passado uma hora quando um dos servos do Summo Sacerdote, que era seu conhecido, o mesmo a quem Pedro cortara a orelha, affirmou claramente que Pedro era Galileu e da comitiva de Jesus. «Não é assim, lhe disse, que eu te vi com elle no horto?» Chegaram outros e disseram: «Ver-



Jadeiramente tu és dos seus companheiros, porque o teu falar te accusa de Galileu». Negou Pedro pela terceira vez, e começou a praguejar, dizendo: «Nem conheço tal homem, nem sei o que dizeis». Immediatamente cantou o galo, e Pedro lembrando-se da palavra que Jesus lhe havia dito, que antes que o galo cantasse duas vezes o teria negado tres, sahio do pateo, e poz-se a chorar seu peccado com copiosas lagrimas.

Ao amanhecer foi Jesus mandado a Poncio Pilatos, governador romano na Judéa. Judas, vendo a Jesus sentenciado a morte, e arrependido do crime que fizera, tornou a levar aos sacerdotes e magistrados os trinta dinheiros, porque vendera a seu Mestre, dizendo: «Pe-



O RINOCERONTE

quei, porque vendi o sangue do innocente.—A nós que se nos dá? responderam elles. Lá te avenhas». Judas, porem, lançou desesperado as moedas no Templo, retirou-se e enforcou-se. Mas os principes dos sacerdotes, tomando o dinheiro, deliberaram que não era licito deital-o na arca das esmolas, porque era o preço do sangue, e compraram com elle o campo de um oleiro, para servir de cemiterio aos forasteiros. Por esta razão se ficou chamando aquelle campo *Haceldama*, isto é, *campo de sangue*, e assim cumpriu-se a prophesia de Jeremias, que disse que Jesus seria



aprecado, vendido por trinta moedas de prata, e que se compraria com esse dinheiro o campo de um oleiro.

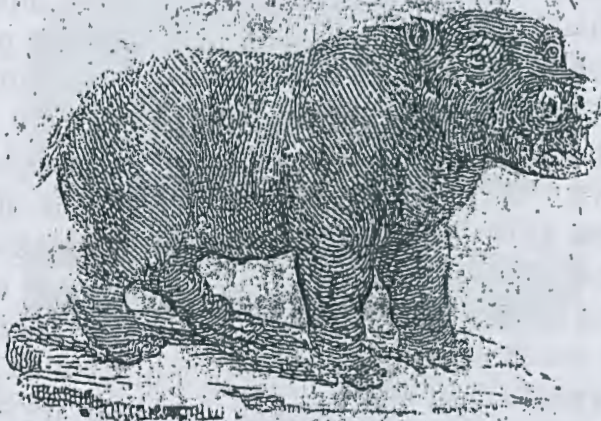
Jesus, accusado no tribunal de Pilatos. — E mandadora Herodes, que o trata com desprezo — Barrabás é preferido a Christo.

Os sacerdotes e anciãos do povo levaram pois a Jesus da casa de Caifaz, sogro de Annaz, para o palacio do pretor Poncio Pilatos, e ficaram da banda de fóra, porque temiam manchar-se entrando em casa de um pagão, e se inhabilitarem para comer a Pascoa. Mostraram por este modo os sacerdotes um fingido escrupulo de entrarem no palacio de Pilatos no dia da Pascoa, mas, se não obrassem por odio e vingança, teriam adiado o processo de Jesus, por ser aquelle dia o mais solenne da sua religião, e tambem porque a sua lei prohibia todos os actos judiciaes em dia feriado sob pena de *maldade*. Pilatos sahnu a uma varanda para lhes falar, e disse: «Que accusação trazeis vós contra este homem? — Se não fora um malfetor, não t'o entregáramos nos», responderam elles». Pilatos lhes disse então: «Tomai-o lá vos outros, e julgai-o segundo vossa lei». — A nos, replicaram os Judeos, não nos é permitido julgar de morte a ninguem». Tinham os Romanos tirado aos Judeos o direito de sentenciar a morte, e por isso responderam deste modo a Pilatos, e assim cumpriu-se o que dissera Jesus a seus Apos-tolos, que seria entregue aos Gentios, para ser crucificado.

Queria Pilatos soltar a Jesus, porque não achava nelle crime provado; mas os Judeos allegaram que Jesus se intitulava Rei e Messias. Entrou Pilatos no palacio, mandou entrar Jesus, e lhe perguntou, se era rei dos Judeos: «Tu dizes isto de ti mesmo, respondeu Jesus, ou de mim t'o disseram outros? — Sou eu rei



dos Judeos? lhe replicou Pilatos. Os de tua nação, e os principes e sacerdotes te entregaram em minhas mãos. Que fizeste?—Meu reino, replicou Jesus, não é deste mundo: que se o fosse pelejariam por mim os meus para impedir que me houvessem as mãos os Judeos; mas o meu reino não é d'aqui.—Logo, tu és rei? disse Pilatos. Tu o disseste, respondeu Jesus. Eu o sou. Nasci e vim ao mundo para dar testemunho á verdade, e quem pertence á verdade ouve a minha voz». Pilatos, tendo-lhe dito, em tom de admiração, e não de pergunta: Que cousa é a verdade? sabiu fóra, e disse aos Judeos: «Eu não acho nenhum crime a este homem». Os sacerdotes e senadores accusaram então a Jesus de muitos crimes, e Jesus nada respon-



O HIPOPOTAMO.

deu. «Não ouves as accusações, que contra ti formam? disse Pilatos». O Senhor, porém, conservou tal silencio, que assombrou Pilatos.

Estava pois Jesus absolvido pela propria boca do juiz romano, e, apesar, disso, os accusadores porfiavam cada vez mais em criminal-o, dizendo que sublevára o povo com a doutrina, que pregara por toda a Judéa, começando pela Galiléa. Pilatos não fez caso.



desta nova accusação de sedicioso, mas, ouvindo falar em Galiléa, aproveitou a occasião para remetter Jesus a Herodes, que nessa occasião achava-se em Jerusalem, e que era o Tetrarca da Galiléa, tendo, portanto, jurisdicção nos Galileus. Havia muito tempo que desejava Herodes ver a Jesus, e presenciar alguns dos seus milagres. Herodes tendo satisfeito a sua curiosidade, e tendo perguntado muita cousa van, a que Jesus não quiz responder, e vendo que a imputada sedição era uma chimera, tratou a Jesus com desprezo, como se fôra um louco, e reenviou a Pilatos, e por zombaria lhe mandou vestir uma roupa branca, significando por este modo que tal tentativa era mais digna de riso, que de receio ou castigo.

Nem Pilatos, nem Herodes achavam por onde condemnar a Jesus, mas a raiva sacerdotal não estava ainda saciada, e, pelo contrario, os pontifices, acompanhados de um grande numero de seus parciaes, voltaram á presença de Pilatos, resoltivos a forçá-lo. O malfadado Pilatos, vendo-se apertado, tentou ainda outro meio para livrar a Jesus. Costumava o governador soltar todos os annos no dia da Pascoa, um dos presos, que o povo quizesse. Naquella occasião havia um preso afamado, que se chamava Barrabaz, e como concorresse o povo, e pedisse a graça costumada, Pilatos disse então: «Qual quereis vós que eu vos solte? Barrabaz o facinora, ou Jesus que se chama o Christo? Outro successo veio corroborar Pilatos no desejo de salvar a vida de Jesus. Estando sentado no seu Tribunal, mandou-lhe dizer sua mulher o seguinte: «Não te embaraces com a causa desse justo, porque hoje em sonhos foi muito o que padeci por seu respeito».

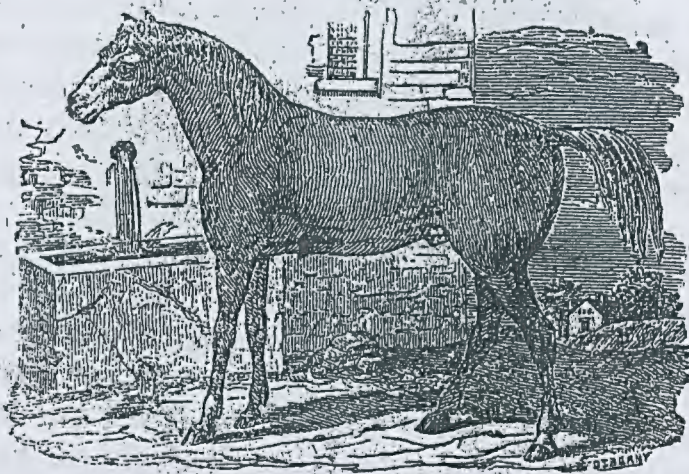
Fez Pilatos o que ponde para livrar Jesus das mãos dos seus encarnicados inimigos, e insistiu na proposta



que tinha feito. Mas os sacerdotes, e senadores, tanto abalaram o povo, que pediram solto a Barrabaz, e a Jesus morto. «E que farei a Jesus, disse Pilatos?—Crucifica-o, crucifica-o, respondeu o povo —Mas que mal fez elle? Nada encontro n'elle que mereça a morte. Castiga-lo-hei, e depois mandarei soltar.—Crucifica-o, crncifica-o» respondeu a plebe desatinada, e impellida pelos sacerdotes invejosos.

Jesus açoutado, e coroado de espinhos.—Pilatos o sentençaia á morte.—Caminha para o Calvario com a Cruz ás costas e é crucificado.

Pilatos mandou açoutar a Jesus, e a sua ordem foi cruelmente executada pelos soldados. Levaram a Jesus para um pateo, e ali, no meio de toda a solda-



O CAVALLO.

desca, tiraram-lhe a vestidura, puzeram-lhe um manto de purpura, cingiram-lhe a cabeça com uma corôa tecida de espinhos, metteram-lhe na mão direita uma canna, em vez de sceptro, e por zombaria o saudavam como rei, e com os joelhos em terra o adoravam,

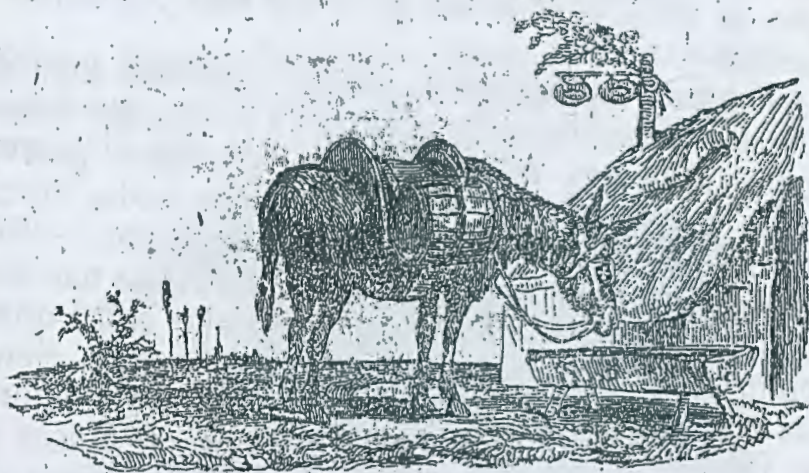


dizendo: «Deus te salve, rei dos Judeos». Depois lhe davam bofetadas, cuspiam-lhe no rosto, e com a canna lhe feriam a cabeça. A vista de espectáculo tão doloroso, persuadiu-se Pilatos que os Judeos teriam compaixão de Jesus, e sahio do palacio com elle para mostral-o ao povo, e dizer que não achava n'elle crime algum. Mostrou a Jesus ferido, banhado em sangue, coroado de espinhos, coberto com a purpura atadas as mãos, e disse: «*Ecce homo, que quer dizer: Eis aqui o homem*». Mas os Judeos clamavam: «*Temos uma lei pela qual deve morrer, pois que se diz: Filho de Deus, e cada vez gritavam mais: crucifica-o, crucifica-o.*»

Attonito e estranhado da dureza e porfiada furia dos Judeos, voltou Pilatos ao pretorio, e perguntou a Jesus d'onde era; mas Jesus não lhe respondeu palavra. «Nada me dizes? Não sabes que tenho poder de crucificar-te, e poder de te soltar?» disse Pilatos. — Não o terias sobre mim, respondeu o Senhor, se te não fosse dado por Deus, e por este motivo maior culpa que tu commetteram os que a ti me entregaram». Nem a sua resposta, nem o seu silencio, atalharam os esforços de Pilatos para o seu livramento, mas os Judeos clamaram: «Es inimigo de Cesar, se não castigas esse homem, que se queria fazer rei». Esta perfida ameaça triumphou da fraqueza de Pilatos, que teve medo d'aquelles clamores, que punham em duvida a sua fidelidade ao imperador. Pilatos era empregado publico, podia ser demittido, e cedeu a tão ignobil receio. Trouxe fóra do pretorio a Jesus, e, sentado no seu tribunal, disse isto por ironia, a ver se apasiguava os Judeos: «Pois eu hei de crucificar o vossq rei?» «Os Judeos, mostrando-se aqui mais romanos que o proprio Pilatos, responderam hypocritamente: «Nós não temos outro rei senão a Cesar».



Pilatos vendo que nada aproveitava, e que augmentava o tumulto, mandou vir agua, lavou as mãos á vista do povo, e disse: «Eu sou innocente do sangue deste justo. Vós o vedes.—Caia seu sangue sobre nós e nossos filhos» respondeu o povo. Não tendo tranquillo e desassombrado o espirito, como cumpre a um juiz, que vai dar uma sentença de morte, e não havendo novas testemunhas, nem documentos e provas, que lhe fizessem mudar a convicção, Pilatos abafou o grito da consciencia, e concedeu afinal o que pediam os Judeos. Mandou pois soltar a Bar-



O BURRO.

rabaz; e proferiu a condemnação de Jesus, e por temor sacrificou a victima que podia salvar, não ficando menos culpado de que se tivera condemnado por maldade.

Então se apossam de Jesus, tiram-lhe a purpura e lhe revestem sua roupa, e o levam ao Calvario, lugar do supplicio, chamado Golgotha na lingua hebraica. Lançam-lhe nos hombros a pesada a cruz, na qual havia de ser crucificado, e tanto que saíram de Jerusaleem, assalariaram a Simão Cyrenen, que vinha da



cidade, para que apoz do Senhor levantasse a cruz e o ajudasse. Entre o tropel de inimigos, que triumphavam de verem levado á morte o que tão injustamente aborreciam, havia grande turba de povo e mulheres, que seguiam o Filho de Deus chorando e batendo nos peitos. Voltou-se Jesus para estas santas mulheres, e disse: «Filhas de Jerusalem, não choreis sobre mim; porem chorai sobre vós e vossos filhos, porque tempo virá que serão afortunadas as entranhas que não deram fruto, e os peitos que não criaram. Nessa occasião os homens dirão aos montes: *Cahi sobre nós, e aos outeiros: Cubri-nos.* Se assim tratam o madeiro verde, que farão do seco?» Quer dizer: Se com tanto rigor se castiga o innocente, que esperam os culpados? Facil é de vêr que Jesus dizia antecipadamente o que aconteceria a Jerusalem, que passados annos, recebeu o merecido castigo, sendo sitiada, reduzida pela fome, incendiada, e arrasada por Tito, filho do imperador Vespasiano.

Chegados ao Calvario offereceram a Jesus vinho temperado com fel e myrra, visto que era uso dos Judeos darem aos que iam padecer vinho confeitado com roborativos. Mas o que deram a Jesus, para augmentar-lhe ainda o soffrimento, era muito amargo e por isso não o quiz beber. Depois o crucificaram entre dois ladrões, e assim realisou-se a prophesia de Isaias: «Entre malvados o pozeram».

Fez Pilatos um titulo que denotava a causa politica da condemnação de Jesus, e mandou que fosse pregado na cruz, por cima da cabeça. Dizia o titulo: *Jesus Nazareno, Rei dos Judeos.* Os principes dos sacerdotes ficaram offendidos, e rogaram a Pilatos que não puzesse *Jesus, Rei dos Judeos,* mas sim *Jesus, que se intitulava Rei dos Judeos.* Pilatos respondeu: «O que escrevi, está escripto».



Estava Jesus Christo pregado na cruz, e ali mesmo confirmou com o exemplo a sua doutrina, e pediu a Deus pelos seus perseguidores, dizendo: «Perdoai-lhes meu Pai, porque não sabem o que fazem». Os soldados, que o tinham crucificado, repartiram entre si os seus vestidos. Como, porem, a tunica fosse inconsutil, isto é, sem costura, porque era toda tecida de alto a baixo, disseram para os outros: «Não na rasguemos, porem lancemos sorte sobre ella, a ver quem na ha de levar». Deitaram pois os dados, sor-



A ZEBRA.

tearam a tunica, e assim cumpriu-se a prophecia do santo rei David, que diz: «Repartirão meus vestidos entre si, e lancarão sortes sobre a minha vestidura».

Em todo este tempo não se tirava o povo de diante da cruz, a olhar para Jesus, e a dizer-lhe blasfemias sobre injurias. Os principes dos sacerdotes, e os magistrados, tambem o motejavam e diziam-lhe, movendo as cabeças: «Olá, tu, que destroes o Templo de Deus, e que o reedificas em tres dias, livra-te a ti

mesmo descendo da cruz. Quem salvou os outros que se salve a si, e livre-te Deus, já que nelle confias». Os soldados que para o guardar estavam sentados juntos da cruz, o insultavam como os mais, dizendo: «Salva-te d'abi, se és rei dos Judeos». Até um dos ladrões, que estavam crucificados a seu lado, blasfemava e dizia: «Se tu és o Christo, salva-te a ti mesmo, e a nós». O outro ladrão, porém, o reprebendeu assim: «Não temes a Deus, condemnado como nós ao mesmo suplicio? Quanto a nós, padecemos pelo que fizemos: mas este que mal fez elle?» E recorreu a Jesus, dizendo: «Senhor, lembra-te de mim, quando fores em teu reino.—Em verdade te digo, lhe respondeu Jesus que hoje serás comigo no paraizo».

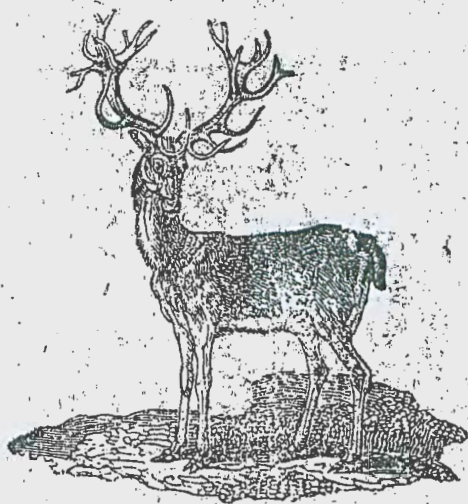
Entre a turba, que rodeava a cruz, estavam algumas das mulheres de Galilea, que seguiram a Jesus e com o seu cabedal o sustentavam e tambem ali estavam os que o conheciam, e de longe viam o cruel suplicio. Mas a Santissima Virgem, Maria Magdalena e outra Maria, estavam chegadas á cruz, e João, filho de Zebedeu, junto da Virgem. Jesus vendo sua Mãe e ao pé de si o discipulo que amava, disse a sua Mãe: «Mulher, eis o teu filho». E ao discipulo: «Eis tua Mãe». Depois, segundo affirmam os Santos Padres ficou a Virgem Maria morando em companhia do discipulo virgem, a cujo cuidado Jesus a encommendara, e não nós admiremos, diz S. Ambrosio, que tão divino fale João dos altos mysterios da religião, quando tinha comsigo o sanctuario, que encerrava o autor d'elle.

Não era ainda meio dia, quando pozeram Jesus Christo na cruz, e pouco depois começou o sol a escurecer, e as trevas enlutaram o ar até ás tres horas. Então bradeu Christo: *Eli, Eli, lamma Sabbachani*, o que quer dizer: *Meu Deus, Meu Deus, porque me*



desamparaste?» Alguns, que não sabiam a lingua hebraica, interpretaram estas palavras de outro modo, e julgaram que chamava Elias em seu soccorro.

Já tinha Jesus Christo padecido quanto d'elle diziam as Escripturas, e faltava somente a prophesia do Psalmo 68, que diz: «Deram-lhe fêl a comer, e vinagre por bebida». E para que nada faltasse do que seu Pai ordenara, Jesus disse: «Tenho sede». Logo um soldado correu a molhar uma esponja em vinagre, e na ponta de uma cana deu-lhe a provar, dizendo: «Veámos se Elias o vem tirar da cruz». Provou



O VEADO.

Christo, e disse: «Está consumado o sacrificio. Meu Pai, em vossas mãos encommendo o meu espirito». Ditas estas palavras, inclinou a cabeça e espirou.

De repente se rasgou por si o véu do templo, em duas partes de alto a baixo, o sol tornou-se escuro, tremeu a terra, estalaram e partiram-se as pedras, abriram-se os sepulcros: e muitos corpos de Santos, que eram mortos, resurgiram, e appareceram em Jerusalem a muitas pessoas. Tantos prodigios assom-

braram o centurião e os soldados que guardavam a Jesus, e de espavoridos clamaram: «Na verdade este homem era Filho de Deus». Todo o povo que presenciou o espectáculo, ficou assombrado, e voltavam a casa batendo nos peitos.

Não queriam os Judeos que o corpo de Christo e os dos ladrões com elle crucificados ficassem o sabbado na cruz, e pediram a Pilatos que lhes fossem quebradas as pernas e tirados dali. Quebraram pois os soldados as pernas aos dois ladrões, e a Jesus não, porque viram que já estava morto; mas um soldado lhe atravessou o lado com a lança e immediatamente sahiu da ferida agua e sangue. Ainda neste ponto compriu-se a prophesia de Moysés, que diz no Exodo: «Não quebrareis d'elle osso algum»

José de Arimathéa, homem rico e poderoso, e que era discipulo occulto de Jesus, porque temia os Judeos, mas que no seu crime não tivera parte, cobrando então animo, pediu licença a Pilatos para sepultar o corpo de seu Divino Mestre. Sendo concedida a licença, José de Arimathéa comprou um lençol para amortalhar a Jesus, desencravou-lhe o corpo da cruz, e o desceu com Nicodemos, o senador, que de noite viera também tomar parte no funeral. Ambos amortalharam o corpo do Salvador, ao uso Judaico, perfumaram-no com aromas, e embalsamaram-no com uma composição de myrrha e de áloes. Havia ali um horto, e nelle um sepulcro talhado de novo na rocha, o qual foi estreado com o corpo de Jesus, e rodando um grosso penedo, para lhe fechar a entrada, se retiraram. Também assistiram á sepultura Maria Magdalena, e as outras mulheres que viram a morte do Salvador.

Morto e sepultado Christo na sexta-feira, tendo-se ajuntado os principes dos sacerdotes e phariseus



eram a Pilatos, e lhe disseram: «Lembramo-nos, senhor, que disse aquelle embusteiro, quando vivo, que resurgiria tres dias depois de morto. Mandai guardar o sepulcro, visto que podem os seus discipulos roubar de noite o corpo, e dizerem depois ao povo que resurgiu. Assim cairemos n'um segundo erro peor que o primeiro». Pilatos deferiu a supplica, e foi sellado o sepulcro, e puzeram-lhe guardas.

## CAPITULO 5.º

Depois da resurreição de Jesus Christo ate á sua ascensão.

Resurreição de Jesus Christo.—Aparece á Magdalena e as santas mulheres.

Sellada a pedra do sepulcro, e postos os guardas, houve um horrivel terramoto. A pedra saltou pelos



O RANGIFERO.

ares, caíram por terra os soldados atonitos, e cheio de magnificencia, resurgio o Senhor. No domingo seguinte, que para os Judeos, era o primeiro dia da semana, partiu Maria Magdalena, e as outras santas

mulheres com aromas, e chegaram ao sepulcro ao apontar do sol. Somente as penalisava pelo caminho a grandeza da pedra, que era preciso arredar: mas quando chegaram, viram-na a grande distancia do sepulcro, visto que tinha sido arrojada pelo abalo do terramoto, e viram tambem os soldados ainda fulminados pelo terror, e cahidos como mortos. Deste modo a pedra e os guardas não impediram as santas mulheres de entrar no sepulcro; mas ficaram assombradas por verem que não estava dentro o corpo do Senhor.

Maria Magdalena correu logo aos Apostolos, e disse a Pedro e a João: «Levaram-me o meu Senhor e não sei onde o puzeram». Acodem os dous discipulos ao monumento, e João, que chegou primeiro, abaixando-se, mas não entrando, viu por terra os lençoes. Pedro, que chegou depois, entrou e viu os lençoes e o sudario com que cubriram o rosto do Senhor, dobrados e postos de parte. Um e outro, assim como Maria Magdalena, assentaram que tinham levado o corpo de Jesus, porque ignoravam o que as Escripturas, e mesmo Jesus Christo lhes repetira tantas vezes: *Que necessitava que resuscitasse dos mortos*. Assim pois voltaram Pedro e João, e pelo caminho admiravam todas estas cousas.

Magdalena ficou só, chorando, inquieta e inclinada para o sepulcro, e nesse momento viu dous anjos vestidos de branco no lugar em que estivera o corpo de Jesus, que lhe perguntaram porque chorava. — «Levaram-me o meu Senhor, disse ella, e não sei onde o puzeram». E dizendo isto olhou para traz e viu um homem em trajos de hortelão que lhe disse: «Mulher, porque choras? e que procuras? — Ó Senhor, respondeu ella, se tu és quem d'aqui o tirou dize-me onde o puzeste, e leval-o-hei». Deu-se então o Senhor a



conhecer chamando-a pelo seu nome de Maria, e ella exclamou *Rabboni*, que quer dizer *Meu Mestre*, e quiz beijar-lhe os pés». Não me toques, lhe disse o Senhor, porque ainda não subi a meu Pai; porém vai a meus irmãos (os Apostolos) e dize-lhes que eu vou subir a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus». Estavam os Apostolos muito afflictos, quando ella lhe contou que tinha visto o Senhor; porém não deram credito a semelhante nova.

Não tornaram em si da angustia as outras santas mulheres que ficaram no sepulcro, e não achavam o corpo de Christo, e muito mais quando viram na pedra assentado um anjo, cujo aspecto era como um relam-



O CARNEIRO

pago, e a vestidura alva como a neve. Ficaram as santas mulheres assombradas de terror; mas o anjo lhes disse: «Não tenhais medo, porque sei que vindes buscar a Jesus, que foi crucificado. Jesus já aqui não está, porque resuscitou como tinha dito, e vinde e vede o lugar onde estava posto. Parti e dizei a seus discipulos, e a Pedro, que elle vai adiante de vós esperar-vos em Galiléa, como lhes promettera» Logo se lembraram da promessa, e a nova da resurreição lhes acalmou o terror que lhes tinha causado a apparição

do anjo Sahiam do monumento para irem dar parte aos Apostolos do que sabiam, e nesse momento viram a Jesus que as saudava, e transportadas de alegria e assombro se chegaram a beijar-lhe os pés e adorá-lo. «Não temais, lhes disse Jesus, e ide dizer a meus Irmãos, que vão á Galiléa, que lá me verão».

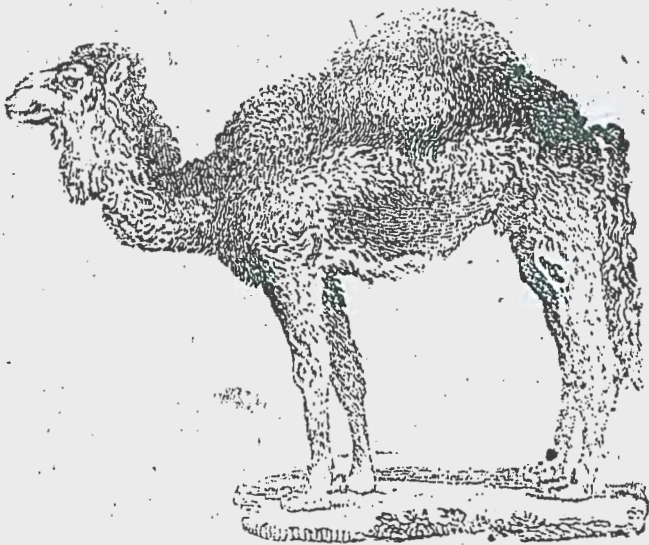
Jesus dá-se a conhecer a dous discipulos e a Pedro.—Apparece aos Apostolos

Dirigiám-se nesse mesmo dia dous discipulos a Emáus, villa arredada duas leguas e meia de Jerusalem, e falavam nos extraordinarios successos daquelles tres dias, quando se lhes juntou Jesus, e com elles (sem que o conhecessem) caminhava ao lado. Perguntou-lhes de que falavam, e que motivos tinham de tristeza. Um delles, chamado Cleofas, lhe disse: «Tu só és forasteiro em Jerusalem, e não sabes o que alli se tem passado estes dias? Não sabes que falamos de Jesus Nazareno, que foi um varão propheta, poderoso em obras, e em palavras diante de Deus e de todo o povo, e que foi condemnado á morte pelos nossos magistrados, e crucificado? Esperamos nós que resgatasse Israel, e ha tres dias que succederam estas cousas. É verdade que algumas mulheres que estavam conosco, nos espantaram dizendo, que foram de madrugada ao sepulcro e não acharam o seu corpo, mas que lhes appareceram anjos, os quaes affirmaram que elle vive. Alguns dos nossos foram tambem ao sepulcro, e acharam que era assim como tinham dito as mulheres, mas a elle não no viram».

D'aqui tirou Jesus motivo para lhes exprobar a sua incredulidade, e lhes disse: «Ó estultos e tardos de coração para crer tudo o que annunciaram os prophetas! Por ventura não era necessario que Jesus Christo padecesse estas cousas, e que assim entrasse



na sua gloria?» Depois lhes explicou quanto delle disseram as Escripturas, começando por Moysés, e acabando pelos prophetas. Chegados á villa, Jesus fingiu que ia para mais longe, porém elles o detiveram dizendo que ficasse na sua companhia, porque se fazia tarde, e que o dia estava na sua declinação. Jesus entrou com os dous n'uma casa, e estando sentado com elles á mesa, tomou o pão e o abençoou, e tendo-o partido lh'o dava. Subito se lhe descerraram os olhos, viram o que dantes não viam, e co-



O DROMEDARIO.

nheceram a Jesus, que desapareceu-lhes logo de diante dos olhos. Então disseram um para o outro: «Não é certo que nos ardia o coração quando pela estrada nos explicava as Escripturas?» Levantando-se na mesma hora, voltaram para Jerusalem, e acharam juntos os Apostolos que diziam que o Senhor havia resuscitado e apparecido a Pedro. Os dous discipulos contaram tambem o que lhes havia acontecido no caminho, como conheceram a Jesus ao partir

o pão. Alguns discípulos, porém, não acreditaram tal notícia.

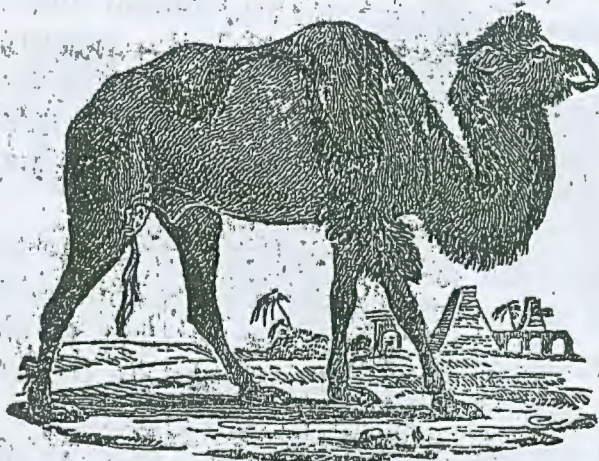
Estando nessa mesma tarde os Apóstolos á mesa, e as portas fechadas, lhes appareceu Jesus e disse: «Paz convosco: sou eu, não temais». E tendo-os assim saudado, os arguiu de incredulos, e duros de coração, que não criam em sua resurreição, nem se rendiam ao testemunho dos que o viram resuscitado. Encheram-se os Apóstolos de espanto e medo, e o tinham por phantasma, quando Jesus, para os socegar, lhes disse: «Porque estaes vós perturbados, e que pensamentos são esses, que vós sobem aos corações? Olhai para as minhas mãos, e pés, porque sou eu mesmo. Apalpai e vede: nm espirito não tem carne, nem ossos, como vós vedes em mim». Dizendo isto, mostrou lhes as chagas nas mãos, nos pés, e nos lados.

Enlevados de pasmo e de alegria, não podiam os Apóstolos ainda crer no que viam. Então Jesus lhes perguntou se havia alguma cousa que se comesse, e elles lhe apresentaram uma posta de peixe assado e um favo de mel. Não precisava Jesus de sustento, que só cabe á vida mortal, e não á eterna, que pela resurreição tomara, mas pediu de comer para convencer mais sensivelmente os Apóstolos que era elle o proprio, e que tinha com certeza resuscitado. Tendo comido, e dado o resto aos Apóstolos, disse pela segunda vez: «Paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós». Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles, e disse-lhes: «Recebei o Espirito Santo, e serão perdoados os pecados a quem vós os perdoardes, e retidos a quem vós os retiverdes».

Não se achava S. Thomé com os mais Apóstolos quando Jesus a elles se mostrou do modo que acaba-



mos de narrar, e quando lhe contaram que tinham visto o Senhor, disse: «Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não metter o meu dedo no lugar dos cravos, se não metter a minha mão no seu lado não hei de crer». O Filho de Deus, que encaminhava ao estabelecimento da fé de sua resurreição estas incredulidades, não desamparou a Thomé. Oito dias depois, estando Thomé e os seus discipulos outra vez dentro do mesmo sitio a portas fechadas, veio Jesus, poz-se em pé no meio, e disse: «Paz seja comvosco. Mette, disse então a Thomé, o teu dedo aqui, e vê as minhas mãos. Chega tambem a tua mão,



O CAMELO

e mette-a do meu lado: e não sejas incredulo, mas fiel.—Meu Senhor e meu Deus! exclamou Thomé já mudado.—Thomé, replicou Jesus, crestes porque viste: bemaventurados os que não viram e creram».

---

Varias appareções de Jesus Christo.—Estabelece a S. Pedro cabeça de sua Igreja.—Dá as ultimas instruções a seus discipulos, e sobe ao céu.

Pedro, Thomé, Nathaniel, e os filhos de Zebedeu e outros discipulos de Jesus estavam juntos na praia de Genezareth, e disse-lhes Pedro: «Eu vou pescar—

Tambem nós outros vamos contigo, responderam-lhe os mais». Sairam pois, e entraram n'uma barca, mas naquella noite nada apanharam. Chegada a manha, veio Jesus pôr-se na ribeira, e perguntou aos discipulos, não sendo por elles conhecido: «Tendes alguma cousa que comer? — Nada, responderam elles. — Pois lançai a rêde para a parte direita da embarcação, e achareis, disse Jesus». Lançaram elles a rêde, mas já a não podiam trazer acima, que tão grande era a carga de peixe, e João, vendo este milagre, disse a Pedro: «É o Senhor».

Pedro e outros discipulos vieram na barca, trazendo a rêde cheia de peixes, e, tanto que saltaram em terra, viram umas brazas postas, e um peixe em cima dellas, e pão. «Dai cá dos peixes, que agora apanhastes, disse-lhe Jesus, e vinde jantar».

Acabado o jantar perguntou Jesus a Simão Pedro: «Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes? — Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo, lhe respondeu Pedro — Apascenta os meus cordeiros, lhe disse Jesus». Perguntou-lhe segunda vez: «Simão, filho de João, tu amas-me? — Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo, lhe respondeu Pedro. — Apascenta os meus cordeiros, disse-lhe Jesus» Perguntou-lhe ainda terceira vez: «Simão, filho de João, tu amas-me? Ficou Pedro commovido, porque julgava que Jesus duvidasse do seu amor e lhe respondeu: «Senhor, tu conheces tudo, tu sabes que te amo». Jesus, querendo com o triplice testemunho do amor de Pedro compensar as tres vezes que o negára, lhe confiou então as suas ovelhas, isto é, o cuidado das almas, e o governo visivel da Igreja, e disse-lhe: «Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade, te digo: quando tu eras mais moço, tu ti cingias, e iás para onde te dava a vontade: mas quando já fores velho,



estenderás as tuas mãos, e outro será o que te cinja, e que te leve para onde tu não queiras». Com estas palavras significava Jesus o genero de morte, que havia de soffrer S. Pedro, o qual, como seu Mestre, foi crucificado.

Diversas vezes mostrou-se Jesus ainda aos Apostolos durante os quarenta dias que, depois de sua resurreição ficou no mundo, e assim procedeu para lhes confirmar com muitas provas que estava vivo, e conversar com elles ácerca do reino de Deus. Deu por fim varias instrucções aos Apostolos, explicou-



O LHAMA.

lhes o sentido das Escripturas, e disse que em seu nome prégassem a penitencia e remissão dos pecados a todas as nações. Ratificou a missão que lhes dera, dizendo: «Todo o poder me foi dado no céu e na terra, ide por todo o universo prégar o Evangelho, e doutrinaí os povos, baptisando-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Os que crerem serão salvos, e os que não crerem serão condemnados».

Depois de se manifestar a seus discipulos varias vezes na Galiléa, appareceu-lhes pela ultima vez em Jerusalem, onde lhes deu ordem que ficassem até a vinda do Espirito Santo. Os que estavam presentes lhe perguntavam dizendo: «Senhor, dar-se-ha caso que restituas neste tempo o reino de Israel?—Não é da vossa conta saber os tempos, nem momento, que o padre reservou ao seu poder; lhes respondeu Jesus; mas recebereis a virtude do Espirito Santo, que descerá sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalem, em toda a Judea, e Samaria, e até ás extremidades do mndo».

Estas foram as ultimas palavras de Jesus sobre a terra. Levantou as mãos, abençoou os discipulos, e foi-se elevando ao céu, envolvido n'uma nuvem refulgente de ouro e azul, que pouco a pouco o foi escondendo a seus olhos. Ainda os Apostolos seguiam attentos a nuvem até a perder de vista, quando dous mancebos vestidos de branco subito lhes appareceram, e disseram: «Varões da Galiléa, porque estais olhando para o céu? Este Jesus, que deixando-vos se elevou ao céu, assim virá como o vistes subir».

FIM DA VIDA DE CHRISTO.

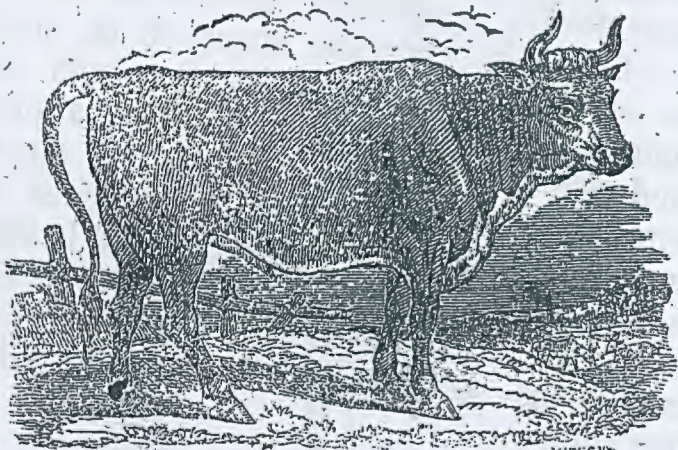


# ASSUMTOS DIVERSOS.

---

## O VIGARIO

N'uma freguezia a primeira pessoa digna de respeito é o vigario. Nas alegrias e nas tristezas da vida o vigario acompanha sempre as suas ovelhas, e é o seu anjo da guarda. Baptisa a creança, abençoá os noi-



O BÓI.

vos, consola o afflicto, e conforta o moribundo com a esperança de uma vida melhor. É na igreja onde a influencia moral do vigariõ se manifesta. Ali, no recinto sagrado, ajoelham-se os homens, as mulheres, os meninos, o rico e o pobre, o fidalgo e o plebeu. Ali, do alto da cadeira, mostra aos grandes a pequenez de sua origem, e aos pequenos a grandeza dos seus destinos. Ali, na altura do Evangelho, apresenta os mais bellos modelos e preceitos de fraternidade. O homem

orgulhoso ouve a predica e sabe da igreja mais modesto: o culpado mais arrependido: o rancoroso, mais benigno, e o desgraçado mais resignado.

Na freguezia o vigario é, para assim dizer, o unico professor de moral, e governa as ovelhas com uma santa liberdade. Não as abandona um só instante, desde o berço até a sepultura, na missa, na predica, no confessorario, no baptismo, no casamento, no leito da morte. É o senhor, o possuidor, o director dos seus segredos, alegrias, tristezas, incredulidades, e terrores. O dogma, a penitencia, a absolvição, os bons e máus desejos, as inimisades, vinganças; erros e arrependimentos, tudo vê, tudo ouve, tudo sabe. Ame-dronta as consciencias e tranquilisa-as: castiga e ao mesmo tempo consola. Não ha coração que se lhe não abra; choupana humilde que não visite; pobres que não console, e não teme o frio, o calor, a chuva, a tempestade e as molestias contagiosas. Nascido quasi sempre no meio do povo, creado e alimentado com o povo, conhece melhor as suas necessidades que os grandes do mundo, os seus interesses, fraqueza, desejos, costumes, defeitos, qualidades, vicios e virtudes. Sabe melhor quaes são os remedios que precisa o povo; quaes são as palavras que se lhe deve dizer, quaes os males do corpo e da alma que devem ser curados.

Ha discordia entre pai e filho, marido e mulher, irmãos, amigos e visinhos? Ninguem vai ao juiz de paz, mas sim ao vigario. Nenhuma obra de caridade se realisa na aldêa, haja o dinheiro que houver, sem que o vigario seja consultado, tome nella parte, dê-lhe a direcção, e lh'imprima o caracter de simplicidade, desinteresse e duração. O céu desprende a chuva e o trovão? Lá vai o vigario á igreja, ora em commum, e pede a Deus que affaste o flagello, e dê a



prosperidade dos bens da terra. Ora-tambem pela salvação dos mortos, e pede a Deus o orvalho do céu, os thesouros da graça, e as esperanças infinitas da immortalidade. Se o vigario prêga, ao povo o respeito para com os grandes, prêga tambem aos grandes o respeito que devem á justiça. Se re-commenda ao pobre a resignação na-desgraça, re-



A GIRAFA.

commenda tambem ao rico, nos dias prosperos, a caridade.

São estas as qualidades, que devem ornar a pessoa de um bom vigario, o humilde discipulo de Christo, e que muito bem descreveu n'um livro popular Mr. Cormenin, conselheiro de estado, e um dos

homens célebres da França. Em geral os vigários da França, e dos outros paizes da Europa, não desmentem as qualidades reconhecidas por Mr. Cormenin e a razão é porque esses vigários não se envolvem na politica, não querem ser eleitores, nem deputados, e antes querem os bens do céu, que os da terra. O vigário politico, assim como o professor primario, ou o magistrado politico, é o maior flagello que pode ter o povo, porque um tal vigário recebe o insulto dos seus adversarios, perde a força moral, mancha as vestes sacerdotaes, ateia as paixões, odeia, vinga-se, divide o rebanho em vez de unil-o, torna-se lobo em vez de pastor, e sacrilegamente renega as palavras de Christo, que disse: *O bom pastor deve derramar o sangue por suas ovelhas.*

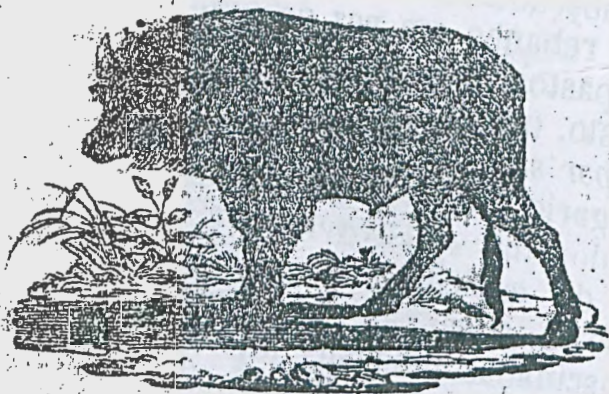
O vigário, não sendo politico, pode ser o anjo consolador das saas ovelhas, e dar com mãos largas o pão do espirito e o pão do corpo. Neste caso torna-se o conciliador, o conselheiro das familias, que, fascinadas pela sua intelligencia, moralidade, e bons exemplos, depositam nelle a mais cega confiança. Torna-se o promotor do progresso moral, intellectual e material, e guiado pela fé, nada o poderá desanimar. Pelos seus conselhos e pelo ensino, pode tornar intelligente, moralisada, rica e laboriosa qualquer população ignorante, perversa, pobre e ociosa. Na Calabria um vigário tomou posse de freguezia agreste e inculta. O povo era miseravel, ignorante, supersticioso, fanatico e máu. Não desanimou o vigário, ensinou a ler aos meninos, inoculou no povo o amor ao trabalho, ensinou a semear o trigo, a plantar a oliveira e a parreira, pediu a cada parochiano que plantasse e cultivasse annualmente um certo numero dessas arvores uteis, e passados annos a agreste e inculta freguezia estava cultivada como um



ardim. O trigo, dava abundantes searas: a uva e a  
azeitona convertiam-se em vinho e azeite: o povo gas-  
tava o necessario, vendia o superfluo, vivia feliz, e por  
uma vez o trabalho afugentou a ignorancia e a miseria.

Entre muitos outros sacerdotes, dignos discipulos  
de Christo, e por consequencia amigos da humani-  
dade, citaremos Oberlin e Mr. Vincent.

Filho de um professor da cidade de Strasbourg, Fre-  
derico Oberlin nasceu em 1740 e morreu em 1826.  
Oberlin fez os seus primeiros estudos no Gymnasio,  
onde professava seu pai, e em 1763 recebeu o grão  
de doutor em philosophia, formando-se depois em the-



O RUFALO.

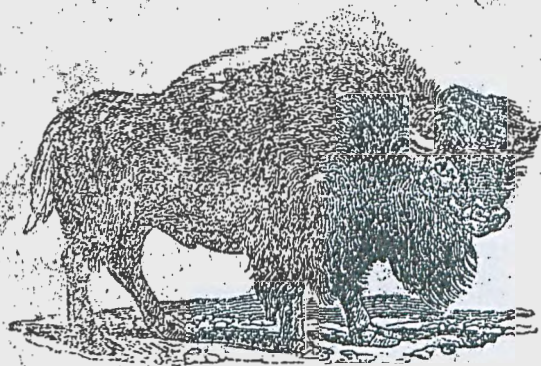
ologia. Pobre mascheio de fe, e abrasado do amor  
à humanidade, Oberlin aceitou em 1767 o curato de  
Ban de la Roche, situado perto de Strasburg. Os ha-  
bitantes de Ban de la Roche, eram nesses tempo victi-  
mas dos dous maiores flagelos do homem: a ignorans  
a e a miseria. Alimentavam-se de fructas e herva-  
lyestres, não tinham estradas, e a terra estava co-  
berta de florestas. A vida parochial de Oberlin foi do  
principio ao fim uma serie de deveres a bem das suas  
velhas, e hoje a sua memoria é por todos venerada.  
O seu primeiro cuidado foi fundar escolas. Estava Ober-

lin convencido que a ignorancia crassa dos habitantes de Ban de la Roche seria o maior obstaculo, que havia de encontrar na realisacão dos seus melhoramentos. As pessoas ignorantes falam mal, comprehendem mal, e dos outros mal se fazem entender. Possuem poucas recordacões, poucas idéas, e a sua conversa é pobre como a experiencia, e encerra-se n'um pequeno numero de idéas vulgares, e de repetições fastidiosas e insignificantes. Quasi nada sabem do passado, não sabem o que se passa alem do lugar onde vivem, e aquillo que seus pais não disseram, e o que não viram, lhes parece incrivel e impossivel. Assim quando alguem os convida a afastarem-se do caminho da rotina, persuadem-se que se lhes deseja a desgraça, e consideram como inimigo todo o homem que lhes aconselha a menor mudanca nos seus habitos, ainda mesmo que seja para seu verdadeiro interesse. Foi isto que dolorosamente experimentou o joven Oberlin nos primeiros dias de sua residencia em Ban de La Roche. Apesar da sua prudencia e brandura, foram no principio mal recebidas as suas tentativas para destocar as terras incultas, abrir os caminhos necessarios para a communicacão das aldeias visinhas, propagar a cultura das arvores ructiferas, e melhorar a das batatas e do linho, que mais convinham ao terreno arenoso de Ban de la Roche. Houve até mesmo contra elle uma conspiraçao que foi atalhada pela sua paciencia, coragem e vontade.

Dar por si mesmo o exemplo, n'aquillo que desejava que fosse feito pelos camponezes, foi o meio empregado por Oberlin, com mais vantagem. Atalhos mui frequentados atravessavam dous campos do presbiterio. Nesses campos, á vista do povo que passava, Oberlin poz-se a trabalhar com um criado, abriu valas de quatro a cinco pes de profundidade: plantou arvores de fructo, e lançou em roda a terra propria e necessaria



para o seu crescimento. Procurou toda a casta de boas arvores, como a primeira, maceira, cerejeira, amexieira, e nogueira; fez um grande viveiro, que preparou no jardim, e esperou a occasião em que os seus parochianos, vendo e desenvolvimento das arvores diariamente expostas, viessem pedil-as voluntariamente. O seu desejo não ficou mallogrado: o gosto do plantio das arvores espalhou-se, e a arte de enxertar, que tinha ensinado a muitos dos seus parochianos, foi geralmente praticada. Quando queria abrir ou alargar um caminho, de pois deter alcançado o direito, pegava n'um



O BIZONTE.

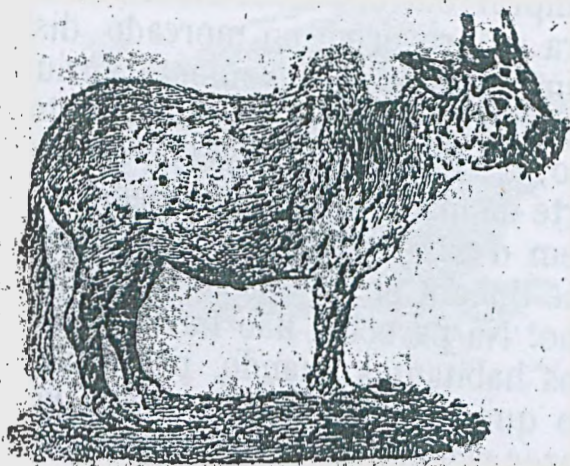
alvião, escolhia os lugares mais diffices, e punha-se a trabalhar, não se importando ter as mãos arranhadas pelos espinhos, ou pisadas pelas pedras. Assim despertava a emulação: os camponezes trabalhavam ao mesmo tempo em diversos pontos, e Oberlin, montado a cavallo, ia de um lugar a outro, e dava por toda a parte conselhos e ordens uteis. Antes da sua chegada a Bau de la Roche atravessavam-se os regatos mais largos sobre arvores tombadas, e logo Oberlin tratou de construir algumas pontes, e pelo seu exemplo muitas outras foram feitas depois.

O bem que o digno sacerdote não podia fazer por si mesmo, fazi-o fundando a associação e creando premios de animação. Para fazer face a estas despezas, pedia donativos e promovia subscrições, que facilmente alcançava das pessoss ricas de Strasbourg. Muitas vezes durante a noite, percorria a cavallo a distancia que vai de Ban de la Roche a Strasbourg para solicitar a caridade a favor de seus parochianos, ou defender os seus directos perante os magistrados. Via com pezar que se por ventura um instrumento dos seus parochianos se inutilisava, era preciso que tivessem a mão o dinheiro para comprar outro, e além disso perderem um dia inteiro, para se proverem no mercado distante. Afin de evitar um tamanho inconveniente abriu um armazem, aonde mandou vender os instrumentos pelo preço do custo, e a credito, pagando os rachadores de lenha no córte da madeira, e os cultivadores na occasião de venderem o gado, as batatas e o linho, unicos recursos, que tinham nessa epocha os habitantes de Ban de la Roche. Na parochia não havia um só homem de officio, e os habitantes quando precisavam dos seus serviços, o que succedia muitas vezes, viam-se obrigados a fazer viagens de muitas leguas, e perderem tempo e trabalho. Oberlin sondou a disposição dos moçoços, escolheu os mais intelligentes, forneceu-lhes roupa, e os poz a aprender officios. Alguns annos depois a parochia possuia carroceiros, ferreiros, ferradores, carapinas, pedreiros, sapateiros, etc. Este melhoramento deu os mais felizes resultados, porque muitos individuos tiveram subsistencia honesta, e espalhou-se o gosto dos trabalhos mechanicos.

Oberlin introduziu algumas industrias na sua parochia, principalmente as de fiar e tecer algodão. Velhos mulheres e meninos, condemnados antes á miseria e á preguiça, durante o rigoroso frio do inverno,



encontram neste recurso trabalho e subsistência. Comprou um grande numero de livros uteis, e dava e emprestava aos seus parochianos mais instruidos. Nas suas conversas particulares, ou as reuniões semanaes, que dava em sua casa, annunciava e explicava as importantes descobertas feitas na agricultura, e os acontecimentos da epocha. As suas communicacões eram acompanhadas sempre de observações judiciosas, e sempre tendiam para um fim religioso e moral. Creou uma caixa economica, onde elle e os seus amigos foram os primeiros, que depositaram o fruto de suas economias.



O ZEBU.

Deste modo banii o mendicidade, e graças a seu ensino, a má fé, a falta do pagamento de qualquer quantia pedida emprestada á caixa economica era uma noção indelevel, e que rarisimas vezes manchou os seus parochianos. O beneficio desta instituição foi immenso. Quando um habitante de Ban de la Roche, laborioso e honesto, achava-se, por alguma desgraça, embaraçado em pagar a divida, confiava ao parochio o seu estado, o qual achava sempre meios de salvá-o de uma perda, a não ser ella inevitavel. Chamou os credores,

muitas vezes, pobres e alcançava delles a quitação, salvava o infeliz da deshonra, e emprestava-lhe ainda alguma quantia, para ajudal-o nas precieões da familia, e continuar com os seus trabalhos agricolas.

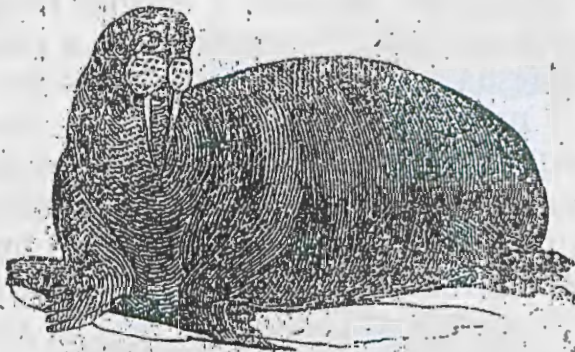
Seria longo trabalho narrar todas as invenções engenhosas, que inspirou a Oberlin a caridade esclarecida, que abrazava a sua alma. Basta dizer que em vida teve o amor dos seus parochianos e a recompensa dos governos. A Convenção em França lavrou um decreto agradecendo, em nome da patria, os serviços prestados por Oberlin na propagação da instrucção primaria, e o rei Luiz XVIII o nomeou cavaleiro da Legião de Honra. Poucas virtudes podem merecer o mesmo respeito de governos oppostos, como a republica e a realisa, e conservarem a sua pompa em tão grandes distancias!

Em 1846 o padre Vicent foi nomeado abade de Broussan, pequena aldeia de 300 habitantes, perto da cidade de Toulon, em França. As terras incultas da aldeia, o espirito de rotina, a ignorancia e a pobreza dos habitantes commoveram o coração evangelico do abade Vicent, que cogitou logo dar pelo ensino as suas ovelhas o pão do corpo como o do espirito. Pediu e alcançou da autoridade local a necessaria licença para abrir gratuitamente uma escola primaria na abadia. Ali abriu duas aulas, uma para meninos, e outra para meninas, sendo a primeira dirigida por elle, e a segunda por sua mãe, e ambos ensinavam á infancia a leitura, a escripta, a arithmetica, e principios de geographia, historia, e musica vocal. Satisfeito com o progresso de seus jovens discipulos, o abade Vicent observou em alguns demastado gosto pelo estudo, e repugnancia para os trabalhos phisicos. Para atalhar o mal, começou a cultivar um campo, nas horas do recreio, com seus discipulos, e procurou dar-lhes por este modo o habito do trabalho manual, inspirar-lhes o gosto da agricultura.



Mais tarde, um dos ricos proprietarios da visinhança, o conde D'Estiennes d'Ortès, lhe emprestou uma pequena quantia e o bom do abade Vicent bateu de porta em porta, pediu em nome da caridade, comprou terras, instrumentos, animaes, e fundou a escola agricola de S. Izidoro. Fundada em 1848, a escola agricola de S. Izidoro tinha 54 orphaos no anno de 1855, e apresentava 66 no anno de 1860.

Dos bons vigarios depende, pois, em grande parte a felicidade publica. A este respeito accrescentaremos ainda, segundo escreve Malte Blun, o exemplo dos vigarios da Noruega, não menos caridosos que os dos di-



O BEZERRO MARINHO.

versos paizes da christandade, excedendo-se todos em solida instrucção. Nessa classe illustrada encontram os habitantes do campo não só professores primarios instruidos, como tambem censores indulgentes, e modelos de moralidade. Os mais simples vigarios de aldeia são dignos apreciadores de tudo que diz respeito á prosperidade do paiz; á utilidade geral, e por isso o governo apressa-se em consultal-os, quando trata de fundar celeiros de abundancia, abrir e conservar as estradas, construir pontes ou canaes, e introduzir e propagar nos campos algum novo genero de cultura, ou qual-

107  
quer outro melhoramento agrícola. Por isso não é raro encontrar-se nos sacerdotes da Noruega distinctos botânicos, mineralogistas, economistas, e agrónomos. Tão magníficos resultados são devidos, por sem duvida, á boa organização dos seus seminários, e imitando tão úteis exemplos, principalmente na parte relativa á agricultura, os governos do Piemonte e da Alemanha tornaram obrigatorio nos seminários o estudo da agricultura e economia rural. Em França foi tentado um ensaio deste genero no seculo XVIII, e ultimamente foi restabelecido pelo sabio bispo de Rodez. Devemos tambem apresentar a opinião, que formava Napoleon sobre tal assumpto. Lê se no *Memorial de S. Helena* que Napoleon desejava fundar cursos de agricultura nos seminários, para que o sacerdote, sendo por sua natureza o medico da alma, fosse tambem o medico do corpo, e o educado das populações ruraes. Deste modo o clero francez, pondo-se a frente dos melhoramentos agriculas, havia de recuperar com facilidade a antiga e salutar influencia que a politica e a industria fizeram passar para outras mãos.

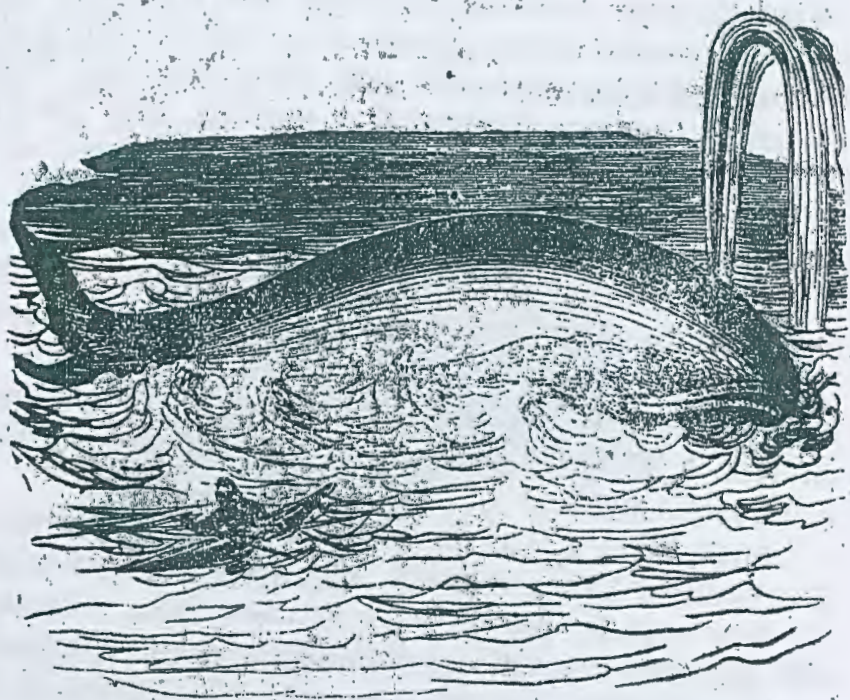
Longa seria a lista de bons vigarios, brazileiros, se por ventura tivéssemos de fazer uma honrosa menção de seus nomes; porem o espaço nos falta, e basta dizer que para a realização de milagres de civilização, como os de Oberlin e Vicent, são necessarias só duas cousas: fé e moralidade. A fé dá a preseverança, fortalece o animo, e, na phrase do Evangelho, sendo mesmo do tamanho de um grão de mostarda, é capaz de transportar montanhas: a moralidade infunde o respeito, o amor, a confiaccã, e faz abrir a caridade todas as portas.



## OS MAMIFEROS.

Os mamíferos são os animais que tem mamas. Todos nascem vivos, e chamam-se por isso, *vivíparos*, e dividem-se nas seguintes ordens: *bimanos*, *quadrumanos*, *carnívoros*, *marsupiaes*, *roedores*, *desdentados*, *pachídermos*, *ruminantes*, e *cetáceos*.

O homem é o único mamífero *bimano*, porque só tem duas mãos.



A BALEIA.

O orangotango e outros macacos, são *quadrumanos*, porque tem quatro mãos. Alimentam-se de fructos, e do mesmo modo que o homem tem duas mamas no peito, cinco dedos nos pés e mãos, e muitas outras semelhanças.

O morcego, o ouriço-cacheiro, o urso, o texugo, o furão, a doninha, a raposa, o gato, o leão, o tigre, a

onça, o linco, o lobo, o cão, o coati, a hiena, o chacal, e a phoca são *carnívoros*, porque alimentam-se de carne, e quasi todos tem unhas nos dedos, que são umas vezes chatas, e outras, agudas e cortantes.

O canguru e a mícúra são *marsupiaes*, porque têm um sacco por baixo do ventre, no qual se mettem os filhos, durante o tempo que se pegam ás mães, ou se refugiam, quando se espantam de alguma coisa.

O porco espinho, a lebre, o coelho, a cutia, o rato, o castor, o coatipurú e a marmota são *roedores* porque não podem apanhar, dilacerar, ou dividir os alimentos, e só com os dentes incisivos atacam e roem os paos, raizes e cascas de arvores, hervas, grãos, e fructos.

Os *desdentados* não tem dentes incisivos, e por isso não podem roer, e comem somente folhas, como a preguiça, ou insectos, como o tamandua, ou raizes, insectos, e cadáveres, como o tatu e o panholim.

O elefante, o javali, o porco, o rinoceronte, o hipopótamo, o cavallo, o burro, e a zebra são *pachidermos*, porque tem cascos, em vez de unhas, o couro grosso, e comem somente hervas, folhas, grãos e raizes.

O veado, o rangifero, o carneiro, a cabra, o camello, o dromedario, o lhama, a girafa, o boi, o bufalo, o bizonte, e o zebu são *ruminantes*, porque fazem voltar a comida á boca, depois de a ter engolido, para a mastigar de novo, e comem somente grãos, folhas e herva.

O bezerro marinho e a baleia são *cetáceos*, porque não tem pés, e as mãos são em forma de barbatanas. Embora vivam sempre n'agua, não são peixes, porque amamentam os filhos, que nascem vivos, e respiram o ar, esguichando a agua pelas ventas.



O ORANGOTANGO—é o maior dos macacos, e de todos os animaes é o que mais se parece com o homem. O seu corpo é coberto de pêlo grosso e ruivo; não tem rabo; alimenta-se de frutos, ovos e insectos; habita nos bosques; resiste com paos e pedras quando é agredido, e são seus braços tão compridos, que, estando em pé, chegam ao chão. Anda em bandos nas regiões da Azia, e somente domestica-se, quando é agarrado em pequeno. No estado domestico, sendo bem tratado, serve à mesa, abre garrafas, enche os copos;



O ABUTRE.

limpa os pratos, e faz todo o serviço de um criado, ao menor signal do dono. Dizem que um orangotango pode lutar com dez homens, e que na sua colera, pegando um homem pelas pernas, o escacha de meio a meio.

O MORCEGO—tem duas manas no peito, nas quaes traz os filhos dependurados, e vôa rapido e subtilmente, durante o crepusculo e a noite, apanhando no vôo insectos e borboletas. Uma larga membrana, que lhe cobre os quatro membros, lhe forma as azas, que são de uma pele dura, e quasi transparente. Esconde-se du-

rante o dia, e pendura-se nos ramos das arvores pelos pés, com a cabeça para o chão, envolvido nas suas azas. Alguns morcegos são *frugiveros*, porque sustentam-se de fructos: outros, são *insectivoros*, porque vivem de insectos: e outros são *carnivoros*, porque bebem o sangue dos animaes. Ha uma especie de morcegos muito grandes chamados *vampiros*, cuja carne os povos das ilhas do oceano indico, e principalmente os chinezes, acham muito saborosa e a comem como a de gallinha.

O OURIÇO CACHEIRO — não chega a ter um pé de comprimento, e tem o focinho aguçado, a cauda muito curta, e o carpo coberto de espinhos. Vive nos silvados e bosques da Europa: nutre-se em parte de fructos, e em parte de pequenos animaes, e recolhe-se em covas. Quando é atacado, faz-se em um novelo e apresenta espinhos por toda a parte. Só a raposa tem a astucia de o desdobrar, embora lhe fique o focinho e a goela ensanquentados.

O URSO PRETO — habita as florestas da Europa, America do Norte, e Azia. Tem a cabeça enorme, os olhos pequenos e vivos, o corpo alto e desageitado, o rabo curto, e os dentes e garras formidaveis. Recolhe-se em grutas, onde passa o inverno a dormir, e só come a carne dos animaes, quando é apertado por fome desabrida. Fora disso alimenta-se de raizes, fructos adocicados, e mel, que é a sua comida favorita. A sua pele é muito estimada para barretinas: a banha é excellente para pomadas, e para a panela: e a carne, pés, e presuntos defumados são reputados iguaria saborosa. No estado selvagem o urso é feroz e desconfiado; mas no estado domestico, amansa-se, e preso a uma corda, faz trejeitos desengraçados a voz do dono, ou de um instrumento.



O TEXUGO—tem a pele coberta de cerdas pretas e brancas, tão asperas, que delles se fazem escovas e pinceis. E' amantissimo de mel, como o urso preto, e por isso anda sempre á cata das colmeias, e desenterra os ninhos das abelhas silvestres. E' animal preguiçoso, desconfiado, e solitario, que vive nos bosques e lugares ermos da Europa. Foge da luz; passa tres quartas partes da vida a dormir, e quando sai é para buscar de comer.



O CONDOR.

A DONINHA—é um animalzinho comprido, e de um ruivo uniforme. Como a raposa, a doninha exhala um cheiro fétido, ronda sem cessar em roda das casas, e procura introduzir-se de noite nos galinheiros e pombeas. Quando entra n'um galinheiro, mata de preferencia os frangos e os pintos, fazendo-lhes uma unica ferida na cabeça, e os leva um a um. Tambem não perdôa aos ninhos das perdizes, codornizes, e outras aves, e gosta mais de sangue e miolos que de

carne. Caça as toupeiras, cobras, ratos, e passari-  
nho, e quando anda é aos pulos, dando pequenos  
saltos desiguaes e precipitados.

O FURÃO—é um animal mais pequeno que a doni-  
nha, e tem o corpo alongado, focinho agudo, o pê-  
lo melado e os olhos vermelhos. É inimigo mortal do  
coelho, e apesar da flexibilidade dos seus mem-  
bros, tem vigor bastante para o atacar na cova, e lhe  
sugar o sangue. Na Europa os caçadores aproveitam-  
se deste instinto sanguinario, e armando redes nas  
tocas do coelho, soltam o furão, que se interna pro-  
fundamente; e o faz saltar para fóra, a cair nas redes  
que lhe armaram.

A RAPOZA—é ruiva com a extremidade da cauda  
branca ou preta, e persegue os coelhos e galinhas. A  
sua astucia é proverbial: exhala um fetido, que lhe é  
particular, e excede ao lobo no instinto de fazer co-  
vas para seu domicilio. Caça durante a noite; anda  
sempre coberta de pulgas, e o seu grito, ou regon-  
go, assemelha-se de algum modo ao uivo do cão.

O GATO—distingue-se pelas unhas cortantes e agu-  
das, que facilmente encolhem-se para entre os dedos.  
A sua lingua é emendada de papilas espinhosas, e  
por isso arranha quando lambe. Os gatos trepam pe-  
las arvores: saem mais de noite do que de dia por  
verem muito bem na obscuridade; aborrecem a agua  
e a humidade, e preferem a carne dos animaes, que  
apanham vivos, a qualquer outra.

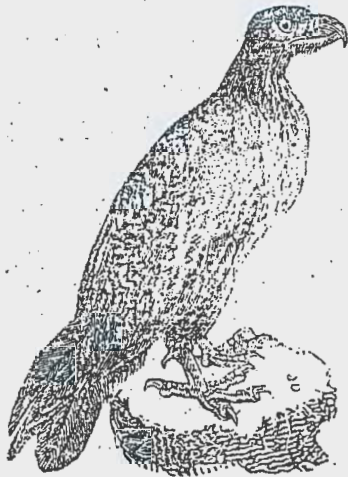
O LEÃO—pela grandesa dos saltos, valor e força  
muscular, o leão é considerado como o rei dos ani-  
maes. Não ataca o homem senão apertado pela fome,  
e tem uma clina espessa, chamada juba, que lhe guar-  
nece a cabeça, o pescoço, e os hombros. É implaca-  
vel na vingança; nutre-se dos animaes, que apanha

vivos, e ha-



bita nos desertos d'Africa, aonde solta rugidos atroantes e medonhos.

O TIGRE—habita nas regiões mais quentes da Asia, e é tão grande e forte, como o leão, porem muito mais cruel, porque muitas vezes mata somente para beber o sangue da victima. A sua pele é de um louro vivo, marchetado transversalmente com listas negras. O tigre, assim como o leão, a onça, e todos os gatos, encolhe as unhas cortantes e agudas, tem na lingua papilas espinhosas, e anda mais de noite que de dia.



O FALCÃO.

A ONÇA—ou tigre d'America, tem a pele amarelada, com manchas louras, circumdadas de preto. A onça é pouco inferior em força a um tigre, ou leão; mata um cavallo, ou um boi, n'um momento, e os arrasta por uma ladeira acima com muita facilidade. Ha no Brazil caçadores tão destemidos, que desafiam e esperam a onça com um forcado, e quando ella se lhes arremessa, que é sempre em pé, mettem-lhe o forcado no pescoço, e matam-na á faca.

O LINCE—vive no norte da Europa, tem o pêlo comprido e pardo, a cauda curta, e as orelhas guarnecidas de um pincel de pêlo nas suas extremidades. Os antigos erradamente julgavam que a urina deste animal se transformava em pedra preciosa, e que tinha o olhar tão penetrante que via através dos muros.

O LOBO—é muito voraz, tem as orelhas direitas, e a côr parda. Vive quasi sempre solitario, e não se reúne em bândos, ou alcateias, senão quando é apertado pelo frio e fome, e só neste caso ataca o homem. Devora os carneiros, e é tal a sua força e agilidade que muitas vezes foge dos cães, levando um carneiro seguro na boca. O lobo tem as mesmas formas do cão, mas é diferente na indole, e na especie, havendo entre elles antipathia invencivel. Os cães pequenos, vendo o lobo, ou sentindo-lhe o cheiro, começam a tremer, e deitam a fugir, para se enroscarem aos pés do dono; porem o mastim, ou cão de fila, conhecendo as suas forças, corre sempre ao combate, que ordinariamente acaba pela morte de um dos contendores.

O CÃO—é o fiel amigo do homem. Ha diversas raças de cães, e mencionaremos aqui as seguintes: o *galgo*, que é esbelto e alegre, tem as pernas mui compridas e finas, o corpo esguio, o focinho grande e afilado, o pêlo rente, e apanha as lebres, tomando-lhes as voltas sem as perder de vista; o *perdigueiro*, cujo olfato é extremamente fino, e levanta as perdizes, que são mortas no ar pelo caçador; o *mastim*, notavel pela corpulencia, coragem, e força, e que faz parar um touro, e o conserva preso, mordendo-o no focinho; o *rafeiro*, ou cão de pastor, que tem o pêlo comprido e arripiado, e guarda os rebanhos de carneiros, ajunta os que se desgarram, e os defende contra os animaes ferozes; o *cão da Terra Nova*, que tem o cabelo felpudo; nada com facilidade, e em occasião de naufragio segura o dono



pelo pescoço, ou pela roupa, e salva-lhe a vida. Os pretos Cumbucas e Chevás comem a carne do cão, e os chinezes também são por ella muito apaixonados, vendendo-a nos seus açougues em tanta quantidade, como entre nós a de vaca.

O COATI—tem as pernas curtas e grossas, o pêlo comprido e mole, o focinho delgado e prolongado, e a boca muito grande. Quasi sempre anda de noite, e nutre-se de ovos, aves e insectos. Domestica-se de sorte que acompanha o dono, como um cão.



A AGUIA.

A HIENA — tem o rabo curto, o pêlo das costas levantado, formando uma especie de clina; e come os ossos e cadaveres, que desenterra. São os seus dentes tão grossos e fortes, e os musculos dos queixos tão voluminosos, que facilmente quebra os ossos dos maiores quadrupedes, não havendo força que possa arrancá-lhe o que uma vez tiver agarrado. Por causa desta circumstancia, os árabes consideram a hiena como o simbolo da tenacidade. Os antigos diziam que este

animal mudava de sexo todos os annos, imitava o som da voz humana, e fascinava a tal ponto os outros animaes, que ficavam quedos, não se podendo mover. Mais estas patranhas são tidas na conta que merecem.

O CHACAL—tem com pouca differença o feitio do lobo, porem é mais pequeno, e a sua côr é de um amarello claro. Habita n'Asia e Africa, e anda em alcateias de 300 e 400, guiados por um chefe experimentado. Vive de pequenos animaes, e faz-se temido pelo numero, atacando toda a especie de gado, e entrando com insolencia nas estribarias e curraes. Quando ahi não encontra cousa alguma devora o couro dos arnezes, botas, e sapatos. Como a hiena, o chacal desenterra os cadaveres para comer a carne putrida.

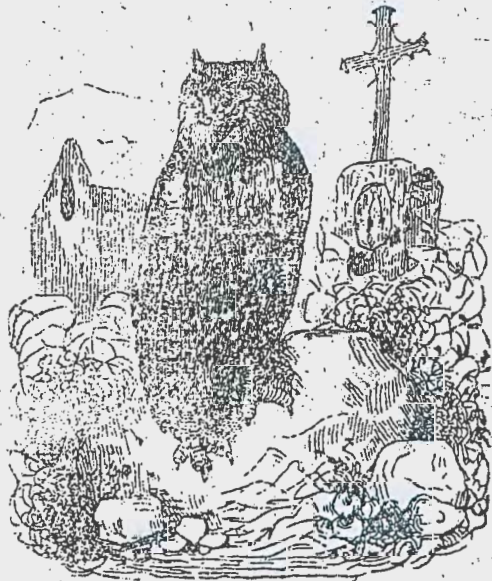
A PHOCA—é um animal amfíbio, porque vive tanto na terra, como n'agua. A sua cabeça é redonda, mui parecida com a do cão, e a parte inferior do corpo com o rabo de um peixe. Alimenta-se de peixes, tem o olhar expressivo, e demestica-se e familiarisa-se muito com o homem.

A MUCURA—ou sarigue d'America, tem as orelhas compridas, o focinho pontudo, e os dentes fortes e agudos. Exhala um mau fetido, e como a raposa, introduz-se de noite nos galinheiros, para matar as galinhas. Durante o dia, trepa nas arvores, e esconde-se por entre as folhas, á espreita dos passarinhos. De cada vez pare a mucura 12 ou 14 filhos, que nascem com os olhos fechados. Apesar da mucura ser do tamanho de um gato, os filhos nascem tão pequenos, como ratinhos, e então é cousa mui curiosa de se ver essas pequenas creaturas agarrarem-se com afinco nas tetas da mãe, crescerem com rapidez, e sairem e entrarem na bolça, que a mãe tem por baixo do ventre.

O PORCO ESPINHO—este animal tem o corpo coberto de espinhos, em lugar do pêlo, e o focinho grosso,



troncado, e curto, como o do porco. Os seus espinhos são mui compridos e fortes: errica-se á vontade, e antigamente se julgava que elle podia dardejar os espinhos contra o inimigo. Desconfiado e tímido, como todos os roedores, o porco espinho esconde-se de dia nas suas covas profundas, e sai de noute para procurar a comida, que se compõe ordinariamente de raizes e grãos. Presentindo o inimigo, foge immediatamente, e se não alcança o escondrijo, enrosca-se, e apresenta por escudo os fortes espinhos.



O MOCHO.

A LEBRE—é de um pardo arruivado e tem as orelhas compridas e a cauda curta. A sua carne é muito estimada, e o pêlo é empregado em certas manufacturas. Não se encova, dorme no chão, e quando a caçam, corre velozmente na campina, chiando, e fazendo muitos giros.

O COELHO—é menor do que a lebre, e apenas o perseguem vai em direitura para sua cova, que tem

um grande numero de saidas. Vive em sociedade, e produz muito no estado domestico, mas neste caso não é sua carne tão saborosa, como a dos bravos.

A CUTIA—tem as orelhas pequenas. o cabelo avermelhado e rijo, apenas signal da cauda, e tres dedos nos pés e quatro nas mãos. Como o coelho, abre covas, aonde se esconde, e corre com a mesma ligeireza. Róe o cajá, o côco, e outros frutos do mato, e muitas vezes, quando come, assenta-se de cocoras.

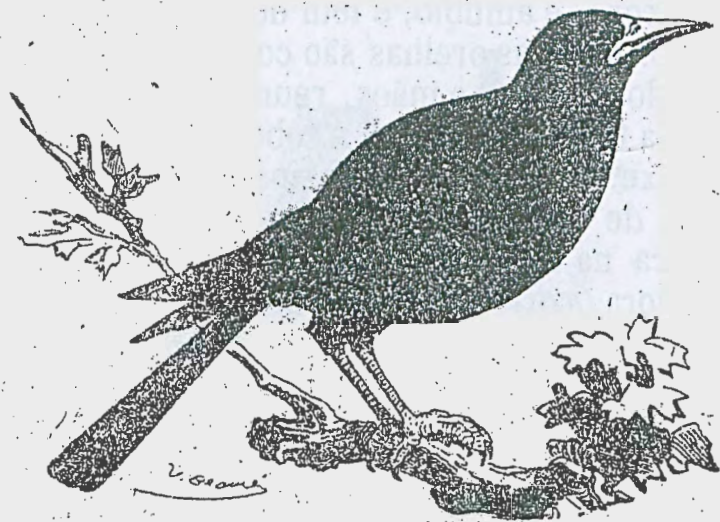
O CASTOR—é amphibio, e tem dois a tres pés de comprimento. As suas orelhas são curtas e redondas e tem cinco dedos nos pés e mãos, reunidos por membranas, e a cauda totalmente chata, e coberta de escamas, como a do peixe. Faz reprezas nos rios, formando estacadas, que tem de ordinario 400 pés de comprido, e 12 de espessura na base, e do mesmo modo levanta casas, aonde mora, cortando as estacas com os dentes, e amassando e alisando o barro com a cauda; que lhe serve de trolha! As casas tem duas saidas, uma para terra, e outra para dentro a agua, e por esta ultima foge, mergulhando, quando é atacado. Alem disso, cada casa accomoda muitos pares de castores, e tem dois e tres andares, sendo nos que ficam debaixo d'agua, aonde estão as cascas dos vegetaes, que são as suas provisões para o inverno. O castor anda em bandos de 100, 200, e 300: a sua pelle é muito estimada para chapéos, e dizem que a sua carne tem o mesmo sabor que a do peixe.

O COATIPURU—ou esquilo, é um pequeno, elegante e esperto animal. Tem o olhar vivo, as orelhas direitas, e a cauda longa, e guarnecida de pêlo comprido e espesso. Alimenta-se de frutos, e vive sobre as arvores, nas quaes aninha-se, trepa e salta com ligeireza e graça.



A MARMOTA—é de um trigueiro amarelado, habita nos Alpes. o distingue-se pela cabeça chata, corpo refeito, e cauda curta. Vive de ervas, e recolhe-se durante o inverno em buracos subterrâneos, que enche de feno, passando ali os maiores frios n'um letargo mortal.

O ORNITORINGO—é um animal curioso da nova Holanda, mais aquático do que terrestre. É do tamanho de uma cutia e coberto de um pêlo curto e macio. Tem os olhos pequenos e luzidios, e a cabeça, em vez



O CORVO.

de acabar em focinho, continua com uma especie de bico de colher, semelhante ao de pato. Nas suas mãos e pés ha membranas entre os dedos e unhas; o rabo é achatado, e os machos tem no calcanhar um esporão, que faz feridas perigozas, porque transmite ao golpe a secreção venenosa de uma glandula, que tem na base. A pele é tão dura que resiste á bala, salvo na cabeça:

O TATÚ—ou armadilho, é um animal coberto de escudelas escamosas, que o defendem, como couraças, e

a cabeça e cauda são igualmente escamosas. Ha diversas especies de tatús, como o bola, o peba, e o canastra. Nutrem-se de fructos, raizes, insectos, ou cadaveres, e cayam buracos, onde moram.

O PANGOLIM—é outra especie de tatú, que tem o corpo coberto de escamas grandes, duras, e cortante, situadas umas sobre outras á maneira de telhas. Vive n'Africa, alimenta-se somente de formigas, e quando é atacado, enrosca-se em forma de bola, e apresenta o cortante das suas escamas por toda a parte.

O TAMANDUÁ BANDEIRA—tem o corpo coberto de pelo grosseiro e escuro, com uma lista cinzenta e preta de cada lado, em forma de banda. Tem o focinho muito comprido; as pernas, curtas e grossas; o rabo gadelhudo e arqueado sobre o pescoço, e a lingua pegajosa e finissima, que se estende pelos formigueiros, aonde apanha o cupim, seu unico alimento. Posto que não tenha dentes, resiste á onça, deitando se de costas, e n'essa posição a abraça, e enterrar-lhe as unhas grandes, afiadas e curvadas. Nesta horrivel peleja muitas vezes ficam mortos os dous combatentes, agarrados um ao outro.

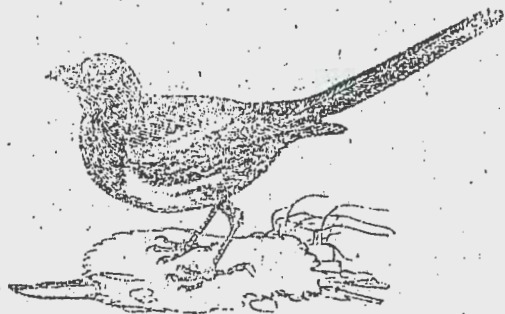
A PREGUIÇA—não tem cauda e são os seus braços maiores que as pernas, movendo-se por isso difficil-tosa e lentamente. Conta-se que depois de haver devorado todas as folhas de uma arvore, deixa-se cair ao chão, para se arrastar á outra arvore, gastando muitos dias no caminho, por mais curto que seja.

O ELEFANTE—é o maior quadrupede conhecido. Tem dous enormes dentes, cuja substancia é o *marfim*, e uma tromba, que lhe serve para apanhar a comida, chupar as cousas liquidas, arrancar as arvores, pegar nos objectos mais pequenos, como um dedal, uma moeda ou uma agulha. Este animal tem os olhos vivos e pequenos, acabeça grandissima, as orelhas largas e pen-



dentés, o couro grosso e áspero, e como o rinoceronte e o hipopótamo, vive de hervas, frutas, e folhas. No estado selvagem é sociavel, anda em bandos de 300 e 400, corre em defesa dos companheiros, e no estado domestico é tão docil que, sendo tratado com brandura, obedece ao menor aceno, e deixa-se montar e carregar, levando as costas grandes pezos, ou muitas pessoas.

O JAVALI—é o porco no estado selvagem. Tem as orelhas direitas, o corpo mais refeito, a cabeça maior e as prezas, ou colmilhos, mais compridos, que o porco domestico. É feroz; alimenta-se de raizes e batatas, e faz muito damno aos campos cultivados.



A PÉGA.

O porco — distingue-se pela golotoneria brutal, que chega a tal ponto, que muitas vezes devora os proprios filhos, no momento de nascerem. A asperesa das suas cordas, a dureza da pele, e a espessura do toucinho o tornam pouco sensivel. O porco é um animal muito util ao homem, porque a sua banha e toucinho servem para tempero da panella; as entranhas e o sangue, para a fabricação das salchichas, e com a sua carne saborosa fazem-se presuntos, linguças, paos, salchichões, e salame.

O RINOCERONTE—é um animal estúpido e feroz, que tem um, ou dois cornos no nariz, conforme a especie

e, depois do elefante, é o maior quadrupede conhecido. Tem a voz grunhadora, como a do porco, e a sua pele forma pregas profundas e regulares, que o fazem parecer armado de couraça. Quando luta com o elefante, procura metter-se-lhe por debaixo da barriga, visto ser mais pequeno, e estripa-o, porque de outro modo o elefante, o envolve na tromba, e o esmaga. O seu beico superior, que pode estender-se até seis ou oito polegadas, move-se em todos os sentidos, e com elle arranca as raizes e apanha a herva, como o elefante com a tromba.

O HIPOPÓTAMO — é amfíbio, estúpido, feroz, e tem o corpo muito mácisso, quasi grosso como o do elefante, as pernas curtas, a pele espessa, e os dentes por tal modo rijos que ferem fogo, batendo uns nos outros. Vive nos grandes rios d'África; é nadador e mergulha bem; nutre-se de vegetaes aquaticos, e ataca e esmaga todos os seres, que o inquietam. A substancia dos dentes deste animal, é mais dura, e menos alteravel do que o marfim, e por este motivo é empregado no fabrico dos dentes artificiaes.

O CAVALO — é um belo e intelligente animal. Nas caçadas, nas corridas, galopa e vence grandes distancias; na guerra, enthusiasma-se com o resplendor e o estrepido das armas, embriaga-se com o fumo da polvora, e, ao som do clarim, levanta as orelhas, sacode as clinas, morde o freio, escarva o chão, espuma, relincha, estremece, precipita-se de encontro ao inimigo, e decide a victoria: na paz, modera o ardor marcial, e presta valiosos serviços ao homem, transportando pesadas cargas ou lavrando a terra. Dos cavalos de séla, é de guerra, os mais belos são os da Andaluzia, e os mais soffredores e proprios para as fadigas, são os da Arabia. Os árabes são o povo, que dão melhor apreço ao cavallo, e dizem que o seu propheta Mahomet conside-



rava em primeiro lugar a mulher, e depois o cavalo, como as creaturas mais perfectas do mundo.

O BURRO—é um animal humilde, soffredor, e sobrio. Nos primeiros annos é alegre, e mesmo bonito; mas com a idade, e máos tratamentos, perde as formas engraçadas; e torna-se indocil e teimoso. No Poitou, no Limousin, e outras partes da França, o burro pucha, o arado e lavra a terra; na Borgonha os vinhateiros fazem-no puchar carroças e conduzir estacas e sarmentos; nos paizes montanhosos, é um bom animal de séla, porque tem o pé firme, e nas grandes cidades serve de caval-



A AVE DO PARAISO.

gadura para as senhoras e meninos. Mostra afeição ao dono, reconhece os lugares onde habita, e quando se aproxima da habitação, apressa o passo, agita as orelhas, sacode a cauda, e tornea com alegria estrepitosa. Útil durante a vida, o burro tambem é depois de morto. A sua carne é empregada nos famosos salchichões de Lyão, e a sua pele que é mui dura e elástica serve para se fazer crivos, e tambores:

A ZEBRA é um bello animal d' Africa, e tão indocil, que ainda não foi domesticada. Tem a forma do cavallo,

a grandeza e cauda semelhantes ás de burro, e a pele umas listas transversaes brancas e pretas.

O VEADO —ou corço da Europa, tem o pelo raso, cauda curta, as pernas altas e delgadas, uma fenda no canto interno de cada olho, chamada lacrimal, na cabeça uma linda armação. Este lindo animal muito ligeiro na carreira, e é tímido; mas torna-se furioso no tempo do cio. Ha no Brazil varias castas de veados, como o galheiro, o campeiro, o catingueiro, e o veado do mato.

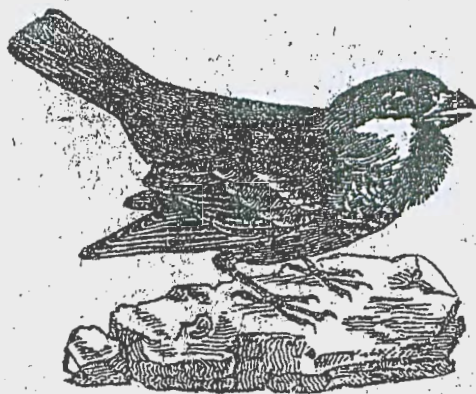
O RANGIFERO —é de umarrussado escuro, e tem os esgalhos da armação acabando em palmas achatadas. Na Laponia, paiz quasi sempre coberto de neve, aonde de não ha bois, carneiros, e cavalos, o rangifero é o unico animal que fornece aos pobres habitantes a carne, o leite, a lã, e a pele, que lhes serve para o vestuario, tendas, trenós, cordas e calçado. Alem disso pucha o *trenó*, ou carro sem rodas, que anda sobre neve, fazendo n'um dia viagens de 30 leguas. O rangiro é tão util para o lapão, como o camelo para o arabe do deserto.

O CARNEIRO —é o mais delicado e o mais fraco dos animaes domesticos. Todos os annos dá a lã, infelizmente desprezada em muitas partes do Brazil, havendo paizes, que produzem quantidades enormes, como a Australia que fornecé annualmente ao commercio 40 milhões de libras! Alem da lã, que serve para a fabricação de baetas, casimiras, e outros tecidos, o carneiro dá os seguintes productos: a carne, que é muito estimada pelo sabor e quantidade; o sebo producto igualmente importante; o leite serve para o fabrico de queijos de grande nomeada, como os de Roquefort, Mont'dOr; a pele que depois de surrada, é empregada na fabricação de sapatos, luvas, chapéos, pergaminhos e outros objectos; e o estrume, que é considerado



como um dos de primeira qualidade. Entre as diversas raças de carneiros, distinguem-se os *meris* de Hespanha, e os *Dishleys* ou *Leicesters* de Inglaterra. Os merinos são estimados pela sua lã fina, abundante, e macia, e os Dishleys pela abundancia de carne, pesando cada um, termo medio, 100 libras de carne limpa!

O CAMELO—tem duas corcovas, o pescoço comprido, a côr de um pardo anegrado, figura extremamente disforme. Comendo hervas duras, arbustos espinhosos, e algumas tamaras, o camelo carrega o peso de 30 ar-



O PARDAL

obas, e nos areas ardentes da Arabia-faz viagens de até a 20 leguas por dia, e até 40, sem parar, sendo por isso chamado pelos árabes o *navio do dezerto*. Pode passar seis e oito dias sem beber, porque de uma só vez bebe uma grande quantidade d'agua, que se conserva pura no estomago, e de continuo lhe sobe á boca para a refrescar, e apagar-lhe a sede. Ao menor aceno da voz do dono, o camelo curva-se e joelha-se para receber a carga ou ser descarregado. Os árabes aproveitam-lhe a carne, o leite, o pêlo comprido e macio, que serve para a fabricacão dos vestidos, e até a bosta

secada ao sol, que é empregada como lenha, para assar e cosinhar a comida.

O DROMEDARIO—é uma especie de camelo, que tem uma só corcova mui povoada de cabelo, e demasiadamente levantada. Tem calos nos côvelos das mãos e pés, sobre os quaes dorme com tal arte, que de grande maravilha toca com o corpo na terra. Como o camelo, é empregado no transporte das mercadorias, seria impossivel aos homens atravessar os desertos da Arabia sem estes animaes.

O LHAMA—é natural das regiões montanhosas do Peru. Tem ordinariamente quatro pés e meio de altura, o pescoço comprido e coberto de lã, e as orelhas pequenas e movediças. Toteria mais a sede que o camelo, e carrega pesos, que nunca excedem a carga de um jumento. A sua carne, quando é novo, é saborosa; a pele fornece excelente couro, e a lã, ou o pelo, serve para fabricação de ricos estofos.

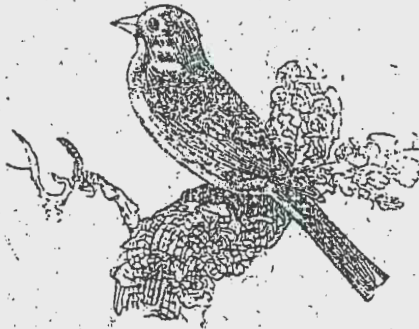
A GIRAFA—habita o centro d'África, e é o mais alto dos animaes quadrupedes, porque chega a ter 18 pés de altura. O seu pescoço é muito elevado, e na cabeça crescem-lhe uns pequeninos cornos, que estão sempre revestidos de pelo. É animal muito manso: nutre-se de folhas de arvores, e a sua pele é esbranquiçada e salpicada de malhas louras.

O BOI—tudo é util neste animal; a carne, o couro, os chifres, o cabelo, as unhas, o sebo, os ossos, e o esterco. O boi é excellentes animal de trabalho, e no carro e no arado presta grandes serviços ao agricultor. Na Inglaterra, o boi Durham é o verdadeiro typo da raça de engorda, havendo bois desta raça, engordados no estábulo, que chegam a pezar mais de 70 arrobas. Em Ayr, na Escocia, e em Friburgo, na Suissa, existem as melhores vacas leiteiras, havendo muitas que dão 80 quatilhos de leite por dia. O touro servê principal



ante para a propagação da especie, e a natureza deste animal indocel e atrevido. No tempo do cio aca-se muitas vezes furioso, não desampara as comcheiras, fere o ar com mugidos prolongados, trava unidas e mortíferas pelejas com touros rivaes, e as da peleja aguça os chifres nas pedras, ou nos ramos das arvores. Mas, a castração tira-lhe as formosuras, amodera-lhe a impetuosidade, amortece-lhe os sentidos, amolda-o ao trabalho, e torna-o mais pesado, mais vagarosa, mais paciente, e mais dócil.

O BUFALO — é de um trigueiro anegrado, gosta muito dos pantanos, e é mais forte, e de peor condicção, que o boi. Acha-se domesticado na Grecia e Italia, e



O CANARIO.

Induzem-no por um anel de ferro, passado atravez do septo das ventas.

O BIZONTE — ou bufalo d'America do Norte, vive em grandes manadas no estado selvagem. domestica-se facilmente, e sua carne é muito estimada. O bizontem tem uma corcova sobre as espaldas, e toda a parte anterior coberta de uma lã muito fina e comprida.

O ZEBÚ — ou boi gebo da India, tem sobre as espaldas um lobinho, ou corcova de gordura. Na India ha diferentes castas de zebús, que se distinguem pelo tamanho. Uns se fazem notar pela grande estatura, e outros não excedem em corpo a um carneiro grande.

O BEZERRO MARINHO—habita os mares do norte da Europa, nutre-se unicamente de mariscos de conchas e plantas marinhas, e é tão corpulento que chega a pesar 100 arrobas. Tem olhos grandes e vivos, e duas grandes presas, cujo marfim é mais duro, mais compacto, e, portanto, mais estimado que o do elefante. É sociável, anda em bandos, e nada com força e agilidade; mas em terra os seus movimentos são pesados e violentos. Com as presas arranca as plantas e mariscos e aferra-se nos rochedos quando quer dormir, e assim fica muitas vezes pendurado, quando a maré se retira. Além do excellenté marfim, um bezerro marinho pode dar meia pipa de azeite, e o seu couro serve para corrêões das carruagens.

A BALEIA—é um colosso, que chega a ter 100 pés de comprido, e uma largura proporcional. Habita os mares do norte, e como a phoca, e o bezerro marinho, páre e amamenta os filhos. Vive somente n'agua e tem os olhos pequenos, que excedem pouco aos do boi, e dous orificios por onde respira, e expulsa a agua em forma de repuchos, que chegam a altura de 30 pés. Debaixo da pele tem um toucinho olioso, donde se extrahé azeite e por isso os navios baleeiros vão todos os annos á sua pesca. Mettidos n'uma lancha, os pescadores procuram a baleia, e ferem-na com um harpão, atado n'uma corda mui comprida. Logo que a baleia é ferida, mergulha, e leva consigo o harpão e a corda, e morre por fim esvaida em sangue. Mas é tal a sua força que muitas vezes, puchando, com rapidez a corda, mette debaixo' d'agua a lancha e os pescadores, ou, com uma rabanada, arremessa tudo pelos ares.



## ○ BOM HOMEM RICARDO.

Passando um dia a cavallo por um sitio aonde havia muita gente para assistir a um leilão, parei movido do curiosidade. Em quanto não chegava a hora aprasada, conversavam os circumstantes sobre politica, e mormente acerca dos pesados impostos que o povo estava pagando. Um delles, olhando para um respeitavel anciano decentemente vestido, que ali se achava lhe dirigiu a seguinte pergunta: «E vinc. Sr. Abraham, que pensa de tudo isso? Não concorda em que tão pesadas contribuições hão de por fim arruinar totalmente o



O BOUXINOL

«...? Que havemos de fazer neste caso?» O anciano, depois de considerar algum tempo, respondeu: «Se quiserem conhecer o meu modo de pensar, eu o exporei em poucas palavras, porque a bom entendedor, uma palavra basta.»

Vendo que todos se dispanham a ouvir-o com attenção, falou nos seguintes termos:

«Meus caros amigos e concidadãos, não duvido que tributos sejam mais fortes; comtudo, se não tivessemos que pagar se não aquelles que a lei nos impõe, poderíamos facilmente satisfazer os; mais temos outros

110

ainda mais pesados, a saber: a nossa preguiça, que nos sujeita ao dobro do imposto que pagamos ao estado; o nosso orgulho ao tresdobro, a nossa extravagância ao quadruplo.

Estas contribuições são de natureza tal, que não é possível aos exactores fazer a minima redução, nem isentar-nos dellas, todavia se quizermos seguir um bom conselho, ainda poderíamos ter alguma esperança de melhorar a nossa sorte, por quanto, como refere o bom homem Ricardo no seu almanak: *Deus disse ao homem trabalha, que eu te ajudarei.*

Se houvesse um governo que abrigasse o povo a contribuir regularmente com a decima parte do seu tempo para o serviço publico, achar-se-ia por certo, mais dura semelhante condição; mas nós, pela maior parte, somos collectados pela nossa preguiça de uma maneira mais tyrannica, pois se se calcular o tempo que passamos n uma absoluta ociosidade, isto é, sem fazermos coisa alguma, ou a dissiparmos os nossos haveres, conhecer-se-ha que digo a verdade.

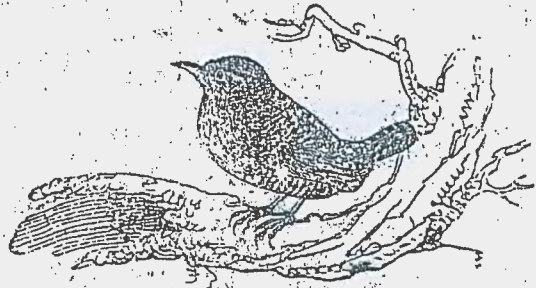
Quanto tempo não passamos entregue ao somno, alem do que é necessario? E porque acontece assim? Porque nos esquecemos, sem duvida, de que *a raposa a dormir não apunha galinhas*; e de que teremos tempo de sobejo para dormir, quando estivermos na sepultura. Se o tempo é o mais precioso de todos os bens, «desperdiçal-o, como diz o bom homem Ricardo, é a maior de todas as prodigalidades, visto que o tempo perdido não recupera, e que quando julgamos ter tempo sufficiente para fazer alguma cousa, é quando elle nos vem a faltar.»

Teuhamos portanto coragem, e trabalhemos enquanto pudermos. Com actividade faremos mais obra com menos trabalho. *A preguiça, como tambem diz o bom homem Ricardo, torna tudo difficil, quando o trabalho*



tudo facilita. Aquelle que se levanta tarde, agita-se o resto do dia, e vê chegar a noite, quando apenas dá começo a seu trabalho. A preguiça caminha tão lentamente que a pobreza não tarda alcançá-la. Deitar-se tarde, e erguer-se cedo, eis o melhor meio de conservar a saúde, a fortuna e a intelligencia.

Que significam as esperanças; e os votos que fazemos por tempos mais venturosos? Na nossa mão está tornar o tempo mais feliz, sabendo empregal-o convenientem ent. «*Quem trabalha, não deve ter ambições; pois aquelle que vive de esperanças, expõe-se a morrer de fome. Não ha proveito sem trabalho. Um officio equivale a um capital em terras. Uma profissão é um*



A GARRICA.

emprego que reúne honra e proveito. Portanto, aquelle que fôr laborioso não deve temer a miseria pois a fome detem-se á porta do homem intelligente, sem se trever a entrar-lhe em casa. A justiça tão pouco nelpenetrará, por isso que o trabalho paga as dividas, e quando a ociosidade as augmenta.

Não é necessario achar thesouros, nem ser herdeiro de parentes abastados. «*A actividade, como diz o bom homem Ricardo, é a mãe da prosperidade, e Deus ajuda a quem trabalha. Lavremos as nossas terras emquanto o preguiçoso dorme. Trabalhemos incessantemente desde pela manhã até a noite, visto que não sabemos*

se no dia seguinte o poderemos fazer. Por isso diz com muita razão, o bom homem Ricardo: *Vale mais ter um hoje do que dois amanhã—Guarda o que comer e não guardes o que fazer*

Não nos envergonháramos, por ventura, se fôssemos criados de um bom amo que nos chamasse preguiçoso? Pois bem, supponhamos que somos o amo de nós mesmo, envergonhem-nos de nos entregarmos a ociosidade, quando temos tanto que fazer em nosso benefício, no da nossa família, e a bem da nossa patria.

Levantemo-nos ao romper do dia, para que quando o sol alumiar a terra não possa dizer: «Eis ahí um preguiçoso, que ainda está a dormir.» Com vontade e perseverança fazem-se maravilhas:—*Agua mole e pedra dura, tanto dá até que fura*. Com trabalho e persistencia consegue um ratinho cortar uma amarra.

Está-me parecendo ouvir alguém perguntar-me: «não será licito ter alguns momentos de ocio?» Mas eu responderei com o que diz o bom homem Ricardo: *Empreguemos bem o nosso tempo, se quizermos ter o direito ao descanso; e não perçamos uma hora, ja que não podemos contar com um só minuto.* As horas vagas podem até ser empregadas em alguma coisa útil. Só ao homem diligente é dado gozar dessa especie de ocio, que o preguiçoso não sabe desfructar. *Vida socegada, como diz o bom homem Ricardo, e vida ociosa, são cousas muito diversas.*

Julgam vms., por ventura, que a preguiça proporciona maiores prazeres do que o trabalho? Enganam-se, pois, e como também diz o bom homem Ricardo: *A preguiça causa tuidados, e o ocio sem necessidade, dá lugar a grandes dissabores.* O trabalho pelo contrario, traz consigo commodidades, abundancia de considerações. Os prazeres correm atraz d'aquelles que fogem d'elles. *A' fiandeira laboriosa nunca faltu pa*



para camisas. Mas, além do amor do trabalho, é necessário ter constância, resolução e cuidado. Convém muito ver as nossas cousas com os próprios olhos, e não nos fiarmos demasiadamente nos outros. Como observa o mesmo bom homem Ricardo: *Nunca vi arvore alguma a cada instante transplantada, nem familia continuamente em mudança prosperarem tanto como aquellas que são estaveis. Tres mudanças equivalem a um incendio. Conservemos a nossa loja, e ella nos conservará. Quem quer vai, quem não quer manda, isto é, se quizermos que os nossos negocios tenham bom resultado, occupemo-nos delles nós mesmos: do contrario encarreguemos disso a outrem. Para que o lavrador prospere, deve elle proprio dirigir a char-*



A ANDORINHA.

*rua. O olho do dono engorda o cavallo. A falta de cuidado causa mais prejuizo do que a do saber. Não vigiar os operarios equivale a pôr a nossa bolsa á sua disposição. A demasiada confiança nos homens é a causa da ruina de muita gente, pois nas cousas deste mundo, não é pela fé que temos nos outros que nos salvamos muitas vezes, mas sim não tendo nenhuma.*

Se vms. quizerem ter um servo fiel e seu amigo, perguntar-lhe-hão o que devem fazer? Servir-se a si mesmos, responderei eu. O bom homem Ricardo aconselha tambem a circumspeção e o maior cuidado até nas cousas de menor importancia, porque, como acontece frequentes vezes, um leve descuido

pode produzir um grande mal. *A falta de um cravo diz elle, perde-se a ferradura; á falta da ferradura perde-se o cavallo e á falta do cavallo, perde-se o proprio cavalleiro, porque o inimigo o alcança, aprisiona, ou mata; e tudo por não ter feito caso de um cravo na ferradura do seu cavallo.*

Não basta só, meus caros amigos, o que fica dito ácerca do trabalho e da attenção que devemos dar a tudo que nos diz respeito; é necessario tambem que sejamos economicos, se quizermos tirar bom resultado do fruto do nosso trabalho. Se um homem não souber poupar á medida que vai tendo algum ganho, morrerá sem real depois de haver passado toda a sua vida em continua fadiga. «Quanto mais gorda é a cozinha» diz o bom homem Ricardo, «mais magro é o testamento», e nós os Brasileiros: «Boa meza mau testamento.»

Muitas fortunas se dissipam, apenas adquiridas, desde que as mulheres e os homens de humilde condição abandonam os seus misteres para figurarem fazendo despesas que as suas posses não comportam, «Se quizermos ser ricos,» diz o bom homem Ricardo, «aprendamos não só como se ganha, mas tambem como se poupa.» Se as Indias não enriqueceram os hespanhões foi porque os seus gastos excederam aos seus lucros. Renunciemos pois aos nossos loucos desperdícios, e teremos menos razão de nos queixarmos do rigor dos tempos, do excesso dos impostos, e dos avultados gastos da nossa casa, «porque,» como diz o bom homem Ricardo, «o vinho, a incontinencia o jogo, e a má vontade diminuem as fortunas, e multiplicam as necessidades. Custa mais a sustentar um vicio do que educar dois filhos.» Julgam vmes: talvez, que dar um chá a miudo, ter um prato mais ao jantar, uma ou outra vez, mais algum luxo de vestir, e dar-se a divertimen-



tos repetidas vezes, são cousas que não podem ter grandes consequências; mas lembrem-se do que diz o bom homem Ricardo: «De muitos poucos se faz um muito.» Lembrem-se que bebendo-se uma garrafa de cerveja todos os dias gasta-se diariamente 100 reis, e por anno 182\$500. Com o producto desta, e de muitas outras despezas miudas e superfluas, podemos comprar muitas cousas necessárias,



Ó BELLA FLOR.

Evitemos pois as despezas miudas, por isso que basta um pequeno rombo para fazer ir um navio ao fundo. A mez lanta conduz muitas vezes á mendicidade. Os loucos dão os hanquetes, e os sabios aproveitam-se delles.

Eis-nos aqui reunidos para um leilão de objectos curiosos e de valor, que vme. contam compar por pouco

dinheiro pensando assim que isso é bom; com tudo se se não acautelarem, será para alguns um verdadeiro mal, visto que se esses objectos lhes não forem realmente necessários, serão sempre demasiado caros, por muito barato que os comprem. Não percamos pois de vista estas maximas do bom homem Ricardo: «Aquelle que comprar o superfluo, não tardará a vender o que lhe fôr mais necessário. As compras baratas tem causado a ruina de muita gente. É loucura empregar o seu dinheiro para comprar um arrependimento».

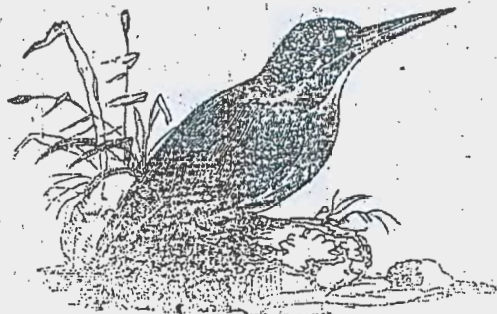
Todavia, é o que infelizmente todos os dias está acontecendo aquelles que ignoram estas maximas.

«O homem prudente», diz tambem o bom homem Ricardo, «aprende na desgraça d'outrem; o insensato raras vezes aprende na sua propria desgraça.» Ha tal que para brilhar na sociedade, priva a barriga do necessario alimento, e reduz a familia a passar quasi sem pão. «As sedas, os setins e os veludos», como diz o bom homem Ricardo, «tiram muitas vezes o calor á cozinha.» Por causa das suas extravagancias, tem muitas pessoas de alta cathegoria ficado reduzidas á pobreza, e na dependencia daquelles a quem dantes desprezavam: mas que souberam melhor governar-se pelo seu trabalho e economia. Isto prova, segundo diz o bom homem Ricardo: «Que um aldeão em pé, é mais alto que um fidalgo de joelhos. Talvez que aquelles que mais se queixam tenham herdado de uma boa fortuna; mas sem conhecerem os meios pelos quaes foi adquirida disseram consigo mesmo: «Agora é dia e nunca será noite. Tão pequena despeza n'uma fortuna como a minha, nênhum desfalque lhe poderá causar.» Mas em verdade, «as crianças e os loucos» como muito bem diz o bom homem Ricardo, «imaginam que vinte peças e vinte annos nunca se acabam. Donde se



tira e não se põe. falta faz. Quando o poço está seco, é que se conhece o valor da agua.

Querem saber, meus amigos quanto vale o dinheiro? Pecam-no emprestado. Aquelle que pretender contrahir um empréstimo, deve contar com tormento. Outro tanto succederá áquelles que confiam dinheiro a certa qualidade de gente, quando tem de lhe pedir o que lhes devem. Agora, perem, não é disso que tratamos. Quanto ao que en ha pouco lhes disse, observa o bom homem Ricardo: «A mania de figurar é uma extravagancia funesta. Antes de consultarmos a nossa fantasia, consultemos a nossa bolça. A vaidade é um



O PICA PEIXE PEQUENO.

mendigo que falla tão alto como a necessidade, mas é ainda mais insaciavel.» Quem compra uma cousa de gosto, precisa logo de mais de dez, pelo menos para conduzirem umas com as outras, ou para completar o sortimento. Por isso muito bem diz o bom homem Ricardo: «É mais facil reprimir a primeira fantasia, do que satisfazer á todas as outras que lhe seguem.» Ha tanta loucura pois no pobre em querer arremedar o rico, como na rã em inchar-se para se tornar tão grande como o boi. Os navios de alto bordo podem aventurar-se, fazendo-se ao mar; mas as embarcações de pequeno lote jamais devem perder a terra de vis-

ta. Semelhantes loucuras não ficam impunes por muito tempo, porque, como diz o bom homem Ricardo «O vaidoso almôça com abundancia, janta com a pobreza e ceia com a vergonha.»

E com effeito, que fructo se tira dessa ostentação, dessa vaidade a que tudo se sacrifica? sem augmentar o merito pessoal, excita a inveja, e apressa a ruina das nossas fortunas. Que loucura não commette aquelle que se enche de dividas para occorrer a taes superfluidades.

Como neste leilão, meos amigos, se vende a praso de seis mezes, foi talvez este engodo que levou alguns dos que aqui se acham a concorrer a elle, por isso que, não tendo dinheiro disponível, acham a facilidade de satisfazer a sua fantasia sem immediato desembolço. Mas, ah! sabem bem o que fazem quando compram fiado, ou contrahem alguma divida? Desde logo ficam na dependencia do credor, concedendo-lhe direitos sobre os seus bens e a sua pessoa. Não pagando no praso ajustado proemta-se exitar a presença do credor, e não se lhe falla senão com pejo e com certo recelo; degradando-se o devedor até a pedir-lhe mil vergonhosas desculpas. Pouco a pouco perde a sua franqueza e finalmente deshonra-se com mentiras as mais evidentes e despreziveis, pois, segundo diz o bom homem Ricardo: «O primeiro erro é contrahir dividas; o segundo, mentir. Aquelle que tem por costume endividar-se, anda sempre com a mentira á garupa.»

Quando se compra a praso, pode acontecer que o comprador não tenha na lembrança o dia do pagamento «mas advirta-se que os credores,» como diz o bom homem Ricardo, «tem melhor memoria que os devedores e formam uma especie de seita supersticiosa, que observa, com o maior escrupulo, todas as epochas do calendario. O dia do pagamento chega quando menos nelle se pensa, e o credor vem exigir o embolço da



quantia que emprestou, sem que o devedor tenha dado as necessárias providencias. Se, pelo contrario, o devedor trata de satisfazer a sua divida, o praso que a principio lhe parecia tão longo, parecer-lhe-hadema. siadamente curto, a medida que se sôr aproximando.

«A Quaresma é muito breve», como diz o bom homem Ricardo, «para aquelle que tem de pagar pela Pascoa». Conserveinos pois a nossa liberdade e a nossa independencia. Sejamos laboriosos e livres; sejamos economicos e independentes. Talvez julguem algumas pessoas, que me estão ouvindo, acharem-se n'um es-



A POUPA.

tado de tal opulencia, que lhes permite setisfazer ás suas fantasias; mas é preciso poupar afim de estar prevenido, não só para o tempo da velhice, mas também para qualquer adversidade que possa sobrevir.

«O Sol da manhã não dura todo o dia. O ganho é incerto e eventual, mas a despeza é certa durante toda a vida. E' mais facil construir duas chaminés do que conservar uma só com lume», como diz o bom homem Ricardo; «assim antes ir para a cama sem ceiar, do que acordar com dividas. Adquirir quanto se poder,

100  
e poupar o mais que possível fôr, eis o verdadeiro segredo para ter dinheiro.»

Quando possuir-mos essa pedra philosophal, não teremos motivo para queixar-nos das vicissitudes dos tempos, nem da dificuldade de pagar os impostos. Com quanto, meus amigos, esta doutrina seja conforme a razão e à sabedoria, não confiemos unicamente no trabalho, e na nossa prudencia e economia. Tudo isto será inutil sem a benção do Céu. Imploremol-a pois humildemente; não sejamos insensíveis ás desgraças do nosso proximo, e de-mos-lhe consolação e soccorro.

Não nos esqueçamos de que Job foi pobrissimo, e que depois veio a ser mui venturoso.

Nada mais direi sobre o assumpto pois «a experiencia é uma escola, aonde os lições custam caro: mas é a unica em que os insensatos podem aprender, se bem que pouco proveito tiram della. Lembrem-nos», como diz o bom homem Ricardo, «de que aquelle que não admite conselhos, não considere que, ainda quando não ouvir a razão, ella, mais tarde ou mais cedo, se fará ouvir.»

Assim acabou o velho «Abraham» o seu discurso. Os circumstantes ouviram-no com attenção e até pareciam approvar as suas maximas; com tudo não deixaram de praticar immediatamente o contrario, pois apenas cemeçou o leilão, cada qual fez compras as mais extravagantes, apezar das saudáveis advertencias do velho «Abraham» e do receio que todos tinham de não poderem pagar os impostos. Quanto a mim conheci que aquelle ancião havia estudado cuidadosamente as obras de «Benjamim Franklin», e tirado vantagem de quanto aquelle apostolo da humanidade havia dito pelo espaço de vinte e cinco annos, sobre a necessidade do «trabalho e da economia.» Resolvi aproveitar-me tambem do que lhe ouvira, para me emendar; e não ob-



stante ter-me demorado á porta do leilão com fim de comprar panno para uma casaca; entendi que era mais conveniente aos meus interessés ir-me remediando com a que tinha.

Leitor, se te for possível fazer o mesmo, ganharás tanto como eu.

RICARDO SAUNDERS.

## AS AVES.

As aves são animaes «oviparos», porque nascem do ovo, e são particularmente organisadas para voar, por



O POMBA.

que tem o pescoço muito comprido e flexivel; a cabeça pequena e pontuda, para melhor fender o ar; e as azas e pennas da cauda, que servem para se mover, dirigir e suster no vôo.

Os costumes das aves são dignos de attenção, e na sua existencia ha phenomenos curiosos, como as «emigrações», ou viagens: a «muda», ou renovação das penas: e a «nidificação», ou construcção dos ninhos

Certas aves, ora sós, ora em bandos, fazem viagens annuaes, em epoca certa, obrigadas pelo rigor do frio, ou pela sêca. As «andorinhas» começam a emigrar, quando o frio mata moscas e insectos, que lhes servem de comida: «o cisne», o «ganço», e outros palmípedes, que vivem de moluscos, peixes, eervas, deixam os paizes do norte da Europa, quando os frios do inverno gelam as agoas e cobrem a terra de neve. O «grou», a «cegonha», e outras aves ribeirinhas, que se alimentam de vermes ou reptis, nos terrenos humidos, emigram quando cessam as chuvas, e a mesma causa obriga as pombas dos nossos sertões a emigrar em bandos numerosissimos, e procurar sequiosas a agua que lhes falta.

Uma vez por anno, durante a primavera, ou antes da postura, as pennas das aves caem, e são substituidas por outras. A isto chama-se «muda», e nessa occasião as aves padecem e ficam apathicas, triste e silenciosas; comendo pouco, e vivendo escondidas e immoveis. A muda raras vezes excede o espaço de um mez, e quando as aves adquirem novas penas, então recuperam o vigor e vivacidade.

Na fabricação dos ninhos é que particularmente se admira a sagacidade, a intelligencia, a constancia, e paciencia, que Deus concedeu ás aves, inconstantes por natureza. Algumas fabricam o ninho de um modo grosseiro, no alto dos rachedos, como a aguia; outras fazem uma cova na areia, e com ella cobrem os ovos; que devem ser chocados pelo sol, como o abstruz; outras levantam nos pantanos uma pyramide de lodo, sobre a qual chocam os ovos; abrindo as compridas pernas, e pondo-se a cavallo, como o flamingo; ou fazem o ninho no chão, como a perdiz; ou nas velhas torres, como o grou, a cegonha e a coruja; ou nos telhados, como o pardal, ou nas cornijas das casas, como a andorinha; ou nos



buracos das paredes, como o pombo; ou nas plantas dos lagos, como a jacaná; ou no alto das arvores, como a pega; ou nos buracos dos troncos, como o tucano e o papagaio; ou dependurados nos ramos, como o japi; ou nos pequenos arbustos, como o beija-flor.

As aves são divididas em seis ordens, a saber: aves de rapinas, passaros, aves trepadoras, aves galinaceas, aves pernaltas, e aves nadadoras, ou palmipedes.

As aves de rapinas alimentam-se de carne, tem o bico recurvado, pés curtos, dedos armados de unhas mui-



O PICAPAU.

fortes, e seguram a preza com as garras de um pé, e a devoram sustidas nas do outro, como o abutre, o condor, o falcão, a águia, o mocho etc.

«Os passaros» tem tres dedos para diante, e um só para traz, como o corvo, a pega, a ave do paraizo, o beija-flor, o pica-peixe pequeno, a poupa etc.



«As aves trepadoras» tem nos pés dous dedos para diante, e dous para traz, e trepam de vagar pelos troncos em busca de insectos, como o picapau, ou em busca de fructos, como o tucano e o papagaio.

«As galinaceas», ou aves pesadas, voam pouco, e vivem principalmente de grãos, como o pombo, a perdiz, a cordoniz, o pavão, o faisão, o galo a galinha d'Angola, o peru etc.

«As aves pernaltas» tem as pernas altas e nuas. Umas, que são ribeirinhas, entram n'agua e nos pantanos, para pescar, embora não nadem, como a garça o guará, colhereira, o grou, a cegonha, ou o jaburu e outras habitam os terrenos secos, ou arenosos, e comem ervas e grãos, como o abstruz e o casoac.

Finalmente, «as aves nadadoras», ou palmipedes, tem os dedos dos pés reunidos por membrans, e passam a vida sobre as aguas, como o cisne, o gaúço, o pelicano, o pato, e a marreca.

—O ABUTRE tem uma parte do pescoço despojada de pennas, e vive de carnes corruptas, e as mais infectadas. No Egypto; e em outros paizes quentes, é muito estimado, porque devora os cadaveres, e purifica a atmospherá. Habita nas rochas escarpadas, e voa tão alto, que perde-se de vista. Além do urubú, ha no Brazil uma especie de abutre, chamado «urubú-rei»; que destroe muitos reptis, e tem o pescoço nu, o papo pelado, as palpebras vermelhas, o iris alvissimo e uma grande caruncula vermeha e azul na base do bico.

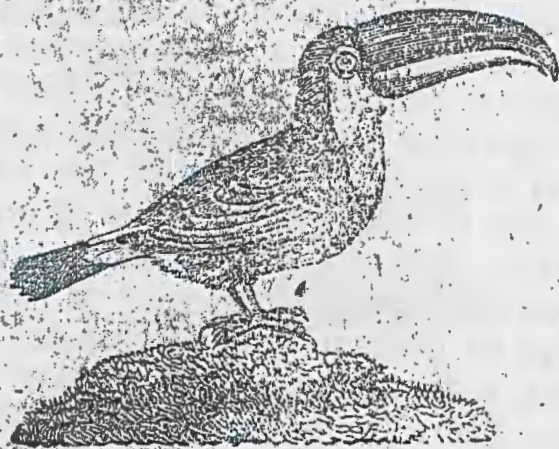
—O CONDOR é uma especie de abutre, que vive nos Andes, e é celebre pela sua enorme grandeza, tendo segundo dizem 15 a 18 pés de uma ponta da aza a outra. Levanta nas garras facilmente os carneiros, e ataca até os veados e bois.

— O FALCÃO é um pouco maior que uma galinha, e tem os pés amarellos e verdes. Tem os dedos nus ar



tuados de unhas mui curvadas, e a cabeça coberta de pennas, e os olhos grandes. O falcão é um terço menor do que a fema, e é empregado na caça da *altenaria* ou *volatiria*, por causa do seu animo, força, docilidade, e rapidez de vôo.

—A AGUIA tem as azas muito compridas, e os tarsos grossos, curtos, e emplumados até os dedos. A aguiã tem sido celebre em todos os tempos, e foi chamada a «rainha das aves» pelo seu valor e poder do seu vôo. Recolhe-se nas mais altas montanhas, vive aos pares, e ataca os passaros, a lebre, a raposa, e o carneiro.



O TUCANO.

—O macho é uma ave de rapina e nocturna, que tem o bico recurvado, a cabeça grande, e uma fisionomia singular, porque são os seus olhos redondos esbulhados, e bordados de um circulo de pennas rijas e finas. Os seus pés são cobertos de penugens, inclusive os dedos e a luz do dia fere-lhe por tal modo os olhos, que fica immovel, fazendo gestos e tregeitos ridiculos. Esta ave tem as azas curtas, o vôo fraco, e as pennas tão macias, que não fazem estrepido, quan-

do vôa. Abriga-se nas arvores, apodera-se dos ninhos alheios, e o seu clamor é triste.

—O corvo é do tamanho de um galo, e a sua plumagem é negra e lustrosa, e uniforme, com furtacões verde e violeta. Umás vezes reúne-se em bandos, e vai de muito longe pelo cheiro buscar os animaes corruptos, e outras vezes procura nas plantas húmidas o verme que desenterra, ou grão semeado. É passaro desconfiado e sagaz, porem apesar disso deixa-se domesticar e aprende a fallar.

—A PEGA é de uma bella cor preta, com furtacões azul e vermelha nas azas e cauda. Tem uma mancha branca sobre as azas, o peito branco, e o rabo comprido e puntudo. Vive aos pares sobre as arvores, acommette os pintos e perdigotos, e devora muito grão. A sua tagarellice é proverbial, assim como o instincto de furtar e esconder os objectos que encontra.

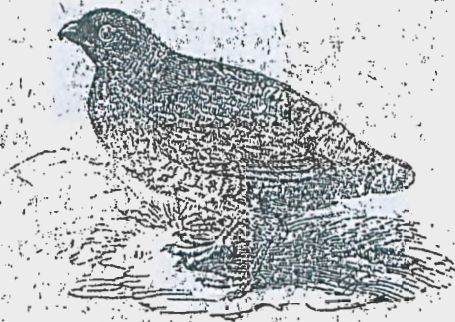
—A AVE DO PARAVO habita nas Molucas, e vive de especiarias. É de um louro castanho, e tem as penas amarellas na parte superior da cabeça, e verdes douradas na garganta. As penas das ilhargas são delgadas, e duas vezes mais compridas, do que todo o corpo. Tem a cauda curta, e saem-lhe da rabadilha duas asteas, que excedem ainda muito em comprimento as penas das ilhargas. Pensou-se muito tempo que este admiravel passaro não tinha pés, a voava sempre

—O PARDAL tem as azas variadas de preto e pardo, tendo os machos a garganta preta. É parasita, e em grandes bandos come o trigo e o milho nos campos, e nas eiras. Faz o ninho nas avores e telhados, reproduz de um modo espantoso, e na Europa tem o povo julgado este passaro damninho á agricultura. Mas a sciencia prova que é mais util do que prejudicial, porque devora diariamente milhares de lagartas e insectos nocivos ás plantas.



—O CANARIO é natural das Canarias, e tem-se domesticado a tal ponto, que faz o ninho nas gaiolas, e cria os filhinhos. Depois do rouxinol, o canario é o passaro que melhor canta, sendo o seu canto sonoro, harmonioso, e valente. Com facilidade aprende arias, e a sua côr varia segundo os individuos, sendo umas vezes de um amarello palido uniforme, e outras vezes sombreado de verde.

—O ROUXINOL, ou rei dos passaros cantores, é um passarinho pardo, arruyado por cima, e esbranquiçado por baixo. Acouta-se nas arvores; alimenta-se de insectos; não canta enquanto os filhinhos não tem saído dos ninhos, e na Europa, durante as sere-



A PERDIZ.

nas noutes de estio, desprende na solidão as suas deliciosas harmonias. Quando se dispõe a cantar, começa por um preludio tímido, abafado, e quasi indeciso; porem depois anima-se aos poucos, enthusiasma-se, e desenvolve plenamente os recursos do seu canto incomparavel, não havendo passaro que o possa imitar na brandura, ou energia dos gorgeios, ora macios e variados, ora prolongados, rapidos, e brilhantes.

—A CARRICA é o mais pequeno passaro da Europa. É ruiya, tem a cauda curta sempre alevantada, corre pela terra, e acouta-se em pequenos buracos.

—A ANDORINHA é um passaro cujo vôo é o mais rapido, extenso, e facil, e calcula-se que n'uma hora vence o espaço de 40 leguas! Ha diversas especies, como a *andorinha dos chaminés*, que faz o ninho nesses lugares: a *andorinha da china*, que nidifica nas cavernas dos rochedos, à beira do mar. A andorinha ordinaria vive de insectos, que apanha voando, e tem a côr preta com reflexos brilhantes, a cabeça chata, o bico pequeno, os pés curtos, e as azas tão compridas, que excedem muito a cauda.

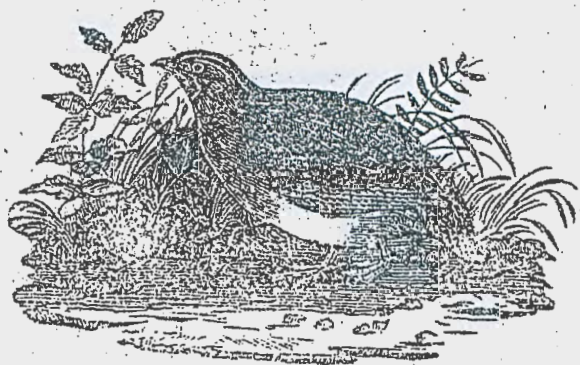
—O BEIJA-FLOR, ou chupa mel, tem o bico mui delgado, e a sua lingua, na forma de tubo, é susceptivel de grande alongamento, e lhe serve para chupar o mel das flores, e apanhar os imperceptiveis insectos, que nellas se abrigam. É admiravel, não só por ser a mais pequena ave que se conhece, como pelas variadas cores da sua plumagem, que refulgem como as pedras preciosas e os mais polidos metais. Investe impetuosamente as flores, dando um pequeno grito, rapido e agudo, e move as azas tão ligeiramente, que parece estar suspenso e parado no ar. Alguns beija-flores mostram na garganta a mais bela cor do topasio, mudando para verde dourado, e outros apresentam na parte superior da cabeça, e na garganta, as cores do rubi e do topasio, ou a côr do ouro derretido no cadinho fugindo umas vezes para verde, e outras para azul. O beija-flor fabrica admiravelmente o seu ninho, que tem de altura e largura uma pôlegada, e a femêa põe nelle dous ovos, que são cada um do tamanho de uma semente de guaraná. Muitas vezes, porem, o ninho delicado vem a ser a preza das grandes aranhas.

—O PICA PEIXE PEQUENO, ou martinete da Europa é um lindo passaro, que tem os pés muito curtos, e o bico muito comprido e pontudo. A plumagem, na parte superior do corpo, é azul, declinando para esverdeado



annegrado. e, na parte inferior, predomina um ruivo vivo. A sua garganta é esbranquiçada, tendo uma faixa ruiva em cada lado do pescoço, e uma grande e formosa lista azul celeste, ao longe das costas. Vive na pesca, e pouisa-se nas arvores, ou nas pedras, à beira dos rios, afim de se precipitar nos pequenos riachos, que se approximam á superficie da agua.

—A **POUPA** é tambem um passaro da Europa, que tem o bico delgado e arqueado, a plumagem ruiva, e as azas negras atravessadas por listas brancas. Apresenta uma linda poupa na cabeça, formada de pennas compridas e ruivas, terminando em preto, e dispostas



A CODORNIZ.

em uma fileira dobrada as quaes este passaro alevanta á sua vontade. A poupa vive de insectos, e é muito munda, porque frequenta os estercos.

—O **PICAPAU**, tem os pés curtos e fortes, e o bico direito, delgado, comprido e agudo. Trepa nas arvores, agarrado á casca, para descobrir e comer os vermes, que nella se escondem, e neste exercicio é favorecido não só pela forma de seus pés, como tambem pela cauda, que lhe serve de espora por ser composta de pennas mui rijas.

—O TUCANO é o passaro que tem maior bico. É negro em todo o corpo, á excepção do peito, cujas penas brilhantes são vermelhas e amarelas. O tucano domestica-se facilmente, e nutre-se de frutos. Grita muito; vóa em bandos, e acouta-se nos buracos das arvores, aonde faz o ninho.

—O POMBO, no estado selvagem, vive nos bosques e acouta-se sobre as arvores. No estado domestico, sae livremente a buscar sua vida nos campos, e a femea faz uma postura de dous ovos quasi todos os mezes. A cor dos pombos é muito variada: uns tem a cor aluz de ardozia, ou cinzenta escura, com o peito arruivado, e o pescoco furtacôres; outros, completamente branca.

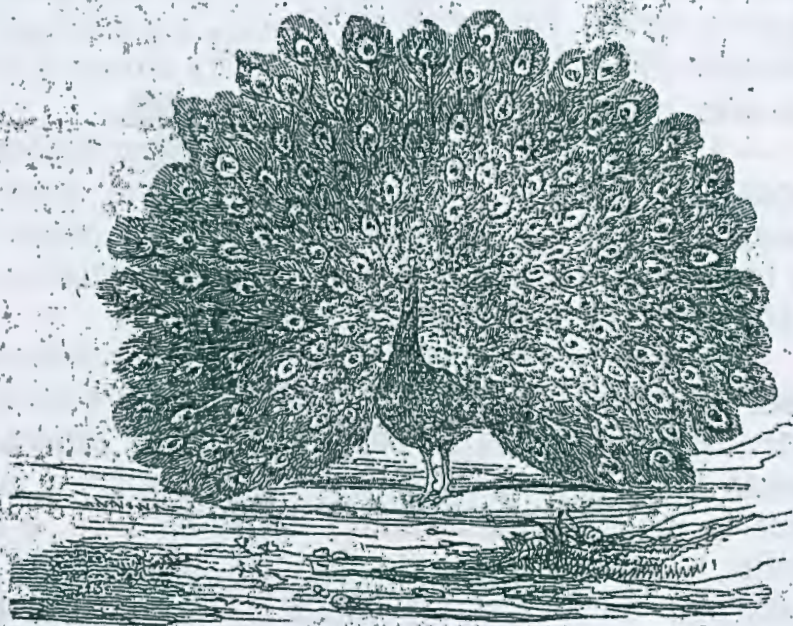
—A PERDIZ da Europa, é do tamanho de um pombo, anda aos pares, faz o ninho no chão, e vive nas planicies e campos cultivados, ou nas montanhas que produzem urze e tojo. Ha duas especies: a *perdiz acinzentada*, que tem o ventre cinzento, e as ilhargas malhadas de ruivo; distinguindo-se o macho por uma malha no peito, cor de castanha, em forma de ferradura, e a *perdiz arruivada*, que tem o bico e pés vermelhos. Ha no Brazil diversas especies de perdiz, como a *zabelés*, a *nambu*, e a *pecuapa*.

—A CODORNIZ é uma pequena ave, cuja carne é muito saborosa. Emigra todos os annos da Africa para Europa, e atravessa o mar mediterraneo de um só voo, escolhendo vento favoravel. Aninha, e vive aos pares, como a perdiz, e põem muitas posturas no anno. A sua plumagem é parda, com malhas trigueiras no peito, e uma pincelada amarela em cada uma das pennas do dorso e ilhargas.

—O PAVÃO, originario das Indias, é a mais formosa das aves. A sua cabeça e o pescoco são de um azul de safira carregado, fôrta cor verde e violeta, e nas penas do martinete apresenta o mais brilhante verde dou-



ado. Mas, nas longas pennas que o pavão levanta à sua vontade para formar o que se chama a *roda* ou *leque*, é aonde se admira a sua maior formosura, porque são estas pennas ondeadas de furtacores violetes, verde, e cor de ouro, e mostram nas extremidades uma grande malha oval, formada de aneis pardos violetes, dourados, e cor de cobre, no centro dos quaes ha um olho refulgente do mais belo azul ceeste, fugindo para preto aveludado, e cor de esmeralda.



O PAVÃO.

—O **FAISÃO**, tem a plumagem variada de pardo, verde escuro, e louro dourado, com o pescoço, e poupa verdes. Tem a cauda alongada em ponta, cujas pennas intermediarlas cobrem as outras a maneira de telhado. Esta linda ave se cria por toda a Europa, nos *parques*, para isso destinados, não só como ornato, mas também porque a sua carne é excelente.



—O GALO tem na cabeça uma crista carnosa, e barbilhões da mesma natureza, que estão pendentes de baixo do bico. As suas penas lustrosas, com reflexos metallicos, formam sobre a sua cauda um arco magestoso. Revolve a terra para achar o grão, ou bichinhos e cada vez, que bebe, levanta a cabeça para engolir a agua. É extremoso pelas suas galinhas, e, quando acha a comida, chama-as, e parece que não sente prazer em comer, senão quando ac reúne em roda de si. Não consente a presença de outros galos, e quando algum apparece, corre furioso, e peleja até que morra, ou obrigue o rival a ceder o campo. Neste ultimo caso, bate as azas com estrepito, e canta a victoria.

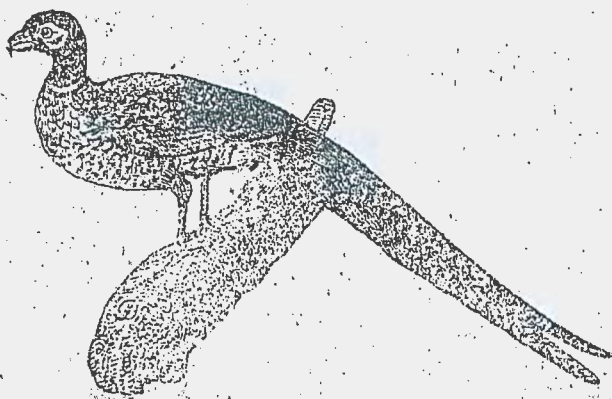
—A GALINHA D'ANGOLA apresenta barbilhões carnosos nos dous lados da base do bico, e uma emnencia no alto da cabeça. Esta ave tem a cauda curva e igual e a plumagem de um cinzento azulado, salpicada de pintas brancas.

—O PERU, a maior e a melhor das aves domesticas, tem a cabeça calva, semeada de papilas e barbilhões carnosos, pendentes do pescoço. Sobre a cabeça apresenta um apendice cónico, membranoso, e mole, o qual o macho estende muito abaixo do bico, e o encolhe á sua vontade. Segundo as affecções do Perú, esta pele muda instantaneamente de cor branca para azul, e para vermelha cor de sangue. No seu peito se acha um pincel de cerdas bastante compridas, e com as penas do uripigio, que são tão compridas, e rijas, como as da cauda, o Perú forma o léque, ou roda, como o pavão. Gorgoreja ao menor barulho, e, quando faz a roda, entona-se e arrasta a aza. O Perú é o emblema do tolice orgulhosa.

—O ABESTRUZ é a maior das aves, e habita nas regiões quentes e arenosas da Africa. Tem 8 e 10 pés de altura, o pescoço delgado e comprido, a cabeça



muito pequena, e as azas tão curtas, que lhe não servem para voar, mas somente para auxiliar a sua carreira, que é mais rápida que a dos melhores cavallos. As suas pernas são muito altas e muito fortes, e tem só dous dedos nos pés, dirigidos para diante. A sua plumagem é parda, malhada de branco, e ás pennas da cauda são mui formosas, largas flexiveis, finas, e macias; e por isso empregadas nos chapeós, e outros ornamentos das senhoras. O abestruz é excessivamente estúpido, e indistinctamente, e com facilidade engole tudo quanto se lhe apresenta, como seixos, vidros ou pedaços de metal. Não choca os seus ovos, mas



O FAISÃO.

cobre-os ligeiramente com areia, e se põem de guarda a elles, até que o calor do sol os faz brotar. Os arabes fazem ao abestruz uma viva guerra, não só para lhe arrancar as delicadas pennas, como para lhe comer a carne.

—O CASOAR, ou em d'Azia, iguala quasi ao abestruz na grossura, porem não é tão alto. A sua cabeça e uma parte do pescoço são calvas e coloridas de vermelho azul, e tem na cabeça um casco ósseo, conico, e de côr parda. As suas pennas tem barbas tão curtas; que se assemelham a pelo, ou crinas. É voraz como

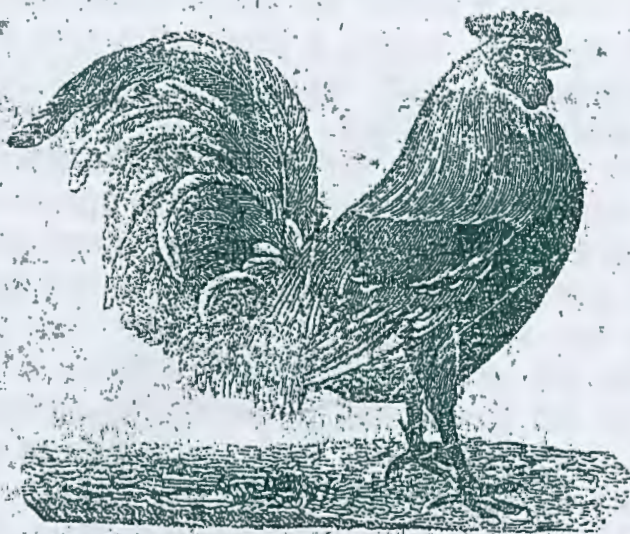
o abestruz, corre com a mesma velocidade, e faz o ninho do mesmo modo. Serve-se do bico para defender-se, e dá com as pennas e pontas das azas tão fortes pancadas, que lança por terra um homem, e o põe em perigo.

—A GARÇA DA EUROPA é toda branca, e tem na cabeça uma poupa da mesma cor. Devora muito peixe, e reúne-se em bandos numerosos para fazer o ninho que fabrica nos mais altos ramos das arvores, ou no chão, entre plantas aquaticas, pondo tres ou quatro ovos de uma bella cor verde-mar. As pennas da sua poupa são muito procuradas, para ornar os toucados das senhoras, e os penachos dos chapéos armados dos generaes. A garça, como todas as aves ribeirinhas, passa horas esquecidas, firmada n'um só pé. Nesta posição permanece immovel, como esquecida, e volta somente a cabeça, estende o pescoço e o bico, para apanhar algum peixe, que appareça.

—A CEGONHA é uma grande ave branca, tendo as pennas das azas pretas, e o bico e os pés vermelhos. Não foge do homem, e busca de preferencia os telhados e campanarios. Destroe serpentes, e outros reptis, e por esta causa é muito venerada pelos povos. Ausenta-se dos paizes frios, quando se approxima o inverno, e emigra para os paizes quentes, aonde visita o ninho, que deixou no anno anterior, para fazer as reparações necessarias ou construir um novo, se o achou destruido. As cegonhas, quando chega o tempo da emigração, fazem preparativos estrepitosos, e de algum modo solemnes. Ajuntam-se em bandos, exercitam-se, executam evoluções, e partem elevando-se tão alto nos ares, que perdem-se de vista. Durante os preparativos da partida, ouvem-se continuas grasnadas e estalos com o bico; porem, dado o signal, e comecada a viagem, reina em todo bando profundo silencio.



—O Grou é cinzento, e tem o alto da cabeça calvo, a garganta preta, e grandes pennas encrespadas no uripigio. O grou é do tamanho do jaburu, e come o grão dos campos lavrados, preferindo os insectos produzidos nos lugares pantanosos. Habita os paizes do norte da Europa, e todos os annos emigra em bandos innumeraveis, e bem ordenados. Na sua emigração, os groues voam alto como as cegonhas, e formam um vasto triangulo, cuja ponta é sempre occupada por um que dirige a marcha. Como nesta



O GALO

posição, fendendo o ar, fica muito cansado, é logo substituído por novo guia, e este por outro, e assim successivamente até o fim da viagem.

—O CISNE acouta-se no estado selvagem, nos paizes frios da Europa, e nutre-se de peixes e vegetaes. É muito elevado e rapido o seu vôo, devido à força das suas azas, que ao mesmo tempo lhe servem de arma defensiva, para fustigar os seus inimigos. Dizem que tal é a força das azas, que, dando com ellas uma



pancada vigorosa, pode lançar um homem por terra. No estado domestico, o cisne embelleza os tanques e os canaes, fendendo ligeira e graciosamente a superficie das aguas. A elegancia da forma, a serenidade dos movimentos, e a alvura da plumagem, constituem esta ave o emblema da belleza e da innocencia. Os antigos gregos, arrebatados pela imaginção poetica, julgavam erradamente que o cisne, presentindo a morte, despedia-se da vida, abrindo as azas, e desprendendo um bello e mavioso canto.

—O GANSO é menor do que o cisne, sustenta-se deervas e grãos, e tem a plumagem alva e cinzenta. No estado selvagem emigra em bandos numerosos, faz o ninho nos brejos, e a femea põe até 14 ovos, que são de uma côr verde escura. No estado domestico é muito util ao homem, que lhe aproveita as penas para escrever; a pennugem, para colchões; o figado, para deliciosos pasteis; e a carne que se come fresca ou salgada. Na Allemanha são os gansos creados em grandes rebanhos, e todos os dias guiados por um pastor, vão de manhã ao campo comer a herva, e recolhem-se à tarde, reunindo-se na saida, e na volta ao som de uma corneta.

—O PELICANO é maior do que o cisne, alimenta-se de peixe, frequenta o mar e as aguas doces, e tem a plumagem branca, o vôo muito extenso, e a cabeça e o pescoço nus. É comprido o seu bico, e achatado por cima, com um sacco pendente por baixo da garganta, que lhe serve para guardar o peixe. Este sacco, segundo alguns auctores, tem capacidade para conter até 30 libras de peixe, e, quando está cheio, vai o pelicano pousar-se n'uma arvore, e digerir tranquillamente a comida. Os pelicanos, quando são poucos, pegam o peixe, voando ao nivel da superficie do mar; porem, quando são muitos, collocam-se em



linha, nadam em ordem, e formam um grande círculo, que pouco a pouco vão diminuindo, para lhes não escapar o peixe, que por este modo agarram. Os antigos symbolisavam no pelicano o amor paternal, porque erroneamente julgavam que esta ave, no caso de faltar a comida, sacrificava-se pelos filhos, rasgando com o bico o proprio seio, para lhes dar de comer.

## O PROFESSOR PRIMARIO.

É santa a profissão do professor primario, e mui grave a sua responsabilidade. Os meninos lhe são confiados n'uma tenra idade, em que a alma recebe



O PERU

impressões profundas, que irrevogavelmente decidirão dos destinos de toda a sua vida. O professor tem pois a obrigação de infundir nos meninos ideias verdadeiras, sentimentos puros e nobres, e habitos virtuosos. Seria agradável a sua tarefa, se tivesse de ensinar somente a meninos doces e bem educados; mas é bem difficil, bem penosa uma tal tarefa, quando pensamos nas más inclinações da nossa natureza, e nos vicios muita vezes enraizados, que o professor

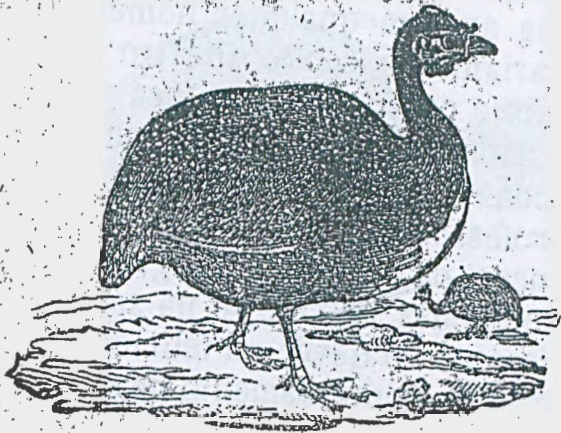
tem de extirpar. É uma vigilância, uma lucta sem descanso que o professor aceita desde o dia em que se obriga a ensinar, e a substituir as vezes dos pais. Desde que se incumbio de tão solemne missão, é preciso desempenhal-a cabalmente, e corresponder inteiramente á confiança que nelle deposita a sociedade e a familia, e que por elle foi solicitada. Que se veras contas não dará o professor, se entrega a sociedade meninos ignorantes e corrompidos, quando se obrigou a entregal-os instruídos e moralizados, se deixou enraizar disposições perversas, que devia atalhar; se deixou perder as boas disposições, que devia desenvolver! Não poderá desculpar-se com a sua fraqueza ou incapacidade, porque devia ter consultado a sua vocação, e medido seriamente as suas forças, antes de pôr mãos a obra.

Nenhum homem deve abraçar uma tal carreira, sem que tenha conhecido em si verdadeira vocação. Grandes são os deveres, muitas são as difficuldades, e o ensino da mocidade é um sagrado sacerdocio, que não tem por fim a especulação ou a riqueza. A este respeito Mr. Guizot, uma das grandes intelligencias do seculo, dirigio em 1833, quando foi ministro da instrucção publica em França, uma circular aos professores primarios, na qual estão consignadas estas bellas e memoraveis palavras: «Os recursos do estado nunca poderão tornar tão agradável, como é util, a simples sorte do professor primario. Nunca a sociedade poderá pagar os serviços que recebe do professor primario, que por ella trabalha exclusivamente. Na sua posição, o professor não pode grangear riquezas, e a gloria, que pode alcançar, consistirá somente no cumprimento de suas difíceis obrigações. Destinado a ver passar a vida n'um trabalho monotono, a soffrer algumas vezes a injustica, ou a ingratição da ignorancia, o professor se entres-



teceria, ou talvez succumbiria, se não buscasse a coragem e a fé n'uma região diversa do interesse immediato e puramente pessoal. É preciso que um sentimento profundo da importancia moral dos seus trabalhos o anime e fortaleça, e que o austero prazer de ter servido os homens, e contribuido para o bem publico, seja o digno salario, que lhe dá a consciencia. Consiste a sua gloria em contentar-se com a sua obscura e laboriosa condição, em trabalhar e sacrificar-se pelos homens, e esperar só em Deus a justa recompensa».

Consagrando-se á instrucção dos outros, o profes-



A GALINHA D'ANGOLA

sor deve ter uma instrucção solida, saber o que pretende ensinar, porque ensina-se mal o que se não sabe perfeitamente. Mandatario dos pais, a quem substitue nas funcções mais importantes, incumbido de formar homens virtuosos, o professor primario deve cercar-se de uma boa reputação, e dos bons exemplos. «O professor primario, diz Mr. de Gerando, não só deve ter uma vida pura e sem mancha, como tambem não se expor a menor suspeita relativamente aos costumes. O homem, cujo coração está contaminado pelo

vicio, fuja de aproximar-se da infancia. O seu contacto levaria a peste ao coração dos meninos. A innocencia dos meninos é um santuario, cuja guarda foi confiada ao professor, o qual, aceitando-a recebe uma especie de consagração. E na verdade existe alguma cousa de sagrado no bello ministerio que o professor adopta. Nisto não ha transacção possivel; a regra é absoluta. Não ha para o mestre esperança alguma de ser respeitado, se converte-se em escravo dos sentidos, se entrega-se á intemperança. Não ha mais consideração possivel para quem se degrada». Persuadido que deve, não só evitar as censuras, como as suspeitas, o professor fugirá dos excessos vergonhosos, que aviltam qualquer homem, e dos lugares que ordinariamente são o theatro desses excessos. Que os pais e os discipulos nunca vejam aquelle em quem depositam plena confiança, nos bailes publicos, nas quitandas, e em outros lugares semelhantes. A vida do professor é uma vida séria e grave, e aos outros pertencem os divertimentos grosseiros. A sua alegria e recompensa resume-se na satisfação, que nasce do cumprimento do dever, na felicidade de haver prestado serviços, no contentamento de uma existencia passada em fazer bem. Estes costumes puros lhe darão uma elevação de pensamento, sem a qual não poderá conceber a nobreza das suas funcções, nem exercel-as dignamente. É preciso que, destinado a viver no meio de homens fascinados pelo amor de prazeres sensuaes, exclusivamente identificados com os interesse materiaes, esforce-se em manter as suas idéas n'uma esfera superior a este mundo baixo; para que possa infundir nos meninos o sentimento da dignidade humana. Mas, se a elevação do character deve grangear-lhe o respeito geral, a estima exagerada de si mesmo, a vaidade, e o orgulho apagarão o merito do seu bello procedimento.



A humanidade é a irman da brandura e da bondade, virtudes que deve possuir todo o homem, que tem de viver com a infancia. Com invencivel paciencia, o professor deve attrahir a si essas creaturas fracas e timidias, que, nos primeiros passos da vida, tanto carecem de protecção, e arrimo. Com essa paciencia ha de o professor triumphar de todos os desgostos inhe-



O ABESTRUZ

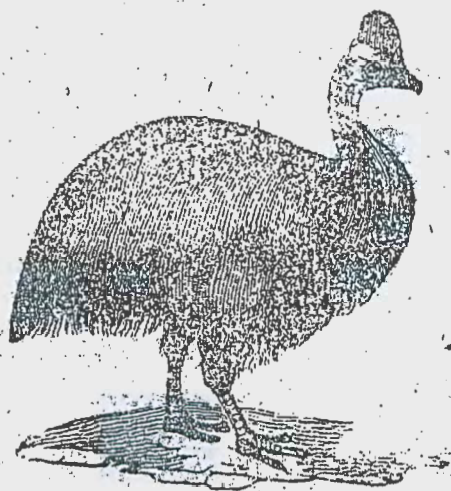
rentes á sua profissão, e nunca manifeste o aborrecimento e cansaço com palavras duras, impetuosidade, e máo humor, que desterram do coração dos meninos toda a confiança na justiça do mestre. Com tudo ha de soffrer muito o professor para conter os movimentos rapidos da nossa natureza, tão inclinada a repellir o mal com a indignação e a colera; mas, quando lhe fal-

tarem as forças, quando sentir desfallecer a coragem, lembre-se da inalteravel mansidão d' Aquelle que disse: *Não embaraceis que os meninos se cheguem a mim.* Mas a brandura não exclue a firmeza, sem a qual a direcção de uma escola seria impossivel. Deve a bondade moderar a aspereza da reprehensão; o rigor dos castigos, mas nunca degenerar em fraqueza e deixar impune qualquer falta. Para isso o professor deve ser imparcial, não mostrar mais indulgencia, predilecção, ou antipathia para um, ou outro discipulo. Deve tratar a todos de um modo igual, firme e tranquillo. Neste caso a obediencia aparece naturalmente, e um olhar, um gesto, ou uma palavra, influirão fortemente nos jovens espiritos. Com a obediencia virá o respeito e o amor.

Alem d'estas virtudes, o professor primario ha de ser homem de fé sincera, esclarecida e pratica. A sua fé ha de ser sincera, porque a duvida e a indiferença em matéria de religião, deploraveis em qualquer individuo, seriam mais funestas ainda no professor, e, como lepra contagiosa, abalariam as crenças dos meninos, e os levariam ao septicismo, verdadeiro suicidio da alma que vive da fé, como o corpo vive do alimento! A sua fé deve ser esclarecida, porque o professor, destinado a communicar as verdades religiosas, deve saber explical-as, e mostrar a falsidade dos sophismas, que as combatem. No meio de populações incredulas e ignorantes, sendo necessario, é obrigado o professor a defender suas crenças, e fazer triumphar a verdade. Emfim, a sua fé ha de ser pratica, porque as lições do mestre, desmentidas pelo exemplo, perdem toda a autoridade. Facilmente a sua doutrina será seguida, se for confirmada pelos seus bons exemplos, mas de nenhum effeito será a sua palavra, se for a sua vida um escandalo, ou uma inconsequencia:



Estes deveres poderão algumas vezes parecer severos, mas nunca serão pesados senão para os que amam as recompensas terrestres. O pequeno salario, ou poucos premios que concede a autoridade humana, que valem comparados com a vida do professor, cheia de sacrificios e dedicacão? Por isso o professor primario deve considerar-se como destinado por Deus para regenerar uma parte da especie humana. Deve empregar todos os meios para ensinar o bem á mocidade e reflectir nas infelizes influencias, que a todo instante podem exercer as suas accões e palavras.



O CASOAR

Deve apreciar os recursos immensos, que dispõem em todos os exercios do dia, em todas as circumstancias as mais indifferentes na apparencia, para destruir um mau pensamento, despertar um bom desejo, desenvolver uma inclinacão honesta. Deve particularmente lembrar-se que tem por fim preparar membros uteis e virtuosos para a familia, bons cidadãos para a patria, homens dignos de honrarem e servirem a sociedade. Identifique-se o professor primario com estes nobres e elevados pensamentos, e verá com que fortaleza e

coragem vence os desgostos, as fadigas diarias, e entra no caminho da Providencia, que serve-se delle como de um instrumento, para fazer a felicidade de seus semelhantes! Com que alegre satisfação, antes de dormir, não recordará os serviços prestados durante o dia, não pedirá a Deus perdão das faltas committidas na vespera, não pedirá novas forças para vencer os trabalhos do dia seguinte! Com que inabalavel confiança, enfim, não ha de encarar a solemne hora da morte, prompto a levar aos pés do supremo tribunal, na presença de Deus, os frutos de virtude e saber, que felizmente colheu neste mundo!

Copiando, e imitando Mr. Cormenin, diremos: Se fossemos professor primario, ainda mesmo n'uma pobre e longinqua freguezia do interior, estimariamos a nossa profissão como a primeira do mundo, e todos os dias dariamos graças a Deus por nos conceder a fortuna de formar corações e intelligencias. O amor dos nossos deveres fortaleceria a nossa alma, e empregariamos todos os meios para rehabilitar o culpado, ajudar o fraco, ensinar o ignorante, moralisar o vicioso. Em volta de nós reuniríamos os nossos discipulos, estudariamos as suas qualidades, e espreitariamos as suas inclinações na hora das lições, nos seus brinquedos, nas suas sympathias, nas suas desavenças, nas suas pazes.

Haveríamos de dizer-lhes: «Meus filhos, meus queridos filhos, tenho por vós o amor de pai, e devo amar-me, porque vós amo. Ouyi-me com attenção»

«Tendes um Deus, que deveis adorar, porque é vosso creador, o vosso pai. Deus ve tudo, ouve tudo, sabe tudo. Lá, no alto do ceu, lê o que se passa em vossos corações, e durante o dia, e durante a noite nada lhe escapa, e sabe o que dizeis, o que pensais, o que fazeis. Considerai Deus sempre na vossa presença, e vós perante Elle.



«Um dia sereis soldados, e lembrai-vos que deve o bom soldado ser forte e robusto, e por consequencia temperante e sobrio. Deve ser disciplinado, e por consequencia obediente. Deve ser corajoso contra o inimigo, e humano para com os prisioneiros.

«Podeis um dia ser criados, se tal for a dureza da vossa condicao. Lembrai-vos que um criado vigilante, laborioso, pontual, paciente, e amigo da ordem, vale mais que o patrão caprichoso, orgulhoso, dissoluto, e



A GARCIA DA EUROPA.

colerico. Pelo vosso exemplo fazei-o envergonhar, se não o puderdes corrigir, e procurai a vossa recompensa no cumprimento dos vossos deveres. e na paz da vossa consciencia.

«Tendés pais e parentes, e ajudai-os a supportar o peso dos seus trabalhos. Tomai parte nas suas affeições, para amal-os; e nas suas tristezas, para consolal-os. Pagai-lhes em ternura o que elles vós dão em amor e sacrificio. Ouvi com brandura as suas adver-



tências: affastai ao rosto o ver as suas fraquezas, e se vos ordenarem o mal, sabei resistir com delicadeza e energia.

«Considerai os magistrados como vossos superiores, e lembrai-vos que a obediencia á lei é o dever de cada um, porque a lei é a vontade de todos. Se houver magistrados prevaricadores, que por politica, ou por dinheiro vendam a justiça, e roubem as partes, não vos importeis, e sede sempre obedientes. Mais cedo, ou mais tarde, esses magistrados serão punidos por Deus ou pelos homens, e a infamia e o desprezo precederão o castigo; e amaldiçoarão a sua memoria.

«Tendes vizinhos e não tireis o que elles tiverem nos seus paleos e hortas. Não mudeis os seus marcos, e á sua custa não augmenteis a vossa terra, ainda mesmo que seja por um palmo. Não estragueis as suas plantações e colheitas com as vossas vacas, bois, cavallos, carneiros, cabras, porcos e aves. Qualquer altercação por um muro, um poço, uma arvore, uma pastagem, talvez tenha inimizado vossos pais com os seus vizinhos. Pegai suas mãos, ponde-as uma nas outras, e sede o laço de sua reconciliação e harmonia.

«Procedei com honra, e não vos envergonheis do vosso nascimento, por mais humilde e obscuro que seja. O sapateiro, o ferreiro, ou o alfaiate, quando são honrados, tornam-se tão dignos de estima e respeito como qualquer fidalgo ou millionario. O homem engrandece-se pela sua probidade, e trabalho, e a deshonra existe somente na ociosidade e nos vicios. Só o verdadeiro merecimento dá honra e nobreza, e a prova está em muitos homens, que se fizeram a si mesmos, como o papa Xisto V, que foi guardador de porcos; o almirante Nelson, moço de navio; Murat, marechal de França, e rei de Nápoles, estalajadeiro; Bernadot, rei da Suecia e Noruega, soldado raso;



Abrahão Lincoln, ex-presidente da republica dos Estados-Unidos, rachador de lenha; e Andrew Jonhson, actual presidente da mesma republica, alfaiate

«Amal o trabalho, e aprendei um officio que *equivale a um capital em terras, ou a um emprego, que reúne honra e proveitos*, como judiciosamente já disse o benemerito Benjamin Franklin. Se fordes ricos, não precisareis do officio, e fareis bom uso da vossa fortuna, auxiliando os vossos semelhantes; mas se cairdes



A CEGONHA.

na pobreza, ou tiverdes nascido pobre, não estranha-reis o trabalho, e vivereis independentes. E' por isso que nos Estados-Unidos não ha tidadão, por melhor que seja a sua posição social, que não tenha aprendi-do um officio.

«Seja qual for a vossa profissão, trabalhai com pon-tualidade e ordem, não deixando para amanhã o que hoje poderdes fazer. Que privações e miserias nã sof-frem aquelles, que desprezam estes preceitos? Qual é

o lavrador diligente, por menos abastado que seja, que além da sua roça, não pode ter uma vaca, meia dúzia de carneiros, e plantar um pacoval necessário para a sua família, um pomar, uma horta e meia dúzia de pés de *fruta de pão*, cujo fruto assado, ou cozido, é um saboroso alimento? Qual é a mulher cuidadosa, que não pode engordar no chiqueiro um ou dous porcos, e ter a criação necessária para a casa, e mesmo vender os perús, patos, galinhas, frangos, e ovos, que sobrarem? Amai, pois, a ordem e o trabalho, que tereis a fartura em vossa casa, e não a vereis, como a de muitos preguiçosos, aonde, por vergonha, não se encontra si quer um pé de pimenta!

«Tendes, camaradas, e promettei ajudar-vos uns aos outros, quando fordes grandes. Amai-vos: ha tanta felicidade em se amar! Vivei unidos: a união é a única força dos pequenos e dos fracos. O ricos podem viver separados, porque o seu dinheiro lhes dá socorro, força, braços, e amigos; mas os pobres precisam associar-se para supportarem mais facilmente a miseria. Não abandoneis os vossos companheiros quando soffrerem, quando estiverem doentes, ou pedirem o vosso auxilio. Não lhes negueis os vossos serviços, trabalho, instrumentos, consolações, e coragem. Dai, para que se vos dê, emprestai, para que se vos empreste. Fazei mais: dai mesmo aquelles que nunca vos deram cousa alguma; emprestai mesmo apuelles, que nunca vos fizeram tal serviço. Fazei o bem pelo bem.

«Qualquer de vós pode ser um dia official da guarda nacional, vereador, presidente da camara municipal, deputado provincial, deputado geral, e mesmo senador do imperio. Deveis obter, e merecer a confiança dos vossos concidadãos e a honra da sua escolha pela vossa probidade e virtudes. Não soliciteis cargos electivos; mas aceitai-os, se fordes eleitos. Quem solicita



cargos populares, quem pede votos para si dá provas de grande immodestia.

«Adorai, eu vol-o repito, adorai a Deus, que fez o céu para a terra. a terra para o homem, e o homem á sua imagem. Adorai a Deus, que vos deu uma alma para o comprehender, braços para trabalho e um coração para amar os nossos irmãos. Segui a risca os mandamentos de Deus, e amai-o sobre todas as cousas e ao proximo como a vós mesmos. Amai respeitosa-mente nossos pais, porque aquelle que afflige



O Grou.

a seu pai, e que faz fugir a sua mãe, é infame e desgraçado. Não roubeis, porque o ladrão é um miseravel, um perverso, que reduz á miseria o seu semelhante. Não adaltereis, porque o adulterio não ficará limpo, depois de tocar a mulher do seu proximo. Não assassineis, porque o sangue do homem derramado pelo homem, clama vingança, e os olhos de Deus em todo o lugar contemplam o assassino, que neste mundo, ou no outro, será castigado, e soffrerá as penas do inferno.

e tremulas na porta, que não pode abrir. Ido vós mesmos abri-la, Na sala, na mesa, no quarto ceder-lhe o melhor lugar. A maldição paterna pesa sobre a cabeça do mau filho, e antes da idade o envelhece.

«Amái sobre tudo os pobres, porque depois de vossos pais, irmãos, e irmãs, são elles que mais precisam da vossa protecção. Sejam elles para vós uma segunda familia: e nunca lhe fecheis a porta, o vosso coração, a vossa bolsa. Fazei-os trabalhar, se estiver isso em vossos mãos, porque o trabalho não avilta o homem, e sustenta-o melhor que a esmola. Dar trabalho vale mais que dar dinheiro, e é a melhor caridade para aquelle que a faz, e para aquelle que a recebe.

«Não enfarteis o vosso estomago com frutas, pão, carne, ou qualquer outra comida, a ponto de perderdes a saúde e mesmo a vida. Não vos acostumeis a beber amudadas vezes a aguardente, o vinho, os licôres fortes, porque o uso de taes bebidas, traz depressa o abuso, que paralisa o corpo, e entorpece a intelligencia. O vinho é uma coisa luxuosa, e a embriaguez produz a desordem. O homem que se embriaga, é mais vil, e mais degradante, que o animal.

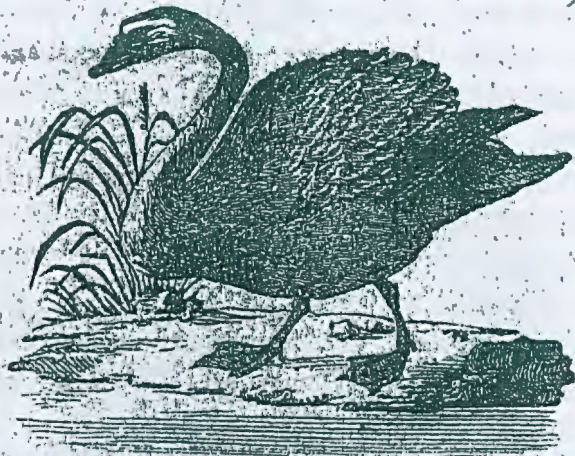
«Não joguéis, porque o jogo é um vicio peor que o da embriaguez. O ebrio arruina a sua saúde, embrutece a sua intelligencia, e faz quasi sempre o mal somente para si, mas o jogador, entrogando-se aos jogos do azar, especulando nas loterias, ou nos jogos de cartas, como o *lansquenet*, não só arrisca a sua fortuna, como tambem a de sua mulher e filhos, e por este modo os reduz a miseria, a fome, e até mesmo a prostituição! Dahi apparecem para o jogador de profissão os ruins sentimentos e habitos, como a ociosidade, a falta de brio, a trapaça, e o roubo, ou as paixões violentas, como a colera, o odio, a vingança, que o despenham de abysmo em abysmo, até expiar do-



rosamente o seu erro nas prisões, ou, peor ainda, no cadafalso!

«Não jureis para que não passeis por meninos de educação grosseira. Sede attentos para com as mulheres, porque não haveis de querer que vossas mãis e irmãs sejam insultadas. Respeitai os velhos, para que os mancebos se descubram na vossa presença, quando o tempo, que passa depressa, tiver embranquecido os vossos cabellos, hoje tão pretos e espessos.

«Não castigueis os animaes com brutalidade, mas sim com brandura, e só na occasião de corrigil-os



O GANCO.

e guia-los. Os animaes trabalham para nos servir, e não se podem defender contra as nossas aggressões. Fazer mal aos animaes é pois covardia, e claro indício de mau caracter.

«Sede agradecidos aos beneficios, que vos fizerem. Assim como o calor abre o seio da terra, e aquece e faz germinar o grão de arroz, ou do algodoeiro, do mesmo modo a gratidão, insinuando-se no coração do bemfeitor, desenvolve e augmenta os beneficios. Abominai a ingratição porque o homem ingrato é creatura desprezível. Desmenti pela vossa moralidade a maxima do



marquez de Maricá, infelizmente muitas vezes certa:  
*O dia do beneficio é a vespera da ingratidão*

«Sede cuidadosos no aceio de vossas mãos, roupa e calçado. Não andeis com as mãos e os dedos sujos, o cabello desgrenhado, e a roupa estragada e rota. A decencia do corpo é signal da decencia da alma. Tende o mesmo aceio nas vossas casas, e conservai-as sempre limpas, varridas, e caiadas. O aceio agrada aos olhos, e conserva no corpo a saude

«Comparando-vos com os ricos, meus filhos, não digais que a Providencia vos fez nascer n'uma condição dura, miseravel, digna de lastima, e que a sorte dos ricos é a unica digna de inveja. Não é tanto como julgais. A natureza não deu aos ricos duas bocas, nem dois estomagos, nem dez sentidos. São homens como vós, e soffrem o aborrecimento, o susto, as insomnias; a languidez, e os remorsos que nunca soffreis. As vossas comidas são mais grosseiras, mas são temperadas pelo vosso appetite. O vosso somno será mais breve, porém é mais profundo. O vosso trabalho é mais rudo e mais pesado, porém, o vosso repouso é mais branda, e são os vossos braços mais robusto. Os vossos prazeres serão menos vivos: mas a saciedade não lhes dá o tedio. Ouro na algibeira, um palacio, criados, carruagens, vinhos delicados, muitos escravos, e grandes rocas não são cousas sufficientes para fazer um rico mais feliz que qualquer dos vossos vizinhos. Não ha senão tedio e desgostos nos prazeres da rica ociosidade. Não invejeis, meus filhos, as brilhantes, mas enganosas apparencias de uma felicidade, que não existe. conservai sempre na lembrança que a verdadeira felicidade depende unicamente do trabalho, sciencia e virtude.

«Devemos, pois, meus filhos, estar sempre contentes com a nossa sorte, e dar graças a Deus, aborrecer a preguiça, e amar o trabalho. Nas horas do trabalho



entoemos sempre o belo hymno do Sr. A. Feliciano de Castilho, que diz assim:

### Hymno do trabalho.

No regaço do luxe, a opulencia  
Os cançãos do ocio mal diz:  
Entre as fidas, sorri a indigencia;  
C'o pão negro se julga feliz.



O PELICANO.

Trabalhai meus irmãos, que o trabalho  
É riqueza, é virtude, é vigor.  
D'entre a orchestra da serra e do malho  
Brotam vida, cidades, amor.

Deus, impondo ao peccado a fadiga,  
Té na pena sorriu paternal,  
Só quem vence a preguiça inimiga  
Reconquista o Eden terroal.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho  
 É riqueza, é virtude, é vigor.  
 D'entre a orchestra da serra e do malho  
 Brotam vida, cidades, amor.

Quem dá graças aos Céus ao sol posto ?  
 Quem lh'as dá vendo a aurora raiar ?  
 É o obreiro: o suor lhe enche o rosto;  
 Mas seus dias não turva o pesar.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho  
 É riqueza, é virtude, é vigor.  
 D'entre a orchestra da serra e do malho  
 Brotam vida, cidades, amor.

O que vive na inércia aborrido  
 Não somente é de irmãos roubador:  
 É suicida e mais vil que suicida  
 É suicida a quem falta valor.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho  
 É riqueza, é virtude, é vigor.  
 D'entre a orchestra da serra e do malho  
 Brotam vida, cidades, amor.

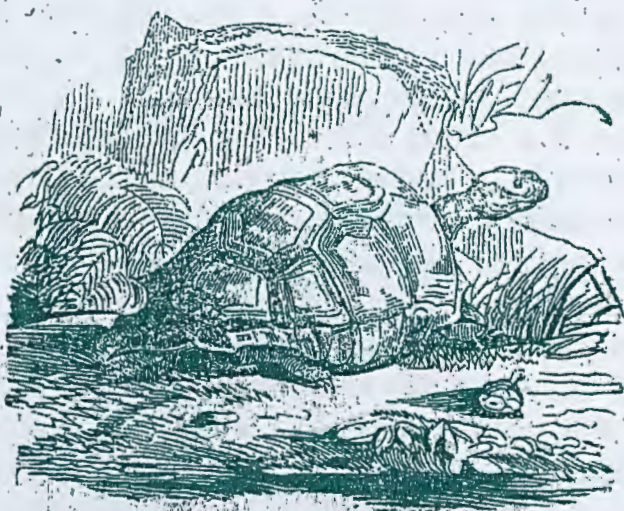
Caia opprobrio no vil ocioso,  
 Que desherda o presente e o porvir !  
 Só a noite compete o repouso;  
 Só aos mortos o eterno dormir.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho  
 É riqueza, é virtude, é vigor.  
 D'entre a orchestra da serra e do malho  
 Brotam vida, cidades, amor.



Mar e Terra, Ar e Céu, tudo lida:  
 Deus a todos deu luz e deu mãos;  
 Lei suprema o trabalho é da vida:  
 Trabalhar, trabalhar, meus irmãos !

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho  
 É riqueza, e virtude, e vigor.  
 D'entre a orchestra da serra e do malho  
 Brotam vida, cidades, amos.



A TARTARUGA

## OS REPTIS.

Os reptis são animaes, que andam de rojo, isto é, arrastam o ventre pelo chão, e quasi todos são ovíparos, porque nascem do ovo. Uns tem a pele nua e lisa, como o sapo e a rã: outros, escamosa, como a cobra e o jacaré: e outros, rija e dura como o jaboti e o jurará.

Os réptis tem os olhos grandes e vivos, conservam muito tempo a sua irratibilidade, a tal ponto que bate o coração de uma rã muitas horas depois de arrancado; e também possuem uma grande força de reprodução, porque os pés e cauda dos lagartos regeneram-se depois de cortados.

Dividem-se os réptis nas seguintes ordens: chelonios, saurios, ophidios, e batrácios.

Os *chelonios* tem quatro pés, cauda mui curta, cabeça grande, bocca mui rasgada, quoxos que não tem beiços nem dentes, e são cobertos de cascos ou conchas como a tartaruga, o joboti, o jurará.

Os *saurios* tem o corpo alongado, quatro pernas mui curtas, e a cauda ordinariamente mui comprida como o crocodilo, o jacaré, a gavial, ou crocodilo do Ganges o camaleão o senembi, o sardão, a lagartixa, a osga.

Os *ophidios* tem o corpo mui comprido e cylindrico sem especie alguma de membros e anove-se de rolo como a vibora, a cobra capelo, a cascavel, a giboia.

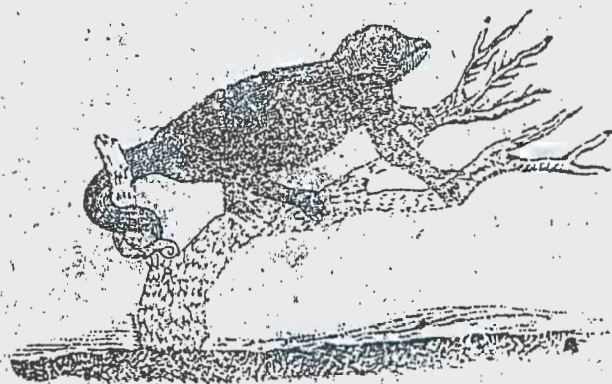
Os *batrácios* não tem cauda, nem escamas, nem concha, mas sim a pelle nua untada de humor viscoso, a cabeça chata, focinho arredondado, bocca mui rasgada, e pés e mãos como a rã e o sapo.

— AS TARTARUGAS são terrestres ou marinhas. A tartaruga terrestre alimenta-se de vermes e insectos, e é por isso, na Europa, conservada nas hortas e jardins. Ha duas especies de tartarugas marinhas: a *jurucua* ou *tartaruga verde maior*, que pasta em grandes bandos no sargação do fundo do mar, vem as embocaduras dos rios para respirar, põe os ovos na areia ao sol, e pesa de 700 a 800 libras, e a *tartaruga de lammas embricadas*, menor que a jurucua, e que fornece as escamas, que servem para a fabricação de pentes, caixas de rapé, e outros objectos. No Para, e no Amazonas é a carne da tartaruga um dos principaes alimentos



e faz-se manteiga dos seus ovos pisados e fervidos n'água.

—O CROCODILO chega a ter 35 pés de comprimento, é feroz e carnívoro, e espreita o homem e os animaes para os matar. Tem o focinho mediocre, os dentes desiguaes, os pés palmados, e cristas denteadas sobre a cauda. Nos rios nada com a maior agilidade, porém em terra anda somente em linha recta, porque não pode voltar a cabeça para os lados, e por isso o homem, furtando-lhe as voltas, evita a sua perseguição. As esternas do seu dorso e cauda são quasi impenetraveis á lança e a bala,



O CAMALEÃO

e os seus maiores inimigos são o *peixe serra*, que o combate abertamente, e o *chineumon*, ou o rato do Nilo, que lhe come os ovos. Os antigos julgavam que o crocodillo atrahia o homem para o matar, fingindo o choro de criança e d'ahi vem a fraze *lagrimas de crocodillo*, como significação de traição e hypocrisia.

—O CAMALEÃO tem a cabeça grande e a cauda recurvada na ponta. A sua pelle é granulosa, mosqueada, lisa e aveludada, e a lingua muito comprida terminando por um tuberculo viscoso, com o qual apa-

220

nha os gafanhotos, moscas e outros insectos. É tão vagaroso nos seus movimentos, que mais se arrasta do que anda. Não muda de côr segundo a sua vontade e sim por influencia da luz. Estando as escuras fica pardo, exposto ao sol fica quasi preto: e exposto a meia luz, reveste-se de tão variadas cores, que apresenta o mais formoso matiz. O camaleão vive na Africa e em algumas partes da Europa.

—O IGUANA, ou camaleão do Brazil, tem um grande sacco por baixo da garganta, e sobre o dorso, e cauda, uma bela crista formada de pontas separadas e levantadas verticalmente. Põe os ovos sobre a areia, em numero de 15 a 30, os quaes são chocados pelo calor do sol. Trepam nas arvores com maravilhosa prestesa, aonde come as folhas e frutos, e caça os insectos de que se nutre. A carne é excellente para comer.

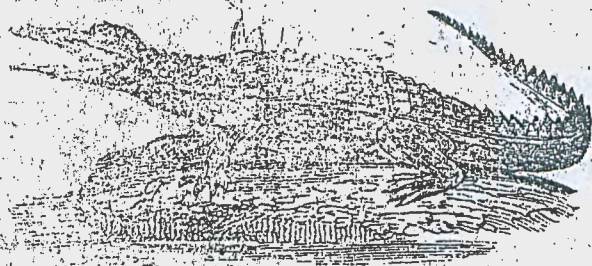
—AS COBRAS, em geral, comem insectos, ovos, ratos, rãs, e passarinhos; exercem o sentido do tacto enroscando-se em torno dos corpos, que pretendem conhecer; andam, trepam, saltam, nadam, e mergulham com a maior ligeireza e facilidade. Dilatando as goelas, podem engolir animaes quatro vezes maiores do que ellas, e quando estão repletas, enrolam-se em roscas, ficando no centro a cabeça, e nesta posição passam horas e horas ao sol, dardejando apenas a lingua forcada e extensivel. Abrindo a bocca, e olhando para um passarinho, uma rã, ou um rato, os fascina por tal modo, que ficam n'uma dolorosa inquietação, querem fugir e não podem, e chiando, pulando, piando, tremendo ou sacudindo as azas, vão por fim meter se-lhes na bocca aberta, que os devora.

—A VIBORA encontra-se em diversas regiões da Europa e d' Africa. Tem os olhos vivissimos e apresenta



nas costas duas series de manchas escuras. É venenosa, e produz no homem uma geral fraquesa, náuseas e vomitos, ou a syncope, o delirio, as convulsões e a morte.

—A COBRA DE CAPELLO, serpente das Indias Orientaes, apresenta na parte superior do pescoço um risco pardo, que descreve a figura de uns oculos de nariz. A mordedura desta cobra mata em poucos minutos, porem os pelotiqueiros do Indostão arrancam-lhe os dentes venenosos domesticam-na, e ensinam-lhe a enrolar-se lhe nas pernas e braços, a por-se em pé, e dansar ao som de uma flauta. No principio, ouvindo o som mavioso do instrumento, a cobra move-se e ar-



O CROCODILO

raستا-se vagarosamente, e depois anima-se, obedece ao compasso da musica, mais ou menos apressado, e curva-se, balança-se, enrosca-se, levanta-se, empina-se, e faz mil ondulações diferentes.

—A COBRA GASCABEL tem na ponta da cauda umas poucas de pecas conicas de substancia escamosa, enfiadas umas em outras, que se movem e que produzem, quando o reptil se arrasta, um ruido que anuncia a sua proximidade. Os seus olhos brilham sempre, e a lingua é negra, solta, fendida, e move-se com singular volubidade. Esta cobra, assim como

todas as venenosas, tem debaixo da pelle que reveste o queixo superior, umas vesiculas, ou bolhas onde o veneno se accumula. Tem dous dentes finos, como espinhas encurvadas, furados por um pequeno canal, por onde se destilla o veneno. E rapida por seus movimentos, porque num instante enroscase, apoia-se na cauda, arremessa-se contra a victima, e fere-a. Não ha veneno mais activo que o da cobra cascavel, porem as folhas e raiz do mavaisco pisadas o atalham, dando-se a beber ao doente, e pondo-se na ferida.

—A BOA, ou giboia, pode ter mais de 30 pes de comprimento e tem os olhos negros, o focinho longo, a abertura da goela profunda, a lingua carnosa, e o corpo espesso. Não é venenosa, porem é temida pela corpulencia, e forza prodigiosa. Vive nos lugares pantanosos, e nas margens dos lagos e rios, aonde espreita as prezas, enroscada em espiraes. Nesta posição forma um disco, e do centro ergue a cabeça, e observa em roda de si. Prendendo a ponta da cauda n'uma arvore, da o salto, e enroscase facilmente n'um boi, ou qualquer outro animal, machuca-lhe as carnes e quebra-lhe os ossos. Quando o animal fica inteiramente ralado, a giboia o estende no chão, e depois de o untar com a baba, gradualmente o engole, e passa o tempo da digestão em um torpor singular.

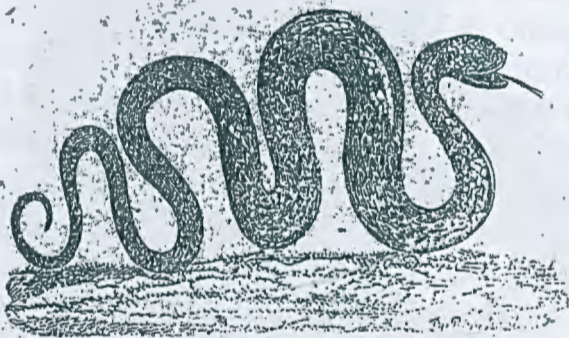
—A Rã vive em terra e nas aguas estagnadas, onde se compraz de levantar a cabeça por entre os juncos e outras plantas. Excessivamente timida, vive sempre vigilante, e prompta a saltar e mergulhar, ao menor perigo. Os filhos chamados girinos, quando nascem, tem a cauda comprida sem apparencia alguma de membros; mudam a pelle muitas vezes, e depois é que se lhe desenvolvem pouco a pouco os pescachinho-lhe a cauda aos pedacos ate que tomam a



forma de rã. Os alemães e americanos do norte são muito apaixonados pelas coixas da rã fritas, que reputão delicioso manjar.

—O SAPO habita nos lugares alagados, sombrios e abafadiços, e a femêa produz ovos dispostos em dous cordões, muitas vezes do comprimento de vinte ou trinta pés, que o macho lhe extrahê com as patas. Não é venenoso, como julga muita gente, porem util ao homem, porque alimenta-se de insectos nocivos às plantas. Na França e Inglaterra são os sapos vendidos às duzias, e lançados nas hortas e jardins, para devorarem as formigas, lagartas, e pulgões.

O PIPA é uma especie de sapo singular. Quando



A VIBORA

os ovos estão fecundados, o macho os deposita um a um nas costas da femêa. Então os ovos se lhe enteram na pele, causam uma grande inflammação, formam pustulas, e dahi nascem os sapinhos. Durante esse tempo, a femêa conserva-se mettida n'aguá.

---

### MORAL PRÁTICA.

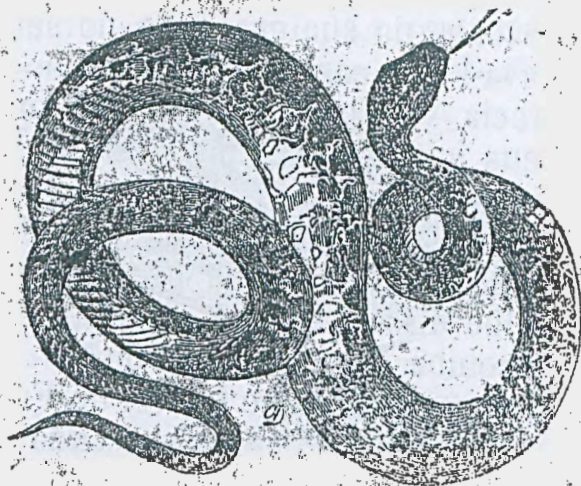
A AMIZADE é um dos maiores bens, que o homem pode gosar. A vida parece duplicar quando se vive,

pelo pensamento, no coração de um amigo. Não há solidão como a do homem, que não tem amigos porque o mundo torna-se para elle um verdadeiro deserto. Quem não é acessivel ao sentimento da amizade aproxima-se mais do bruto, que do homem; e nunca viveu, quem nunca sentiu amizade. Não devemos procurar amigos a torto e a direito, porque será melhor não termos um amigo do que arrependê-nos em ter feito má escolha. Mas, quando tivermos achado um verdadeiro amigo, devemos honra-lo com sincera amizade, e por elle fazermos todo sacrificio. — Eudamidas, de Corintho, vendo que a morte se lhe approximava, e que deixava sua mãe, e uma filha exposta á mais cruel indigência, não se affligio por isso. Avaliando os seus amigos Aretho, e Carixenes, pelo seu proprio coração, fez este testamento, hem digno de ser conhecido. «Encarrego Aretho de sustentar minha mãe, e tornar-lhe, quanto ser possa, menos pesada a sua velhice; a Carixenes, encarrego de casar minha filha, e dar-lhe o maior dote que poder. No caso de que um delles venha a faltar o outro o substituirá, tomando sobre si ambos os encargos». Os dous amigos do virtuoso Eudamidas não desmereceram a prova de tão honrosa amizade. Aretho casou a filha de seu amigo, e a dotou, e Carixenes tratou da mãe de Eudamidas, até á sua morte, e com a ternura e desvelo de um bom filho. — Dous habitantes de Syracusa, Damon e Pythias, eram intimos amigos. Dionysio, tyranno de Syracusa, por uma simples denuncia, condemnou Pythias á morte. Antes de morrer, Pythias pediu que o deixassem concluir negocios importantes n'uma cidade visinha, ficando o seu amigo Damon por fiador da sua promessa. Pythias parte, mas os seus negocios soffrem demora, e aproxima-se o dia do supplicio. Renne-se o povo, censura e lastima Damon, que tranquilamente caminha



a morte com a certeza de voltar o seu amigo, e desejando que não volte, para morrer em seu lugar. Já o momento fatal aproximava-se, quando mil vozes anunciam a chegada de Pythias, o qual voa angustiado para o lugar do supplicio, vendo o cutelo do algoz prestes a cair na cabeça do amigo. Ambos abraçam-se, choram e disputam a felicidade de morrer um pelo outro. Os espectadores desfazem-se em lagrimas e o proprio tyranno precipita-se do throno, perdôa e pede para tomar parte n'uma tão sincera amisade.

O AMOR CONJUGAL é considerado como a verdadeira



A GIBOIA

base da felicidade domestica, e alimenta no seio da familia, a paz, a ordem, a alegria. O amor conjugal nasce da estima, que entre si conservam os conjuges, e do sentimento profundo que ambos tem dos seus deveres mutuos. Durante a revolução franceza, nos horrorosos dias do terror a senhora Lefort brava pela vida de seu marido, que tinha sido preso como conspirador. Pediu e alcançou a permissão de vel-o, e ao por do sol corre a prisão. Ali conselha ao marido



para que se distanciasse com os seus vestidos de mulher, e saísse iludindo o carcereiro. O projecto vingou, o marido salvou-se, e no dia seguinte foi que se conheceu que a senhora Lefort estava na prisão em lugar de seu marido. O representante do povo incumbido de interrogar a senhora Lefort, di-se-lhe com modo ameaçador: Mulher infeliz, que fizeste? — O meu dever, respondeu ella, e faz agora o teu.

O AMOR PATERNAI é um sentimento profundo e generoso, uma especie de instincto sublime que forma o sagrado laço que prende o pai aos filhos. Agessilan, rei de Esparta, um dos maiores principes que teve a Grecia, esquecia-se da sua grandeza no seio da familia, e entregava-se ás caricias de um filho ainda menino. A Grecia via com surpresa este monarcha, o terror dos seus inimigos montado a cavallo n'um bastão, e brincando com o filho. Um gracejador foi um dia testemunha desta scena, ridicula aos olhos de uma alma vulgar, e poz-se a rir na presença d'Agessilan. «Meu amigo, lhe disse o rei, não rias por ora, e quando fores pai, zomba d'aquelles que o são». Igual anedocta succedeu com Henrique IV, rei de França. Este rei brincava um dia com seus filhos, andando de joelhos, e trazendo-os a cavallo sobre as costas. Nesse momento foi surpreendido pelo embaixador de Hespanha: «Sois pai, senhor embaixador, perguntou Henrique IV? — Saiba V. M. que tenho essa felicidade, respondeu o embaixador. — Então posso continuar a brincar com meus filhos, replicou o rei».

O AMOR MATERNAL é tanto mais perfeito e sublime, quanto o coração de uma mãe é mais carinhoso e mais dedicado. Uma senhora tinha perdido o seu filho querido, e não cessava de chorar tão grande perda. Um bom padre tentou inspirar-lhe alguma resignação, fazendo grande numero de considerações religiosas, e



citando o exemplo d'Abraão, que não hesitou sacrificar a Deus seu unico filho. «Ah! senhor, exclamou a inconsolavel senhora, Deus nunca exigiria tal sacrificio de uma mãe!» Esta resposta resume em si um sublime pensamento, e pinta perfeitamente o coração materno.

O AMOR FILIAL é na realidade o primeiro artigo do nosso código hierar e religioso, e não é outra coisa mais do que a submissão respeitosa e gratidão profunda, que devemos aos nossos pais. Epaminondas, ganhando a celebre batalha de Leuctra, atrahiu sobre si a admiração de todos os povos vizinhos, e foi considerado como o sustentaculo, e o restaurador de The-



A RA

bas, como o vencedor d'Esparta, como o libertador da Grecia, e finalmente como o general mais habilitado de todos os tempos. No meio de tão universaes applausos, Epaminondas dizia: «A minha maior satisfação é ter a certeza da alegria que hão de ter meu pai e minha mãe, quando souberem de minha victoria».

O AMOR FRATERNAL. «Um irmão é um amigo dado pela natureza» disse um poeta, e um tal pensamento é a definição do amor fraternal. Perguntaram a Cato d'Utica, ainda menino, qual era o seu maior amigo neste mundo. «Meu irmão respondeu elle — Bem! qual é o vosso maior amigo, em segundo lugar?—



Meu irmão. — Em terceiro lugar? — Também meu irmão»

A justiça é a obrigação que temos de dar a cada um o que é seu, e não fazermos aos outros o que não queremos que se nos faça. Não queremos que nos roubem, que nos calunniem, que nos maltratem, que nos façam, enfim, o mais leve damno. Logo, não devemos roubar, calunniar, maltratar, ou damnificar os nossos semelhantes. N'um momento de ingratidão, os athenienses condemnaram Aristides ao ostracismo, ou desterro. Quando alguém era condemnado ao ostracismo, reuniam-se na praça publica os cidadãos, escreviam na casca de uma ôstra o nome da pessoa, que queriam desterrar, e depois os juizes contavam o numero de votos, e faziam executar a sentença. Na occasião de ser condemnado Aristides, chegou-se a elle um camponez, que não sabia escrever, e pediu-lhe que escrevesse na ôstra o nome de Aristides. Este perguntou ao camponez, se Aristides lhe tinha feito algum mal. Nenhum, respondeu o camponez, e nem sequer o conheço; mas já estou farto de ouvir chamar-o justo». Aristides não deu palavra, escreveu o nome, entregou a ôstra, e foi condemnado. Não ha justiça que não seja punida: Aristides foi de novo chamado à patria, e os seus detractores ficaram confundidos: Cam matou seu irmão Abel, e foi por Deus amaldicoado: Achab roubou a vinha de Naboth, matou muitos innocentes, e morreu miseravelmente dilacerado pelos cães. Diz Salomão: Aquelle que anda vendo como fará bem, é ditoso em se levantar ao romper da manhã: aquelle, porem, que anda buscando como fará mal, será d'elle opprimido. — Melhor é o pouco com justiça, do que muitos fructos com iniquidade. — Não se apartará o mal da casa d'aquelle, que dá males por bem.



A BONDADÉ. A verdadeira bondade consiste na inclinação que temos para amar os nossos semelhantes, desculpar os seus defeitos, e perdoar os seus erros. Estava um dia Pisistrato na mesa, e um dos seus convidados, toldado pelo vinho, começou a injuriar-o. Os seus amigos aconselharam-n'o para que punisse o insolente; mas Pisistrato respondeu: «Se eu passasse na rua, e um cego me desse um empurrão, aconselhariéis que o punisse?»—Num dia de verão o marechal Turenne estava em trajes caseiros, a tomar fresco n'uma janela. Um dos seus criados, vindo pela banda de traz, tomou o marechal por um dos cosinheiros, e deu-lhe com força uma palmada nas costas. Turenne surprehendido voltou o rosto, e o criado cahiu de joelhos a seus pés, pedindo perdão pelo engano, e jurando que pensava ser Jorge o cosinheiro. «Ainda mesmo que fosse Jorge, disse Turenne tranquillamente, não devias bater com tanta força.»—Tito, imperador romano, foi de tanta bondade e liberalidade, que a ninguem negava cousa alguma, e sendo reprehendido d'isso por seus amigos, respondeu:—*Que ninguem se devia retirar triste do seu imperador.* Lembrando-se um dia na cela, que nesse dia não tinha dado nada a ninguem, disse: *O meus amigos, hoje perdi o dia.*

A CORAGEM é o valor brilhante que distingue particularmente o militar. Da-se o nome de coragem ao valor experimentado que não conhece o medo, que arrostá o perigo, e prefere a honra á vida. Na batalha d'Aboukir, a mais desastrosa para a marinha franceza, o almirante Brueys e os seus officiaes defenderam gloriosamente a honra da bandeira franceza. No calor da batalha, Brueys ficou ferido, mas não quiz deixar o tombadilho do navio, e disse: *Um almirante deve morrer dando ordens.* Alguns instantes depois uma bala o matou no seu posto de honra.—Na batalha de Clos-

erdamp, dada na Alemanha em 1760. Assás, coronel de um regimento francez achando-se, durante a noite, perto de um bosque, sahio do acampamento, afim de fazer uma exploração. Apenas tiha dado alguns passos, foi surprehendido pelos inimigos, que, pondo-lhe as bayonetas ao peito, ameaçaram de o matar, se proferisse uma palavra. Assás não duvidou cumprir o seu dever, embora morresse, e gritou em alta voz: *Avançai, soldados, que o inimigo está commosco.* No mesmo instante foi traspassado pelas bayonetas, e cabiu morto; mas os seus soldados, ouvindo-lhe a voz, salvaram-se da embuscada, e vingaram a sua morte. — Na guerra selvagem, que nos fez o Paraguay, invadindo sem previa declaração a provincia de Matto-Grosso, distinguio-se com uma coragem heroica o musico Benedicto, natural do Taquaral, que apenas tinha treze annos de idade. Benedicto havia assentado praça na musica, assistiu ao combate do Desbarrancado, e viu-se afinal envolvido pelos paraguayos, que lhe gritavam: *Entrega-te como prisioneiro.* Benedicto, achando-se só sem arma alguma, e diante de centenaes de inimigos ferozes e implacaveis, respondeu com admiravel coragem: *Não me entrego.* Os paraguayos por vezes repetiram aquella ordem, acompanhada de horriveis ameaças, e o joven Benedicto sempre lhes respondia: *Não me entrego.* Desesperados os paraguayos com um tal heroismo, em uma alma tão tenra, disseram-lhe pela ultima vez com as espadas em punho: *Entrega-te, senão morres.* Benedicto ao ver as espadas erguidas, tendo a imagem da patria gravada no coração: e querendo antes morrer que render-se, cruzou as mãos sobre a cabeça, e com firmeza respondeu ainda: *Não me entrego.* Mal proferiu estas palavras, descarregaram sobre elle as espadas, que num instante cortaram-lhe a cabeça e deceparam-lhe as mãos!



O PATRIOTISMO é uma virtude rara porque nos obriga a preferir o bem geral ao particular. Devemos servir a patria com desinteresse e por ella sacrificar os nossos commodos, a nossa fortuna, e até mesmo a vida. No Brazil temos tido belos exemplos de patriotismo: Fernandes Vieira, o vencedor dos hollandezes, queimou os seus canaviaes, para não ficarem no poder do inimigo; o preto Henrique Dias, n'uma batalha contra os hollandezes, perdeu um braço e disse: «Ainda me fica o outro para defender a patria e o rei;» José Bonifacio o patriarcha da nossa independencia, foi ministro, deputado, tutor de S. M. o Imperador D. Pedro II, e viveu e morreu pobrissimo. É o patriotismo quem ensina o soldado a cumprir a risca as ordens dos seus superiores, para um dia saber mandar; quem ensina o magistrado a fazer justiça, porque «não dispõe do que é seu», e a não levar-se por empenhos, nem curvar a cabeça aos poderosos; quem ensina o professor primario a sujeitar-se a um trabalho assiduo, a amar o sacerdocio da abnegação, a estimar os meninos, como se fossem seus filhos, e a preparar para o bem e para o progresso as gerações futuras; quem ensina o sacerdote a consolar as suas ovelhas, a promover pela influencia moral e religiosa a felicidade do povo; a propagar os conhecimentos uteis, e a não se envolver em politica, para ser estimado, e não manchar o caracter de paz e humildade, que representa na terra; quem ensina a todos, enfim, a serem honrados no cumprimento dos seus deveres. — Aristides e Themistocles, dous homens celebres da Grecia, eram inimigos, e andavam sempre em opposição nos negocios da republica. Sendo ambos nomeados para uma embaixada importante, o amor da patria os congracou. Quando saíram das portas de Athenas, Themistocles disse a Aristides:



«Deixemos ficar aqui a nossa inimizade, e, quando voltarmos, a tomaremos de novo». O grande Phocion, atheniense, um dos mais justos governadores na paz, e dos mais animosos capitães na guerra, que houve entre os gregos, depois de ter feito muitos benefícios á patria, e de ser quarenta e cinco vezes magistrado, foi por inveja accusado, e condemnado a morte por seus concidadãos. Antes de morrer, perguntaram-lhe se queria ver seu filho: «Mandai-o vir, disse elle». Trouxeram o mancebo á sua presença, e Phocion disse-lhe: «Recommendo-vos meu querido filho, que deveis servir a patria com o mesmo zelo, e fidelidade com que a servi, e principalmente deveis esquecer que uma injusta morte foi o premio dos meus serviços».

A CARIDADE é o amor do proximo posto em pratica. Os homens são irmãos e devemos amá-los como a nós mesmos. Não ha neste mundo senão accidentes de fortuna, e o branco não é melhor do que o preto, porque todos são filhos de Adão. Não nos devemos ensoberbecer com a fortuna porque a fortuna é mudavel, e por isso é que o Evangelista S. João dizia e repetia sempre: «Amái-vos uns aos outros». Jesus Christo particularmente nos recommenda a caridade, e promete o reino do céu aquelle que, em seu nome, beneficiar o proximo necessitado, ainda mesmo que seja com um copo d'agua. Toma-se a caridade no sentido de se fazer todo o bem possível: sepultar os mortos, visitar os encarcerados, consolar os enfermos, remir os cativos, dar pão a quem tem fome, e amparar a, viuva, o orfão e o infeliz. Mas, a caridade não deve ser feita, senão a quem realmente precisa. De outro modo é um mal, e portanto não devemos dar esmola ao homem que pode trabalhar, porque neste caso a esmola converte-



se em alimento da ociosidade, e alem disso é uma grande injustiça; porque dá-se pão ao preguiçoso, e tira-se ao necessitado. A esmola não deve ser dada por ostentação, porque Jesus Christo condemna a vaidade, e recommenda que a mão esquerda ignore a esmola que dá a direita. Deve ser bem guardado este preceito, porque a ostentação humilha a pessoa, que recebe a esmola. Aos olhos de Deus a esmola do pobre é tão bem recebida como a do rico. Jesus Christo reparou na pequenina esmola de dous reis que deu a pobre viuva, e disse: «Aquella pobre mulher deu mais que os ricos, porque deu de sua pobreza, e deu quanto tinha». Nos seus proverbios diz Salomão: «Aquelle que despreza ao seu proximo, peca; mas o que se compadece do pobre será bemaventurado.—Aquelle que despreza o pobre, insulta o seu Criador: e o que se alegra com a ruina d'outrem não ficara impune.—Aquelle que tapa os seus ouvidos ao clamor do pobre, esse mesmo tambem clamará, e não será ouvido.—O que se compadece do pobre dá o seu dinheiro a juro ao Senhor: e este lhe tomara com onzena o que tiver emprestado».

A FIDELIDADE supõe sempre uma especie de dependencia, e nos obriga por isso a cumprir a nossa palavra, e a sermos fiel aos nossos amigos, a nossa patria, e aos nossos superiores. O archiduque d'Austria tendo entrado em Madrid em 1710, mandou dizer ao marquez de Mansera, velho de quasi cem annos de idade, presidente do conselho de Castela que lhe viesse beijar a mão: «Não tenho senão uma fé, respondeu o honrado anciao, e so tenho um rei, que é Felipe V, a quem prestei juramento de fidelidade. Tenho o archiduque d'Austria em conta de um grande principe, mas não o reconheço por meu soberano.



Tenho vivido quasi cem annos e nunca violei os meus deveres. Tenho de viver poucos dias, e não quero deshonrar-me por tão pouco».

A GENEROSIDADE é um nobre impulso do coração que em favor dos outros, faz esquecer os nossos interesses. A generosidade toma algumas vezes o caracter da clemencia, como quando Cezar, o homem o mais generoso da antiguidade, esforçava-se, mesmo à custa dos seus interesses, em fazer bem aquelles que lhe faziam mal. Um homem rico, e cheio de annos, tomou a deliberação de distribuir pelos seus filhos a sua fortuna, fructo dos seus trabalhos. «Reservo ainda um diamante de grande valor, disse o velho, que será para aquelle dentre vós que mais se distinguir por qualquer acção nobre e generosa». Para alcançar o premio, os filhos separaram-se; porem, no fim de tres mezes tinham voltado. O mais velho dos filhos, dirigindo-se ao pai, falou assim: «Na minha viagem, um estrangeiro, sem que eu passasse recibo, confiou-me um deposito o qual entreguei fielmente, logo que me foi pedido. Esta acção, meu pai, não é digna de elogio? — Fizeste, meu filho, o teu dever, replicou o pai. Se precedesses de outro modo serias um ladrão, porque a probidade é um dever. A tua acção é boa, mas não é generosa». O segundo filho disse: «Durante a minha viagem, passei um dia por um lago, aonde um menino acabava de cair. Corri logo em seu soccorro, tirei-o da agua e salvei-lhe a vida arriscando a minha. — Na qualidade de homem, replicou o velho, fizestes o que nós todos somos obrigados a fazer pelos nossos semelhantes». O mais moço dos filhos disse por sua vez: «Um dia encontrei o meu inimigo dormindo profundamente á beira de um precipicio, e portanto a sua vida estava em minhas mãos. Não o quiz matar».



e, pelo contrario, acorder-o brandamente, e assim o livreí do perigo.—O meu filho, o diamante pertence-te, exclamou o velho enternecido. Que grandeza d'alma não ha fazer-se bem ao seu inimigo, em pagar-se o mal pelo bem !»



Entrada em Jerusalem.

A CIVILIDADE é uma virtude que nos ensina a tratar a todos com respeito e brandura. Os homens são iguaes, e devem-se tratar com mutua deferencia. Ninguem, seja qual fôr a sua posição, tem o direito de maltratar o seu semelhante, e quem faltar aos deveres



da civilidade sujeita-se a perder a estima e o respeito, porque é certo o adagio: «quem diz o que quer, ouve o que não quer.» Temos obrigação de tratar bem a todos, porque a incivilidade é manifesto signal de má educação, ou de sentimentos grosseiros. Quanto mais elevada fór a nossa posição, mais urbanidade e attenção devemos mostrar, porque neste caso a incivilidade não só humilha, como também offende. O cavalheiro Goels, governador da Virginia, conversando um dia na rua com um fidalgo seu amigo, tirou o chapéo a um preto, que lhe tinha cortejado. «O que vejo diz o fidalgo admirado, V. Exc., abaixa se a cortejar o negro!—Sem duvida, respondeu o cavalheiro Goels, porque não quero que se diga que um negro é mais bem educado que o governador da Virginia.» A civilidade nos ensina a soffrer as fraquezas do proximo e nos poupa muitos desgostos. Uma senhora, que não passava por muito bem casada, perguntou a uma sua amiga a razão porque vivia tão bem com seu marido. «Fazendo tudo o que agrada a meu marido, respondeu a amiga, e soffrendo com paciencia o que me não agrada a mim.» Nas conversações e nas discussões, a civilidade atalha sempre as disputas, as rixas, e as inimidades. É por isso que Salomão disse nos seus proverbios: A resposta branda quebra a ira; a palavra dura suscita o furor.—O homem iracundo provoca as rixas: o que é paciente, aplaca as que se tem excitado.—As palavras compostas são um favo de mel.

O PERDÃO é a remissão completa de uma falta, que temos o direito de punir como superior, ou de uma offensa que nos foi feita. Perdoa-se quando se esquece a falta, ou offensa, como se não existisse mais vestigio na memoria. Deus perdoa ao peccador arrependido; o pai perdoa ao filho; o senhor perdoa ao escravo, e o amo perdoa ao servo. O perdão é um acto de cle-



mencia, ou de generosidade, e é a mais nobre vingança do homem. O imperador Theodosio perdoava os criminosos que tinham a felicidade de fazer-lhe chegar a petição de graça. Pulcheria, sua irmã, julgou prudente lembrar-lhe os perigos de uma clemencia tão excessiva: «Ah! minha irmã, respondeu o imperador, podemos facilmente matar um homem, mas só a Deus pertence resituir-lhe a vida.» Alguns cortezãos de Filippe ao Bello, rei de França, aconselharam-no para vingar-se de um prelado que o tinha offendido: «Bem sei, disse o rei, que posso fazel-o; porem é mais nobre poder vingar-me, e não vingar-me.»

A PACIENCIA é uma virtude que faz suportar a adversidade, a injuria e a dor sem murmurio e com moderação. Esta virtude é muito necessaria para a vida, e nos auxilia a tolerar com indulgencia os erros e os defeitos dos outros. Adquire-se a paciencia, exercitandonos sempre em diminuir a impressão que nos pode causar a imperfeição dos outros. Uma das primeiras qualidades de Socrates era uma tranquillidade de espirito que nenhum accidente, ou desastre, ou injuria, ou máu tratamento podia alterar. Dizem que este philosopho tinha no principio o genio arrebatado e impetuoso, mas que as suas reflexões e o esforço que fez para se conter, e corrigir, o fizeram moderado e paciente. Pediu aos seus amigos que o advertissem quando estivesse prestes a encolerisar-se, e ao menor signal mudava de voz, ou calava-se. Encolerizando-se um dia contra um escravo disse: «Eu te castigaria, se não estivesse encolerizado.» Na sua propria casa teve ampla carreira para exercitar a sua paciencia, que foi posta continuamente em prova por sua esposa Xantipe, mulher de genio excentrico, e arrebatado. Um dia, querendo injuria-lo de um modo sensivel, Xantipe arrancou-lhe o manto dos hombros, no meio da rua,



e o lançou na lama. Os amigos de Socrates aconselharam-no para que se vingasse immediatamente, e lhe desse uma lição que a escarmentasse para sempre: «Um marido brigando com a mulher, disse Socrates, seria para vós um espectáculo divertido, e eu não estou disposto a representar esta comedia á minha custa.» N'outra occasião, depois de ter suportado por muito tempo, sem dar palayra, as injurias e a colera de Xantipe, sahio da casa, para deixar o campo á sua inexoravel esposa, e foi sentar-se ao limiar da porta. Xantipe desesperada pela paciencia do marido, sobe ao quarto, vai á janella, e atira na cabeça calva de Socrates uma bacia de agua suja. As pessoas que passavam na rua, e que viram esta scena, riram-se á valer. Socrates riu tambem, e disse tranquillamente: «Eu já esperava isto, porque depois da trovoada vem a chuva.»

## EVANGELHO DE LAVRADORES.

Claudio Bujault, por alcunha *mestre Thiago*, lavrador francez, residente em *Charole*, foi homem de larga experiencia e bom juizo, autor de muitos escriptos de pratica rural, e conhecido em toda a Europa. As suas sentenças são para os lavradores como os aforismos de Hipocrates para os medicos, e os de Franklin para os moralistas. Nas diversas obras de Bajault apparecem as seguintes maximas, que muito se recomendam pela força de persuasão, que as vivifica:

«Cada cavallo ha mister de um moço capaz, como cada terra de um bom cultivador. — Quem despreza a sua fazenda perde um terço da renda, e a metade ha de per-



dêr se a quizer vender.—Se és amigo de teus filhos, trata da tua propriedade.—A boa dona de casa é um thesouro. Mulher activa e cuidadosa torna a casa abundosa.—A feira e mercados não vãs senão para os teus negócios e arranjos: não temas que por tú não appareceres, falem lá mandriões, comedores, e bebados.—O que primeiro se poupou é o que primeiro se ganhou. De ganhar nem sempre se tem certeza, mas do que se poupa, tem-se.—Não percas nada do que pode prestar para a gente, para os animaes ou para a terra.—Um punhado de palha dá dous punhados de estrume: dous punhados de estrume dão um punhado de grão.—Põe cada cousa no seu lugar, e trata com amor as ferramentas; sol e chuva estragam tudo, e depois é necessario mais pau, mais ferro, mais trabalho, e mais dinheiro.—Acostuma teus filhos a guardar e a apanhar.—Cura com diligencia do que tiveres colhido. Muitas vezes se perde mais n'um dia por negligencia do que se ganhou a trabalhar n'uma semana.—Teus filhos que assentem por escripto o producto de tuas colheitas, as tuas compras, as tuas vendas e as tuas despezas.—Lavra bem com o arado e estruma melhor: não poupes a tua teara e serás lavrador.—Trata com dó a tua terra, como os animaes do teu carro: não lhe deites carga com que não possa.—Quem sua terra esfalfa, sua bolsa estafa.—Não ha boa lavoura, sem bom arado e relha larga para cortar as raizes.—Faze muito por te descartares das mais hervas que, segundo a minha botanica, são da familia dos máus lavradores.—Queres ter colheita? Faze prado para pastio.—Os prados são para a lavoura o que o mantimento é para a gente.—Se a terra anda esgotada o prado a fortalece; se cançada, descança-a; se comida de más hervas, alimpa-a.—Não ha terra em que se não possa fazer prado de alguma casta.—Os prados sustentam gados: os gados dão estru-

me o estrume da pão. — Os prados, os gados e os estrumes trazem o grão. — Todas estas cousas andam prezadas umas ás outras, quem faltar a alguma despeça-se da colheita. Quem faz bons prados da metade da terra, que podia lavrar, é lavrador de fei; ainda não é mau lavrador se faz pasto só do terço. — Não has de semear senão o que podes estrumar. — Faze prados e cria gados até que tenhas adubo para todos os teus trigos. — Não semeies á media da terra, mas sim á media do esterco. — Semear sem estrumar não é semear: é deitar as sementes a perder, e pôr a casa a arder. — Uma cabeça de gado grande estruma 200 braças quadradas: outro tanto fazem dez carneiros. — A espiga perfeita faz a boa colheita. De tudo has de cultivar, para que tudo não venha a faltar. Se falta o pão ao lavrador, a batata é o seu fiador; e se o celeiro lhe transborda com a batata o seu gado engorda. — Cria gados de diferentes especies, se um se não vende, outro te dá dinheiro. Quem trata o seu gado, trata o seu morgado. — Engorda o teu gado antes de vender. A gordura é capa dos defeitos. — Despressa se faz estrume, dinheiro, e trigo. Se es trabalhador e fores poupado, mais tarde ou mais cedo seras abastado.»

«A tão belos conselhos accrescentaremos somente os seguintes: Lê e estuda os livros de agricultura, e experimenta os novos instrumentos, maquinas, e processos. — A experiencia dos novos processos nem sempre vingam na primeira, segunda, ou terceira tentativa: experimenta sempre com cautela, e nunca desanimas. — A inexperiencia, e o erro são os tributos que sempre se pagam as primeiras tentativas: por tanto nunca desabones qualquer experiencia, e fala só depois do seu resultado. — Dai a vossos filhos, se poderdes uma boa instrucção agricola theorica e pratica, mandando-os estudar em Grignon, na França, e em Hohenheim,



na Allemanha ou em qualquer outra escola acredita-  
da. Deste modo terão elles um titulo academico, e  
augmentarão o patrimonio que lhes deixardes.— Só o  
saber e o trabalho nos dão honra e proveito.— Aos  
nossos olhos uma carta em agricultura é um titulo de  
tanto apreço, como a carta de um bacharel formado  
em direito, ou em qualquer outra sciencia.

---

## MAXIMAS E SENTENÇAS.

—O temor de Deus é o principio da sabedoria.

—Tende horror á calumnia e á vingança.

—Sede brando e indulgente para com os outros,  
e severo para convosco.

—Seja em bem, seja em mal, nunca julgueis pes-  
soa alguma pelas apparencias.

—Não gasteis hoje aquillo de que amanhã podeis  
necessitar.

—Não desprezeis o homem pobre, e temeí que a for-  
tuna, sempre inconstante, vos coloque em igual situação.

—Cumprí vosso dever, aconteça o que acontecer.

—Não faciais cousa alguma n'um momento de co-  
lera; por ventura embarcareis no meio de um tempo-  
ral desfeito?

—Sede economico: a falta de dinheiro pode causar  
a falta de juizo, e muitas vezes a falta de probidade.

—Educai vossos filhos, e sabereis de quanto sois  
devedor a vosso pai e vossa mãe.

—Deixai aos invejosos o direito de dizer injurias,  
e aos tolos o de lhes responder.

—Ambicionai a honra, e não as honras.

—Se fordes zeloso de vossa independencia, não façais divida.

—Um rico sem liberalidade é uma arvore sem fruto.

—O melhor modo de se vingar de um inimigo, é despresal-o.

—Pomo-nos ao nivel da gentalha, quando disputa-mos com ella.

—A mentira é o recurso das creanças, dos tolos, e dos máus.

—Aquelle que perdeu a honra, nada mais tem que perder.

—Mil conhecidos não valem um amigo.

—Deve-se capitular com a ignorancia e a toleima como com um inimigo superior.

—Quem não sabe ler e escrever, pode ser facilmente logrado por aquelles que tem essa vantagem.

Os amigos que nos occultam os nossos defeitos, servem-nos de menos que os inimigos que delles nos advertem.

—Julgar que um inimigo fraco não pode fazer mal, é pensar que uma faísca não pode causar um incendio.

—Vale mais emmagrecer com honra do que engordar com infamia.

—Aquelle que fez um serviço deve esquecer-se d'elle, e o que recebeu, deve tê-lo sempre na lembrança.

—A ingratição é a maior monstruosidade moral da natureza.

—Convém que procuremos agradar; mais deve-se ter sempre em vista que adular é enganar.

—A razão é a arma do sábio: o ferro, a do mentecapto.

—A natureza, dando-nos dous ouvidos e uma só lingua, nos ensina que devemos ouvir mais do que fallar.

—A economia é a riqueza do indigente.



—A instrução é o adorno do rico e a riqueza do pobre.

—Aquelle que te conta os erros dos outros, não deixará de contar aos outros os que tu commetteres.

—Não te indiveses sem necessidade, porque o homem que toma emprestado, servo é do que lhe empresta.



O beijo de Judas

—O prodigo rouba o seu herdeiro: o avarento rouba a si proprio.

—A fome dá ao pobre o direito sagrado de importunar o rico.

—Não deixes para amanhã o que hoje poderes fazer



—Evita o orgulho que é peor que a fome, a sede, e o frio.

—Houve muito, e não falles senão a propósito.

—Se estás aborrecido, conta até dez antes de responderes; se estás offendido, conta até cem.

—Estuda attentamente tudo quanto disser respeito a tua profissão, e virás a sabresahir nella. — Sé laborioso e económico, e chegarás a ser rico; se frugal e parco, e conservarás a tua saúde; se justo e não temerás a eternidade.

## DA HYGIENE.

A hygiene tem por fim conservar a saúde, e aquelles que seguem os seus preceitos vivem saos, robustos, e viorrem vellos. Aqui apresentamos os principaes preceitos hygienicos, em forma de rifaos, rimados, pelo Sr. L. Felipe Leite, que devem ser dacerados pelos meninos, assim, como as maximas estãmpadas neste livro.

I. DO AZE DOS APOSENTOS. — Foge do ar encanado, quando estiveres estado. — Quem a saúde não zela, põe-se a dormir na janela. — Faz muito mal a quem sua, sair assim para a rua. — Areja o quarto da cama, que ar impuro e peste chama. — Quem se lava e não se enxuga, toda a pele se lhe enruga. — Conserva no quarto fiões, na cabeça terás dores. — Dormir com a janella aberta, constipação quasi certa. — Ponto d'aguas encharcadas, não dês tu muitas passadas. — É muito máu enxugar roupa, onde te has de deitar. — D'onde sentires máu cheiro, foge logo e bem ligeiro.



II. DO VESTIDO E DO ACEIO.—Traz a todos a limpeza saude, forças, lindeza,—Deves lavar, cada dia, a cara com agua fria.—Fato que a chuva molhou, em si ninguém o secou.—Sol de inverno, ou sol de estio, na cabeça é doentio.—Penteia-te e limpa os dentes, conserva as unhas decentes.—Lava o corpo em agua frias se queres ter energia.—Do que dorme descoberto, as doenças andam perto.—Quem não lava, e esfrega os dentes, tem nos podres e indecentes.—Quando mudares de fato, faze-o sempre com recato.—Tem calos, e anda aleijado, quem traz sapato apertado.—Espartilho muito estreito causa molestia de peito.—Co'o suor, que se arrefece, tambem o corpo adocece.

III. ALIMENTOS E BEBIDAS.—O que espera o gulotão? Morrer de uma indigestão.—Come só para viver: não vivas para comer.—Entre comida e comida evita qualquer bebida.—Come, e beberás então, que te ajuda a digestão.—Suando, bebe agua fria, quem quer tosse ou pulmonia.—Nunca tu te desperdices por bolos e gulodices.—Agua e vinho não faz mal, vinho só, não bebas tal!—Para quem ainda é pequeno, vinho e licor é veneno.—Nunca tomes limonada, co'a digestão começada.—Depois de comer banhar-se, e mesmo querer matar-se.—Muitos doces e pasteis produzem males crueis.—Morrem de fome, rarissimos, de fartadelas, muitissimos.—Co'o comer mal mastigado, muitos se tem engasgado.—Não faz boa digestão, comer com sofreguidão.—É rifaõ que das grandes ceias tem as sepulturas cheias.—Quando estiveres suado, não tomes nenhum gelado.—Vale mais ficar com fome, que adoecer do que se come.—Quem muito vinagre traga, o seu estomago estraga.—Quem come fruta ainda verde, em breve a saude perde.—São de assucar muito amigas as malditas das lombrigas.—Fructa omer em jejum

faz sezões; e bem nenhum. — Não comas hervas, ou bagas que não conheces, que o pagas.

IV. DO EXERCÍCIO E DO REPOUSO. — Faz exercício diário, estuda o que é necessário. — Tão preciso é descansar como brincar e estudar. — Quantas horas dormiras? Nove só; em sanla paz. — Menino que muito dorme, fica doente ou disforme. — Dormir sosinho na cama conserva a saúde e a fama. — Deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer. — Depois do comer não leias, ser urgente não no creias. — Cabriolas pela escada, dão em cabeça quebrada. — Madruga, e vai passear, saúde é que vais ganhar. — Acabada a obrigação, vai buscar péla e pião. — Faz mal correr contra o vento, sae caro o divertimento. — A hygiene te manda, não dormir em cama branda. — O dormir de mais a sesta torna a comida indigesta. — As brincadeiras de mão sempre na cabeça dão. — A cama é para dormir; mal cordes é vestir.

V. SENSACÕES E PAIXÕES. — A saúde é dom precioso, que Deus tira ao preguiçoso. — Não te cause nunca espanto defunto, bruxa ou encanto. — Ao rapaz que muito grita a garganta se lhe irrita. — O que se faz mandrião deixará de viver são. — Quem se assusta facilmente, anda sujeito a accidente. — Os sonhos são vans mentiras; d'elles verdades não tiras. — Agoiros improprios são, de crer n'elles um christão. — Não te assuste a tempestade, que Deus é Deus de bondade.

VI. GENERALIDADES. — Nunca durmas com os gatos, nem passos des sem sapatos. — De molhar os pés, ás vezes, vem molestias para mezes. — Temar banho muito quente, nunca foi conveniente. — Em bango frio deter-se, não nadando é de temer-se. — Retêr a curina, em rapaz, dôr de pedra e areias faz. — Curar a tosse procura, mais tarde não terá cura. — Partir nunca tu intentes materia dura co'os dentes. — Se tropeja e arriscado subir a torre ou eirado. — A dieta cura mais que



drogas medicinaes.—Se as unhas uzas roer, podes os dedos perder.—Lerás á luz natural: mas pouco á artificial.—Muito cuspir é um vicio, que nunca fez beneficio.—Outro vicio é o fumar que te ha de prejudicar.—Quando troveja, meninos, não se devem tocar sinos.—Se te sentires doente, deitar-te é o mais prudente.—Faz quanto manda o doutor, quando não será peor.—Os remedios amargosos bebe-os como os saborosos.—Recalhida é mais que doença: teme da convalescença.—Então deves só comer o que o doutor prescrever.—Não finjas doente estar, pôde-te Deus castigar.—

---

## DOS ASTROS.

Os astros são as estrellas, que parecem estar suspensas na abobada celeste e dividem-se em luminosos, opacos, fixos, e errantes.

Os astros *luminosos* brilham com esplendor, que lhes é proprio, como o sol, e as estrellas fixas.—Os astros *opacos*, ou *planetas* são os que recebem a luz dos outros astros, como a lua, que não tem luz propria, e que a recebe do sol.—Os astros *fixos* conservam a mesma posição no céu e os astros *errantes* mudam de lugar. Alguns dos astros errantes apparecem em certas épocas, acompanhados de uma cauda luminosa, e chamam-se *cometas*.

Os astros *apparentes* são aquelles que se podem ver a olho nu, como a lua, o sol, e um prodigioso numero de estrellas, e os astros *telescopicos* são aquelles

les, que só com o auxilio do telescópio, ou oculo de alcance, podem ser vistos.

Contam-se mais de 2,000 estrellas a olho nu, e a *via lactea* não é mais que o ajuntamento de milhares de estrellas invisiveis e longinquas, e tão amontoadas, que formam no céu uma cinta esbranquiçada e não interrompida.

Sendo infinito o numero dos astros, dividem-se em *constelações*, ou reuniões de estrellas, para serem melhor conhecidas.

O sol está no centro do nosso systema planetario, e faz girar em volta de si os planetas Mercurio, Venus, Terra, Marte, Vesta Juno, Ceres, Palas, Jupiter, Saturno, Urano, e Neptuno, os quaes tambem fazem girar em roda de si outros astros menores, que são chamados *satelites*.

O *sol* é um milhão e tresentas mil vezes maior que a terra. A distancia do sol á terra é de quasi 95 milhões de leguas, e a luz, que despede, gasta apenas oito minutos para chegar a nós! Para avaiar-se a distancia do sol á terra, basta dizer que, se fosse da terra despedida uma bala de artilharia, correndo por dia 15900 leguas, levaria seis annos a chegar ao sol!

*Mercurio* é o menor dos planetas, e pouco visivel, porque está quasi sempre engolfado nos raios do sol.

*Venus* é a mais brilhante e formosa das estrellas, da tanta luz como vinte da primeira grandeza, e apparece de manhã para o lado do oriente, e de tarde para o lado do occidente.

A *Terra*, planeta habitado pelo homem, é de forma redonda; tem o movimento diario de *rotação* girando sobre si mesma, no espaço de 24 horas, e o movimento annual de *translação*, girando em volta do sol, no espaço de 365 dias. A terra, sendo redonda, e girando sobre si mesma, recebe a luz do sol sempre n'uma parte



de sua superfície, e na parte que recebe a luz existe o *dia*, e na parte, que não recebe, a *noite*. Quando a terra passa entre o sol e a lua, escurece a lua, por que lhe tira a luz do sol, e ha então o *eclipse* da lua.

*Marte* é um planeta de luz escassa, e tem a cor de sangue.

*Vesta*, *Juno*, *Ceres*, e *Pallas* são chamados telescópicos, porque são muito pequenos, ou estão em grande distancia, e não podem ser vistos sem o auxilio do telescópio.

*Jupiter* é 1284 vez maior que a terra, e o maior de todos os planetas; brilha com esplendor igual ao de *Venus*, e leva 4322 dias a fazer o giro em volta do sol.

*Saturno* tem em roda de si um anel luminoso; a sua luz é pallida, como a cor de chumbo; leva a girar em volta do sol 29 annos; é 975 vezes maior que a terra.

*Uraño* tem seis satelites, é o penultimo em distancia dos planetas, e está afastado do sol 662 milhões de leguas!

*Neptuno* é o ultimo dos planetas, descoberto em 1846 por Leverrier, tem dous satelites conhecidos; dista do sol mil milhões de leguas, e julga-se que faz a sua revolução em 166 annos.

A *lua* é um satellite da terra, e em sua roda gira doze vezes no anno, e enquanto nesse tempo a terra gira uma só vez em roda do sol. A lua é 40 vezes mais pequena que a terra, e está distante 68640 legoas. Quando a lua passa entre o sol e a terra, esconde o sol, tira-lhe a luz e ha então *eclipse* do sol.

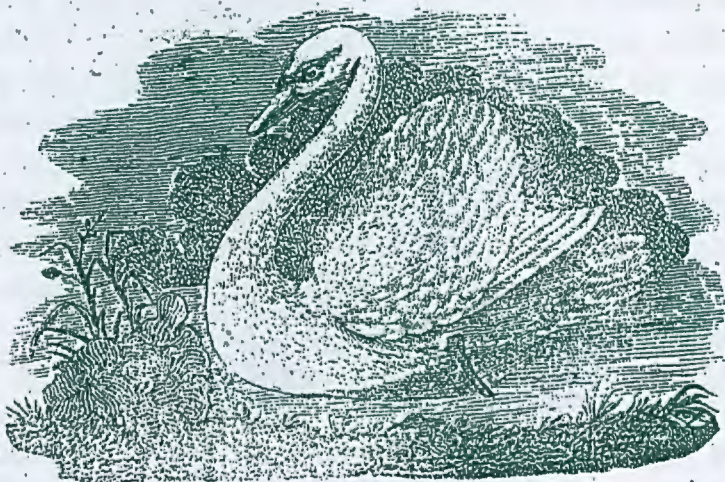
Os astros sustentam-se no espaço, porque se *attrahem* *repellem* mutuamente, sem nunca se encontrarem, conservando-se, desde o principio do mundo, nas distancias que Deus determinou. A grandeza, a claridade, a harmonia, a variedade, a multidão dos astros mostram

«A natureza vos fez iguaes, e a constituição do imperio vos fez livres. Da classe do povo tem sahido grandes magistrados, principes da igreja, habeis ministros, magnificos artistas, intelligentes lavradores, e famosos generaes. Hoje em dia não ha mais distincções de classe, não ha mais fidalgos, nem plebeus. Não ha senão homens desiguaes em fortuna virtudes, e talentos. Levantai pois a cabeça com tranquilla modestia, sem orgulho, porque todos vós sois brasileiros, iguaes perante a lei, igualmente queridos da patria.

«Amai com amor estremeado a nossa patria, porque a patria, meos filhos, não está somente na planície, no morro, na montanha, nos rios, na matriz, nas casas de pindoba da vossa freguezia, nas cantigas dos vossos vaqueiros na espessura das vossas mattas, mas sim em todo o Brazil! Para o rio-grandense, a patria não é só o Rio Grande do Sul, as suas fertes campinas, as suas bellas vaquejadas, o seu gancho enfeitado com a chilena e o ponche, e armado com o laço e a bola; para o fluminense, a patria não é só o Rio de Janeiro, a sua magnifica bahia, o Corcovado, o Pão de Assucar, as montanhas de cor azul, o céu transparente; para o pernambucano a patria não é só Pernambuco, os seus verdes canaviaes, as suas florestas de coqueiros, o seu commercio florescente, e as suas tradições guerreiras; para o maranhense a patria não é só o Maranhão as suas roças de algodão alvo como a neve, a sua natureza pomposa, e o mangue a reverdecer do tejuco, onde vda em bandos o vermelho guará; para o paraense, a patria não está só no Pará no soberbo Amazonas, nas suas innumeraes ilhas, nos seus rios tributarios, nas terras alagadas, onde crescem espontaneamente o cravo e a borracha, e nas praias arenosas cubertas de tartarugas, e de jacarés aquecendo-se ao sol! A patria é o



que nos faz palpitar o coração, é a unidade do nosso território e da nossa independência, é a glória dos nossos avós, a communiidade do nome brasileiro, a grandeza da liberdade! A patria, é o nosso bello céu, o sol ardente, que nos allumia, as florestas que nos dão sombra, a terra fértil que pisamos! A patria são todos os nossos concidadãos, grandes ou pequenos, ricos ou pobres! A patria, são a nossa santa religião, as nossas instituições livres, e o nosso Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo. O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO, symbolo de paz e



O. CISNE

progresso, em cujo reinado surgiram pela primeira vez no Brazil a navegação a vapor, as estradas de ferro, os telegraphos electricos, a propagação do ensino primario, a supressão do trafico, os institutos agricolas! A patria, é O BRAZIL, que deveis amar, servir, e defender com todas as faculdades da vossa intelligencia, com toda a força dos vossos braços, com toda a energia e com todo o amor da vossa alma!

«Amai vossos pais, para que vossos filhos vos amem. Não façais vosso velho pai bater com as mãos cançadas



preder e sabedoria de Deus, e fazem o homem dizer admirado: *Só Deus é grande!*

## SIMAO DE NANTUA.

Ja publicamos *O bom homem Avocado*, extrahido das obras de Benjamim Franklin. Agora publicamos o melhor que ha n'um livro escripto por Mr. Jussieu, com o titulo de *Historia de Simao de Nantua*, o qual teve o premio extraordinarie de Montyon, conferido pela Academia Franceza, no valor de 6000 francos. Os extractos de tão valioso livro são es seguintes:

—Quereis viver em paz, conservar a vossa tranquillidade, o vosso somno, e vossos bens? Ha para isso duas cousas a fazer; primeiramente evitar questões com os individuos, e, em segundo lugar, evitar brigas com a sociedade.

—A primeira necessidade do homem é não soffrer, e Por tanto o seu primeiro dever é não fazer mal aos outros. *Não facas aos outros o que não queres que te façam.* Se desejais gozar em sossego a vossa honra, os vossos bens, e os direitos de vossas pessoas, respeitai os outros em suas pessoas, bens, e honra. Cão que morde é mordido, gato que furta é batido, e todo animal perverso de quatro ou dois pés, mais cedo ou mais tarde é castigado.

—Os mãos tratamentos e as injurias só dão razão a quem as recebe. O direito da força só prevalece por um momento, porque existe um braço mais poderoso do que do homem o mais forte, e é o da justiça. O



lobo pode fugir com o carneiro às costas, mas o caçador depressa mata o lobo.

—Uma explicação pode prevenir uma contenda, em quanto que as más palavras não servem para nada, e as pancadas não fazem mais bem aos negócios do que à gente. Não é com o bordão que se reúnem os



A flagelação

fragmentos da louca quebrada, e nem com os gritos se afinam as rabecas; é preciso concertar com muita cautela os primeiros, e ouvir os sons das segundas. Cedamos uma coisa para conseguir outra e assim viveremos em boa harmonia.



preder e sabedoria de Deus, e fazem o homem dizer admirado: *Só Deus é grande!*

## SIMÃO DE NANTUA.

Ja publicamos *O bom homem Ucedo*, extrahido das obras de Benjamim Franklin. Agora publicamos o melhor que ha n um livro escripto por Mr. Jussieu, com o titulo de *Historia de Simão de Nantua*, o qual teve o premio extraordinarie de Montyon, conferido pela Academia Franceza, no valor de 6000 francos. Os extractos de tão valioso livro são es seguintes:

—Quereis viver em paz, conservar a vossa tranquillidade, o vosso somno, e vossos bens? Ha para isso duas cousas a fazer; primeiramente evitar questões com os individuos, e, em segundo lugar, evitar brigas com a sociedade.

—A primeira necessidade do homem é não soffrer; e Por tanto o seu primeiro dever é não fazer mal aos outros. *Não facas aos outros o que não queres que te façam.* Se desejais gozar em sacego a vossa honra, os vossos bens, e os direitos de vossas pessoas, respeitai os outros em suas pessoas, bens, e honra. Cão que morde é mordido, gato que farta é batido, e todo animal perverso de quatro ou dois pés, mais cedo ou mais tarde é castigado.

—Os máos tratamentos e as injurias só dão razão a quem as recebe. O direito da força só prevalece por um momento, porque existe um braço mais poderoso do que do homem o mais forte. e é o da justiça. O



lobo pode fugir, com o carneiro às costas, mas o caçador depressa mata o lobo.

—Uma explicação pode prevenir uma contenda, em quanto que as más palavras não servem para nada, e as pancadas não fazem mais bem aos negócios do que a gente. Não é com o bordão que se reúnem os



A flagelação.

fragmentos da louca quebrada, e nem com os gritos se afinam as rabecas; é preciso concertar com muita cautela os primeiros, e ouvir os sons das segundas. Cedamos uma coisa para conseguir outra e assim viveremos em boa harmonia.



—A única força que tem sempre razão é a da verdade. Quem é sincero é forte, e quem deseja enganar é fraco, porque a boa fé anda sempre de companhia com o direito, e a falsidade produz em toda a parte as horrendas consequências de sua natureza. Só o homem honrado e virtuoso pode ser franco, pois nada tem que occultar; mas quem intenta um mau designio, ou commette uma má acção, não pode passar sem mentir.

—Convem que a nossa lealdade não deixe a porta aberta aos maus designios dos outros. Podemos fiar-nos nas carícias do cão, mas convem vigiar as do gato. Muito boa fé, e uma desconfiança razoavel, eis a maneira de ter sempre razão e nunca ser logrado.

—Na minha opinião o engano e a mentira são os vícios mais desprezíveis, e ao mesmo tempo um dos maiores ultrajes que se pode fazer aos outros homens. Antes perdoaria a uma agulha que viesse ao meio dia, e à minha vista levasse os meus coelhos, do que a traidora doninha que se introduz as escondidas para os matar a noite.

—Quem falta á sua palavra é um miseravel, um ente digno de compaixão, porque ninguém nelle pode acreditar. Só o homem de bem é escravo da sua palavra, porque sabe o que deve a si e aos outros. Em negocios politicos, ou em negocios particulares, não se deve faltar á palavra, porque a palavra do homem de bem é uma só, e valiosa para todos os casos. O homem politico mentiroso é tão miseravel como o homem particular que não cumpre as suas promessas, e que adquire a triste reputação de caloteiro.

—Quem não respeita a propriedade alheia, expõe-se ao castigo, á vingança, e á infâmia. Não é verdade que não quereis que andem cobijando a vossa cabana, o vosso curral, as vossas geiras ou a vossa



tenda? Respeitai pois, da vossa parte os palacios, as terras, ou as grandes fabricas dos ricos, pois se não tendes palacios, fazendas ou fabricas, tambem ha quem não tenha cabana, tenda ou curral!

—Devem-se respeitar os bens dos outros nas minimas cousas. Uma espiga do campo do vosso vizinho, uma fructa do seu pomar, um cacho da sua parreira, não vos pertencem mais que toda a colheita. Não se trata de dizer: — *Que é isso?* Pois se todos dissessem a mesma cousa, a colheita seria feita sem o proprietario o saber.

—O trabalho e a economia são os unicos remedios para curar a miséria, e quem é activo e cuidadoso não tem que receiar a penuria. Tende confiança em Deus, que vos ha de ajudar, meus amigos; obedeci a lei, trabalhei com fervor, e vivei com prudente economia. Verdadeiro pobre é somente aquelle que diz: *nada do que eu possuo é meu.* Quem não deve nada, anda com o rosto levantado, vai a toda parte, e olha para todos sem abaixar os olhos. Para isto não é preciso muito, porque o homem que dá dez réis do que é seu, é mais rico do que aquelle que toma dez mil réis emprestados. Não basta saber como se adquire, cumpre tambem saber poupar, pois toda a despeza é grande quando não é necessaria. Costuma-se dizer: *isto não é nada: eu posso fazer esta despeza.* Mas não é assim, porque o pouco repetido torna-se muito. Por mais pequeno que seja um buraco, se o vinho passa, a pipa fica vazia.

—Não se deve querer tudo para si. Quem começa por abarcar tudo, acaba por ver que lhe levam tudo. Quem se afflige com a prosperidade dos outros merece a sua propria ruina. O tempo, que empregamos a contrariar as vantagens dos outros, é perdido para nosso interesse, e a mortificação, que isso nos causa, dete-



riora a nossa saúde. Não há invejoso rico, sadio, e que viva muitos annos porque « a inveja é uma lima que usa, e gasta, ao mesmo tempo o corpo, e alma.

—Não ha nada mais reprehensivel do que o homem, que se expõe voluntariamente a perder a razão, e fazer-se igual aos brutos. Um bebado é desprezível em quanto um louco é digno de compaixão, pois ainda que a embriaguez seja uma verdadeira loucura, contudo é mais vergonhosa e digna de imputação, por ser voluntaria.

—Tenho notado que são perversos aquelles homens, que tratam os animaes com crueldade. Quem vê sem piedade soffrer um cão, ou um cavallo, não está longe de ser insensivel aos soffrimentos dos seus semelhantes, e quem se costuma a fazer mal aos brutos, não tardara em fazer aos homens. Ha paizes, onde a crueldade para com os animaes se considera como delicto, e é castigada pelas leis. Isto me parece muito prudente. Entre nós, porém, onde não ha esta legislação, eu quizera que ao menos a opioção publica se declarasse de um modo efficaz contra este genero de barbaridade, e que todo aquelle que, sem necessidade, maltratasse qualquer animal fosse apontado com desprezo, como se tivesse ferido ou maltratado qualquer creatura que, pela sua fraqueza, não pode, ou não sabe defender-se.

—Parece que muita gente não sabe o que é uma demanda. Neste mundo não se administra a justiça *gratis*, custa caro ter justiça, e ainda mais caro em não a ter. Quem demanda tem de pagar ao procurador, ao escrivão, ao advogado, ao registro, e ao selo, e tudo se paga adiantado, ainda mesmo que o processo vá bem de vagar. Quando, enfim, se proferir a primeira sentença, o vencido não se dá por vencido, appela, embarga, recorre, e começa de novo a per-



der tempo e dinheiro. Diz um proverbio que no fim de uma demanda um dos litigantes fica em fralda de camisa e o outro nu, isto é, um perde muito, e o outro tudo. Os chinezes tambem dizem que n'uma demanda o vencedor ganha uma galinha e perde uma vaca. Isto é uma pura verdade, meus amigos, e Deus nos livre do espirito de chicana, que é um verdadeiro poco sem fim, onde tudo entra e nada sai. Se me dais credito, *componde vos, e não demandeis, porque uma má composição é melhor que uma boa demanda.*

—O mal não se remedeia com o esmorecimento. Quando o homem tem coragem, e quer lutar contra a adversidade, e sempre mais forte do que ella. Quem sabe soffrer com resignação, esperar com paciencia, e trabalhar com firmeza, nunca succumbe a desgraça. Deus disse: *Trabalha que eu te ajudarei.*

—Entendeis que o aceito seja coisa dispendiosa? Por ventura custa dinheiro o ar, que entra na vossa casa, ou a agua com que lavais o vosso corpo, e os vossos moveis? Não ha nada peor do que respirar sempre um ar infecto. Se deixardes cobrir de sordidez e de bichos o vosso corpo, isto será um principio de corrupção, que pode produzir enfermidades muito graves. Vede como os animaes mergulham-se na agua para limparem o corpo, e é o instincto que os ensina a tomar esta precaução natural e necessaria.

—A ferrugem consome, e fura por fim a casarola, que ninguem estrega, e a falta de aceito é tambem uma especie de ferrugem, que pode estragar o corpo e alterar a saude. O sol dá luz a todos, o rio corre para todos, e para todos circula igualmente o ar. Não ha pois miseria que possa impedir-vos de lavar o vosso corpo, a vossa roupa, a vossa louça, e limpar os vossos moveis, e arejar e varrer a vossa casa. Se a não fizerdes, asseguro-vos que as immundicies na



vossa pelle hão de se converter em ulceras, e bicbaria; a falta de aceio ha de estragar os vossos moveis, e produzir venenos nos vasos em que puzerdes a comida; a humidade, e a falta do ar nas vossas habitações, vos exporã a muitas molestias. As mulheres pertence particularmente o aceio de uma casa. Os trastes em desordem e empoeirados; a sala, os quartos, e a varanda cheias de cisco e teias de aranha; e os vidros, as panelas, e os pratos emporcaldiados são a condemnação eloquente de uma dona de casa preguiçosa e immunda.

—A honra é a maior de todas as riquezas, pois quem a conserva, depois de perdido tudo, pode consolar-se, e mesmo restabelecêr-se, e, pelo contrario, a perda da honra é irreparavel, e não ha no mundo riquezas, que a possam recuperar. Atacar pois, a honra de um homem é fazer-lhe maior dano do que atacar-lhe os seus haveres. Assim os maldizentes e os calumniadores são malvados mais temiveis do que os salteadores armados, e os ladroes nocturnos e só se lhes pode comparar os que lhes dão ouvidos, e que repetem suas calumbias porque pouco ruído fariam os sinos, se não houvesse ar para propagar os sons, nem se ouvia ao longe o trovão, se não fosse reproduzido pelos échos.

Se trataes de pedir emprestado, lembrar-vos de duas cousas: primerramente que é preciso restituir, e que a exactidão é a filha da prohibada, e mãe do credito; e em segundo lugar, que um emprestimo é sempre um onus insupportavel, porque o devedor vive sempre á mercê do credor. Se, pelo contrario, quereis emprestar lembrai-vos tambem de duas cousas: a primeira, que é neccessario saber a quem e tomar as seguranças necessarias; a segunda, que, se faz secar a arvore, que obrigamos a dar demasiado fruto, isto é, que o dinheiro que produz mais do que deve, vaé



arriscado. Sede fieis a estas maximas, e não tereis chicanis com os devedores e credores. Claro está que só falo aqui de negocio, e não desses empréstimos de amizade, ou de caridade, em que muitas vezes se faz o maior sacrificio possível pela satisfação de ser util, e que é diferente, e tão louvavel, quanto consolador.

— É um erro muito frequente o pensar-se que é licito enganar a fisco e os recebedores da fazenda publica. Porem não vos deixeis cair em semelhante erro, pois alem de que isso seria reter o bem alheio, como se não pagasseis qualquer outra divida, é tambem quasi sempre um meio certo de pagar mais do que o devido. As multas foram estabelecidas para o defraudador, e o cobre que ganhou com mentiras vem a custar-lhe muito ouro.

— Ninguem está livre de ser citado, como testemunha, perante um tribunal. Neste caso basta somente declarar o que sabeis sobre o pleito, de que se occupa a justiça. Deveis dizer a verdade, e nada mais que a verdade, pois assim jurais perante Deus e os homens. Se por um testemunho falso fizerdes absolver um réu, ficais sendo o seu cúmplice, e responsavel por todo o mal que fizer depois a sociedade. Se o vosso testemunho falso fizer condemnar um innocente, incorrereis na mesma pena que elle tiver. Não vos altereis com esta grande responsabilidade, pois quem tem boas intencões, e a consciencia pura, não deve atemorizar-se com dever algum; alem do que se fosseis accusado injustamente, não quereríeis que faltasse á audiencia a testemunha que devia justificar-vos.

— Uma grande parte dos cidadãos tem as condições necessarias para serem jurados, encargo delicadissimo, de que ninguem pode exonerar-se, e cujas obrigações cumpre portanto conhecer exactamente. No jury de-

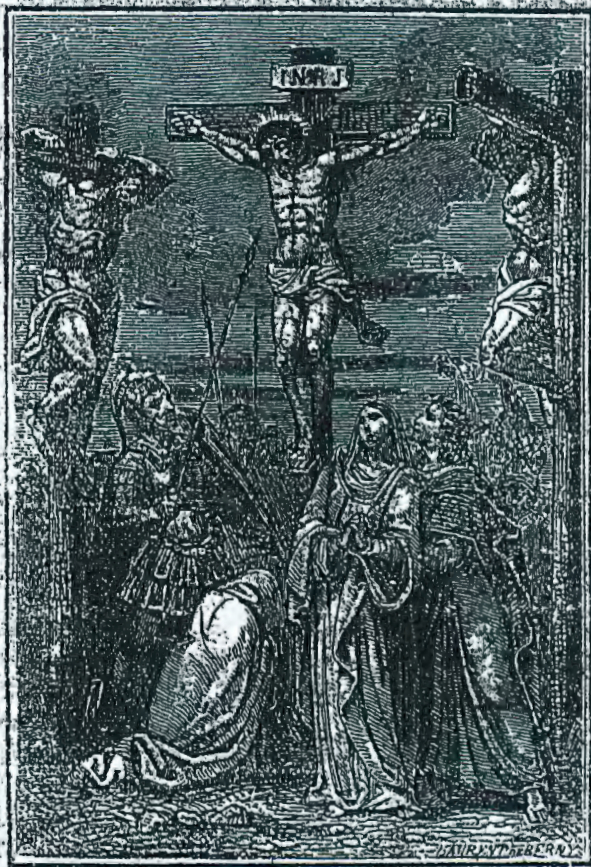


veis escutar com attenção as testemunhas, a accusação, a defeza, n'uma palavra, tudo quanto se refere ao processo e deveis responder conscienciosamente ás questões, que o presidente do tribunal vos propuzer. Prestando a maior attenção, e respondendo com inteira convicção *sim* ou *não*, não vos inquieteis com os resultados da vossa declaração, visto que não ficais responsáveis senão pela vossa intenção e boa fe. Repeti esta maxima do justo, e não vos aterreis: *Faze o que deves, aconteça o que acontecer*. Sobre tudo não facais como muitas pessoas fracas que tenho encontrado atemorizadas, quando vão para o tribunal, e bem decididas a responderem tão somente ao que puder absolver o réu. Que bella justiça! Tratar os culpados, como os innocentes, não é ultrajar os segundos? Não é uma perfidia, uma covardia? Amigos, entendei melhor a dignidade das funcções dos jurados, e notai que o privilegio de ser julgado pelos vossos iguaes é assaz bello e precioso, para que nos desvelemos em merecel-o, e conserva-lo, exercendo-o com zelo e firmeza. O cavalleiro que tem a cabeça protegida por um bom capacete, seria louco, se, pelo achar pesado, o deitasse fora.

—As funcções de tutor são delicadas e difficeis, e aconselho-vos, caro leitor, que as não aceiteis sem a maior reflexão. Mas se a isso vos obrigar a lei, a vossa posição, a honra, algum sentimento de gratidão ou de affeição, fazeis bem em não concluir, nessa qualidade, acto nenhum, em não dispor de cabedaes vossos, ou de vosso pupilo, e finalmente em não assignar papeis, sem consultar previamente uma pessoa instruida nessas materiaes. Disso pode depender o vosso proprio bem e a sorte dos vossos filhos. Direi mais que a qualidade de tutor não só impõe o dever de vigiar sobre os interesses materiaes do pupilo, mas tambem o de ter



cuidado na sua educação, nos seus costumes, e no seu procedimento. Do primeiro destes deveres sois responsável perante a lei, e do segundo perante Deus e a sociedade. Isto forma um grande encargo, e um dos que sempre temi mais ver recair sobre mim; pois é menos incommodo sentir sobre as nossas costas uma



A crucificação.

barra de ferro pesada e dura, com tanto que nos pertença, do que ter nas mãos um cristal leve e frágil, de que se deve dar conta.

—Quando se entra em relações de amizade com alguém, deve-se ter em vista que um homem vicioso não



pode ser amigo sincero, visto que um sentimento generoso e puro só pode habitar n'uma alma honrada. Acreditar na amizade do vicio é querer ser enganado, e procurarl-a é expor-se ao seu contagio, porque é certo o adagio. *Dize-me com quem andas, e dir-te-hei as manhas que tens.* Devemos tambem ter em vista que a pessoa, que nos occulta os seus pensamentos, que sabe adular, e que não sabe perdoar, não é nosso amigo, porque a verdadeira amizade communica tudo, busca sempre a verdade e não guarda nunca rancor.

—Os irmãos bem unidos formam um escudo capaz de resistir aos maiores esforços. Vivendo unidos, prospera a familia, visto que dous juntos fazem mais do que quatro separados. Se um braço não quer ajudar o outro, pouca obra se pode fazer, e quando uma das nossas pernas não quer andar, a outra não pode ir longe. Vêde o edificio construido por um formigueiro, onde todas as formigas se entendem e trabalham em commum. É um trabalho prodigioso; mas dispersai a familia, e verás a pouca que faz cada membro em particular. Vêde uns pontos de cipós separados; uma criança quebra cada um d'elles facilmente; mas unidos enfeixai-os, e não haverá braço robusto de homem que os possa quebrar. É por isso que se diz que *a união é a força.*

—O marido e mulher sentem, gozam, e soffrem tudo ao mesmo tempo, formando uma doce união, onde todos os sentimentos, todos os interesses, todas as penas e todos os prazeres estão em commum, onde em tudo existe dobrada satisfação, onde se dá mutuo auxilio para supportar os males desta vida, e cada um trabalha reciprocamente para a felicidade do outro. Ah! infeliz de quem falta a deveres tão santos e tão doces! A mulher que perjura a sua fé, e o marido que deixa a sua mulher, ou que se torna seu oppres-



sor, hão de responder um dia perante Deus pela infracção de seu juramento. E principiará para elles um justo castigo neste mundo, porque a sua desunião trará a pobreza, a desordem na familia, e verão os males de seus filhos, corrompidos pelos seus exemplos, ou talvez envergonhados da sua deshonra. Quando os cavalos se dão mal, e cada um pucha do seu lado, o carro vai cair no precipicio. Bem sei que ninguem é perfeito, e que ha certos momentos em que nem todos se podem conter; porem como isso acontece a toda a gente, como cada qual tem os seus defeitos, é preciso que entre dous esposos a indulgencia seja reciproca. Se vossa mulher estiver doente, não haveis de tentar cura la á força de gritos e máus tratamentos, mas haveis de dar-lhe os remedios que o medico prescreveu. Os defeitos são molestias do espirito ou do genio, e a indulgencia é o unico balsamo, que pode curar as molestias deste genero. Não é as pancadas que um génio se abrandá, e sabei que o máu humor e os ciúmes não impedem uma má acção, e podem, pelo contrario, faz-la commetter, pois quem pensa que é trahido, e se queixa sem razão, inspira muitas vezes o desejo de merecer a queixa. Lembremo-nos de tudo isto, e não esqueçamos tão pouco que o jogo e a bebida, a inconstancia e a levandade, são inimigos dos casados, e que o trabalho e economia, a confiança, a indulgencia, e a docura são harmoniosos predicados que é preciso possuirmos, para sermos *bons esposos*

## O BRAZIL (1).

O imperio do Brazil está na parte mais oriental da America Meridional. A sua maior extensão de norte a

(1) A maior parte dos apontamentos sobre o imperio do



sul, desde o forte de Maribatanas, no Rio Negro, até o morro de Castilhos, na fronteira do Uruguay, é de 785 leguas, e de leste a oeste, desde o cabo Branco, na Parahyba, até a corrente do Javary é de 727 leguas. A sua superficie é calculada em 256:886 leguas quadradas, e o seu litoral é de mais de 4:200 leguas pelas costas é enseadas.

Limita-se o Brazil ao norte com o oceano atlantico, as Guianas franceza, Hollandeza e Inglesa, e Venezuela; a leste e sudueste com o oceano atlantico: ao sul com Buevos-Ayres, ou republica Argentina, e Uruguay; e a oeste com Buenos-Ayres, Paraguay, Boliyia, Perú e Equador: É banhado por grande numero de rios, devendo-se notar n'esse numero o *Amazonas*, o maior rio do mundo, que nasce nos Andes do Perú, atravessa uma parte da republica do Equador, e tem um curso de 1,200 leguas, e os seus afluentes *Javary*, *Juruá*, *Jatahy*, *Teffé*, *Guary*, *Purus*, *Madeira*, *Tapajoz*, *Xingu*, *Negro*, e *Trombetas*; o *Tocantins*, que nasce em Goyaz; o *S. Francisco*, um dos maiores do Brazil, que separa a Bahia de Pernambuco e Alagoas de Sergipe, tendo um curso de mais de 400 leguas, e o *Oyapock*, *Gurupy*, *Mearim*, *Itapicurú* (no Maranhão, e Bahia), *Parahyba*, *Parahyba do Sul*, etc.

Divide-se o Brazil em 20 provincias, a saber: *Amazonas*, população 44:000 habitantes, capital Manaus — *Pará*, 300:000, capital S. Maria de Belem — *Maranhão*, 320:000, capital S. Luiz — *Piauhy*, 220:000, capital Thezina — *Ceará*, 480:000, capital Fortaleza — *Rio Grande do Norte*, 210:000, capital Natal — *Parahyba*, 265:000, capital Parahyba — *Pernambuco*, 1:180:000, capital

---

Brazil são tirados do compendio de geographia do exm. sr. senador T. P. de S. Brazil, e os dados estatisticos baseam-se nos relatorios apresentados pelos ministros.



Recife—*Alagoas*, 280:000, capital Maceió—*Sergipe*, 250:000, capital Aracaju—*Bahia*, 1,230:000, capital Bahia—*Espirito-Santo*, 53:000, capital Victoria—*Rio de Janeiro*, 850:000, capital Nitheroy—*S. Paulo*, 700:000, capital S. Paulo—*Parnaíba*, 800:000, capital Curitiba—*S. Catharina*, 130:000, capital Desterro—*Rio Grande do Sul*, 350:000, capital Porto Alegre—*Minas-Geraes*, 1,350:000, capital Ouro-Preto—*Goyaz*, 200:000, capital Goyaz—*Matto Grosso*, 80:000, capital Cuiaba. Alem destas provincias ha o *Municipio Neutro*, com a população de 300:000 habitantes aonde está a cidade do Rio de Janeiro, capital do Imperio.

Tem o Brazil uma provincia ecclesiastica com um Metropolitanano, que e o Arcebispo da Bahia e onze bispados suffraganeos, divididos, em 1124 parochias e curatos. Os bispados, desiguaes em população e territorio, são os seguintes, começando do norte: Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, S. Paulo, S. Pedro do Rio Grande do Sul, Marianna, Diamantina, Goyaz e Cuiaba.

A divisão judiciaria comprehende um *Supremo Tribunal de Justica*, no Rio de Janeiro; quatro *Relações* ou *Tribunaes de appellações*, no Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; quatro *Tribunaes do Commercio*, nas mesmas cidades; *comarcas e termos judiciaes*. As comarcas são de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, e 3.<sup>a</sup> entrancia.

Na divisão civil administrativa estão as vinte provincias, desiguaes em territorio, população e riqueza. Cada provincia é administrada por um *presidente delegado* do governo geral, e tem uma *assemblea*, que representa o poder legislativo provincial. As provincias dividem se em municipios (cidades e villas), á frente das quaes estão as *camaras municipaes*, eleitas pelo povo. As camaras municipaes devem zelar e promover o melhoramento dos municipios; mas a sua acção



é nulla por falta de rendas, e mais ainda porque se envolvem em negocios politicos, intervindo na apuração das actas dos collegios eleitoraes, e exercendo outras funcções de identica natureza.

O governo do Brazil é monarchico, hereditario, constitucional, e representativo. Consta do *Pacto Fundamental* ou *Constituição do Imperio*, promulgado pelo Imperador D. Pedro I, e jurada em 25 de Março de 1824, e do *Acto Adicional* promulgado em 1834. O monarcha é o primeiro representante da nação, e toma o titulo de Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.

A soberania nacional é representada pelos quatro poderes politicos reconhecidos pela Constituição, e estes poderes são: o *legislativo*, o *executivo*, o *judiciario*, e o *maderador*.

É representado o poder legislativo por duas camaras, uma o *Senado*, composto de senadores vitalicios, eleitos em lista triplice, e escolhidos pelo Imperador; e a outra a *Camara dos Deputados*, eleitos de 4 em 4 annos, incompativeis somente em alguns casos, podendo contudo receber titulos, condecorações, e empregos no exercicio das legislaturas. As suas principaes attribuições são: decretar annualmente as despezas publicas, fixar as forças de mar e supprimir empregos publicos, escolher nova dynastia, no caso da extincção da imperante: accusar os ministros etc.—O poder executivo é exercido por sete ministros responsaveis, a saber: do imperio, justiça, estrangeiros, marinha, guerra, fazenda, e agricultura. As principaes attribuições do poder executivo são: a alta administração do Estado feita immediatamente pelos ministros e mediatamente pelos seus delegados nas provincias, chamados presidentes, chefes de policia, inspectores das repartições fiscaes etc.: a nomeação e demissão dos empregados geraes, mesmo os



de ordem muito inferior como os porteiros e continuos das repartições publicas; a apresentação para os benefícios ecclesiasticos; a nomeação dos bispos; a direcção das negociações politicas com as nações estrangeiras; a declaração da guerra; o movimento da força publica; a arrecadação dos impostos etc. — O poder judiciario é delegado a juizes perpetuos e jurades; estes pronunciam sobre o facto, aquelles applicam a lei. Na classe dos juizes perpetuos estão os *juizes de direito*, nas comarcas, os *desembargadores*, nas relações, e os membros do supremo tribunal de justiça. Além dos juizes perpetuos, ha os *juizes municipaes*, e *substitutos* que organisam o processo crime. *juizes excepçionaes*, como os *juizes dos feitos* para as causas da fazenda; os *juizes e tribunaes do commercio*, os *audictores de guerra e marinha*, o *supremo tribunal militar*, e os *juizes e relação ecclesiastica*. — O poder moderador é exercido privativamente por S. M. o Imperador, e é a chave de toda a organização politica. Tem por fim manter o equilibrio e harmonia dos outros poderes, obstando que um invada attribuições do outro, e comprometta a ordem, segurança e liberdade publicas. No poder legislativo, S. M. o Imperador exerce o poder moderador sancionando ou deixando de sancionar os decretos da assemblea geral, escolhendo senadores, addiando ou dissolvendo a camara dos deputados; influe no poder executivo, nomeando e demittindo livremente os ministros; e, no poder judiciario, suspendendo e removendo os magistrados, moderando as penas impostas aos réus condemnados por sentença, concedendo amnistia etc.

A renda publica divide-se em *geral*, que é decretada pela assemblea geral, e destinada aos encargos geraes, cuja direcção pertence ao ministro da fazenda; em *provincial*, decretada pelas assembleas provinciaes, para suas despesas peculiares, e em *municipal*, para



os encargos dos municipios. A receita geral arrecadada no anno financeiro de 1871 a 1872 deu o computo redondo de 100.000 contos. No mesmo anno a divida publica estrangeira, incluídos os empréstimos garantidos, orçava em libras 15,835.000; a divida interna fundada em 283.976,200.000 e a divida interna flutuante em mais de 220 mil contos, incluindo-se o papel-moeda emitido no valor de 150.806.740.000.

A instrucção publica consta de tres graus: *scientific* ou *superior*, *secundaria* ou *preparatoria*, e *primaria*. A primeira e dada por duas faculdades juridicas em S. Paulo e Recife, pelas faculdades medicas da Bahia e Rio de Janeiro, pela escola central de engenheiros, pela escola militar, academia de marinha da corte, e seminarios theologicos; a segunda pelos dois collegios (internato e externato) de *D. Pedro II* na corte; e escola militar do Rio Grande do Sul e lycens nas provincias; a terceira, por mais de 1880 escolas primarias em todo o imperio, a cargo das provincias. A instrucção primaria não e obrigatoria, e por isso não e tão aproveitada como em alguns paizes da Europa, aonde os pais e tutores são obrigados a matricular os filhos e tutelados nas escolas particulares ou publicas, sob pena de multa pecuniaria ou prisão.

O exercito permanente de linha representa o numero de 16,000 homens, e 1,550 officiaes, e em circumstancias extraordinarias pode ser elevado a 32,000 homens. A marinha de guerra compõe-se de 76 navios armados, montando 290 peças com a força activa de 4,000 praças.

Existem no imperio cinco ordens honorificas, a saber: tres criadas pelo primeiro imperador, que são a do *Cruzeiro do Sul*, a de *Pedro I* e a da *Rosa* e duas antigas portuguezas, a de *Aoiz*, fundada por D. Affonso I, e a de *Christa*, por D. Diniz.



A agricultura, feita por braços escravos, está na sua infancia. Simplesmente consistem os processos agriculas em roçar-se o matto, derribar-se as arvores, queimar-as, encoivarar, plantar, capinar, e colher.

Não ha nada mais facil, e nada mais rotineiro. Com semelhantes processos a população agricola vive no estado nomado, as ricas madeiras são devastadas pelo incendio, o clima torna-se irregular, e ha uma perda incalculavel de tempo, que representa immensos capitães. Só o systema aratorio pode remediar tamanhos males, e felizmente no imperio vão apparecendo tentativas de soido progresso. Em 1858 fundou o exm. sr. conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá a primeira escola agricola do imperio, a escola pratica de agricultura do Maranhão, pelo systema aratorio; em 1860 decretou S. M. o Imperador os institutos agriculas de Pernambuco, Bahia, Sergipe, e Rio; em 1861 fundou o exm. sr. Angelo Thomaz do Amaral a escola rural de D. Pedro II.

Nas provincias do *Amazonas* e *Pará*, onde o territorio é immenso, a população diminuta, os productos naturaes abundantes, a agricultura é quasi toda extractiva, e consiste em goma elastica (borracha), cacau, salsa, pucheri, castanhas, cravo, pimenta, baunilha, ipecacuanha, urucu, oleo de cupaiba, e muitos outros. O algodão, a tapioca, o tabaco e o assucar são cultivados em pequena escala, e no Pará a exportação do cacau regula em 300 mil arrobas, e a da borracha em igual quantidade. Na escola rural de D. Pedro II, dirigida pelo sr. Bruno de Gouvea, filho da provincia do Ceará e distincto discipulo da escola de Grignon, tem sido feita com feliz resultado a cultura pelo systema aratorio, e no principio do anno de 1864, existiam alli 24 educandos, activos, submissos, e com inclinação a vida que se destinam.



No *Maranhão* cultiva-se a cana de assucar nas terras de Alcantara, Vianna, e Guimarães, e o algodão no resto da provincia, tendo-se exportado em 1859 o numero de 292 mil arrobas de algodão, e 40 mil de assucar. Em 1858, uma commissão, composta de dous lavradores, foi aos Estados-Unidos, á custa da provincia, observar a cultura dos generos similares pelo arado. Na escola pratica de agricultura cultivou-se pela primeira vez, em 1860, o algodão, o milho, e a mandioca em linhas e com o arado. O minimo da colheita do algodão pelo systema aratorio, é o dobro da que se faz pelo systema actual; e um escravo com o arado lava, planta e capina, pelo meaos uma quadra de 10,000 bracas quadradas, em quanto pelo systema actual, só quatro escravos preparam bem igual porção de terreno! Na cultura da cana de assucar também já se emprega o uso do arado em algumas partes, principalmente nos engenhos dos srs. coroneis Antonio Onofre Ribeiro, de Alcantara, e José Coelho de Souza, em Guimarães, empresario da florescente colonia de S. Izabel, a qual tem 92 colonos, sendo 59 portuguezes e 33 brasileiros, que pelo trabalho aratorio cultivam sempre o mesmo terreno, e vivem independentes e felizes.

No *Piauí* o solo, posto que fertil, é proprio em grande parte para a agricultura, e muito pouco cultivado, e a criação do gado bovino, muar, e cavalari é o objecto de maior commercio e riqueza da provincia. A cultura no *Ceará* é feita em geral por gente livre e laboriosa, e que pelo exemplo mostra que o trabalho não envergonha o homem, e que pelo contrario, o ennetece, enriquece e torna independente. Nisto consiste a prosperidade actual do *Ceará* e grande influencia que há de ter no futuro. O café, algodão, assucar, solas, couros, goma elástica e cera



de carnaúba são os seus productos agricolas. Não ha muitos annos que a cera da carnaubeira é aproveitada, e hoje rende esta industria mais de 400 contos annuaes, não se contando o valor do consumo interno, e em 1860 exportou a provincia 147 mil arrobas de assucar, 77 mil de algodão, 56 mil de café.

No sertão do *Rio Grande do Norte* cria-se bastante gado, e nas serras e praias cultivava-se o algodão e cana de assucar, tendo sido em 1860, a exportação do assucar 147 mil arrobas. Nas varzeas e sertões acham-se numerosos carnaubaes, de cuja cera fazem os habitantes grande commercio, e no sertão do Seridó existe em abundancia a cochonilha insecto que dá o carmim, e, alem disso, possui a provincia muito e excellenté pau-brasil. Na *Parahyba*, os sertões criam e refazem bem os gados, mas o algodão e o assucar são os principaes productos, que formam sua riqueza e exportação, e conta mais de 160 engenhos de assucar, régulando a exportação deste genero em 400 mil arrobas, e a do algodão em 300 mil. Em *Pernambuco* a principal riqueza agricola é a cana de assucar, depois o algodão, e existem na provincia mais de mil engenhos de assucar, produzindo para cima de quatro milhões de arrobas.

O terreno fertilissimo e substancioso de *Alagoas* produz todos os frutos tropicaes, e está coberto de soberbas mattas de pau-brasil, e de madeiras de construcção. Cultiva-se com preferencia o algodão e a cana de assucar, e possui a provincia mais de 300 engenhos, e em 1856 exportou 289 mil arrobas de algodão e 841 mil arrobas de assucar, no anno de 1860. Em *Sergipe* cultivava-se a cana de assucar, e em 1860 exportou 187 mil arrobas, e na *Bahia* tambem o assucar é o principal producto agricola, sendo em 1861, a sua exportação 1,288,000 arrobas; e se-



gue-se depois, a cultura do fumo, e a do cacau, regulando por anno a exportação do fumo em 300 mil arrobas, e em 11 mil a do cacau. Na provincia do *Espirito-Santo* o solo é summamente fértil, mas pouco cultivado por falta de braços; o café, algodão, assucar, farinha de mandioca, e legumes são os principaes productos agricolas, tendo, alem disso, alguns productos naturaes que exporta, como poaya (ipecacuanha), balsamo, e principalmente madeiras de marcinaria e construcção, com que abastece o arsenal da côrte.

A cultura do *Rio de Janeiro* é o café em primeiro lugar e depois a cana de assucar. Foi a planta do café introduzida naquella provincia pelo chanceler João Alberto Castello Branco, e desenvolveu-se por tal modo a sua cultura, que no trienio de 1855 a 1858 exportaram-se mais de dez milhões de arrobas, representando um valor superior a 44 mil contos, sendo a exportação pela alfandega do Rio de Janeiro 91% da de todo o imperio! A exportação do café pela barra do Rio de Janeiro comprehende o producto da lavoura dessa provincia principalmente, e de uma parte das de Minas, S. Paulo, e *Espirito-Santo*. A provincia de *São Paulo* produz bem todos os generos de cultura europeia, como a vinha, o trigo, e linho, porem o café é a sua principal cultura, e depois o chá, assucar, fumo e cereaes. O café exportado pelo porto de Santos, no trienio de 1858 a 1861, representa o termo medio de 1,230,876 arrobas, no valor de 4,914,106\$000. Cria tambem muito gado vaccum, mular e suino, de cujo toucinho e presunte faz um grande ramo de exportação. Abunda em minas de ferro por toda a parte, principalmente nos montes metaliferos de Itapanema, e Araasuiava. As minas de ouro são pouco exploradas, mas até o principio deste seculo deram 1,650 arrobas. Não só no *Paraná* produzem bem a herba matte, o



algodão e o chá, como também o trigo, centeio, cevada, aveia e outras culturas da Europa. A criação do gado é a maior riqueza da província, como também o matte, que nas províncias do sul, e nas republicas hespanholas, é uma bebida tão usada e estimada, como o chá na China. Em 1859 exportou o Paraná 467,454 arrobas de matte, no valor de 1,562 contos de reis. Em *Santa Catharina*, apesar de todas as vantagens do sólo, a sua agricultura tem feito poucos progressos, e produz algum assucar, linho, café, aguardente, carnes xarqueadas, arroz, milho, feijão, e cebolas. No *Rio Grande do Sul*, nas partes guarnecidas de bosques, o terreno é fecundo, e produz todos os generos europeus. É a criação do gado bovino a principal riqueza da província e para isso prestam-se maravilhosamente as suas extensas e fertéis campinas. Observa o Exm. Sr. Dr. F. L. G. Burlamaque, no seu interessante relatorio geral da exposição nacional em 1861, que esta província possui pelo menos, 200 mil vacas leiteiras, e que não exporta uma libra de manteiga, e nem um só queijo, perdendo por este modo, valores immensos na industria lacteina. Depois do Paraná, é a segunda província productora de matte e em 1859 exportou 438 865 arrobas, no valor de 1,600 contos. Ali tem vingado a colonisação allemã com feliz resultado. Ha muitas colonias, principalmente a de S. Leopoldo, cuja população representava em 1859 o numero de 15,295 pessoas, e o valor da exportação dos generos agricolas foi em 1857 de rs. 822.837\$000. Para que se forme uma idéa da importancia agricola de S. Leopoldo, diz o Exm. Sr. J. A. Fernandes Leão, presidente da província em 1859, basta saber-se que custando outr ora cada praso colonial (160,000 braças quadradas) 50\$000 reis, hoje são avaliados, termo medio, em 4.000\$000 reis.



A provincia de *Minas*, além de immensas riquezas mineraes, é fertil para todo o genero de cultura, e produz algodão, café, chá, e assucar, e tem muita criação de gado vaccum, lanigero, e suino, exportando em grande quantidade toncinho, graxa, e queijos deliciosos. Segundo o Barão de Eschwege, na sua obra *Plutus Braziliensis*, extrahiu-se nesta provincia 35.687 arrobas de ouro, desde 1700 até 1820. Em *Goyaz* abunda o pau-brazil, campeche, muitas plantas medicinaes, gado vaccum e cavalari, e consiste a producção agricola em aguardente, assucar, fumo e legumes, generos que não podem ser exportados, porque a despeza da conducção excede ao valor do objecto. *Matto-Grosso* não só é provincia rica pelas suas minas de ouro, cobre e diamantes, hoje pouco exploradas, como tambem pela muita criação de gado. No século passado as suas minas de ouro deram em pouco tempo 3,107 arrobas. É rica em madeira de toda a especie e o arroz cresce nos campos espontaneamente. Ha terrenos aonde a cana de assucar dura 20 annos, prodigio de vegetação que não se dá em qualquer outra parte do Brazil, nem mesmo na ilha de Cuba. A ipecacuanha, a melhor do mundo, e o matte, que é tão excelente como o do Paraguay, assim como a borraça, a baunilha, a jalapa, e o cacau, são productos naturaes. A exportação de Cuyabá para a beira-mar consiste principalmente em couros de boi, onça e veado, ouro em pó, diamantes, e ipecacuanha, e são esses objectos mettidos em sacos de couro, e transportados por mulas e cavalos. Ordinariamente o frete ignala ou excede o valor da mercadoria, e as viagens da capital da provincia para os centros commerciaes do imperio duram tres, quatro, e seis mezes! Tem sido isto a causa do atraso de *Matto-Grosso*, mas quando os seus rios forem navegados pelos barcos de



vapor, então esta grande e rica provincia ha de ser a terra de promissão do emigrante europeu, segundo a judiciosa opinião de Mr. L. de Libessart. -

O Brazil ainda é novo para a civilisação, mas não é atrasado pelo que respeita aos talentos, e meios de adquirir instrucção. Muitas de suas cidades possuem homens estudiosos, museus, bibliothecas e sociedades scientificas. Na corte, além do *Instituto Historico*, presidido quasi sempre por S. M. o Imperador, existem as sociedades de *Medicina*, *Auxiliadora da Industria Nacional*, *Instrucção*, e outras. O Brazil conta homens distinctos nas sciencias, na politica e nas letras, como Fr. José Marianno da Conceição Velloso e Fr. Leandro do Sacramento, que exploraram a nossa botanica, e publicaram a *Flora Braziliense*, Dr. José Bonifacio de Andrade e Silva, Manoel de Arruda Camara, Bispo Azevedo-Coutinho, Viscondes de S. Leopoldo, e de Cayru, marquezes de Paranaguá, Maricá, e Paraná, Alexandre de Gusmão, D. Romualdo, arcebispo da Bahia, e marquez de Santa Cruz, Evaristo da Veiga, Martim Francisco, Antonio Carlos, Paula e Souza, Bernardo de Vasconcellos, Monte Alverne, Gregorio de Mattos, Bazilio da Gama, Silva Alvarenga, Durão, J. Francisco Lisboa, Odorico Mendes, Gonçaves Dias e muitos outros.

F I M .

BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE  
DOAÇÃO



Palaeio do Governo do Maranhão, 16 de Novembro de 1865.—Tendo presente o seu officio de 8 do corrente, em que Vmc. me communica haverem sido distribuidos pelas escolas primarias da provincia os mil exemplares do LIVRO DO POVO, para esse fim offerecido por Vmc. o anno passado.

Conforme Vmc. solicita, concedo-lhe autorisação para distribuir pelas mesmas escolas no anno vindouro de 1866, igual numero de exemplares.

Agradecendo a Vmc. esta nova offerta, me é agradável elogiar o por mais esta prova, que dá do vivo interesse que tem pelo progresso do ensino popular na provincia.

Deus Guarde a Vmc.—Lafayette Rodrigues Pereira  
—Sr. Dr. Antonio Marques Rodrigues, Inspector da Instrução Publica.

### LIVROS DO POVO

distribuidos gratuitamente pelas escolas primarias da provincia do Maranhão.

Por subscrição promovida pelo author em 1862 . . . . .	1:800
Idem em 1863 . . . . .	1:400
Offerecidos em 1864 e 1865 pelo author . . . . .	2:000
Total . . . . .	5:200